



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL

Márcio Romerito da Silva Arcoverde

**Lutas operárias num espaço semirrural: Trabalho e conflitos sociais
em Moreno-PE. 1946-1964.**

Recife, 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Márcio Romerito da Silva Arcoverde

Orientador: Tiago de Melo Gomes

**Lutas operárias num espaço semirrural: Trabalho e conflitos sociais
em Moreno-PE. 1946-1964.**

Dissertação apresentada à banca de defesa composta por: Prof. Dr. Tiago de Melo Gomes, Prof. Dr. Wellington Barbosa, Prof^a. Dr^a Ana Paula Palamartchuk e Prof. Dr^a Maria do Socorro Abreu e Lima.

Recife – 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL



**Lutas operárias num espaço semirural: Trabalho e conflitos sociais em Moreno-PE.
1946-1964**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

Márcio Romerito da Silva Arcoverde

APROVADA EM 27/02/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago de Melo Gomes
Programa Pós-Graduação em História - UFRPE

Prof. Dr. Wellington Barbosa
Programa Pós-Graduação em História - UFRPE

Prof. Dr.ª Ana Paula Palamartchuk
Programa Pós-Graduação em História- UFAL

Prof. Dr.ª Maria do Socorro Abreu e Lima
Programa Pós-Graduação em História- UFPE

Ficha Catalográfica

A675 Arcoverde, Márcio Romerito da Silva
 Lutas operárias num espaço semirural: Trabalho e conflitos
 sociais em Moreno- PE. (1946-1964) / Márcio Romerito da Silva
 Arcoverde. -- Recife, 2014.
 193 f.: il.

 Orientador (a): Tiago de Gomes Melo.
 Dissertação (Mestrado em história social da cultura
 regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
 Departamento de História, Recife, 2014.
 Inclui anexo(s) e referências.

 1. Industrialização, Trabalho, Lutas operárias I. Melo, Tiago
 de Gomes, orientador II. Título

CDD 306.09

*À três pessoas que proporcionaram as lembranças mais lindas, doces e fascinantes que
um homem pode ter do seu tempo de menino.*

À d. Ivone, d. Maria do Carmo e a d. Margarida.

Sumário

Agradecimentos	8
Resumo	11
Lista de Gráficos	13
Lista de abreviações	14
Introdução.....	15
Capítulo I: Uma fábrica Imigrante para operários migrantes: migração e trabalho na “cidade-empresa” em meio rural.	32
1.1. Uma “cidade-empresa” em meio rural.....	32
1.2. Progresso à vista: trabalho e moradia higiênica na fábrica com vila operária.....	38
1.3. Trabalhadores migrantes.....	41
1.4. Quem são os operários de Moreno	44
1.5. O ingresso na fábrica da geração pós-40: amigos e familiares predominam.....	55
1.6. O aprender na prática e a qualificação pelo SENAI	59
Capítulo II: Os espaços como parte da formação de classe: moradias e sociabilidade além-fábrica	63
2.1. Onde moram os operários	64
2.2. Cacimbas, vendedores de água e carvão e a Praça da Bandeira	70
2.3. Cinemas, clubes e futebol.....	74
Capítulo III: Serviço social e política paternalista: economia moral do espaço semi-rural.....	86
3.1. O progresso da Societé é o progresso da família morenense.....	86
3.2. Paternalismo industrial e a assistência social.	91
3.3. Uma interlocução direta com a classe operária: a política dos Maranhão.....	99
Capítulo IV: Tecendo os fios dos conflitos sociais	116
4.1. As organizações de classe: JOC, cooperativa de consumo e a sociedade beneficente.....	117
4.2. Comunismo e anticomunismo: discursos, práticas e seus usos.....	124
4.3. O enfrentamento direto: crise administrativa e a greve de 52	137
4.4. Juntando-se à greve dos 32 mil.....	146

Capítulo V: Sindicato, mobilizações pelo salário mínimo e o fim da linha “na estação 1964”.	149
5.1. Sindicato, tecido social e as condições da indústria têxtil	150
5.2. Movimentos grevistas pelo salário mínimo.	158
5.3. O arrefecer das mobilizações: A “convulsão social” e a intervenção ditatorial	164
Considerações finais	171
Bibliografia	174
Documentação analisada	180
Anexos	183

Agradecimentos

Talvez essa seja a parte mais difícil do trabalho todo. Mas vamos nos esforçar para não ser, essa parte, ingrata com a memória. E desde já peço a permissão ao leitor para a informalidade que vai encontrar nessa parte do texto. Pois bem, quando lia alguns trabalhos de mestrado ou doutorado e via o autor colocando coisas do tipo: “Esse trabalho não é só meu”, “sem as seguintes pessoas isso não era possível”, confesso que achava um exagero. Hoje concordo com todo texto nessa perspectiva, um trabalho de mestrado, como esse, é um trabalho de muitos, sem algumas pessoas não seria possível sua construção. Então este espaço é reservado para agradecer a algumas pessoas. Para isso, dividiremos em dois blocos nossos agradecimentos: as pessoas que estiveram comigo no campo pessoal, e as que estiveram comigo no lado acadêmico da pesquisa.

Este trabalho é muito significativo e importante para mim, com ele me envolvi completamente. Está aqui o lado acadêmico e também o pessoal desse autor. Com pesar me despeço desses dois anos de mestrado, os melhores anos de minha vida até agora. Este trabalho representa uma superação na qual foi preciso “abrir a cabeça” para a vida, a culminância de uma caminhada surpreendente. Durante a graduação venci um tumor cerebral, venci a árdua tarefa de ser um estudante trabalhador, me encontrei na historiografia. Então, os agradecimentos primeiros vão para Deus, que me proporcionou simplesmente o dom da vida, tudo que precisava para estar aqui.

Agora sim os blocos. Os pessoais. Agradeço a minha família: pai, mãe, irmã e noiva. Vocês fazem minha vida ter sentido, obrigado pelo amor que vocês me proporcionam, sem ele não seria possível essa jornada. Minha noiva, Paulita, que aturou “viajadas” de pensamentos nas horas de namoro, as citações de Thompsom, Hobsbawm e outros. Você foi fundamental, Paulita, para minha caminhada, obrigado pelo companheirismo e paciência comigo, seu amor me conduz na rudeza da vida.

Obrigado aos meus queridos amigos de graduação, que mesmo numa turma de mestrado à frente da minha, foram, e são, sempre presentes na minha vida. Valeu Bruno, Vittor, Gustavo, Manu, Fernando, Wando, Elba, Gabriel, Eduardo. Vocês são do agito. Minha amiga de longa data, Laís. Foi ela a responsável pela correção do trabalho. Meu compadre Du, Amigo João Henrique, Loamir, Mô. Obrigado à Mariana, ao Felipe Genú e à Noely pelas transcrições do material oral. Obrigado ao meu amigo Aderivaldo pelas longas horas que dedicou comigo na construção dos trabalhos gráficos

realizados a partir das centenas de fichas operárias. E a minha irmã que, sob supervisão, foi a responsável pelo trabalho duro de catalogar as fichas operárias para que pudesse extrair as informações.

Obrigado a todos que torceram por mim, amigos, familiares, vizinhos, muito obrigado.

Agora o bloco acadêmico. E em primeiro lugar ao meu orientador Tiago Melo. O cara que combina doses elevadas de intelectualidade com descontração, que é amigo, confiante, o intelectual mais brilhante que conheço. Tiago Melo me ensinou a emparelhar a pesada pesquisa empírica com o conhecimento teórico, como argumentar e ganhar espaço num texto, me ensinou que a história social é fascinante, me fez um discípulo da CUH (e esse aqui poucos entenderão). Esse trabalho é 50 % meu e 50 % dele, se consegui realizar esse trabalho, ter um título de mestre, é culpa dele. Obrigado mestre, esses dois anos foram fantásticos. Todos me diziam dos anos intensos e cansativos do mestrado, esqueceram-me de dizer que eram fantásticos. Você fez com que eu me sentisse bem com meu objeto de pesquisa, você que conviveu diretamente com todas as questões desse trabalho, todas. Não podia ter outra pessoa melhor para me guiar nessa dissertação. Muito, muito obrigado por me dá perspectivas de ser o que mais queria em minha vida: historiador. Você fez toda a diferença na minha vida, espero ter respondido às suas expectativas. Meu comprometimento com a história social fica como marca sua, um dia quero ser um historiador igual a você, vou me esforçar.

Obrigado a todos os professores de história da UFRPE, e em nome de Welligton Barbosa, saúdo a todos, mostrando o meu respeito e extrema admiração por todos. Em nome de Welligton por ser com ele com quem mais convivi no mestrado. Obrigado especial também a Giselda, por ser essa pessoa amada e que sempre está do lado dos alunos. Tenho uma dívida com a senhora.

Obrigado ao professor Marcus Carvalho por me fazer perceber que há campo metodológico incrível nos estudos da escravidão, e conseqüentemente, na história social. Levo ensinamentos desse grande historiador. Obrigado Ao professor Antonio Luigi Negro por contribuições através do simpósio Mundos do Trabalho. Sua frase “deixe os operários mais soltos, Romerito” me fez pensar por semanas. Agradecimentos também a todos do simpósio Mundos do Trabalho da ANPUH 2013

Meu muito obrigado ao Professor Paulo Fontes, pelas brilhantes pontuações durante a minha qualificação, pois me fez enxergar discussões a mais no trabalho e me proporcionou várias possibilidades de desdobramentos. É o que dá ter contato com grandes historiadores.

Obrigado a todos que compõe o Arquivo Público Estadual Jordão Ermereciano, o arquivo DOPS na pessoa de Cícero. A professora Marcília Gama, a minha eterna madrinha de arquivo. Obrigado pela ótima recepção que tive no arquivo da Cúria Metropolitana do Recife, que mesmo em reforma não hesitou em me receber. Obrigado a Leonardo Rodrigo, o Leo do leocia, por me proporcionar o encontro com a documentação da Societé Cotonière Belge Bresilienne, fundamentais para o meu trabalho.

Agradecimentos super especiais a todos os ex-operários que me receberam muito bem em suas casas e me contaram um pouco de suas histórias. Este trabalho é feito pensando em vocês, em suas vidas, suas lutas. Orgulho-me muito de lhes ter ouvido. Que Deus ilumine todos vocês, muito obrigado, sujeitos históricos.

Agradeço à CAPES pela bolsa, e ao programa de Pós-graduação em História da minha querida Universidade Federal Rural de Pernambuco. Espero que tenha contribuído com êxito para a produção científica desta Universidade e do meu país.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo investigar a migração, as relações de trabalho, as sociabilidades, as formas de dominação, os conflitos sociais na Societé Cotonière Belge Bresilienne S. A. e a atuação da classe operária local no contexto democrático de 1946-1964. Este estudo leva em consideração o peculiar caso da fábrica de tecidos encravada no interior do estado de Pernambuco, cidade de Moreno, constituidora dos ideais do trabalho capitalista naquele ambiente. Espaço que transitou entre o mundo urbano e o rural. Trazemos para a pesquisa histórica o estudo desta classe operária, que fora dos padrões clássicos de industrialização, criam, recriam, interagem e significam suas relações culturais, sociais e econômicas na “cidade-empresa” de Moreno. Nosso trabalho se baseia na análise de uma classe operária que se destaca por ter características peculiares, assim, inserimos as diversas formas de observação dos sujeitos no contexto histórico marcado por diferenciações e lutas de classes.

Palavras- chaves: Societé Cotonière Belge Bresilienne S. A, classe operária, peculiar.

Abstract

This thesis aims to investigate the migration , labor relations , the sociability , the domination forms, social conflicts in Societe Belge Cotonière Bresilienne S. A. and the performance of the local working class in the 1946-1964 democratic context . This study takes into consideration the peculiar case of the tissues factory in the state of Pernambuco and in Moreno city, which constitute the ideals of capitalist work in that environment . Place that passed between urban and rural areas . Bring to historical research study of this working class , which had the classic patterns of industrialization , create , recreate , interact and represent their cultural , social and economic relations in the " company town " of Moreno . Our work is based on analysis of a working class that stands out for having unique characteristics , so we insert the various methods of observation of subjects in historical context marked by distinctions and class struggles.

Keywords : Societe Belge Cotonière Bresilienne S. A working , peculiar class

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Migrantes - década de 1910

Gráfico 2: Migração por região de Pernambuco - década de 1910

Gráfico 3: Tipo de migração - década de 1910

Gráfico 4: Migração por sexo - década de 1910

Gráfico 5: Migrantes - década de 1920

Gráfico 6: Migrantes - década de 1930

Gráfico 7: Permanência no emprego - década de 1910

Gráfico 8: Permanência no emprego- década de 1920

Gráfico 9: Permanência no emprego- década de 1930

Lista de abreviações

APEJE- Arquivo público Estadual Jordão Ermeneciano

CTP- Companhia de Tecidos Paulista

DOPS- Delegacia de Ordem Policial e Social

DRT- Delegacia Regional do Trabalho

FUNDAJ- Fundação Joaquim Nabuco

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JOC- Juventude Operária Católica

JT- Justiça do Trabalho

PCB- Partido Comunista Brasileiro.

PSD- Partido Social Democrata

SCBB- Societé Cotonnière Belge Bresilienne

SENAI- Serviço Nacional da Indústria

SESI- Serviço Social da Indústria

TRE- Tribunal Regional do Eleitoral

TRT- Tribunal Regional do Trabalho

TST- Tribunal Superior do Trabalho

UDN- União Democrática Nacional

PTB- Partido Trabalhista Brasileiro

PST- Partido Social Trabalhista

Introdução

Ao pensar na minha trajetória como historiador, ainda na graduação, preocupava-me com o que iria pesquisar durante anos da minha vida. Qual tema escolheria para dedicar tanto esforço e dedicação. Como cidadão, professor, e agora como pesquisador, sempre estive comprometido, de forma contundente, com as atividades acadêmicas e essa escolha era de fundamental importância. Demorei para encontrar a problemática e um objeto de estudo, mas fui muito feliz no tema da pesquisa.

No antepenúltimo ano da graduação, percebi que a minha cidade faz parte de um clássico exemplo de fábrica-cidade e sua história está diretamente relacionada à instalação da fábrica têxtil Societé Cotonnière Belge Bresilienne S. A. Compreendi que tinha um precioso objeto histórico sob meus olhos. Nesse espaço - a fábrica, a vila operária, na cidade de Moreno - encontrei um ambiente pouco explorado pela historiografia local.

A trajetória começou quando da abertura de um concurso público para a cidade de Moreno e fui chamado para lecionar sobre a história da cidade. Eu, morador e estudante de história, não sabia sobre o passado da cidade. Desse dia em diante, iniciei uma investigação sobre a história de Moreno, encontrando apenas escritos do memorialista João Carneiro da Cunha e da educadora Sevi Rocha. A princípio, vi que caberia uma atualização sistemática sob uma nova abordagem em vários pontos. Em uma conversa informal com o professor de Contemporânea, Tiago Melo, hoje meu orientador, relatei a situação e ele indicou-me um livro, cuja leitura me faria refletir ~~um~~ sobre a pesquisa daquele objeto. O livro recomendado foi o de José Sergio Leite Lopes, *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*, no qual o antropólogo analisa a Companhia de Tecidos Paulista, abordando o caso da cidade de Paulista, cidade com vila operária no interior de Pernambuco. Assim como Moreno.

Esse livro não só me deu grandes ideias mas também me levou a embarcar numa ritmada pesquisa nos periódicos locais, e a procurar ex-operários que trabalharam na fábrica, os quais, para minha felicidade, existem muitos ainda hoje. Naquele momento, foi descortinado um mundo de possibilidades para o estudo dos trabalhadores que viveram suas vidas numa pequena cidade operária.

As primeiras entrevistas logo denunciaram o grande potencial do objeto de pesquisa. Nas falas dos operários, obtive informações importantes sobre o cotidiano da cidade que girava em torno da fábrica têxtil. Em conversa com um amigo, Leonardo Rodrigo - filho do atual dono do prédio onde funcionava a fábrica -, percebi que havia ainda documentação nos seus arquivos, de forma precária, mas existia. Leonardo me proporcionou o encontro com cerca de 3775 fichas de cadastro de operários, das décadas de 1910, 1920, 1930, 1940 e 1950. Dessa maneira, pude articular as falas dos ex-funcionários aos registros de pessoal, nos quais consta o lugar de origem, sexo, profissão, se tinha parentes na fábrica; e traçar um perfil das primeiras gerações do operariado local.

A documentação estava se encaixando, quando a professora Marcília Gama, hábil conhecedora dos arquivos neste Estado, disse haver diversos documentos no arquivo da DOPS relacionados a Moreno. Lá encontrei um arquivo imenso de relatórios de investigadores daquele órgão que atuavam na cidade. E assim fui alinhavando e conectando a documentação juntamente com os periódicos locais e regionais que resultou na minha monografia, *Um lugar pra migrar, morar e trabalhar: fábrica com vila operária em Moreno. 1910-1960*.

Quando terminada, Tiago Melo, mais uma vez, me interroga e diz que poderia aquele tema se desdobrar num trabalho maior, e me propõe leituras de Edward Palmer Thompson. Lendo *A formação da classe operária inglesa* as possibilidades, que já existiam, se postaram mais nítidas do que antes. À medida que lia e pensava naqueles trabalhadores fazia mais entrevistas em Moreno. Notei que uma pesquisa histórica sobre aqueles trabalhadores seria não só possível como de grande importância. Era a minha cidade, os ex-operários são pessoas que costumo ver nas filas dos bancos, nas rodas de dominó na praça pública, na minha vizinhança.

Os mais diversos depoimentos encontrei. Um, em especial, me chamou a atenção. Ele dizia: “essa fábrica era a mãe da gente”. A grande fábrica provia o trabalho, a moradia, médico, lazer. Dava conta de todos os aspectos da vida do operário. Uma verdadeira “servidão econômica” se estabeleceu naquela cidade.

Com tal termo, retirado de Leite Lopes (1988: 18, 38) entende-se um aspecto da reprodução do capital que, estabelecendo-se entre classes sociais e não entre indivíduos, traz a dissimulação da exploração da força de trabalho na “ficção” do livre acordo da venda e compra da força de trabalho. Por meio

dela, o capitalista organiza o trabalho a não ser só buscar o domínio da mão de obra no processo produtivo, mas estendê-lo para além fábrica, conjugando dominação material e simbólica, fazendo-se presente não só nos gestos disciplinados, precisos e responsáveis do operário durante sua jornada produtiva, mas também na sua mentalidade, imiscuindo-se na sua vida cotidiana. Na base dessa relação, encontra-se o poder econômico patronal, pois é este quem permite ao trabalhador a aquisição de diversos aspectos das condições da vida operária tais como saúde, transporte, alimentação, lazer consumo, orgulho, especialização patronal, salário direto e indireto e as horas extras, este complemento do salário que ao mesmo tempo que potencializa seu orçamento, consome suas horas de não trabalho.¹

Nessa passagem, Antônio Negro nos põe a pensar como se instrumentalizou tais processos de exploração e de que forma isso foi absorvido e interiorizado pelos operários. E, do mesmo modo, como os operários reagiram a isso tomando consciência da exploração da classe. No caso de fábrica com vila operária, as identidades estão em constante contato com a ideologia patronal que faz uso de todos os instrumentos para a consolidação da dominação, porém, as ações de muitos dos operários questionam tal atitude. Durante o estudo de nossa dissertação, veremos uma crescente consciência de classe que questiona as suas condições, luta por melhores condições, resiste à classe dominante. Ver-se-á, também, como muitos trabalhadores interiorizaram o sistema de dominação da fábrica com vila operária, dele se fazendo sentir, a partir de suas memórias, um saudosismo que denuncia a incorporação da ideologia dominante. E a estes dois modos de viver e de sentir a fábrica estaremos preocupados em analisar.

No entanto, o nosso objetivo é mostrar como, em um período democrático, 1946-1964, essa classe solidariza-se, socializa-se e resiste. Mostraremos um estudo da classe operária, do qual a intenção é fazer a análise dos trabalhadores, suas vidas no trabalho capitalista, as sociabilidades, moradias, vários aspectos que envolvem o trabalho, os espaços e as relações sociais dos operários têxteis de Moreno.

Embarco com o propósito de relacionar esse ambiente à historiografia social do trabalho. Uma análise que tem como principal motivação o estudo das vidas dos trabalhadores têxteis da cidade de Moreno.

¹NEGRO, Antônio Luigi. **Ford Willys Anos 60**. Sistema Auto de Dominação e Metalúrgicos do ABC. Universidade Estadual de Campinas (dissertação mestrado), UNICAMP, 1995. P. 34-35.

O lugar teórico e metodológico de nossa produção

Os anos 80 do século XX trouxeram ao Brasil uma novidade dentro da perspectiva marxista. A partir dos anos 80, chegam com bastante força na historiografia brasileira as influências do marxismo inglês, o qual tem na figura de E. P. Thompson o seu mais ilustre componente. Situado dentro de um marxismo não-soviético, a obra de Thompson (1987) inova trazendo um novo conceito de classe, e uma ênfase nos aspectos sociais e culturais dos indivíduos como objeto de análise. Para Thompson as classes se constroem, passam por um processo de *fazer-se* no qual a *experiência* dos diversos sujeitos é articulada, passa por um processo político, cultural e econômico que vai desencadear no fazer-se da classe por meio de uma tomada de *consciência*. Com isso, Thompson desloca o foco da estrutura e analisa as mobilizações dos diversos sujeitos como construtores de suas próprias ações.

Podemos dizer que esse autor marca a emergência do sujeito deslocado das amarras estruturalistas. *A formação da classe operária Inglesa*, publicada na década de 60, mas só traduzida para o Brasil na década de 80, marca o início de uma frutífera metodologia de análise da história social no Brasil. A partir da década de 80, nossa historiografia lança um novo olhar para os subalternos, e descobre a perspectiva thompsoniana. *A History From Below*² entra em cena influenciando e inspirando diversas obras no Brasil. Não mais a identificação com um partido político (PC) vai ser o referencial, mas as múltiplas experiências que são expressas pela classe trabalhadora como processo de constituição³. Dessa forma os historiadores:

Estão cada vez mais preocupados com as bases tanto quanto com os líderes, tanto com os não sindicalizados, quanto com os sindicalizados, com o 'trabalhador conservador' tanto quanto com o radical ou revolucionário- em resumo, mais com a classe, do que com o movimento ou com o partido.⁴

A história operária ganhou novos objetos históricos ao sair da história mais restrita, de ordem política, ideológica ou econômica e entrando numa abordagem social no seu sentido mais amplo. Novas fontes, novos objetos e maiores articulações com outros setores das ciências sociais se articularam com o fazer historiográfico.

² Melhor traduzido como História vista de baixo

³ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012., p. 21.

⁴ HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000. P. 21

Para Silvia Petersen a dinâmica interdisciplinar que se aproxima da antropologia é uma forma de ampliar a visão sobre uma história operária, mas que não devemos “esquecer que entre outros limites está a tendência da antropologia a ignorar a transformação e a dinâmica histórica”⁵. Para essa autora, Thompson utiliza as comparações interculturais, adaptando os métodos antropológicos que devem ser reformulados para levar em conta a “transformação histórica, a particularidade contextual, os conflitos de classe e o cuidado empírico”⁶.

Assim, a história ganhou mais diversidade no tocante ao objeto, às fontes, à interdisciplinaridade. A história social ganha espaço nos estudos relacionados aos trabalhadores e ao movimento operário, pois, uma nova linha de abordagem se descortina.

Em textos famosos, escritos desde o início da década de 1970, Thompson e Genovese, e depois muitos outros historiadores, mostraram que a vigência de uma ideologia paternalista não significa a inexistência de solidariedades horizontais e por conseguinte, de antagonismos sociais. Em outras palavras, e para citar Rebecca Scott, outra especialista na história da escravidão, historiadores vêm encontrando numerosas maneiras de examinar as iniciativas dos escravos sem desconsiderar a opressão, de explorar a criação de sistemas alternativos de crenças e valores no contexto da tentativa de dominação ideológica, de aprender a reconhecer a comunidade escrava mesmo constatando o esforço contínuo de repressão a algumas de suas características essenciais.⁷

Chalhoub se refere, em sua análise, ao século XIX, mas nos proporciona pensar nos meios pelos quais a historiografia da escravidão deu dinâmica e voltou seu olhar às ações horizontais, ou seja, às iniciativas dos próprios escravos. Seria como se o historiador entrasse em cena sob o prisma do olhar do próprio escravo, sujeito histórico de um tempo vivido. Essa perspectiva teórica e metodológica da história social, pensada nas relações e experiências dos atores sociais, do fazer-se das classes, traz a inovação não só para a historiografia do trabalho, mas também, para a historiografia da escravidão e vários outros campos de pesquisas.

Ao analisar a historiografia da classe operária no Brasil, Claudio Batalha aponta que a produção histórica acadêmica do movimento operário surge na década de 70, e

⁵PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. “Ainda o movimento operário como objeto historiográfico” **Anos 90, Porto alegre**, n.8, Dezembro de 1997. P. 75

⁶Idem. P. 77.

⁷CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das letras, 2003. P. 19.

que, antes disso, estava limitada à sociologia e à ciência política dentro das diretrizes partidárias e da produção militante. Batalha nos mostra que esse início acadêmico da historiografia operária teve participação decisiva dos americanos especializados no Brasil, conhecidos como "Brazilianistas". Cita as obras de Michael Hall (1969) e Sheldon Leslie Maram (1979) no campo de estudos da imigração como primeiras análises historiográficas do movimento operário. Cita ainda a importância dos brazilianistas que compararam diferentes categorias de trabalhadores como Michael L. Conniff (1975;1976), Eileen Keremitsis (1982). Nos fala sobre o deslocamento provocado pela obra de Boris Fausto, que, apesar de carregar análises sociológicas, trilhou seus próprios caminhos e inaugura métodos de pesquisas com fontes impressas, na Biblioteca Nacional e na Mário de Andrade

A inserção de novos objetos na análise da classe trabalhadora está, desde a década de 80, bastante consolidada. As gerações mais recentes carregam essas temáticas em suas abordagens como nos diz Mike Savage

Devemos examinar os contextos em que as vidas operárias são vividas. Isso significa visualizar tempo e espaço não como pano de fundo da análise histórica, mas, fundamentalmente, como parte intrínseca do próprio processo de mudança histórica⁸.

Historiadores que tratam do trabalho, da classe operária, com viés teórico thompsiniano, trazem, mais do que nunca, os contextos da sociabilidade, o cotidiano em que estão inseridas as vidas dos trabalhadores para dentro na análise histórica. Os espaços aparecem como agentes no processo de *fazer-se* da classe, como também, evidenciam de que maneira os sujeitos viviam, suas sociabilidades.

As comissões que se fazem e desfazem as assembleias de protestos e encaminhamento dos problemas relativos às condições de trabalho, as reuniões culturais, os jornais que circulam irregularmente, os fundos de assistência para quem está despedido, doente ou inválido, os folhetos e artigos que denunciam as condições de cada empresa, tudo isso forma a classe como corpo real, expressivo de si mesmo e visível, como oposição de outras classes.⁹

8 SAVAGE, Mike. **Classe e história do Trabalho**. IN: **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**/ Cláudio H. M Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes (org.). – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.. P. 150.

⁹Paoli, Maria Célia. **Os trabalhadores urbanos nas falas dos outros**. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. In: Lopes, José Sergio Leite (Coord.) **Cultura e identidade operária: Aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Ed Marco Zero Ltda. Rio de Janeiro, 1988. P. 56.

A constituição do *fazer-se* da classe encontra-se, no entanto, nos mais diversos meios de sociabilidade e organização cultural. Dentro da fábrica, na vizinhança da vila operária, nas horas de folga quando encenam festividades típicas de classe, nas conversas na praça. Historicizamos esses ambientes enquanto constituidores do *fazer-se* da classe em suas relações verticais e horizontais.

Falaremos de homens, mulheres, contextos que existiram. Não temos a prepotência nem a ingenuidade de trazer para nosso discurso o que se passou no passado de forma fidedigna, porém, estamos prestes a descortinar um passado que existiu. Para ressaltar essa afirmativa, prestemos atenção no que nos diz Sidney Chalhoub:

Para alguns historiadores- ainda hoje em dia - os fatos da história são coisas sólidas, “duras”, de formas definida e facilmente discerníveis. Se esses fatos não podem ser encontrados *assim*, então a história como conhecimento não é viável.(...) Como podemos escrever história se não é possível descobrir “o que realmente se passou” - apenas para desenterrar a máxima de Ranke? Este é um problema antigo, e durante algum tempo se pôde até pensar que Febvre, Bloch e Braudel tivessem espantado definitivamente este fantasma. No entanto, basta que a historiografia se coloque novos problemas e, principalmente, passe a explorar novas fontes, para que o temível fantasma retorne. Pretende-se mostrar, portanto, que é possível construir explicações válidas do social exatamente das versões conflitantes apresentadas por diversos agentes sociais, ou talvez, ainda mais enfaticamente, só porque existem versões ou leituras divergentes sobre as “coisas” ou “fatos” é que se torna possível ao historiador ter acesso às lutas e contradições inerentes a qualquer realidade social¹⁰.

Para Sidney Chalhoub a função do historiador é buscar “explicações válidas” sobre o passado através da investigação. Assim como nos diz o autor, entramos no ofício histórico com a missão de desvendar um passado que existiu, trazer à tona os sujeitos e seus contextos, suas visões e filtros culturais de observar o mundo¹¹. Um trabalho que alinha a investigação empírica com a lapidação teórica e metodológica para tornar as fontes inteligíveis e interligadas a um dado contexto, aos diversos sujeitos, seus discursos e práticas. Em suma, fazer uma leitura de um passado, de sujeitos que viveram em um determinado contexto.

¹⁰CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e boteco**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na belle époque. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. P. 39-40.

¹¹Op. Cit. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Diálogo historiográfico do nosso tema

Diversas obras se debruçam sobre as experiências dos trabalhadores nos seus mais variados aspectos, dando força, diversidade e riqueza às pesquisas históricas que se dedicam a esses temas. Apresentaremos alguns estudos que se relacionam à temática proposta por nós e que se aproximam do nosso objeto de pesquisa nos ajudando a pensar, questionar e discordar.

Nos mais recentes trabalhos direcionados à pesquisa da classe trabalhadora observamos o de Paulo Fontes¹² sobre a grande corrente migratória de trabalhadores do nordeste em direção a fábrica Nitro Química, em São Paulo, e sua inserção no intenso mercado de trabalho do Sudeste, assim como as redes sociais criadas por esses sujeitos. É um estudo que abarca a análise dos conflitos de classe, lazer operário, moradia, na sua imensa diversidade de análise e fontes tem os trabalhadores e suas ações como foco do seu trabalho, usando de maneira especial a história oral para traçar os perfis dos trabalhadores e enxergar, de maneira mais veemente, as suas experiências e seus modos de ver o mundo. Essa obra se relaciona, de forma direta, ao nosso trabalho, tanto pelas fontes usadas – história oral, DOPS - quanto pelo uso metodológico que guia a narrativa. A temática da migração, sociabilidade e relações tecidas no corpo social dos espaços se relacionam e se articulam, numa escrita que tem o objetivo de enxergar os vários sujeitos sociais.

Na referida obra o autor trabalha com uma grande indústria química em um imenso centro industrial, nós trabalharemos com uma pequena cidade operária no interior rural do estado de Pernambuco. Objetos que se distanciam na forma, porém, convergem no enfoque teórico metodológico na análise de uma cultura operária, sociabilidade e expressões socioculturais de uma cultura de classe criada no espaço operário.

Outras obras, com essa perspectiva se condensaram na coletânea *Culturas de Classe*,¹³, na qual artigos são pensados a partir de análises bem atuais da historiografia sobre os trabalhadores e o trabalho. Seus artigos discutem como as práticas culturais dos

¹²FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

¹³BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado/** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

trabalhadores se articulam e contestam o poder instituído; trazem novas formas de resistência em que os trabalhadores atuam de maneira ativa, numa abordagem articulada entre o trabalho, práticas culturais, sociabilidades. Essa obra nos ajuda a pensar, especificamente, na questão da cultura de classe. Nossas entrevistas cruzadas com a documentação encontrada do arquivo público estadual se entrelaçam na construção das percepções dos espaços, dos divertimentos, das atuações que se constroem nas figuras do empregador e dos políticos. Percebemos um fazer-se da cultura operária que ora se mostra como uma identificação, ora como uma diferenciação.

A obra de José Sergio Leite Lopes¹⁴ busca os meios de aliciamento de trabalhadores rurais para a Companhia de Tecidos Paulista (CTP), na cidade de Paulista. Verifica que a CTP tem um instrumento direto de aliciamento para o trabalho fabril fazendo com que a corrente de migração voltada para a indústria têxtil se intensifique e tenha na iniciativa da empresa o seu principal incentivador. A migração é vista como ponto de partida para a entrada no trabalho fabril. E uma vez dentro desse mundo do trabalho têxtil, analisa as questões da moradia proporcionada pelo empregador, as relações paternalistas desenvolvidas nessa fábrica com vila operária, sociabilidades e conflitos de classe.

A obra do Leite Lopes foi de grande inspiração metodológica e documental. Nela trazemos pontos que dialogam com a nossa realidade e pontos que diferem. Como uma grande referência para historiadores do trabalho, *A tecelagem* nos mostra grandes possibilidades de análise de um operariado “não típico” dos grandes centros urbanos, onde a visão do historiador tem que passar por uma adequação, e deve ser baseada nas percepções dos agentes envolvidos, abandonando os elementos apriorísticos. Nessa obra, aprendemos um caminho, uma agenda aberta e não esgotada de possibilidades de análises. Temas como migração, aliciamento, relação paternalista do empresário têxtil. Enfim, pontos que trouxemos para nossa análise, inspirada por essa obra, mas resignificando pontos, trazendo novas abordagens, novas possibilidades de ver o tecido social de uma classe operária “atípica” em relação aos grandes centros urbanos. Como também relações da classe operária com setores mais conservadores da sociedade.

¹⁴ LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.

Outra autora que nos mostra a migração para a CTP é a socióloga Rosilene Alvim¹⁵, que, nos mostra o ritual de entrada de famílias na fábrica, denominando-o de “proletarização familiar”, como fator de maior atrativo. Assim como Lopes, essa autora analisa a migração rural para o trabalho fabril. Ajudando-nos a pensar no perfil antropológico e sociológico na escrita historiográfica que dinamiza o trabalho do historiador. O processo de proletarização é discutido por nós pensando nas modificações que envolvem os sujeitos nessa nova etapa da vida.

Sobre a movimentação e resistência operária temos o historiador Antonio Luigi Negro¹⁶, que tem na mobilização e nas resistências operárias o foco principal de análise. Partindo da experiência dos trabalhadores, esse autor constrói seu discurso. As ações de resistência e movimentação contra a ordem vigente movem e criam um amplo espaço para a problematização dos sentidos do trabalho e da vida dos sujeitos. A abordagem metodológica dessa obra nos ajuda a refletir sobre a visão historiográfica sob um prisma que parte das experiências de classe para significar as ações do corpo social. Uma obra inovadora nesse ponto e que nos ajudou a pensar nas mobilizações das décadas de 1950 e 1960 na busca por direitos resultantes das experiências de classe.

Na coletânea, *Na luta por direitos. Estudos recentes em história social do trabalho*¹⁷, os autores se propõem a pensar e desenvolver textos que relacionam as mobilizações operárias como partindo de uma ação de classe surgida por demandas dos trabalhadores. Na cidade de Santos, São Paulo, os argumentos são de que as greves e reivindicações não estão orientadas por um partido ou por uma classe exterior à operária, mas sim por um momento de experiência de classe que enseja greves e outras formas de resistência criadas nos ambientes de trabalho. Contra-argumentando com a ideia de cooptação e cupulismo, trazemos abordagens discutindo esses conceitos de um lado; e a mobilização operária, de outro. Buscamos entender as visões do tecido social alargando nosso olhar para a composição social da cidade e suas interlocuções.

Temos algumas dissertações de mestrado¹⁸ como análise dos operários têxteis recifenses, com destaque para a atuação feminina. Outra¹⁹ a atuação feminina e a

¹⁵ Alvim, R.. **A sedução da cidade os operário camponeses e a fábrica dos Lundgren.**-Rio de Janeiro: Graphia, 1997

¹⁶ NEGRO, Antônio Luigi. **Linhas de montagem o industrialismo nacional desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores, 1945-1978.** – São Paulo: Boitempo, 2004.

¹⁷ FORTES. Alexandre [et al.]. *Na luta por direitos: leituras recentes em história social do trabalho.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

¹⁸ VAREJÃO, Luciana Rodrigues Ferreira. **Nos fios da resistência feminina: o labor e o enfrentamento ao patronato no setor têxtil recifense (1960-1964).** Mestrado, UFPE-CFCH, Recife, 2011.

criação de espaços na fábrica, e fora dela, são trazidos para uma discussão de gênero e de atuação operária proporcionada pela análise e metodologia da história oral. Trabalhos que se alinham à nossa visão de pesquisa e metodologia e trazem importantes discussões sobre a classe trabalhadora recifense e baiana, respectivamente.

Trabalhando com a temática da construção do medo e do anticomunismo, Erinaldo Cavalcanti²⁰ faz uma abordagem em que nos traz sujeitos sociais que sofrem com a construção e a perseguição dos considerados comunistas, cuja trama envolve a criação discursiva e a atuação dos sujeitos históricos daquela cidade contextualizando e evidenciando a luta ideológica da Guerra Fria. Na mesma perspectiva, Pablo Porfírio²¹ nos apresenta como e por quem a construção, e a posterior perseguição ao comunismo, foi elaborada e levada a efeito, dentro de um período democrático, mas bastante tenso. Pensar no medo construído nesse período foi crucial para entendermos o contexto e as circunstâncias em que atuavam os comunistas, e como eles eram vistos pelos outros. Nossas entrevistas nos possibilitaram sentir essa construção, o falar baixo no momento da entrevista relacionada ao comunismo e o sentimento que se tinha frente a essa ideologia muito nos auxiliou para pensarmos e articularmos essa problemática ao tecido social. O poder da repressão foi forte, as táticas de mobilizações, fantásticas, os percursos que ora faziam do sujeito um legalmente atuante ora subversivo são discutidos nesse trabalho fazendo uso do discurso anticomunista e do seu uso social pela classe dominante.

Juarez Brandão²², fascinado pela personalização com que se relacionavam os operários e os chefes de Mundo novo e sobrado, minimiza substancialmente os conflitos existentes e impõem em sua escrita um modelo “patrimonialista” em que há uma intensa submissão dos trabalhadores para com o patrão. Assim, para Lopes, esses homens, migrantes rurais, que expandem a sua relação, outrora rural, em meios industriais, estiveram numa relação patrimonialista tão rígida que seus atributos de homens do campo somados ao tipo de relação nas comunidades industriais ganharam o

¹⁹ PAIXÃO, Neli Ramos. **Ao soar do apito da fábrica**: as idas e vindas de operárias (os) têxteis em Valença- Bahia (1950-1980). Mestrado, UFBA, 2006.

²⁰ Cavalcanti, Erinaldo Vicente. **Construções do medo**: A ameaça comunista em Garanhuns – PE (1958 – 1964). Mestrado, UFPE-CFCH, Recife, 2009.

²¹ PORFÍRIO, Pablo F. de A.. **Medo, comunismo e revolução**: Pernambuco (1959-1964). Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009.

²² , Juarez Brandão. **Crise do Brasil arcaico**. Difusão europeia do livro. São Paulo, 1967

destaque maior em sua escrita. A obra de Juarez Brandão traz esse e outros pontos que merecem melhores discussões, mas nos atemos exclusivamente a esse para traçar nossa argumentação de aproximação com nossa temática²³. No geral, vemos em sua obra a abertura de uma agenda de pesquisa que foi usada em outros momentos, e que nos ajudou a enxergar o padrão de fábrica com vila operária no interior, este que foi um modelo bastante difundido no Brasil.

As análises de Leite Lopes²⁴ vêm na perspectiva de enxergar os modelos de dominação das fábricas com vila operária, mas também, de nos mostrar a constituição de uma cultura de classe que nasce como fruto da sociabilidade entre trabalhadores proletarizados. A ênfase - dentro no nosso trabalho - sai das antigas relações “patrimonialistas” e direciona-se aos pontos de dominação e resistência de trabalhadores. Essas obras foram fundamentais para pensarmos nosso trabalho e assim traçar nossa agenda, buscar os meios possíveis de pesquisa, identificar e discutir as peculiaridades da comunidade operária de Moreno no contexto das indústrias têxteis pernambucanas.

Analisamos nesta dissertação um caso de fábricas de vila operária no interior. Mas o que trazemos de novidade nesse trabalho? A começar pela logística de organização da fábrica, que era uma multinacional, a Socièté Cotonnière Belge Bresilienne S.A., e diferentemente da maioria das fábricas que seguem esse modelo, o dono da fábrica não era uma figura presente nos meios operários de Moreno, isso é uma das peculiaridades dessa comunidade. Como inserida em um espaço comandado pela elite açucareira, sofreu grande influência no cenário político criado pela fábrica, ora como uma relação amistosa, ora como rivalidade, mas a primeira relação prevaleceu - entre fábrica e elite açucareira-, pois apontamos a relação mútua de afirmação e reconhecimento de poder por ambas as partes, fábrica, elite rural e, posteriormente, comerciária.

A inexistência do coronel dono da fábrica diversifica o poder, as hierarquias de relacionamentos entre a classe operária. Por um lado, a sistemática organizativa da

²³ Mais discussões e análises sobre sua obra ver em Cultura operária. Sobre os trabalhadores da grande indústria na pequena cidade: crítica e resgate da Crise do Brasil Arcaico

²⁴ . **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988

gerência inglesa²⁵ da fábrica teve como vetor principal a assistência social ao operário estreitando os laços paternalistas. A política, marcada-nas memórias operárias, do Mr. Walmsley, gerente inglês que atuou por mais tempo na fábrica, vem a ser a personificação dos ideais estabelecidos para a política de dominação. O “Misti Homi”²⁶ aparece na memória dos operários como o provedor de um tempo de fartura e de abundância de trabalho na cidade, em contraposição ao período de crise e de desemprego da administração belga. O período da administração do “Misti Homi” é o auge da fábrica, é ele que marca as memórias operárias como de intenso trabalho e de assistência ao trabalhador.

Por outro lado, a política local dos latifundiários locais, e, posteriormente, comerciantes locais, na prática diária, se ajustava no relacionamento com o operariado. Até esse laço ser rompido, na década de 1950, juntamente com a inserção partidária dos outrora excluídos do jogo político como o PCB, era essa a forma de política que se estabeleceu em Moreno. É um dos propósitos desta dissertação mostrar e entender essa transição.

Outro ponto importante nessa fábrica é a presença de uma política populista²⁷ de direita, esta representada pela família Maranhão, exercida por anos, e com profundidade, uma política que visou uma interlocução direta com os operários. Saindo do ponto de apoio da fábrica, Ney Maranhão e seu pai, Constâncio Maranhão, souberam aproveitar a emergente força política operária da década de 1950 e estabeleceram pontos estratégicos de uma política voltada para a classe operária de Moreno. Assim, estabelecemos a figura desses dois homens, que compõem, de forma bastante representativa, a elite açucareira local tendo uma interlocução direta com a classe operária.

Além da política dos Maranhão, vemos em Moreno a representação do cenário estadual, e até nacional, com a presença também de militantes do Partido Comunista, e, em menor medida, da esquerda populista representada pelos correligionários de Miguel Arraes. O que nos proporciona um importante e instigante debate dentro da cidade operária de Moreno. Um operariado e um espaço que adquirem uma característica que

²⁵ A história da fábrica tem duas gerências que se distinguem: a inglesa e a belga, analisaremos suas características no decorrer desse trabalho.

²⁶ Como os operários se referiam ao gerente inglês. essa questão será debatida no capítulo 3.

²⁷ Ampliaremos nosso entendimento sobre populismo e seu uso nesse trabalho no terceiro capítulo.

caminha tanto por questões urbanas, quanto rurais. E este, talvez, seja o ponto mais forte do trabalho, a linha tênue entre rural e urbano.

Embora imbuída de tradicionalismo nas relações patronais, são os operários sujeitos que viveram, significaram, resignificaram objetos, conceitos, relações dentro da perspectiva de uma pequena comunidade operária no interior do estado de Pernambuco.

Dessa forma, nos detemos em analisar a constituição operária de Moreno, seus modos de moradia, modos de dominação, formas de sociabilidade operária como componente de uma cultura de classe, relações patronais, política populista, atuação comunista, enfim, traçamos um viés de pesquisa ancorado na abordagem daquela comunidade operária, buscando peculiaridades e situando seu debate onde outros já fizeram.

Partindo desses pressupostos, analisaremos temas relacionados aos trabalhadores e ao trabalho na fábrica Socièté Cotonnière Belge Bresilienne S.A. da cidade do Moreno nos anos de 1946-1964. Período democrático de grandes movimentações de massa em todo país, período que escolhemos para analisar o operariado de pequena cidade de Moreno e suas peculiares experiências que ora trazem questões oriundas de trabalhadores urbanos, ora particularidades de um espaço rural, fazendo nossa escrita caminhar sob uma linha tênue e pouco focada na história social do trabalho.

Capítulos e Fontes

No primeiro capítulo de nossa dissertação analisaremos o processo de migração e a entrada na fábrica, traçaremos um perfil do trabalhador, de onde ele vinha, como entrava na fábrica, se vinha com a sua família ou individualmente, veremos a constituição do corpo de trabalhadores e esboçaremos um perfil social dos agentes. Perceberemos as correntes migracionais direcionadas para esse núcleo urbano no interior de Pernambuco, e assim, marcaremos a constituição do corpo operário, e a geração pós-1940 - filhos e dependentes se alocando na cidade e nos postos do SENAI para qualificação. Enfim, o primeiro capítulo se é dedicado a uma análise pontual e social da estruturação da fábrica e do operariado que nossa investigação tratará de analisar nos capítulos restantes.

Para a escrita desse capítulo usamos a catalogação de 3.775 fichas de cadastro de ex-operários que serviu para traçar os perfis dos trabalhadores. Fizemos, em todas as etapas do capítulo, o uso da história oral, que nos proporcionou enxergar esse mundo do trabalho sob uma perspectiva dos trabalhadores, suas aspirações ao chegar à fábrica, os motivos e as facilidades de trabalhar na fábrica. Também utilizamos os periódicos do *Diário de Pernambuco*, *Correio de Moreno* além de cartas escritas por acionistas da fábrica; e plantas utilizadas para a construção e alargamento da vila e da fábrica.

No segundo capítulo, caracterizaremos as moradias dos operários na vila operária como uma forma de controle patronal da vida fora da fábrica, e dos operários moradores dos subúrbios rurais, onde eram agricultores-criadores de animais. Essas características marcam o espaço físico da SCBB como um espaço semirural. Analisaremos também os espaços públicos e privados, além-fábrica, de sociabilidade com os vendedores de água; as cacimbas e as praças como forma de integração e encontro dos trabalhadores fora do ambiente de trabalho, nas suas relações sociais. Os espaços enquanto construtores de uma significação e pertencimento de classe, este capítulo volta-se para o além-fábrica. As fontes documentais são o periódico *Correio de Moreno*, periódicos de maiores circulações como *Jornal do Commercio*, e a história oral.

No terceiro capítulo, analisaremos as relações de paternalismo baseadas na ideia de uma vida tranquila, proporcionada pelo emprego para todos os entes da família, como discurso de domínio e de significação mutualista de uma economia moral. Buscamos trazer para nossa escrita o aparato assistencialista proporcionado pela fábrica, suas estruturas e sistemáticas. Perceberemos as trocas sociais entre a pauta operária e a relação com o patrão na construção “da grande família morenense”. Buscamos ver a figura do político Ney Maranhão e sua aproximação com a classe operária. Esse político se destacará, no período estudado, por manter uma aproximação direta com os operários rompendo com a prévia mediação da fábrica para a entrada na vida política local. Montando uma política de contato direto com o trabalhador, Ney Maranhão é um exemplo de político da camada conservadora que se aproxima diretamente dos trabalhadores. Essa aproximação o diferencia e faz com que ganhe destaque na memória dos ex-operários como o político dedicado às causas destes.

Para a articulação deste capítulo usaremos os periódicos do correio de Moreno em suas duas versões, resultantes das mudanças na direção, na primeira refletindo o discurso do empregador, da fábrica; e na segunda, os ideais políticos do prefeito Ney Maranhão e de seu pai, deputado estadual, Constâncio Maranhão. Usaremos, também, a história oral e periódicos de maior circulação, como o *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio* e *Jornal Pequeno*.

No quarto capítulo, mostraremos o cenário e os seus diversos atores no exemplo clássico da política pós-45: os comunistas, a JOC, a política conservadora tentando aproximações com as questões da classe operária e os trabalhadores mobilizados nas suas reivindicações. Trabalharemos as ações dos operários se articulando e se mobilizando no seu direito de fazer política contra as ações de exploração dos empregadores. Apresentaremos no quarto capítulo a experiência acumulada da classe se voltando contra a situação de exploração e más condições de trabalho denunciadas e sentidas no início dos anos 50. Os operários se articulam em comissões de fábrica pelas reivindicações de costumes e direitos perdidos, fazendo, assim, novas reivindicações surgirem nos movimentos grevistas e um refinamento da pauta operária. Analisaremos como o Estado, as camadas mais conservadoras e a fábrica, utilizam-se da retórica anticomunista para manter um maior controle social sobre os trabalhadores que se organizam e se articulam. Este capítulo analisa as questões políticas de ascensão dos operários como classe no seu *fazer-se*. Assim, se dedicando-se aos conflitos de classes que marcam o período 1946-1964.

A documentação utilizada neste capítulo são os relatórios da DOPS, nos quais observamos as minúcias das mobilizações grevistas desempenhadas pelos operários, e a constante busca pelo “subversivo” comunista, que, segundo os investigadores, leva a agitação dos operários. Fazemos uso desses relatórios para acompanhar as mobilizações das comissões de fábrica e a análise de seu discurso referente aos comunistas. Utilizaremos também a história oral, o periódico *Correio de Moreno*, *Jornal do Comércio*, *Diário de Pernambuco*, o jornal comunista *Folha do povo*. para o entrelaçamento com os relatórios da DOPS. Buscaremos, assim, informações sobre os movimentos grevistas vistos sob outras perspectivas de análise.

No quinto capítulo, discutiremos as teias do tecido social da cidade operária. As atuações políticas dos comunistas, da política dos Maranhão, o lugar do sindicato têxtil

e seus usos políticos. Com esse referencial vamos discutir a crise têxtil de Pernambuco e de Moreno, os papéis sociais exercidos e o desfecho do golpe militar como arrefecedor das lutas e conquistas da classe trabalhadora.

Para este capítulo usamos o arquivo da DOPS, tanto relatórios quanto os recortes de jornais de seu arsenal, dos periódicos de grande circulação no estado e do Correio de Moreno, assim como da abordagem oral.

Assim, nos propomos a fazer um levantamento documental e uma análise histórica que busca historicizar desde as migrações direcionadas a SCBB, passando pelo estudo do cotidiano operário baseado na sociabilidade operária, até as ações diretas de enfrentamento ao patronato. Ensejando uma abordagem que visa ao resgate dos sujeitos históricos evidenciando as vidas e ações dos sujeitos, os espaços e o *fazer-se* de classe.

Capítulo I: Uma fábrica Imigrante para operários migrantes: migração e trabalho na “cidade-empresa” em meio rural.

Quando o apito da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos
Eu me lembro de você. (...)

(...) Você que atende ao apito de uma chaminé de barro
Porque não atende ao grito
Tão aflito
Da buzina do meu carro.

(Noel Rosa)

1.1. Uma “cidade-empresa” em meio rural

“Éramos do Rio Grande do Norte e meu pai como agricultor possuía umas terras e alguns animais (...) não sei o porquê, mas um dia ele resolveu vir para Pernambuco”²⁸. Era 1910, um grande empreendimento fabril estava sendo montado na zona rural de Pernambuco, na cidade de Santo Amaro de Jacoatã. Nesta localidade rural, o Engenho de açúcar Catende dá lugar a um empreendimento fabril Belga denominado Societé Cotonnière Belge Bresilienne. Famílias de diversos lugares do Estado de Pernambuco, e do Nordeste, tomam conhecimento e vão à em busca de trabalho.

Aquela família se muda da zona rural do Estado do Rio Grande do Norte em busca de emprego na fábrica têxtil, seguindo os conselhos de um parente que trabalhava na fábrica de Camaragibe e lhes indicou a Cotonnière Belge Bresilienne²⁹. Trouxe consigo a expectativa de trabalho e boa moradia para todos os entes da família. “Contava minha mãe que, quando chegamos, minha tia aconselhou virmos para Moreno, porque aqui estava sendo construída uma grande fábrica e com certeza teria emprego para todos”. Deixam para trás uma vida baseada no trabalho rural, onde eram

²⁸ Entrevista concedida à historiadora Vera Lopes por uma ex- operária em junho de 2003. A ex-operária tem sua data de nascimento em 20.06.1910.

²⁹ Utilizaremos daqui por diante ora a abreviação SCBB, ora como referência a esta empresa, o termo fábrica.

produtores agrícolas e vão ao encontro do trabalho fabril proporcionado pela empresa de tecidos.

Assim como essa família, várias outras se propuseram, por vários motivos, a se enveredar rumo a empreendimentos fabris da indústria têxtil em Pernambuco. Afinal, nos últimos anos do século XX e nas primeiras décadas do século XX, o estado viu o surgimento de inúmeros estabelecimentos que agregaram e criaram espaços de trabalho para milhares de famílias que seguiram em direção ao trabalho fabril, e isso acarreta uma série de transformações nas vidas desses sujeitos e nos espaços por eles habitados.

A ‘vila operária’ da Tecelagem de seda e algodão de Pernambuco, localizada no centro do Recife; a da companhia de fiação e tecidos de Pernambuco S.A, situada no bairro da Torre; a do Cotonifício Othon Bezerra de Melo S. A. e a da fábrica Tacaruna, localizadas na periferia da cidade. (...) próximas a pequenas cidades “vila operária” da companhia Industrial Fiação e Tecidos Goyanna, na cidade de Goyanna; à da Fiação e Tecelagem de Timbaúba, em Timbaúba; à da companhia Industrial Pirapama, em Escada, e à do Cotonifício José Rufino, na cidade do Cabo. Os situados em meio rural: a vila da Companhia de Tecido Paulista, em Paulista; Societé Cotonnière Belge- Brésilienne, em Moreno e a da companhia industrial pernambucana, em Camaragibe³⁰.

Pernambuco passa, dessa maneira, a ser um dos maiores produtores de gêneros têxteis do Brasil. As fábricas de tecidos citadas se caracterizam por montar consigo casas para os seus operários, algumas situadas no entorno da cidade do Recife e outras no interior. As situadas no interior montam aparatos urbanísticos e sociais que se caracterizam como verdadeiras cidades operárias.

A criação de moradias junto de espaços produtivos é uma prática empresarial presente tanto em países de industrialização pioneira, quanto de industrialização tardia. A constituição de núcleos fabris acompanhados de núcleos habitacionais, nas primeiras décadas do século XX, faz surgir aparatos urbanos característicos de uma cidade com todo seu traçado desenvolvido e orientado pelo capital industrial.

As cidades são o centro, por excelência, da atividade industrial, nelas as atividades são desenvolvidas a partir de sua estrutura espacial e populacional; no entanto várias empresas decidiram iniciar suas atividades em lugares isolados, nas zonas

³⁰ CORREIA, Telma de Barros. “DE VILA OPERÁRIA A CIDADE-COMPANHIA: as aglomerações criadas por empresas no vocábulo especializado e vernacular”. **R.B. estudos urbanos e regionais** n° 4, Maio 2001. p 85

rurais, montando todos os aparatos de uma “cidade-empresa”³¹. Segundo Rosélia Piquet, as cidades brasileiras de finais do século XIX e início do XX não se constituíam como espaços privilegiados para a localização de indústrias por não contar com equipamentos e serviços necessários, tais como armazéns, bancos, sistemas viários e transportes³². Sendo assim, muitas empresas escolheram locais isolados para começar as suas atividades, criando os núcleos habitacionais, prédios de serviços, os aparatos urbanos necessários para suas atividades. E ainda explica Rosélia Piquet :

Enquanto as pequenas oficinas tendiam a concentrar-se nas áreas centrais urbanas, os grandes estabelecimentos direcionaram-se para a periferia dos maiores centros urbanos, havendo mesmo a propensão à localização isolada. Esses parâmetros locacionais são determinados por condições de infraestrutura extremamente reduzidas nas principais cidades brasileiras. (...) É portanto o “despreparo” das cidades brasileiras que leva as empresas, a despeito do bem final para o qual estavam destinadas, a conter setores especializados, tais como reparação de equipamentos, geração de energia e, até mesmo, provimento de moradia para sua força de trabalho. Assim, é natural que a produção propriamente fabril (não a desenvolvida em pequenas oficinas) surgisse em diferentes pontos do território nacional apresentando o caráter autárquico comum aos pioneiros empreendimentos industriais.

Esse caráter “autárquico” que fala Rosélia Piquet, José Sergio Leite Lopes chama de “sistema de dominação fábrica com vila operária”³³. Para Lopes, esse modelo tem a característica de promover a sedentarização dos trabalhadores fixados nas vilas operárias como estratégia de intenção patronal³⁴. As fábricas com vilas operárias surgem, assim, para a alocação dos trabalhadores próximos à empresa, desenvolvendo uma relação de disciplina tanto dentro do ambiente de trabalho, quanto fora em todos os seus domínios: na vila operária, na oferta do lazer. Outras produções mostram o estabelecimento desse modelo de fábrica no Brasil³⁵, pois, esse tipo de empreendimento foi algo comum na industrialização brasileira. Esse padrão tem uma peculiaridade que

³¹ Op. Cit. Piquet, Rosélia. **Cidade-empresa**: presença na paisagem urbana brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

³² Idem

³³ Op. Cit. LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988

³⁴ LOPES, José Sergio Leite. “Formas Comparadas de Imobilização da Força de Trabalho: fábricas com vila operária tradicionais e grandes projetos.” **Museu Nacional**, Universidade federal do Rio de Janeiro, 1996. P. 286.

³⁵ Ver o caso das fábricas situadas em zonas rurais que contam com aparatos semelhantes à de Moreno: op cit. LOPES, Juarez Brandão. **Crise do Brasil arcaico**. Difusão europeia do livro. São Paulo, 1967; GIROLETTI, Domingos. **Fábrica**: convento e disciplina. 2ªed. Revista. Brasília: Editora universitária de Brasília, 2002; Alvim, R. **A sedução da cidade**: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren.-Rio de Janeiro: Graphia, 1997; LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988

põe em xeque o modelo clássico industrial dos grandes centros urbanos. Pequenas fábricas criaram cidades inteiras, deslocamentos entre fábricas do mesmo setor com estas características. Um modelo próprio de se pensar a proletarização e faz repensar o padrão tradicional de se pensar a industrialização e a classe operária. O caso de Moreno soma-se a um conjunto de produções que visa a entender as questões associadas à industrialização e à classe operária, tendo como premissa as especificações oriundas desse modelo de industrialização.

É dentro desse contexto que, em 1910, a SCBB após comprar o engenho Catende, zona rural do município de Santo Amaro do Jaboatão, monta a fábrica de tecidos e sua extensa vila operária. A empresa belga abre suas portas em 1910, mas, muito antes de sua instalação, os acionistas escolhem com cautela e minúcia o lugar a ser implantada a fábrica, contando com empreendedor pernambucano para a escolha das terras e todo trâmite burocrático indispensável para se começar um grande empreendimento.

Creação minha, a société cotonnière foi por mim planejada e promovida, sendo adoptada e organizada no tocante a Europa pelos Srs. Fry C°. Meus trabalhos preliminares, para a sua organização, começaram em agosto de 1905.³⁶

Nessa divulgação - que faz João de Vasconcellos, acionista e, como ele diz, pensador e articulador da SCBB - percebemos que, já em 1905, estava sendo escolhido e discutido o melhor lugar para a instalação de uma fábrica têxtil com capital estrangeiro em terras pernambucanas. Sua organização e planejamento são desenvolvidos na Europa, um empreendimento essencialmente europeu sendo pensado para se estabelecer no interior de Pernambuco. Este senhor tem a incumbência de escolher o local a ser implantada e desenvolvida uma empresa que conta com capital inglês e belga.

(...) o empreendimento detalhado e que seria conduzido pelo senhor J. Vasconcellos, é de grande alcance e com todas as probabilidades de bôa remuneração para todos os interessados cada dia se torna mais lizongeira a posição das fábricas de tecidos d'aqui e agora mesmo o governador deste Estado acaba de estabelecer o imposto de 10% sobre os productos dos outros Estados, e ainda assim continuam elles a receber de nós a matéria prima

³⁶ BPE-PE- VASCONCELLOS, João de. "Histórico da société cotonnière apresentado aos acionistas de Pernambuco pelo fundador da mesma". **Typographia do jornal do Recife**, 1909. p. 3

(algodão) e a nos mandar tecidos porque as fabricas d'aqui não satisfazem as necessidades do mercado.³⁷

Esses escritos fazem parte de uma carta endereçada ao Sr. Fry, assinada pelo acionista Nathan, que se encontrava em Pernambuco na data de 23 de maio de 1906. Nela acentuamos o bom momento que passa Pernambuco em relação às indústrias têxteis. Poderia esse senhor estar se referindo ao bom desempenho da companhia de tecidos Paulista dos Lundgrens³⁸, ou à fabrica de Camaragibe. Ambas são pioneiras no processo de instalação de indústrias têxteis em Pernambuco, que fornecia cada vez mais condições de para novos empreendimentos neste ramo. O que observamos, e está bem evidente na carta do Senhor Nathan, é o entusiasmo e a boa perspectiva que têm os acionistas em relação ao empreendimento. Assim, são discutidos todos os detalhes necessários para a implantação deste empreendimento em terras do Catende.

A propriedade < Catende> aparentemente cara por 185:000\$000 cento e oitenta e cinco contos de réis, não o é de facto, pois além de aproveitar-se muitas casas para operários e a bella casa de residência que serviria para a administração, grandes quantidades de material dos actuaes prédios de engenho e dependências que teríamos de demolir se poderia facilmente revender em áreas demarcadas o excedente do terreno, depois de verificada qual a parte necessária para a fabrica e suas dependencias, e por tal modo se poderia reaver ao menos a metade do dinheiro investido na compra, ou ainda obedecendo a um segundo plano, se poderia ter o terreno cultivado por pequenos agricultores de cacáu (a Zona é excellente para isto) formando-se ali um núcleo industrial e agrícola, favorecido pelo sistema de cooperativas aqui já adoptado segundo nos informam, pela fabrica de tecidos <Camaragibe> gozando de isenção de direitos e outra regalias conforme se acha estabelecidos na lei federal.³⁹

Dessa forma, foi traçado apriorísticamente o empreendimento, sua localização, formas de organização social e arquitetônica. Sendo assim, a empresa belga faz surgir no interior de Pernambuco um núcleo populacional que dá origem a cidade de Moreno. Um clássico exemplo de fábricas que se desenvolvem em meios rurais, com características autárquicas no que se refere ao estabelecimento estrutural e político do espaço criado.

³⁷ Idem, p. 08

³⁸ Família proprietária da Companhia de tecidos Paulista (CTP), são eles quem vão construir a fábrica de Paulista e gerir o seu funcionamento. Para uma melhor análise da fábrica Paulista, de seu funcionamento e do poder exercido por esses industriais consultar LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.

³⁹ BPE-PE- VASCONCELLOS, João de. "Historico da sociètècotonièrè apresentado aos acionistas de Pernambuco pelo fundador da mesma." **Typographia do jornal do Recife**, 1909. p.09.

Quando foi feita a emancipação de Moreno da cidade de Santo Amaro do Jaboaão, em 1928, 18 anos após a inauguração da indústria têxtil, o distrito era um bem privado da fábrica, casas, obras públicas, tais como mercado e praça, eram todas construções da fábrica. Assim, a cidade de Moreno nasce e tem nos migrantes, trabalhadores, a composição da sociedade que surge enquanto ambiente estritamente relacionado ao trabalho e ao progresso industrial.

Uma vez estabelecida como cidade, passa a ter nos seus cargos públicos representantes da aristocracia rural. Em matéria do Correio de Jaboaão vemos:

(...) a emancipação do districto de Morenos foi um ato organizado pelos senhores-de-engenhos, bastiões da política da sede de Jaboaão, que queriam ampliar seu curral eleitoral para a localidade da Cottonniére e mesmo, estavam perdendo forças para políticos não tradicionais como os sindicalistas da G. W. R. C. e os comerciantes da cidade. A emancipação do districto de Morenos foi um amparo político para esses donos de engenhos vizinhos da localidade da Cottonniére que ganharam a adesão dos comerciantes da referida localidade para sua causa. (...) a sede deste novo município foi instituída em sua localidade e anexada político-administrativamente a um número de 42 engenhos em sua vizinhança. O corpo de administradores da nova edilidade ficou por conta dos senhores de engenho Comendador Eurico de Souza Leão como prefeito, dono do engenho Gurjaú de Baixo, e Novo da Conceição, e o Coronel Maximiniano Pereira Viana como sub-prefeito, dono do engenho Pereiras (...) Prefeitos donos de engenhos da região e vereadores comerciantes e médicos da localidade da Cottonniére foram aceitos como os novos políticos do nascente município, compondo a sua casa de despacho no prédio construído pela sociedade anônima para a 'intendência distrital' que agora passou a se chamar de prefeitura (...) Os diretores da fábrica e toda a sociedade anônima S.C.B.B. respaldou o novo município e seu corpo de dirigentes, todavia esta continuou a controlar a sua localidade e a administrar a gerência de suas construções, limpeza de ruas, pintura das casas e edificações e tudo o que já organizava.⁴⁰

A cidade de Moreno aparece como propriedade privada, por mais que a imprensa e outros setores da sociedade questionassem a estrutura urbana pertencente a uma empresa, era essa a situação. Políticos da aristocracia e grandes comerciantes tiveram grande participação no cenário local. Referendados pela fábrica e articulados com as mais conservadoras políticas, o que faz com que esse município tenha características de um espaço semirural, no sentido que o seu modelo político será dado pelas elites agrárias.

As ligações dos políticos com as camadas mais conservadores e o apoio da fábrica faz parte do processo da escolha dos representantes. Continua assim até a

⁴⁰ Correio de Jaboaão 28 de Outubro de 1928. P. 02. APEJE.

abertura política em 1946, quando outras formas de políticas aparecem referendadas pelo voto da maioria, os operários. Estes que, concomitantemente, insurgem no cenário político em suas diversas formas de organização. Montam-se aparatos políticos com características rurais na “cidade-empresa” de Moreno, espaço que ensejou um longo processo de migração e ideais progressistas.

1.2. Progresso à vista: trabalho e moradia higiênica na fábrica com vila operária

A chegada da SCBB foi recebida com muito entusiasmo pela imprensa e pelos trabalhadores, fazendo surgir um grande sentimento de progresso para a então vila que se desenvolveria a partir da grande fábrica têxtil.

Pernambuco Industrial

UMA GRANDE FABRICA

O antigo engenho *Catende* ao pé da estação de Moreno, no município de Jaboatão, está hoje se transformando em prospera povoação, com 450 casas e 58 em construção, tendo bôa feira e regular commercio.

Está ali o inicio de uma cidade, avultando acima da casaria e da verdura da vegetação luxuriante, a alta chaminé vermelha da fabrica de tecidos, edificada pela Societé CottonnièreBelge- Brésilienne.

Foi essa fabrica que fez surgir, como por encanto a povoação de Nathan, realizando o milagre de todas as grandes empresas industriaes que, onde appaarecem, formam logo um numeroso núcleo de povoação.

(...) O edificio da fabrica está concluido, occupando uma area de 22.000 metros quadrados e os machinismos, que são os mais aperfeçoados de fabricantes inglezes, suisos, belgas e holandezes, estão devidamente montados.

A fabrica está instalada para 650 teares e destina-se a manufactura de fazendas brancas e fios de 38s. acima⁴¹.

Já na referida data de inauguração, o *Diário de Pernambuco* trata a fábrica e sua vila como uma “próspera povoação” e ratifica o papel industrial que faz surgir núcleos de povoação. A construção de casas, já na sua inauguração “450 casas com 58 em construção”, mostra que o planejamento da vila operária foi levado a cabo já para os

⁴¹ Diário de Pernambuco, 14 de Maio de 1910. P.07. FUNDAJ.

primeiros anos de atividade. Aqui, a atividade e expectativa de um núcleo urbano baseado na industrialização ganham bastantes perspectivas, alinhadas a uma ideia de progresso industrial e de casas exclusivas para os trabalhadores - casas modelos. O ideal de progresso industrial e casas salubres são transportados para a zona rural de Jaboatão. Esse espaço vislumbra, com o trabalho industrial e a vila operária, o despertar de um futuro que prometera ser o início de uma grande ocupação e trabalho industrial, baseado nos mais recentes ideais de progresso e de moradias dignas para seus operários.

O Dr. Herculano Bandeira, então Governador de Pernambuco, no ato de inauguração, faz votos de prosperidade à SCBB, apontando os rumos e progressos dessa fábrica e sua contribuição para o avanço de Pernambuco⁴². A comitiva do Governador passeia pelos 22.000 M² de edifício para conhecer de perto a grande fábrica têxtil que transformara o engenho Catende em um próspero povoado com capacidade inicial para empregar mil operários.

As linhas ferroviárias da Great Western se tornam fator decisivo para a instalação da fábrica, na zona rural, pela grande mobilidade gerada no interior de Pernambuco. O engenho Catende era cortado pela Great Western e tinha uma estação, a Estação Morenos, ladeada pelo rio Jaboatão. Sendo assim, apesar de estar localizada em uma região rural, a área escolhida para a instalação da fábrica oferecia facilidades de transportes, tornando atrativa sua localização, tanto mais que estava localizada cerca de 30 km do Recife⁴³.

Na análise das conversações sobre o empreendimento a ser levado à zona rural de Jaboatão, não vemos nas falas dos acionistas discussões e argumentações diretas relativas à higiene e à salubridade oferecidas pela fábrica aos operários têxteis de Moreno. Entretanto, observamos que o empreendimento foi realizado com moradias operárias dentro dos padrões tidos como higiênicos, como nos mostra a matéria do *Diário de Pernambuco* acima citada e outros documentos⁴⁴.

Quando o acionista pernambucano propõe que os trabalhadores do porto do Recife se alojem na vila da Societé Cottonnière Belge Brésilienne pela mobilidade

⁴² Idem.

⁴³ No anexo 1 podemos ver a localização da cidade e a distância em relação ao Recife e a outros setores têxteis no interior.

⁴⁴ Jornais, plantas das casas operárias, além da arquitetura ainda hoje existente na cidade de Moreno.

oriunda dos trilhos da Great Western e pela salubridade que as moradias daquela vila proporcionavam, percebemos que o ideal de salubridade também estava presente na construção da vila em suas entrelinhas.

Juntamos copia da que tiramos, da catende, onde determina-se as ditancias para as três estações da estrada de ferro aqui da capital: Brum, cinco pontas e central. Fizemos isso porque temos em vista o fornecimento de pedras para o melhoramento do porto, e neste sentido juntamos uma carta da GreatWester. Infelizmente são muitos altos os preços em tal carta mencionados, mas pensamos que, com o negocio firme em mãos, obtenha-se considerável redução de preços. Ainda mesmo que assim não acontecesse o facto de peder-se trabalhar as pedreiras por meio de instalações hydraulicas traria uma economia de tal ordem que compensaria bem a diferença de fretes. Sem falar que os operários europeus vindos para os trabalhos do porto poderiam morar todos no Catende, com trens de manhã e de tarde para transporta-los, e que ali terão certamente vida mais barata e mais salubre do que aqui na cidade⁴⁵.

Percebemos que, na visão do acionista, que na vila do Catende a vida é mais salubre, e mais barata, do que na cidade do Recife. O que faz referir à vila operária criada pela Societé Cotonnière Belge- Brésilienne como lugar de moradia salubre em oposição ao mocambo e às condições do trabalhador do Recife. Assim, ligamos o discurso higienista à prática dos nossos agentes e observamos a ideia sendo posta em prática. O ideal de casas salubres com a construção da vila operária, dos postos de trabalho, caracteriza a lógica do progresso com viés no trabalho industrial tendo a intenção direta desses fins.

Se a moradia operária foi concebida para a obtenção de lucros com os aluguéis, ou para agregar os operários próximos ao emprego para melhor exploração da força de trabalho, também significou transformações profundas numa localidade rural que avançava numa área que ganhava dinâmica com a lógica do trabalho capitalista. Esta discussão é relevante para entendermos o surgimento e as intenções teóricas e práticas da fábrica e de suas moradias.

Nascida dentro dos ideais de fábrica com vila operária no interior, a SCBB, se destaca por ser a primeira empresa têxtil pernambucana com capital de maior parte estrangeira. Suas maiores ações estavam com o grupo belga “Groupe LADM, 73%, 10% para a Fry Miers & C^a, 7% para Nathan C^a, 5 % para o grupo pernambucano, restando 5% para serem divididos a posteriori, por pequenos e médios investidores

⁴⁵ BPE-PE- VASCONCELLOS, João de. “Historico da sociètècotonnière apresentado aos acionistas de Pernambuco pelo fundador da mesma”. **Typographia do jornal do Recife**, 1909. p.12

belgas”⁴⁶. Inicia-se, assim, um grande empreendimento imigrante que abrigara diversos trabalhadores migrantes, assentado nos ideais de progresso, abundância de trabalho e moradia operária com parâmetros distintos aos do trabalho rural.

1.3. Trabalhadores migrantes

Em romance intitulado “O moleque Ricardo”⁴⁷, José Lins do Rego ilustra, pela primeira vez, a história de seus personagens para o ambiente urbano, para a cidade. Nesse livro, o autor que foi considerado um dos maiores romancistas da década de trinta, narra a história do moleque Ricardo, que sai do mundo rural, do engenho Santa Rosa, para tentar a vida como trabalhador urbano na cidade do Recife. José Lins do Rego escritor de outros romances⁴⁸, nos quais descreve a vida nos engenhos de cana-de-açúcar, um ambiente voltado para o cotidiano agrícola ditado pelo trabalho canavieiro. Já em *O Moleque Ricardo*, ele assume uma abordagem - entre outras - acerca do cotidiano dos trabalhadores urbanos, suas condições, aspirações, mobilizações reivindicatórias, ou seja, nos mostra pelo prisma do romancista as condições de trabalho no Recife, na primeira metade do século vinte.

Ricardo e sua família fazem parte do poder patriarcal do velho José Paulino e compõem o mundo rural de José Lins. A vida no engenho lhe reservava o eito⁴⁹ e só ele como condições de trabalho para sua vida. Desse modo, Ricardo toma a iniciativa de ir para a cidade do Recife em busca de outros horizontes, iniciando, assim, uma vida conturbada, porém, de alargadas perspectivas de trabalho no Recife. E, nesse novo ambiente, se depara com vários outros trabalhadores que tomaram o rumo parecido com o seu: homens que vieram do interior, do trabalho rural, para se lançar na cidade, em seu novo ritmo de vida e de trabalho. Evidencia, portanto, um processo de migração rural-urbano na primeira metade do século XX, numa narrativa norteadada pela análise das aventuras de Ricardo, que passa de trabalhador rural a empregado urbano.

⁴⁶ JEAN, Suettinni. **Um lugar belga em Pernambuco: o núcleo fabril da SocietéCotonnièreBelge-Brésilienne S. A. e a consolidação em cidade de Moreno.** Dissertação de mestrado CAC. Arquitetura. Recife, 2011. P. 34.

⁴⁷ REGO, José Lins do. **O moleque Ricardo.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1961.

⁴⁸ REGO, José Lins do. **Menino de engenho.** 28. ed. Rio de janeiro: J. Olympio, 1980.

_____. **Fogo morto.** 1. ed. Rio de janeiro: J. Olympio, 1961;

_____. **Usina.** 12. ed. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1985

⁴⁹ *Eito* é aqui entendido como o trabalho na lavoura canavieira e suas atividades adjacentes.

Outro autor que trabalha, sob o prisma do romance, o Recife, na primeira metade do século XX, é Josué de Castro. Em livro dedicado ao assunto⁵⁰, o autor dá enfoque especial às moradias dos trabalhadores pobres do Recife que vivem nos seus mocambos em espécie de permuta cotidiana com os caranguejos. Esta obra apresenta diversas histórias de homens e mulheres que, em sua maioria, largaram a vida no meio rural e seguiram para o Recife em busca de trabalho; de trabalhadores que viviam entre o mocambo e o trabalho árduo; e de migrantes que vieram do interior do estado empurrados por situações diversas. Josué de Castro nos mostra, ainda, como os moradores dos mocambos se alimentavam e tinham convivência cotidiana com os caranguejos, com a fome e a pobreza na cidade do Recife. Assim, ele faz uma reflexão sobre o trabalhador migrante que vivia precariamente nos subúrbios da capital pernambucana.

Estes dois romances tem em comum, em seus enredos, a história de homens, e às vezes de famílias inteiras, que partiram do interior, do mundo rural, em busca de trabalho na cidade grande. Dessa forma, tomamos os romances citados para situarmos o tema da migração, na primeira metade do século XX, no estado de Pernambuco, em suas diversas formas, nas diversas questões de moradia, na segregação social e no emprego na cidade para o migrante. O que nos interessa é perceber como esses autores retratam o cotidiano do trabalhador migrante na primeira metade do século XX. A sua vinda para a cidade, tendo-a tanto como espaço de novas experiências que poderiam proporcionar melhorias de vida e melhores empregos, no caso de Ricardo; como também, segregação social e miséria, no caso da família de João Paulo, em “Homens e caranguejos”.

Pois bem, percebemos assim certo fluxo migratório em direção à cidade provocada por vários fatores. Podemos apontar que desde o fim da escravidão o processo de migração rumo às cidades aumenta. No caso do Nordeste, e Pernambuco, seus ares rurais começam a se alterar:

Ao fim do Império, a marca da cultura regional era ainda rural, com raízes no cultivo do açúcar da zona da mata e em séculos de relações coloniais e neo coloniais. Mas a fisionomia social do meio-ambiente regional começara a mudar. Já a essa altura o efetivo cumulativo da decadência do açúcar reduzira o padrão de vida do plantador a um nível muito inferior ao de um fazendeiro de café das prósperas regiões do Sul. A paisagem rural começara também a alterar-se. A estrada de ferro atraía a região para o mar estimulava o crescimento de cidades sertanejas ao longo do seu trajeto. Nos engenhos o

⁵⁰ CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: civilização brasileira. 4ª edição, 2010.

grosso do trabalho braçal era feito por meeiros (...). As más condições econômicas forçavam inúmeros plantadores a vender suas propriedades, ou a usinas ou a especuladores da cidade⁵¹.

Entretanto, o nosso objetivo é individualizar, ir à procura dos sujeitos históricos que, por algum motivo, decidiram migrar para um ambiente semirural no interior de Pernambuco (cidade de Moreno) que despontava como cidade-trabalho, boa moradia e, conseqüentemente, um lugar de grande atratividade para milhares de migrantes. As análises dos romances nos ajuda a perceber o fluxo migratório e a saída de trabalhadores rurais tentando vislumbrar novas formas de trabalho.

Nos últimos anos do século XIX, houve uma preocupação com as novas relações de trabalho, preocupação com os libertos pós-abolição. Chalhoub⁵² aponta a criação de novos hábitos para combater os, assim chamados, “vícios” dos libertos, ligados diretamente à retórica da vadiagem. Essa nova construção foi levada a efeito na criação de hábitos de trabalho, da repressão para combater a desordem provocada pela ociosidade. Esses eram os paradigmas que a legislação federal estava impondo aos recém-libertos como forma de inseri-los na vida “civilizada”. Não tendo mais o domínio sobre o trabalhador, como sua posse, novas ideologias acerca da moldagem dos novos parâmetros de trabalho e vida social são construídos para uma nova sociedade, agora liberta. Os ajustamentos jurídico-políticos da classe dominante usam desses mecanismos para incorporar os novos tempos de trabalho livre, para punir a vadiagem. Nos sujeitos, em cada espaço do território brasileiro, nas suas diversas particularidades, vemos seus ajustamentos e as distensões dessas novas relações.

Em Moreno, lugar de trabalho por excelência, a fábrica com vila operária surge na perspectiva de criar esse ambiente propício ao trabalho que “dignifica” a vida social. O véis da política antivadiagem poderia até não estar explícito nos discursos patronais, mas, o empenho, a ênfase no trabalho como construtor de uma boa sociedade e de bons sujeitos está deveras implícito. Aquele que não se adapta aos paradigmas da ideologia capitalista do trabalho, do trabalhador eficiente, disciplinado e produtivo, não é bom operário e deve ser descartado. É a retórica do trabalho enquanto orientadora de uma

⁵¹ LEVINE, Robert. **A velha usina Pernambuco na federação brasileira 1889-1937**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980. p. 91.

⁵² CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na belle époque**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. P. 65

vida civilizada. Os migrantes que chegavam, encontraram essa lógica de organização social estabelecida no trabalho para dignificar a vida. Neste ambiente, estavam encravadas as ideologias da moral social baseada no trabalho enquanto construtor do progresso da nação e das pessoas.

Agora tá banda voou. Os meninos quando tão pequeno é jogar bola na rua, quando tão maior é pra fazer o que não presta, fumar maconha e roubar. (...) Naquele tempo criança não vadiava não, terminava os estudos ia pra fábrica aprender, os pais botavam pra aprender.⁵³

Esse relato nos mostra a internalização da ideologia disciplinar propalada pela fábrica como meio para disciplinar e ampliar seus domínios com a ideia de trabalho se contrapondo à vadiagem. O trabalhador morador de Moreno internaliza a lógica do trabalho enquanto construtor de um perfil a ser seguido, enquanto pré-requisito para o bom morador e operário. Longe da vadiagem e de ideologias “exóticas”⁵⁴ que se contrapunham à ideologia de dominação da fábrica.

A inauguração das atividades da SCBB faz com que haja uma grande oferta e atratividade em direção ao seu núcleo fabril. Nas primeiras décadas, a empresa recebe trabalhadores de diversas regiões de Pernambuco e de estados vizinhos para a composição do operariado. Iniciando um período de certa corrente migracional rural-semirural, e de um novo paradigma de trabalho capitalista.

1.4. Quem são os operários de Moreno

Para a análise da migração e da procedência desses trabalhadores utilizaremos os gráficos feitos por nós, através da catalogação das fichas de cadastro dos trabalhadores. A principal intenção é ver ~~qual~~ a origem dos trabalhadores que migram tendo como endereço a fábrica têxtil situada no interior de Pernambuco. Essa documentação não representa com exatidão os operários migrantes, há uma grande deficiência dessa documentação no que se refere ao apontamento dos migrantes e egressos da SCBB. Porém, estatisticamente, podemos observar nessas fontes o percurso de migração em direção a “cidade-empresa” de Moreno, espaço que tratamos como semirural.

⁵³ Entrevista concedida por José Maurício de Moraes.

⁵⁴ Sobre as tipificadas “ideologias exóticas”, ver 3º e 4º capítulo.

Analisando as origens dos primeiros movimentos migracionais, observaremos a composição de um operariado essencialmente rural, um deslocamento de homens, mulheres, de famílias inteiras, que, no início do século XX, num Pernambuco essencialmente agrário, mas com fôlego e crescimento urbano, começam suas vidas na fábrica com vila operária que criou a cidade de Moreno.

Vários motivos econômicos e sociais, certamente, existiram para “empurrar” esses trabalhadores para a cidade de Moreno. No entanto, muitos desses homens e mulheres migraram para Moreno por vontade própria, para recomeçar suas vidas, para galgar novas possibilidades socioeconômicas proporcionadas pela imensa novidade que era o trabalho industrial. Assim, o fluxo migratório das primeiras três décadas do século XX marca o aparecimento de um espaço de trabalho industrial no interior de Pernambuco com pessoas vindas de diferentes lugares. Traçar uma estratégia para perceber quem são essas pessoas faz parte de nossa metodologia e intenção. Vejamos o gráfico 1:

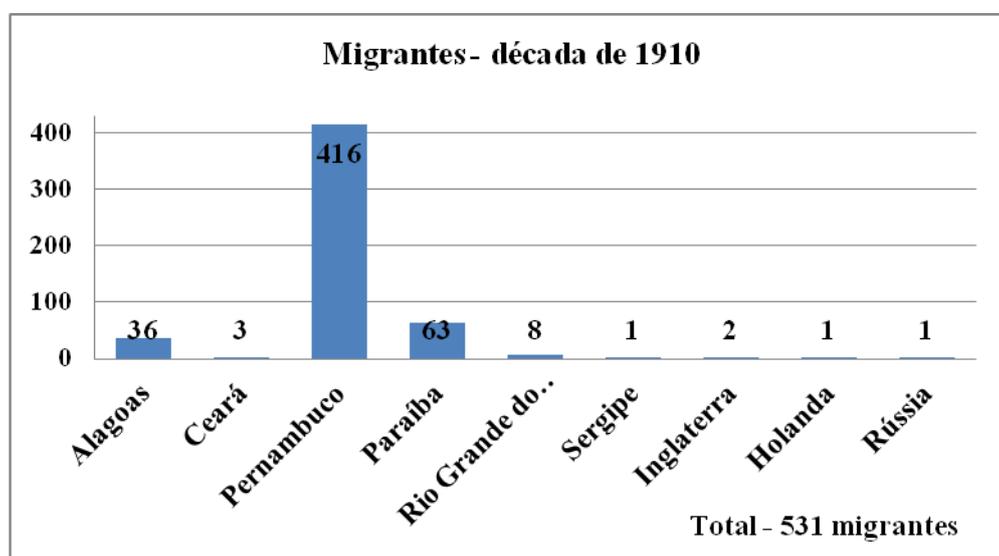


Gráfico 1⁵⁵

⁵⁵ As fontes para construção desse o dos gráficos que se verá em seguida são oriundas da catalogação das 3775 fichas de cadastro operário que encontramos no departamento pessoal da fábrica SCBB, hoje cotonifício Moreno.

Para a primeira geração, que vai de 1910 a 1919, percebemos a diversidade da origem dos trabalhadores. É de Pernambuco o maior número de trabalhadores e, mas também temos número considerável de trabalhadores vindos de outras regiões do Nordeste. Desde a montagem da fábrica a mão de obra qualificada vem da Europa. Os trabalhadores dos arredores, e de outras regiões de Pernambuco, dão o caráter de migração essencialmente rural. Dentro dos que tinham a como origem o estado de Pernambuco, dividimos por regiões para estabelecer uma visão mais ampliada:

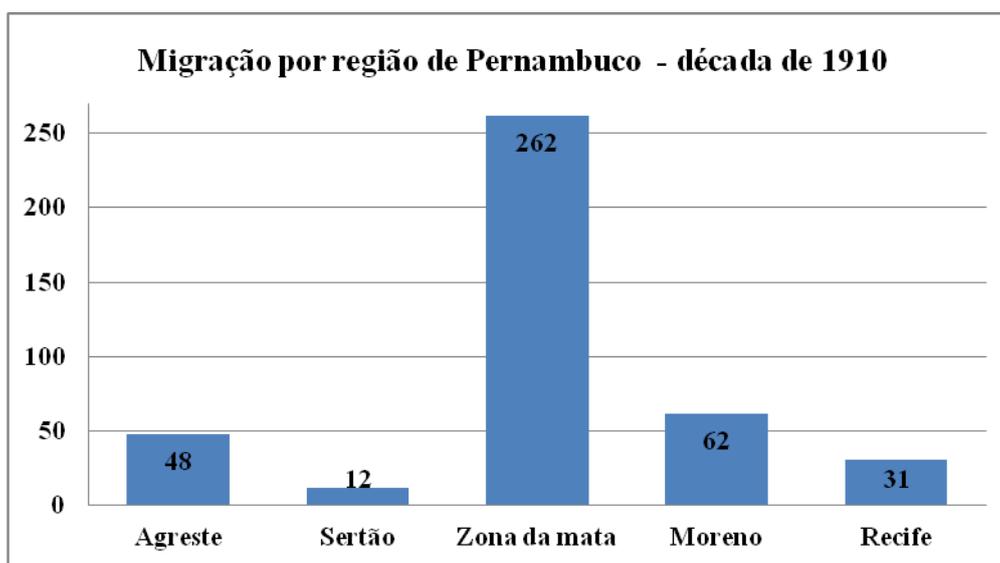


Gráfico 2

Quando analisamos a origem dos oriundos de Pernambuco, percebemos que a maioria advém de cidades vizinhas da Zona da Mata⁵⁶. Os da cidade de Moreno são, na verdade, das áreas rurais da então cidade de Santo Amaro de Jacoatã, moradores de engenhos e pequenos agricultores locais, pois, nesse momento não existe a cidade de Moreno e sim a vila Nathan que é o primeiro nome do povoado da SCBB. Centenas de homens e mulheres deixam suas antigas formas de moradia e trabalho e se mudam para a SCBB. Essa migração poderia ser individual ou familiar. Vejamos o terceiro gráfico:

⁵⁶ Entendendo zona da mata como região física e a Região Metropolitana do Recife, exceto Recife que colocamos a parte por ser esse operário ser um morador de uma grande cidade diferentemente dos outros. E apesar de Moreno está inserido na zona da mata não incorporamos à essa região para melhor detalhar a origem dos trabalhadores. Uma vez que nesse período não existia a cidade de Moreno, assim, todos que advém de Moreno são trabalhadores rurais da região circunvizinha dos engenhos açucareiros.

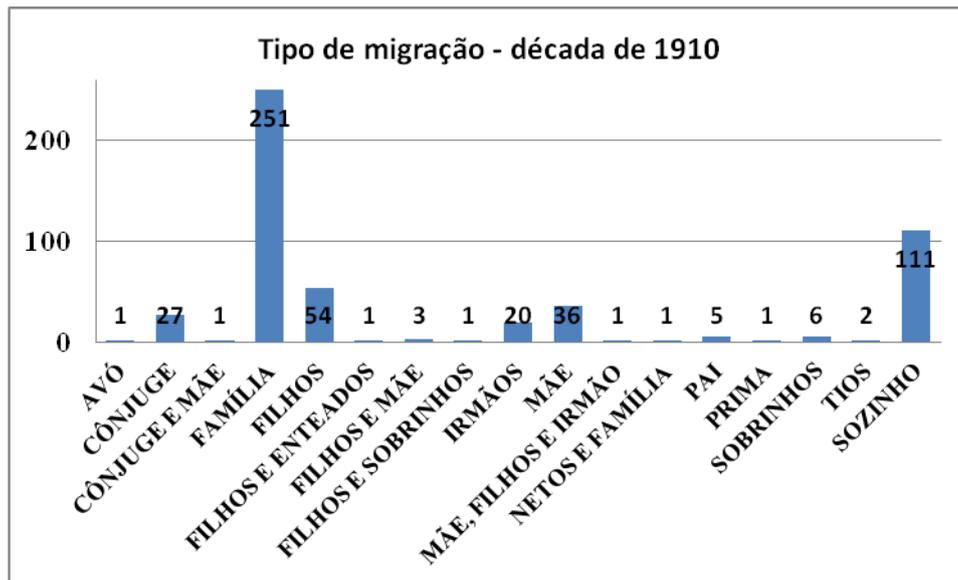


Gráfico 3

Vemos, então, que a maior parte dos operários vinha acompanhada de alguém de sua família, o que caracteriza a “proletarização familiar”, discutida por Rosilene Alvim quando analisa o processo de migração e proletarização dos trabalhadores da Companhia de tecidos Paulista⁵⁷. O trajeto até a entrada na fábrica era acompanhado, em sua maioria, de toda família. Entendendo família - inserida no gráfico - como cônjuges e filhos, ou como pessoas que tinham, no mínimo, um membro direto como acompanhante no processo de migração.

Nossas fontes não apontam para a existência de aliciamento ou recrutamento por parte da fábrica para a massa dos trabalhadores, de forma que, ao que tudo indica, o ingresso na fábrica era essencialmente voluntário. A SCBB recrutou trabalhadores especializados, mas a grande massa do operariado se desloca em direção à fábrica à procura de emprego, ficando a cargo de notícias levadas por parentes e de outras formas de conhecimento da oferta do trabalho na SCBB.

O poder de atratividade da fábrica parece imenso, não temos fontes que indiquem algum instrumento de aliciamento direto, porém, o exercício da sedução do trabalho fabril em Moreno deve ser entendido de diversas formas. Vários são os

⁵⁷ Alvim, R.. **A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren.**-Rio de Janeiro: Graphia, 1997

motivos que provocaram as migrações, diversas foram as formas e os meios de chegada à cidade-empresa. Individualizamos algumas delas mais à frente, contudo é importante relativizar o seu potencial de migração voluntária, nos restando apenas o apontamento da relativização para se pensar as migrações.

Em relação à distribuição por gênero, notamos que há uma quase igualdade nesse sentido. O que nos leva a inferir que muitas mulheres migram com suas famílias, ~~ou~~ sozinhas, ou como chefes de família. A indústria têxtil era um dos ramos industriais que mais agregava a mão de obra feminina, vemos que existe uma pequena diferença entre os gêneros na primeira década de funcionamento.

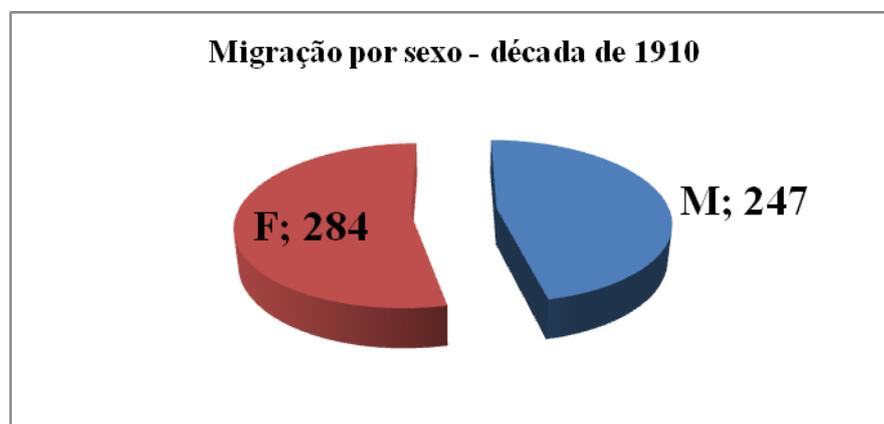


Gráfico 4

As décadas de 1920 e 1930 não só foram responsáveis por atrair grande número de migrantes, mas também por agregar os operários já inseridos no contexto da Cidade. Como veremos, o percentual de migração de oriundos de Pernambuco aumenta, e, paralelamente, o número de ingressos sozinho.

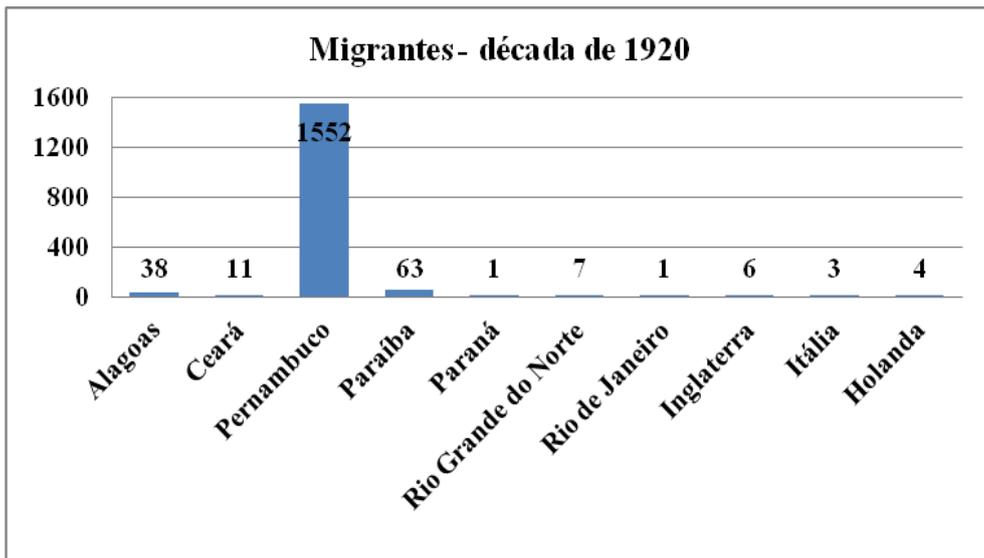


Gráfico 5

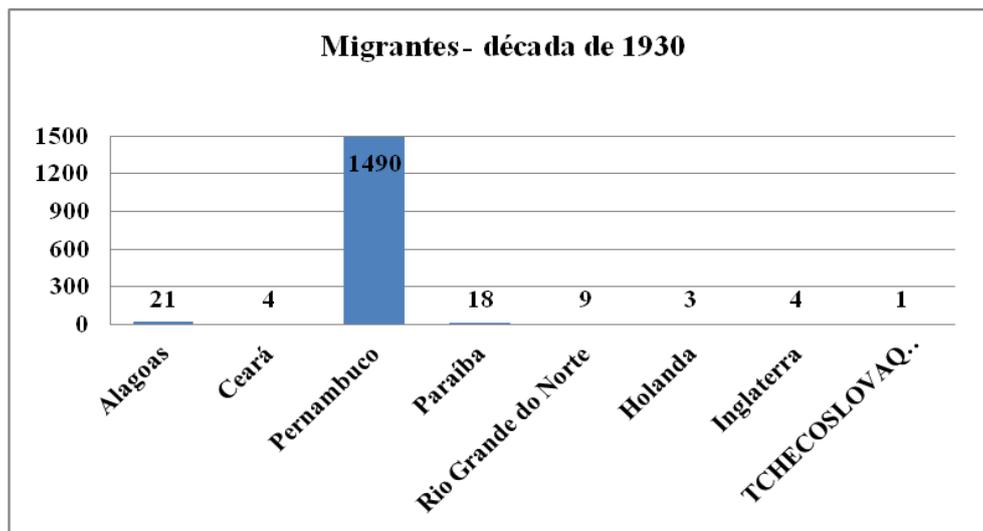


Gráfico 6

Tomando como base a relação familiar no trabalho que se estabelece nesse espaço, as implicações sobre a dominação dos operários dentro e fora da fábrica se interligam. A entrada na fábrica das gerações futuras de operários depende do comportamento das anteriores, a partir de década de 1940, o ingresso no trabalho fabril

vai desempenhar uma indicação direta de parentes e amigos que são bem vistos pela gerência. Estratégia característica das fábricas com vila-operária⁵⁸.

Era mais por intermédio dele (*que o operário entrou na fábrica*) porque ele tinha um prestígio aí tão grande. Meu pai, apesar de não ser um homem de cultura, de muita instrução, mas os estrangeiro só vivia assim com ele ó, protegia mais do que tudo.⁵⁹

O bom comportamento do operário lhe garantia a indicação de familiares ou conhecidos, da perpetuação de seus parentes na fábrica. “Meu pai me botou na fábrica como aprendiz de tecelagem”, diz também o ex-operário Osvaldo Reis. À maior parte dos nossos entrevistados o emprego na fábrica era garantido pelo bom comportamento de seus ascendentes, sua indicação garante emprego aos familiares e mantém a intenção patronal de dominação familiar através do controle da força de trabalho de famílias operárias.

Essas três primeiras décadas de funcionamento da SCBB foram a base para a formação do quadro de funcionários, marcando um quadro de migração por trabalhadores oriundos das zonas rurais. A primeira geração aprende com os chefes a nova disciplina, a importância do uso do tempo na atividade capitalista; a segunda reage mais às chefias imediatas, não se deixando submeter como a primeira; a terceira, 1940-1950, promove várias reivindicações, como agressões diretas aos chefes, não aceitação das punições e movimentos organizados, mobilizando um número maior de operários.

Esse corpo de operários, que advém essencialmente da área rural, passa por um processo de adaptação para o regime capitalista. Se antes sua rotina de trabalho estava ligada aos afazeres, aos períodos da natureza, que dão a dinâmica do trabalho agrícola, uma vez inseridos no trabalho capitalista, o tempo industrial de produção é o que vigora.

Vou te contar: a bússola da gente era o apito, sabe. Também quando a gente morava no sítio, a gente lá com aquela pobreza da gente, aí a gente trabalhava e sabia a hora pela luz do sol, sombra, a sombra da casa. A casa era oitão por

58 LOPES, José Sergio Leite. “Formas Comparadas de Imobilização da Força de Trabalho: fábricas com vila operária tradicionais e grandes projetos”. **Museu Nacional**, Universidade federal do Rio de Janeiro, 1996. LOPES, Juarez Brandão. **Crise do Brasil arcaico**. Difusão europeia do livro. São Paulo, 1967; GIROLETTI, Domingos. **Fábrica: convento e disciplina**. 2ªed. Revista. Brasília: Editora universitária de Brasília, 2002; Alvim, R. **A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren**.-Rio de Janeiro: Graphia, 1997;

⁵⁹ Entrevista concedida por Narciso da Silva Ratsi.

sol, aí ali dava sombra do sol, do telhado, né? Pela aquela sombra meu pai marcava, riscava no canto enfiava um negócio sabe? Dali a gente sabia a hora. Era a hora de a gente se arrumar e ir pro trabalho. Porque ninguém tinha relógio, ninguém tinha nada, não tinha um radio, não tinha um relógio não tinha nada. Mas como o sol muda de posição, quando sol começava a mudar, a gente prestava atenção e mudava também⁶⁰.

Essa operária que entra na fábrica em 1943, oriunda de um sítio vizinho, se refere à percepção do tempo que tinha no sítio e contrasta com o alerta sonoro que guiava o sistema de produção da unidade fabril em Moreno. O tempo cronometrado pelo relógio, auxiliado pelo apito, que norteava a hora, dava a dinâmica ao tempo naquela cidade-empresa.

Estamos entrando numa nova disciplina de controle da mão de obra. Seja no trabalho por empreitada ou para subsistência, o trabalhador oriundo do campo encontra uma nova forma de organização e dinâmica do controle do tempo, o tempo cronometrado do trabalho industrial, assumindo essa nova perspectiva no cotidiano do trabalho e também no seu espaço de ambiente familiar. “Quatro horas da manhã tocava o apito, um apito grande, era a vapor. Muita gente marcava as horas pelos apitos. Pelo apito a gente sabia a hora se era uma ou duas”⁶¹.

O que estamos examinando neste ponto não são apenas mudanças da técnica de manufatura que exigem maior sincronização de trabalho e maior exatidão nas rotinas do tempo em qualquer sociedade, mas essas mudanças como são experienciadas na sociedade capitalista nascente. Estamos preocupados simultaneamente com a percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a medição do tempo como controle de exploração da mão-de-obra⁶².

Thompson nos fala da transição da sociedade “pré-industrial” para a industrial na Inglaterra e da cultura que surge na aceitação ou na resistência que se expressam nos sistemas de poder. Estamos nos referindo ao caso isolado da nova cultura nascente na implantação da “cidade-empresa”, na zona rural de Pernambuco, onde notamos o processo da mudança da percepção do tempo, a internalização da nova disciplina e das resistências que exprimem esse novo modelo de sistema de poder. Esta empresa encravada na zona rural do estado de Pernambuco dá nova dinâmica ao tempo, atrai

⁶⁰ Entrevista concedida por Rosa José da Silva.

⁶¹ Entrevista concedida por Gersino Carneiro.

⁶² THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo : companhia das letras, 1998. p 289

peças de diferentes localidades que trazem consigo diversas formas de ver o mundo, e aqui (re) criam novos objetos culturais à luz dos novos espaços de sociabilidade, das relações patronais e da dinâmica do tempo. Estes trabalhadores criaram uma nova cultura para aqueles que internalizaram a lógica da disciplina, outros, resistiram ou não se adequaram à nova disciplina.

A nova disciplina, uma vez internalizada, faz surgir uma nova cultura, que passa pelo crivo da aceitação e internalização dos operários. Na análise sobre a migração direcionada à fábrica têxtil, percebemos que boa parte dos ingressos não permanece no trabalho, como uma forma de resistência a essa nova disciplina. Seja por opção própria ou não, muitos trabalhadores deixam os cargos na fábrica, sugerindo que boa parte desses trabalhadores pode não ter internalizado a nova disciplina. Vejamos:

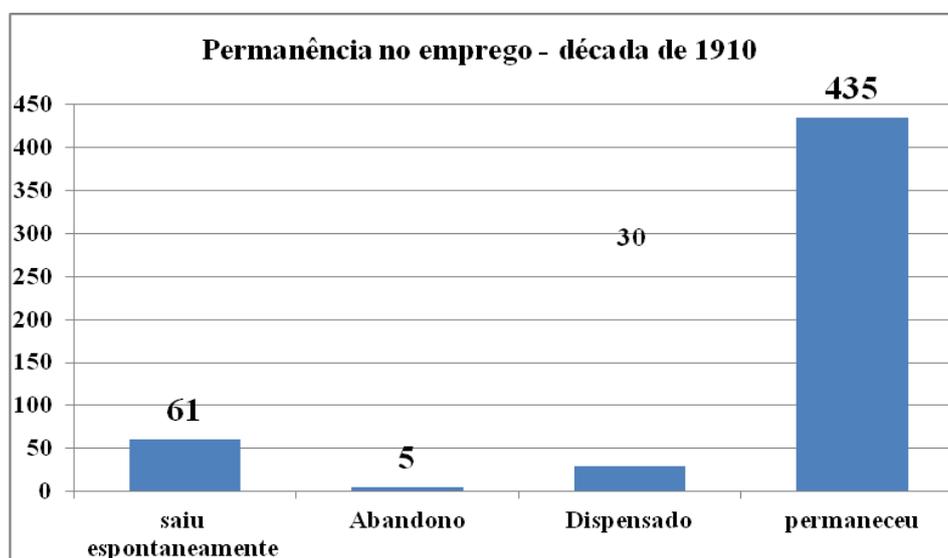
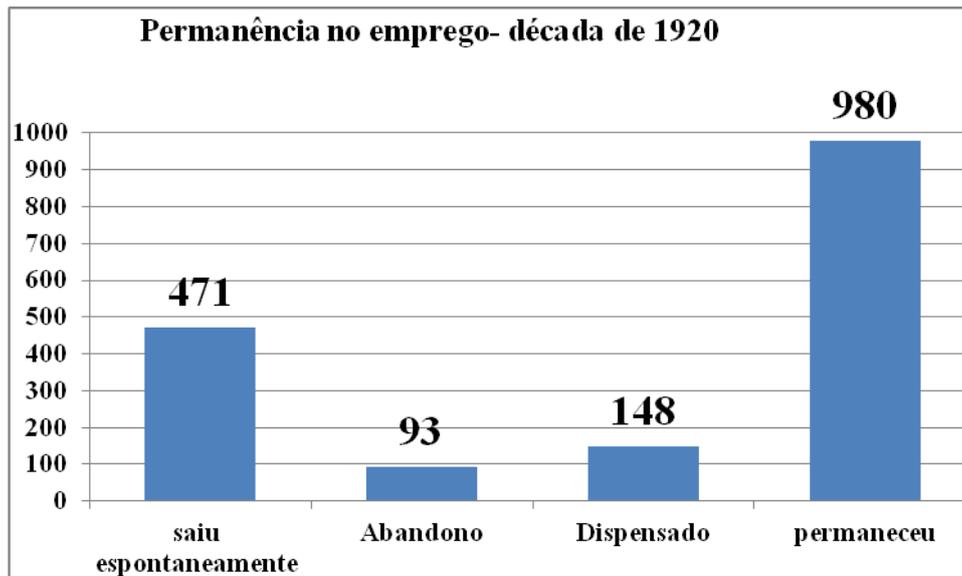
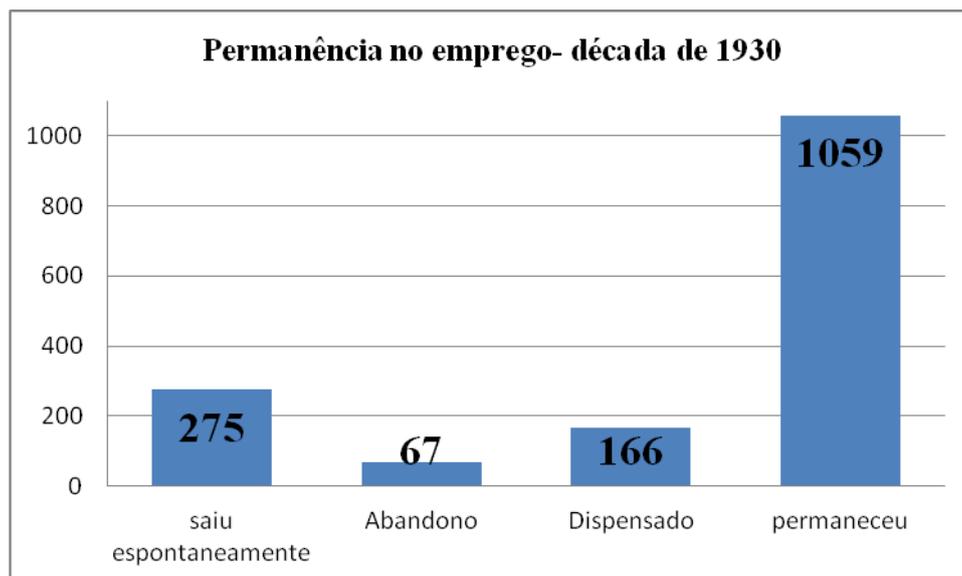


Gráfico 7

Neste gráfico, observamos parte dos trabalhadores abandonando os serviços, saindo por espontânea vontade, como consta nas suas fichas de cadastro. O abandono se refere à saída não notificada à empresa, a dispensa diz respeito a doenças, e, por último, a não adequação do funcionário às normas da empresa. Nas décadas de 1920 e 1930 esses dados aumentam proporcionalmente:



Gáfico 8



Gráficos 9

A marcação nas fichas dos operários de saída por roubo, não aceitação de suspensão pelo chefe imediato, roubo aos colegas de trabalho, brigas e indisciplina, nos mostra que a permanência do trabalhador era dada pelo seu bom comportamento e internalização da disciplina. Porém, esse processo disciplinar foi um tanto quanto complexo, baseado nas várias percepções de diferentes homens e mulheres ao novo contexto disciplinar do trabalho capitalista, uns internalizaram, outros não.

A grande oferta de trabalho nas fábricas têxteis de Pernambuco, e de uma certa forma, do Nordeste, faz com que haja certa mobilidade, seja pelas fábricas em meio rural, ou pelas fábricas instaladas nos arredores do Recife. O operário têxtil se vê com certas possibilidades de mudar-se, conseguir, com relativa facilidade, emprego nas fábricas da região.

Meu pai é de bananeiras na Paraíba, aí ele era gerente negócios de máquinas de costuras e ele andava todas essas cidades, todos esses estados aqui, foi bater em Maceió, lá ele conheceu minha mãe aí casou-se e foram morando em várias cidades, foram bater em Garanhuns, de Garanhuns foi morando e terminou em Moreno, estabeleceu-se aqui.⁶³

Na época dessa fábrica, se você sáísse já tinha outro lugar pra ir, você sendo tecelão não faltava emprego. Sáfá hoje, amanhã tava empregado. Eu tenho um menino que já botou currículo e, todo canto e não conseguiu nada.⁶⁴

Assim, apesar do controle direto na vida de centenas de pessoas, a fábrica tem concorrência, há mobilidade e oferta de emprego no estado de Pernambuco que proporcionam ao trabalhador uma grande demanda de emprego para sua mão de obra. A “cidade-empresa” de Moreno mantém um controle direto na vida de milhares de operários e suas famílias. No entanto, há operários - e famílias operárias inteiras - que veem a possibilidade da transferência entre fábricas e dela se faz valer para empregar seu trabalho em outros lugares, conforme suas necessidades e vontades.

A resistência e a não adequação ao trabalho fabril constituiu-se, assim, como uma não internalização da disciplina operária. A nova composição disciplinar da fábrica consegue normatizar comportamentos de centenas de trabalhadores, no entanto, não se trata de um “panoptismo” que tudo registra, nada escapa às suas amarras. Estamos falando de um novo sistema disciplinar e de diversas vidas, tanto a disciplina quanto os sujeitos se imbricam numa comodidade ou numa resistência que ora os aproxima, ora os separa, os distancia. E desse sistema recém instalado saíram novas formas de comportamentos, culturas, relações políticas e diferenciações de classe.

⁶³ Entrevista concedida por Humberto Montenegro.

⁶⁴ Entrevista concedida por Gersino Carneiro.

1.5. O ingresso na fábrica da geração pós-40: amigos e familiares predominam

A partir dos anos 40, os egressos na Societé vão ser os filhos ou parentes daqueles que migraram e se estabeleceram na cidade de Moreno, em sua maioria. Constitui-se na demanda por mão de obra os familiares dos já egressos, os moradores da cidade-empresa que têm, a partir do trabalho na fábrica, a moradia e o ingresso na cidade. Essa geração de trabalhadores⁶⁵, pós-1940, tem sua entrada proporcionada pela influência familiar ou de amizades. Por isso a entrada na fábrica fica condicionada à indicação dos já egressos, com exceção da mão de obra especializada, que há recrutamento direto.

Eu tava trabalhando já, fazia biscate em Recife, na casa do meu tio, né? Que meu tio era construtor, que eu não podia... aí eu soube naquela época em 52 que tava entrando gente de menor aqui nessa fábrica. Aí quando eu fui trabalhar, deixei lá meu tio, tio João e Tia Nanu e vim pra Moreno. Aí foi quando eu lutei aí pra entrar nessa fábrica. Dia primeiro de setembro de 1952, primeiro de setembro, 1952. Entrei aí com 15 anos. (...) Meu pai, tia, era tudo aqui em Moreno, né? Tia, tio, os avós que morreram, tudo era da fábrica. Minhas tias. Depois do meu avô, aí entrou outro pra o lugar. Aí a terceira pessoa, quarta pessoa, foi o meu pai, continuando aí a mesma função do veio, porque meu pai é carpinteiro. É meu pai e meu irmão, o que mora aqui ~~lá em~~ (...) pegou essa função de pai. Naquele tempo o pessoal pra trabalhar era difícil, não era? Aí o meu avô foi o primeiro chefe da carpintaria aí, seção se madeira, meu avô. Meu avô trabalhava aí no Engenho, ali no Moreno Engenho. Ali ele era... era Carpina. Fazia carroça, roda carroça, fazia essa tesouras de... pra os celeiros, porteira, carro de boi, meu pai fazia. Aí quando foi em 1907, que essa fábrica veio pra'qui, essa empresa veio pra'qui em 1907 (...) Aí entrou na carpintaria, pai tomou conta daquilo ali, aí botou o filho novato, que era pra fazer a carpintaria. Outro que era filho, que era carpinteiro, mas não aprendeu com pai não, foi numa serraria por aí. E resultado, depois que pai deixou, pai trabalhou 42 anos ali. Depois que pai deixou, ficou o primo dele, é Joãozinho, morava na pedreira. Trabalhou, trabalhou, trabalhou, trabalhou depois disso ficou na mão de um tal de João Augusto. E eu sempre fui por aí, a essa trajetória, mas nunca saí de Moreno não⁶⁶.

Os motivos para querer trabalhar na fábrica de Moreno eram a condição de morar perto do trabalho e da família, um emprego estável que proporcionava benefícios, além de se pôr no lugar de gerações anteriores que ajudaram a construir esse espaço de trabalho. Seguindo o caminho de suas duas gerações, o operário acima citado, ingressa na fábrica como tecelão. O trabalho passado por gerações é também característica da fábrica com vila operária em localidades rurais, a mão de obra se concentra em seus domínios e desse espaço produz gerações de trabalhadores.

⁶⁵ É a partir dessa geração que traçaremos nossas principais análises, o caminho percorrido até aqui se justifica para entendermos a logística da cidade de Moreno, seu espaço e seus sujeitos.

⁶⁶ Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti de Santana.

A entrada desse operário nos mostra como essa geração pós-40 tem sua entrada proporcionada pelo vínculo familiar. Vejamos mais casos:

Meu pai saiu de Limoeiro e foi pra Paulista. Chegou em Paulista, namorou a minha mãe, aí depois veio pra Moreno. Chegou aqui e trabalhou quarenta e seis anos na fábrica velha. Ainda tinha passado uns tempo aí. *Como foi que o senhor entrou na fábrica?* Era mais por intermédio dele porque ele tinha um prestígio aí tão grande. Meu pai, apesar de não ser um homem de cultura, de muita instrução, mas os estrangeiro só vivia assim com ele ó⁶⁷.

Entrei na fábrica com 13 anos, meu pai era quem abria a fábrica de manhã e quem fechava, porque era tanta gente entrava uma turma de cinco horas saía de 9, entrava uma de 2. A que saiu de 9 entrava de 2 e a que saiu de 2 entrava de 6. Meu pai que andava com todas as chaves da fábrica, meu pai é de bananeiras na Paraíba, aí ele era gerente negócios de máquinas de costuras e ele andava todas essas cidades todos esses estados aqui, foi bater em Maceió, Lá ele conheceu minha mãe aí casou-se e foram morando em várias cidades, foram bater em Garanhuns de Garanhuns foi morando e terminou em moreno, estabeleceu-se aqui.⁶⁸

Meu pai era motorista de confiança da fábrica, meu irmão trabalhava só com a direção da fábrica. Meu pai trabalhava com o setor de trabalhar com a gerência e trabalhar com os operários, com médico - que nessa época tinha médico na fábrica e os médicos tinha o direito de ir nas casas dos operários, para as famílias dos operários fazer consulta, as enfermeiras, também tinha direito de aplicar injeção - uma época maravilhosa - fazer curativo. E meu pai então trabalhava com esse povo, naquele tempo era o motorista, inclusive só pra isso. Pronto seu Valdemar quando chegava a hora do almoço dele era meu pai que levava ele em casa, na hora dele voltar era meu pai que ia buscar era assim. E meu irmão era motorista aí da fábrica, Clovis, só que meu irmão trabalha só com a diretoria, pra recife pra onde eles e as esposas deles quisesse ir era meu irmão que ia. Meu pai chegou com 15 anos em moreno, e daí quando chegou foi logo trabalhar na fábrica, eles e os irmãos dele. Meu pai morava aí pra cima pro lado de limoeiro, ele é daquele lado e os pais dele são daqueles lados. Vieram ele e três irmãos trabalhar aí na fábrica tudo trabalharam de motorista aí. Um tio trabalhava com o caminhão da fábrica, outro trabalhava com caminhão próprio, agregado pra carregar fardos pra recife pra vender. (...) eu entrei através de seu Valdemar Vasconcellos, que era gerente aí. Hoje ele é falecido e é filho de doutor Valdemar.⁶⁹

Para essa geração de filhos ou parentes de funcionários, o trabalho na fábrica aparece como o trabalho a ser desempenhado, dando continuidade a um regime de trabalho de suas gerações anteriores. Essas relações eram fortalecidas com base na confiança, sendo incentivados os laços de parentesco, o que reforçava a ideia de uma grande família.⁷⁰

⁶⁷ Entrevista concedida por Narciso da Silva Ratis. Grifos nosso.

⁶⁸ Entrevista concedida Por Humberto Montenegro.

⁶⁹ Entrevista concedida por Maria José Silva.

⁷⁰ Como veremos no próximo capítulo esse era um argumento usado pela fábrica para se referir ao corpo de trabalhadores.

Contratando familiares e parentes dos seus operários, evitava-se, na maioria das vezes, a contratação de estranhos, ou daqueles que pudessem se voltar contra o sistema imposto pela SCBB⁷¹. A entrada na fábrica dessa geração fica, de certa forma, condicionada pelo bom desempenho e boa relação de seus ascendentes. Uma vez que as relações entre as partes- empregados e empregador- se tornam em “conformidade” para se estabelecer na fábrica-cidade, a geração posterior se utiliza dessa relação para entrar no trabalho fabril.

Outro recurso que observamos, para angariar a entrada na fábrica, era a ida direta até o empregador. Muitos procuravam a gerência para tentar o ingresso ou recorriam a atravessadores que prometiam o trabalho, mas, sendo estes membros das relações familiares existentes.

Eu era pequenininha! 14 anos, aí eu fui e já falei mesmo com “mistehomi”. Aí quando chegou lá o vigia deixava entrar eu e um colega meu, falei com ele na mesma hora, ele mandou a gente fazer um teste, aí eu fui fazer o teste no outro escritório que era pegado, falei com as moças lá e fiz, minha amiga não ficou não, porque ela não dizia trinta e três, era tlinta e tlês (risos). Eu sei que eu fiquei. Marcou consulta médica, depois fui trabalhar. “Mistehomi”, eu fui no escritório dele. Ele era tão bonzinho visse, aquela criatura deve ser santo lá no céu⁷².

Ao fazer o contato direto com a gerência havia um teste através do qual eram solicitados certos requisitos para a contratação do empregado. A operária, que tinha a sua irmã trabalhando na fábrica, dispensa a intermediação de parentes tentando diretamente com a gerência o emprego. A ligação direta da gerência com os operários é um fator que marca o cotidiano em Moreno, o “Mister homi”, John T. Walmisley, gerente técnico da SCBB, desempenhou um modelo de administração, que como se vê, deixou boas lembranças em muitos operários. A sua imagem de homem bondoso, atencioso, gerente que proporciona o ingresso no trabalho, bom tratamento, ajuda e assistencialismo dentro e fora da fábrica é um fator que marca a memória dos ex-operários entrevistados por nós⁷³.

⁷¹ O que não quer dizer que não houvesse atritos entre os indicados, porém, sendo filho, parente ou indicação de funcionários conseguia-se manter maior controle nas suas vidas por meio de influência que extrapola os muros da fábrica.

⁷² Entrevista concedida por Rosa José da Silva.

⁷³ As relações paternalistas que se processam na fábrica serão discutidas no 3º capítulo dessa dissertação.

Essa operária, oriunda de um dos sítios alugados pela fábrica, segue os passos de sua irmã e deixa a vida rural pelo emprego da fábrica. A SCBB manteve nas suas áreas mais afastadas sítios arrendados a pequenos agricultores como medida para incentivar o abastecimento do mercado alimentício local.⁷⁴

Meu pai era a gente tinha sítio, ele trabalhava como agricultor trabalhava no sítio, tinha tudo no sítio, tudo, tudo que você imaginar, só não tinha coco. E minha mãe também comprava verdura, comprava não, plantava e criava os bichos dela, cabra, galinha, peru. O sítio era dele, era arrendado a fábrica⁷⁵.

O arrendamento de sítios e a política de boa vizinhança⁷⁶, que a Societé fazia com as áreas rurais, incentivou o abastecimento no mercado público construído em 1922⁷⁷ pela empresa. Os domínios da empresa vão além da estrutura fabril e das casas da vila operária, se estende, estrategicamente, até as zonas rurais, ou áreas periféricas, no incentivo e aluguel para que se produzissem alimentícios negociáveis no mercado local.

Tendo como maior fonte de ingresso os descendentes dos operários - a partir dos anos 1940-1950 - que já eram seus empregados, a SCBB recebia, também, mais pessoas de fora. Ou, quando precisava de alguma mão de obra especializada, procurava e negociava sua ida para Moreno.

“Eu vim pra’qui chamado, até a companhia mandou buscar meus troços, eu morava na torre, aí a Cia me convidou para a fábrica velha, né? Eles me convidaram pra aqui, me deram casa, o caminhão foi buscar meus troços”⁷⁸. O trabalho de construção da vila é uma constante, encontramos plantas de alargamento da vila na década de 1940-50 sendo construídas diversas outras casas para agregar mais operários⁷⁹. O convite aos operários especializados desempenhava uma estratégia de alocação desse tipo de mão de obra em pontos chaves na fábrica. Seguindo a tendência, esses operários vêm com toda sua família à fábrica têxtil, pois, a demanda por trabalhadores agrega grande parte da família no trabalho industrial.

⁷⁴ver anexo 1.

⁷⁵idem

⁷⁶ Apud JEAN, Suettinni. **Um lugar belga em Pernambuco: o núcleo fabril da SocietéCotonnièreBelge-Brésilienne S. A. e a consolidação em cidade de Moreno.** Dissertação de mestrado CAC. Arquitetura. Recife, 2011. p. 86

⁷⁷ Correio de Morenos, 13 de novembro de 1922. APEJE.

⁷⁸ José Maurício de Moraes, entrevista concedida em 16 de Junho de 2010

⁷⁹ Ver plantas do alargamento da vila operária em anexo 2.

A forma de dominação característica à da fábrica com vila operária parece sustentar-se, entre outros pontos, na ideia de que havia oferta de emprego para todos, A grande demanda e a imensa procura por trabalho proporcionam àqueles que têm seu emprego, e a seus familiares, uma espécie de relação íntima com a fábrica. A menção ao trabalho abundante aparece como elemento crucial para o modelo de fábrica com vila operária.

Essa visão nostálgica do pleno emprego do passado é transmitida tanto através da sua corporificação nos menos aptos ao trabalho, as crianças, os velhos, os deficientes físicos, quanto através de sua objetivação em determinados monumentos e ruínas, antigas fontes de trabalho ⁸⁰.

1.6. O aprender na prática e a qualificação pelo SENAI

O início do trabalho na SCBB era aprendido na prática. Os funcionários entravam como aprendizes para iniciar o trabalho, observando como deveria ser feito o serviço, depois passavam a ocupar o cargo para o qual estavam sendo treinados. O aprender na prática monta uma relação de aprendiz e mentor nos serviços fabris.

Naquele tempo meu pai era muito conhecido aqui ele falou com seu Valdemar, seu Valdemar foi e mandou me chamar. Ai eu fui aprender ainda a profissão de tecelão depois que eu aprendi foi que me deram máquina e eu fiquei trabalhando até fechar. Entrei como aprendiz de tecelão, fiquei nisso até fechar.⁸¹

Cheguei aqui em 1950 eu, minha esposa e cinco filhos, três rapazes e duas moças. Botei tudo pra aprender aqui, eles aprenderam a profissão e ficaram trabalhando. Depois, um dia desse fiquei viúvo ai vim morar com minha filha, a dona dessa casa...e minha casa eu coloquei a outra filha morando nela, a 214...minha casa própria.⁸²

Na geração pós-40, o trabalho ainda era aprendido com outros que já exerciam suas funções. O aprendiz seguia os passos do funcionário indicado e responsável por lhe passar as instruções, depois de aprendido, era efetivado no cargo que fora treinado. A grande oferta e demanda, aliada a uma concepção de trabalho para todos, faz com que um grande número de crianças seja treinado e posto no trabalho operário. Grande parte dos empregados da geração pós-40 entra na fábrica ainda criança. Isso, talvez, não foi

⁸⁰ LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988. p 65

⁸¹ Entrevista concedida por Maria José Silva.

⁸² Entrevista concedida por José Maurício de Moraes.

diferente para as primeiras gerações, mas para a geração pós-40, na qual nos detivemos nas entrevistas e maiores abordagens, foi algo comum o ingresso ainda criança.

Eu botei uma menina, ensinei ela, com doze anos de idade, pra trabalhar. Todo mundo precisava de trabalhar, minha flor. (...) Ensinei ela. Botava um caixão, que ela era tão pequena, pra ficar só debruçada na máquina, pra passar fio, eu ensinei ela. Aí ela ficou muito contente. Era a tecelagem, aonde eu ensinei ela.⁸³

A lógica de trabalho nas cidades-empresas, das primeiras décadas do século XX, era a oferta de trabalho para todos os componentes da casa. O que caracteriza a intenção patronal no controle direto do núcleo familiar.

Na década de 1950, a fábrica fecha acordo com o SENAI para incentivar a especialização do trabalhador já egresso no ambiente de trabalho. O aprendiz já efetivado no cargo vai ao SENAI para ter uma melhor qualificação.

A fábrica me botou um ano no SENAI de areias, eu me formei no SENAI de areias. Eu comecei como ajudante de serralheiro depois fui a torneiro, me formei como torneiro mecânico e soldador.⁸⁴

Meu pai me botou na fábrica como aprendiz de tecelagem, aí eu comecei trabalhando na fábrica aí fui fazer um curso de tecelão no SENAI, na escola industrial lá em Areias, aí passei lá um ano mais ou menos, depois comecei trabalhando como tecelão aí passei 3 anos ou 4 como tecelão, depois eu fiz um curso de contramestre, contramestre é aquele mecânico...aí depois eu passei uns 8 anos ou 9, depois cisme de ser militar aí fui ser fuzileiro naval.⁸⁵

O operário tem no SENAI um importante subsídio de melhoramento técnico da sua mão de obra⁸⁶. Não era preciso um grande número de trabalhadores qualificados para os quadros da empresa, porém o SENAI aparece como centro para qualificar o aprendiz ou qualificar o trabalhador já egresso para outra função. Fator que já era feito por outras empresas têxteis da região.

Grande, a fábrica de Paulista era grande. Lá tinha o SENAI, eu entrei pra tirar o curso aí tirei o curso passei um ano estudando, aí quando passei um ano que aprendi vim tomar conta de Moreno⁸⁷.

⁸³ Entrevista concedida por Maria José Gomes do Nascimento.

⁸⁴ Entrevista concedida por Humberto Montenegro.

⁸⁵ Entrevista concedida por Osvaldo Reis da Silva.

⁸⁶ Correio de Moreno, 10 de junho de 1951. P.01. APEJE.

⁸⁷ Entrevista concedida por José Maurício de Moraes.

Esse operário vem convocado pela fábrica para assumir o cargo de contramestre. Depois de passar pelo SENAI de Paulista é convidado a assumir um cargo e a se mudar com toda sua família para Moreno. Era preciso trabalhadores qualificados em pontos estratégicos da empresa, como os técnicos das diferentes seções.

(...) era ordem rapaz. “Você vai trabalhar comigo, eu sou contramestre, você é operário...” E eu ficava pra consertar, contramestre era pra consertar, recebia ordem da gerência o tipo do fio que queria e a gente distribuía.⁸⁸

A hierarquia da empresa tinha os gerentes técnicos, responsáveis pela parte técnica de cada seção, os contramestres e os operários. Os contramestres eram a chefia imediata dos operários, recebiam as ordens da gerência técnica e tinha a função de “botar o operário para trabalhar”. O bom desempenho dos chefes era essencial para o funcionamento da fábrica e do seu sistema de dominação. O exercício de um cargo de confiança era motivo de destaque entre os operários e da fábrica, suas fiéis atuações eram retribuídas com casas diferenciadas na vila operária, o que era um grande prestígio no meio operário local.

Os cargos mais qualificados - técnicos e gerentes - vinham do exterior. Sendo uma empresa estrangeira, não tinha problemas em contratar a mão de obra qualificada para compor as seções de branqueamento, caldeiras, eletricidade, entre outros. A incorporação de técnicos nas fábricas têxteis foi algo recorrente até fins do século XIX⁸⁹, no entanto, na SCBB, observamos uma continuidade desses técnicos sempre compondo os quadros especializados da empresa. Sem problemas com tradução e comunicação, os industriais da Societé tiveram uma ampla rede de possibilidades na contratação dessa mão de obra, um dos empecilhos e complicações para muitas empresas têxteis de regiões isoladas⁹⁰.

A maior parte dos cargos técnicos especializados veio da Bélgica e Inglaterra, porém, encontramos técnicos holandeses, russos, tchecos, italianos. Enfim, em todos os períodos da fábrica, houve nos cargos técnicos centrais dos processos de produção a mão de obra estrangeira. Mesmo com a formação e aprendizagem técnica dada pelo SENAI, os cargos técnicos sempre foram ocupados por agentes imigrantes.

⁸⁸ idem

⁸⁹ GIROLETTI, Domingos. **Fábrica: convento e disciplina**. 2ªed. Revista. Brasília: Editora universitária de Brasília, 2002. P.123

⁹⁰ Idem P. 130.

Assim, a cidade de Moreno tem seu cotidiano marcado pelo trabalho industrial. Extensas horas de trabalho sem estipulação de salários fixos resistiram até meados dos anos 1950, o dia a dia da cidade era envolvido pelo agitado fluxo de trabalhadores que viviam em diferentes lugares da cidade, uma classe operária que se distinguiu pelas peculiaridades em relação às suas moradias, às relações políticas típicas de regiões rurais, à cultura operária que envolvia seu cotidiano além-fábrica, bem como, às formas alternativas de complementar a renda do salário industrial, em muitos casos, com atividades rurais.

Capítulo II: Os espaços como parte da formação de classe: moradias e sociabilidade além-fábrica

A soma de tudo isso é uma percepção crescente de uma classe operária única, aglutinada através de um destino comum sem levar em consideração suas diferenças internas.
(Eric J. Hobsbawm)

Ao analisarmos a comunidade operária da cidade de Moreno, suas moradias e relações paternas entre empregados e empregadores, estamos situando nosso discurso na esfera cotidiana desses homens e dessas mulheres que tiveram suas vidas envolvidas em diferentes concepções e situações. Neste momento, entraremos nas particularidades que o espaço além-fábrica criou e que os seus operários significaram, resignificaram e viveram. A análise desses espaços de sociabilidade se torna ponto chave para compreendê-los sob o prisma da cultura operária característica de um espaço semirural. Assim, devemos ver esses espaços não como complementos de uma análise sobre os trabalhadores, mas como componente da vida dessas pessoas, do processo do *fazer-se* da classe operária.

Os estudos dos espaços no processo de formação da classe estão em evidência e nos apresentam novos paradigmas para a análise da história social do trabalho. Analisar os espaços implica observar os caminhos e percursos da vida dos trabalhadores. Para o sociólogo Mike Savage:

Essa formulação nos possibilita reconhecer certas pressões estruturais sobre a vida do operário, embora também pontue a urgência de examinarmos a enorme variedade de táticas que trabalhadores podem escolher para cuidar de seus problemas - da luta contra seus empregadores à formação de cooperativas, à demanda de amparo estatal, à tessitura de redes de apoio nas vizinhanças e por aí vai. É tão relevante olhar para as estratégias de vida atualizadas nos bairros urbanos e nos lares quanto para o processo de trabalho em si mesmo. Nesse olhar, o trabalho, enquanto emprego, não carece ser visto como o único ou o principal eixo da classe social⁹¹.

Estaremos a relacionar os espaços que envolviam os operários: as moradias, as praças, o futebol e, posteriormente, os clubes, enfim, as formas de sociabilidade além-fábrica. Dessa forma, entendemos que a análise desses espaços faz parte do

⁹¹ SAVAGE, Mike. **Classe e história do Trabalho**. IN: **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**/ Claudio H. M Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes (org.). – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. P. 33.

processo de *fazer-se* da classe, pois eram nesses lugares onde as identidades eram construídas, fortalecidas, onde as relações sociais foram criadas, onde se estabeleceram diferenciações entre a classe operária e a elite local.

Sendo a SCBB uma fábrica com vila operária, estando a cidade de Moreno envolvida por esta estrutura fabril e com as experiências cotidianas dos operários, vamos levantar a discussão que perpassa as práticas cotidianas características de um espaço semirural, uma fábrica com vila operária no interior.

2.1. Onde moram os operários

A maior parte dos trabalhadores da SCBB morava na vila operária. Lugar, por excelência, para abrigar os operários, a vila era sempre expandida, porém, a grande quantidade de mão de obra não possibilitava o acesso rápido ou, simplesmente, o acesso a casa na vila operária. Existiam muitas casas que abrigavam mais de uma família e existiam várias famílias esperando por casas. Essas demandas começam a aparecer quando a geração pós-40 começa a formar famílias, quando o número de casas não é compatível com a perene migração - em menor escala, mas perene também nos anos 1940-1950. Ao constituir uma nova família, a casa dos pais deixa de ser o seu lar, o trabalhador inicia, assim, a procura por casa dentro do complexo da vila, encontrando dificuldades para conseguir a nova moradia.

Nos primeiros anos de 1940, aparecem críticas sobre as moradias dos operários de Moreno, sobre suas condições e o acesso aos operários:

Podemos admitir uma cidade sem vida própria, uma cidade trustificada sem patrimônio. Moreno, infelizmente (*rasurado*) não deixa de ser dentro da lógica um Estado em miniatura. E de lá que somente a fábrica tem o direito de construir. Constantemente estou sendo procurado por operários com anos de trabalho para pleitear da empresa uma casa. (...) Para se ter uma ideia mais perfeita o que é a habitação em Moreno, basta que diga haver casas com mais de uma família e nada menos que quinhentos operários com seus (rasura) no escritório da empresa aguardando casa. Não é possível, pois, que tal estado de coisas perdure por mais tempo⁹².

A fábrica tem o domínio quase por completo das moradias da cidade, dessa forma, mesmo com o serviço de alargamento, o número de casas é incompatível com a

⁹² Folha da manhã, 22 de setembro de 1945. APEJE.

demanda por moradias. As críticas surgem e um questionamento é feito: como pode uma cidade autônoma deixar-se ficar a mercê da vontade de uma empresa privada para construção de moradias e até de obras públicas?

Em sua coluna no *Jornal do Commercio*, o jornalista Mario Melo publica uma carta que recebeu sobre as condições de moradia e de interesse público em Moreno:

(...) Pode o solo de um município pertencer exclusivamente a um único proprietário e este proibir que se construa na cidade. É o caso de Moreno. Todo o perímetro urbano e suburbano está situado em terras da “Societé” e ela não consente que se edifique nos seus terrenos. Pode uma cidade ser edificada em uma propriedade particular? (...) Existem inúmeras casas ocupadas com duas ou três famílias. Operários há que moram em fundo de cartórios. Há famílias que se vem obrigadas a morar nos fundos de uma casa, cuja sala principal é ocupada com acessórios de automóveis pertencentes a outro cidadão. Diversos rapazes que se casam vão residir nas casas dos pais por falta de casas. (...) os entendidos que moram lá e leram o que v. s. já escreveu sobre o caso, discordaram de v. s.. dizendo que não se pode requerer do prefeito que se construa em propriedade alheia. Estes entendidos considera lá como um engenho, e dizem que o fato de Moreno ter passado a ser cidade não desaparecia o direito de propriedade.⁹³.

A denúncia evidencia a situação de domínio mantida pela fábrica em toda a cidade, não permitindo que sejam construídas casas ou qualquer interferência sem sua autorização. O denunciante chega a comparar a SCBB com um engenho, onde todo o poder é do seu proprietário. O que já evidencia a existência de política de domínio bastante tradicional, permeando uma unidade produtiva capitalista⁹⁴.

Além da vila operária da fábrica, existiam outras formas de moradia como casas de aluguel de comerciantes locais que abrigavam, de forma precária, alguns operários:

Entrevistador: quando o senhor casou, o senhor veio pra cá pra essa casa?

Entrevistado: Aonde tem aquele mercadão, né? Não tem aquela entrada? Ali atrás tem... agora tem muita casa, mas naquele tempo só tinha duas vilazinha, que era do finado Argemiro. Finado Argemiro foi prefeito, foi não sei o quê de Moreno, foi vice prefeito, que ele era não sei o quê da Marinha, da marinha, Seu Argemiro

Entrevistador: Mas era da fábrica também?

Entrevistado: Não, não, particular.

Entrevistador: Aí o senhor casou e foi pra lá.

⁹³ *Jornal do Commercio*, 19 de novembro de 1942. APEJE

⁹⁴ Sobre a política de domínio dos trabalhadores da SCBB Ver capítulo 3.

Entrevistado: Casa particular. É uma vilazinha que tem, casa *junto com os gados*. Quatro vãos. Eu morei ali na casa de seu Argemiro⁹⁵.

Este operário, por não conseguir casa na vila da fábrica, recorre a terceiros para alugar a sua primeira casa depois de casado, uma casa “junto com os gados” fora do modelo predominante de casa higiênica da vila operária de Moreno. Essas casas faziam parte do subúrbio rural da cidade por se tratar de moradias mais afastadas do centro e descaracterizadas da vila operária. Muitas eram as famílias trabalhadoras da fábrica que residiam nesses espaços, o exemplo do operário citado acima, demonstra como eram alugados e habitados esses lugares. O operário Valdemar Cavalcanti conta ainda sua peleja para conseguir uma casa dentro da vila, após seu aluguel na propriedade “junto com os gados” ser aumentado em 100% :

Porque ele disse assim, “olhe, você tá bem colocado em Moreno, você não precisa de casa, você já tá bem colocado em Moreno, casa serve para o pessoal de fora, não pra operário daqui, você tá bem colocado em Moreno”, olha foi uma briga tão... lutei, lutei, lutei, lutei. Eu cheguei ao ponto de falar com o dono da fábrica e ele me arranhou essa casa.

(...) Depois dizia “olhe, sabe de uma coisa Santana, você... casa pra você não tem”, abusado, sabe? Casa você não tem, casa aqui é pro pessoal de fora, você tá bem colocadinho no Moreno. Aí eu cheguei... cheguei ao ultimo degrau da vida, né? desci o degrau e fiquei pensando, pensei, agora só tem uma alternativa, é eu falar com o dono da fábrica. Com o dono da fábrica, mas coragem eu tenho. Aí quando eu falei... eu disse ao povo, que eu era encarregado naquele tempo, de sessão já. Aí antes de eu falar com ele, eu disse a sessão todinha, “tá ruim de trabalhar, vou falar com Seu Charles aí, vou pedir uma casa a ele”. Tem um tal de, um cara medroso mesmo, mas é medroso que é medonho, Gilberto Viana, não sei se você ouviu falar disso não, trabalhava na bancada. Vou falar com Seu Charles sobre a casa, “tu não vai falar não porque ele vai te botar pra fora”, mas também as meninas dizia, as meninas da bancada, Dona Alzira viu, “tu vai perder o teu emprego”, eu digo “vou pro inferno, mas vou pedir uma casa a ele”. Todo dia ele vinha, o belga, todo dia ele vinha pela aquela capa verde, aquela capa de náilon, não sei o quê de náilon, ia lá na balança da engomadeira, se pesava, ia passar dentro da sessão que eu trabalhava. Se pesava em outra balança pra ganhar aqui esse terreno aqui, a fiação, voltava. Ele foi lá dentro, eu digo “Gilberto, comadre Dona Alzira, é hoje!”, aí fui lá dentro. Quando o pessoal....quando ele vem pelo corredor, chegou na bancada no meio da sessão, “Seu Charles”, ele parou, “boa noite”, “boa noite, o que o senhor deseja?”, “Seu Charles, é o seguinte, eu trabalho aqui já há quase vinte anos, a esposa está aqui com vinte anos nessa companhia, agora eu tô lutando pra ganhar uma casa da companhia, porque eu tô morrendo em casa particular, o proprietário morreu e a dona pediu a casa, desocupar casa nas carreiras porque eu penso que ela tá pedindo, não tenho dinheiro pra isso. E eu fui vindo aqui pra o senhor arrumar uma casa pra mim”, rapaz, ele olhou assim pra mim, “você já falou com Dona Aurinha?”, eu disse, “o que ela disse a você?” “ela arrumou a casa, mas seu Valdemar deu não, a última palavra é a dele”, que era o

⁹⁵ Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti de Santana. Grifos nosso.

gerente, né? “E Danilo?”, “falei com Seu Danilo”, “Zezo!”, aquela fala dele, que eu não entendia fala dele.

“E Seu Valdemar?”, “eu falei com ele, mas ele... quem protesta é ele”, “o que foi que ele disse ao senhor?”, “ele disse que casa pra mim não tinha, que eu tava muito bem colocado dentro de Moreno, que casa era pro povo de fora”, aí foi quando ele soube que o pessoal de fora tava entrando aí dentro, que ele não queria, só queira gente da terra. O homem é vermelho, esse povo gringo é vermelho, mas ficou branco. Uma cara de... a agenda aí que ele tem... aquela caneta, aquela caneta verde. Pra mim eu não sei caligrafia de inglês. Isso tudo era Valdemar, papel. “Aqui o senhor entrega a Seu Danilo, hoje não que já é nove e meia, amanhã o senhor entrega a ele. Agora eu quero saber a resposta, que eu vou pra Inglaterra, não, que eu vou pra Bélgica, mas pra semana estou aqui e quero saber se o senhor recebeu a casa ou não”, mesmo assim rapaz, olha. Aí cheio de papel. Ele deu as costas e eu fiquei na sala “é hoje! O samba é amanhã!”, aí cheguei. No outro dia já tava indignado comigo porque fui lá tantas vezes “de novo, seu Vado, de novo?”, aí “Brás, eu quero falar”. Brás é um... chama-se o pai de ameixa. Ameixa um eletricitista da prefeitura, um pretinho, baixinho, chama Ameixa, Brás. Brás era o (contínuo) dele. “Brás, eu quero falar com Seu Valdemar”, tava assim a reunião lá dentro, sabe? Os caras, os nojentos, tinha um seis homens assim, mais ou menos. Aí eu “Brás, eu quero falar com Seu Valdemar”, “não pode não”, aí ele com aquela fala, que ele é (gago), “não pode não porque tá em reunião ali, ali é segredo da companhia, não pode, você não pode falar com Seu Valdemar”, eu digo “eu tô pedindo a você, vá dizer ali que eu quero falar com ele, se você não deixar, eu pulo isso aqui”, que tinha uma cerquinha assim, sabe, um portãozinho. Foi lá, “seu Valdemar, o filho de Tinoco quer falar com o senhor, Santana”, aí olha aqui, fez assim, aí eu marchei, fui pra aquele muro. Levantou-se brabo “de novo você aqui de novo, Santana, o que é que você quer? Já disse que casa pra você não tem, que é pra ficar pro povo de fora? De novo você aqui”, eu digo “tem casa pra mim”, mesmo assim, eu sou frio. O nome dele também é Valdemar.

É. “e não tem casa pra mim?”. Rapaz, aquele bilhete que eu dei a ele, ele nem leu. Ele viu foi a assinatura do homem. (...) Oxe, olhe ele ficou assim, o cara já é branco e ficou assim. Abriu uma gaveta, abriu outra. Ele andava com um revólver deste tamanho pendurado. (...) Era. Com aquela correia, sabe? Pra mim ia abrir a gaveta pra tirar aquele revolver, mas não foi. Foi procurando documento de casa, que tinha muita casa desocupada. Botou aquilo ali, “ô Brás, procura...” até me esqueci o nome do homem, que ele andava num cavalo olhando a propriedade, né? Me esqueci o nome daquele homem, o velhote. Ele... o trabalho dele era esse, aquela farda, né? (...) resultado, ele foi lá. Aí disse... É Vicente Costa. “Vicente, vai na propriedade e vê as casas que tá desocupada”, rapaz, são três, três casas, essa, apareceu lá na ABC uma. Aliás, foi quatro casa, essa, no ABC, outra lá na sete de setembro, onde mora meu menino, Evaldo, outra foi aqui perto da padaria de Nino. Que tem a padaria de Nino, a casa mais em cima. Ali, quatro casa.⁹⁶

Por achar que o operário estava “bem colocado em Moreno” o gerente não lhe oferecia uma casa na vila operária. Por serem filhos de operários e já morarem na vila, ele não queria que o casal ocupasse outra casa da companhia, sendo as casas para operários oriundos de outras localidades. Mas o operário Valdemar Cavalcanti insiste e procura o gerente geral Charles de Vocht, que o encaminha diretamente com ordens para lhe conseguir uma residência. Esse operário consegue o ingresso na vila depois de

⁹⁶ Idem

ter passado pela moradia alugada. Vemos como era importante e atraente a vila, pois proporcionava uma boa qualidade de moradia, um aluguel a baixo custo e uma residência mais próxima do trabalho. Em contraposição às moradias improvisadas em áreas mais afastadas “em mocambos, cocheiras, casas de farinha, casas encostadas, quartinhos sem ar, luz ou qualquer condições de higiene”⁹⁷ existentes em Moreno. A maioria dos operários habitavam as casas da vila, mas havia os improvisos.

Indicadores do município do ano de 1947⁹⁸ mostram a quantidade de habitantes no município: 7.330 na área urbana da cidade, e os das áreas suburbanas e rurais com 14. 226. As áreas suburbanas correspondem aos arredores da cidade, fora do centro e da vila operária. Não podemos quantificar os moradores das áreas suburbanas, uma vez que aparecem com os das áreas rurais, correspondentes aos diversos engenhos açucareiros da região. Podemos inferir, no entanto, que esses moradores se tornam expressivos a ponto de saírem no recenseamento. Temos nesse espaço industrial, uma estrutura que também possibilita uma vida agrícola: operários que desempenhavam um trabalho industrial e tinham atividades ligadas ao mundo agrário. Os moradores dos "subúrbios rurais" eram operários e sitiantes⁹⁹. O caráter semirural de Moreno não estava apenas ligado a seu modelo político, as moradias e os espaços de vida dos operários também dão tônica para um ambiente semirural.

Ele morava no Tucano. (*o tio com quem a entrevistada morava*) Sabe onde é o Tucano? Não tinha a Borborema? Desse lado aí, assim, da Borborema do outro lado. Era um sítio, era tudo sítio. Eu morava, eu mais meu tio, mas a gente morava em casa alugada. Sítio, era. (...) O sítio era pequeno. O dos outros era grande, o dele é que era alugado, era casa de aluguel, sabe.. Tinha, tinha muita gente. Tinha... Olha, se eu for contar, nem me lembro tanto. Tinha Seu Manoel, o Limoeiro, tinha o marido de Dona Luiza que eu me esqueci agora o nome dele, um homem chamado Seu Manoel do Tempero, que vendia tempero. Tinha Dona Maria, professora, também. (...) Tinha sítio, era, morava nesses sítios. Agora era os... todo mundo da família tinha gente que trabalhava, porque se não trabalhasse, não ia viver. Agora Dona Maria era professora. Um homem chamado Zé Cardoso era sanfoneiro, era trabalhador da fábrica também, de noite.¹⁰⁰

Essa operária morava em um sítio na área suburbana, ela, seu tio e diversas pessoas eram agricultores e trabalhadores da fábrica, uma forma de subsidiar a renda

⁹⁷ Jornal do Commercio, 4 de agosto de 1945. APEJE.

⁹⁸ A voz de Moreno, 3 de março de 1954. APEJE

⁹⁹ Agricultor em uma pequena propriedade de terra.

¹⁰⁰ Entrevista concedida por Maria José Gomes do Nascimento. Grifos nosso.

familiar, seja com a criação de animais ou a plantação para o consumo da casa. Nos subúrbios rurais, era comum o operário ter essa dupla jornada de trabalho e de renda para a casa.

Assim, eram comuns tanto a atividade agrícola dos operários nos subúrbios rurais, quanto a criação ou plantação nos espaços da casa da vila operária.

(...) tinha o quintal, né, sempre era um quintal grande. Não é? Que dava pra eles, se quisesse, plantar, criar... Entende? Mas na frente não. Meu pai tinha gado. Tinha gado, porque o quintal era imenso e ele criava gado. Vaca leiteira. (...) Quase todos os operários. Eles... Meu pai criava gado. Criava porco. Mas só pra casa. Entende? Criava galinha, entende. Mas só pra o consumo da casa. Agora o leite, nesse caso, do meu pai, o leite ele vendia.¹⁰¹

O sítio de moreno era uma casa era um pequeno lote um terreno da porra eu plantava coentro eu e meu avô Augusto, Augusto cunha, Augusto Ferreira da cunha meu avô, Hermes era operário da fábrica tinha a casinha dele lá tudo mas não tinha (?) aí sábado e domingo ele ia lá pra casa Hermes vou ocupar ai teu terreno vou plantar ai me chamava, era coentro, cebola, alface né? Milho, feijão ai a gente saia plantando tudo né?¹⁰²

José Sergio Leite Lopes fala dos roçados dos operários da Companhia de Tecidos Paulista, na cidade de Paulista, em Moreno também encontramos esses roçados e criação de animais nos espaços das casas da vila. O que reforça nosso argumento de um espaço semirural.

Em 1948, o prefeito Antônio Lemos Sobrinho - que assumiu após a abertura política com a nova carta constitucional - mantém uma boa relação com a fábrica e consegue que operários construam suas casas em uma área delimitada por ela. Proporciona aos operários a liberdade de construção em suas terras tendo que pagar aluguel pelo terreno, uma espécie de arrendamento do terreno.¹⁰³ Pela primeira vez, uma área de propriedade da fábrica era demarcada para a livre construção, para os operários ou para quem quisesse construir de forma autônoma. “E assim o povo desse município vê realizado uma das mais velhas aspirações de todos os tempos”.¹⁰⁴

Eu cheguei ali só tinha Seu Apolônio. Era um mato, meu filho, que você espiava assim. Eu disse pro meu marido: “oh, onde é a água aqui?”. Ele disse, “é ali”. Ele fazendo, meu filho, eu não (...), ele ia ((ripando)) a sala. A salinha. Era uma sala, um quarto, e a cozinha, o banheirozinho ficava do lado

¹⁰¹ Entrevista concedida por Zita Brito.

¹⁰² Entrevista concedida por Aybirê de Sá. Projeto Marcas da memória, UFPE.

¹⁰³ Correio de Moreno, 29 de Fevereiro de 1949. APEJE.

¹⁰⁴ Idem

de fora. Olha uma pobreza desgraçada. (...) a gente comprou o terreno e fizemos uma casinha. (...) Fora da vila operária. Eu já tava casada, mãe dele. (*aponta para seu filho*) Na época, esse terreno era da fábrica, muito bem. Então, (...), quem desapropriou assim pra elas morarem, mas pagava o terreno, foi o prefeito Antônio de Lemos Sobrinho. (...) Antônio de Lemos Sobrinho. Ela quem conta, porque eu não alcancei não, sabe. Eu era pequena. Agora, tem a Capela de Santo Antônio, ali em cima, foi Antônio de Lemos Sobrinho, foi. Aí esse terreno, meu amigo, era que pagava o foro.¹⁰⁵

Quando casa, a operária que morava num sítio do subúrbio rural, muda-se para a nova área que foi disponibilizada para a construção livre de a quem se interessasse. Essas áreas foram ocupadas em sua maioria por operários que não conseguiam casas na vila operária, ali fizeram suas moradias, a maioria de taipa, e aumentaram o subúrbio rural da cidade. Aquele espaço deu origem ao atual bairro de Santo Antônio, desapropriado pelo Prefeito Ney de Albuquerque Maranhão, posteriormente.¹⁰⁶

Se por um lado há grande oferta de moradia considerada higiênica para os operários da SCBB, por outro, vemos nesse espaço operário as peculiaridade nos arranjos de moradia de várias famílias. Assim era o espaço de moradia dos operários da Societé Cotonnière Belge Bresilienne, complexo, variando entre o espaço urbano e o rural, a casa na vila ou nos subúrbios rurais.

2.2. Cacimbas, vendedores de água e carvão e a Praça da Bandeira

O caráter semi rural de Moreno é destacado nas criações de animais e plantios em algumas moradias da vila operária, nos subúrbios rurais e nas formas de viver dos moradores. Esses espaços estavam interligados ao cotidiano dos operários de Moreno, e é de grande destaque, nas falas dos operários, esse modo de vida meio rural, meio urbano. A água, que não chegava às casas, fazia com que os operários tivessem de recorrer às cacimbas para captação direta. Assim como a ida à mata para buscar lenha são fatores que fazem com que os operários de Moreno tenham uma grande aproximação com o modo de vida em meio rural.

A cacimba era cá embaixo, uma que tinha (...) e o chafariz. Depois, *depois*, a gente ia buscar água num lugar chamado o Paú. Eu ia buscar! Que carregador? O menino foi que quando tava maiorzinho pegou de ajudar.

¹⁰⁵ Entrevista concedida por Maria José Gomes Nascimento. Grifos nosso.

¹⁰⁶ Como veremos no próximo capítulo

Ajudar eu carregar. Mas era eu que dava o tombo. Todinho. Depois construiu o chafariz. A prefeitura, naquele tempo foi quem?¹⁰⁷

Porque não tinha água encanada. Olhe, pra ter... Aqui em casa tinha senhor chamado seu Nelson que carregava a água. Ele enchia o barril aí de água. Mas quando tava no pega-pra-capá mesmo, precisando, a gente ia aqui por trás, entende. A gente ia aqui por trás e pegava a água. Eu, ((Gelina)), Altair, muita gente. Ia aí por trás e ali um pouquinho ali embaixo, tinha a cacimba. Se pegava água. Ninguém tinha água encanada não, nera?¹⁰⁸

A água para o abastecimento das casas, tanto das vilas como das áreas mais afastadas, era oriunda de cacimbas, pequenas fontes de água que serviam à população no abastecimento da água potável; assim como a água do rio Jabotão servia para os afazeres de higiene e limpeza da casa. Com uma grande riqueza de água potável, cacimbas são encontradas em vários pontos da cidade, água de boa qualidade que servia tanto aos operários quanto aos mais abastados da cidade. A cidade era - e é - cortada de ponta a ponta pelo rio Jabotão, fazendo seu uso para lavagem de roupa, água de gasto e banhos. Era grande o movimento nas cacimbas, a ida até essas fontes de água foi se configurando como um importante espaço de sociabilidade entre os operários.

Essa prática de ir à cacimba ou à mata fazia parte do dia a dia dessas pessoas. Assim, vemos nesses espaços um importante componente de sociabilidade dos operários, sendo uma prática cotidiana extremamente necessária.

A ampliação das cacimbas e a disseminação de chafarizes formam pontos de encontros diários nos diversos bairros da cidade. Os cavalos carregavam o carvão - usado também como lenha para fazer comida - vendido assim como a água para aqueles que podiam comprar.

Os cavalos passavam vendendo aquele saco de carvão, os cavalos, os homens nos cavalos vendiam “olha o carvão! Olha o carvão!”. Aqueles sacos de carvão. Tinha cacimbão. Aí ia atrás aí tem um cacimbão. Todo mundo carregava água. Tinha o chafariz. Não tem aquelas casas em frente aquele condomínio ali, quando a gente entra por Santo André? Aí a gente entra em Santo André, aí vou vai direto como quem vai pro cemitério. Ali tinha um chafariz que a gente pegava. Deste tamanho assim, muita água. Na Combonge lá na frente do Palmeiras, do lado de cá, também parece que ainda hoje tem uma cacimba. Aí quando fazia cacimba. Todo mundo fazia cacimba. Aí tinha uma atrás. Aí nessa subida, do lado de lá, naquela casa ali, tem uma cacimba também, a água boa, doce. Em todo canto o povo fazia cacimba pra usar porque não tinha água encanada não. Depois foi que apareceu.¹⁰⁹

¹⁰⁷ Entrevista concedida por Maria José Gomes

¹⁰⁸ Entrevista concedida por Zita Brito

¹⁰⁹ Entrevista concedida por Francisco Gonçalves Silva / Terezinha dos Santos.

A vizinha dizia assim: "dona Lia!", que eu chamo Maria, mas o povo só conhece por Lia, "Dona Lia, vamo pra mata?". Eu deixava os meninos trancado, dava o leite dum, dava o lanche do outro, dava o remédio do outro, e quando acabava eu ia mais a vizinha. Botava três caminho de lenha daquele lugar que hoje tá uma cidade. A vila holandesa Era mata só ali! *E: As outras pessoas, as outras pessoas da vila, buscava lenha também?* Todo mundo cortava lenha, meu filho. Por que, cadê... fogão? Cadê... só tinha, só tinha... quisesse fazer um fogão de "craovão". Mas, de... Brasilgás, geladeira, televisão, quem sabia o que era televisão?¹¹⁰

A ida à “mata”, o carregamento de lenha e de carvão, que passava de cavalo nas ruas da cidade, as latas de água buscadas diariamente nas cacimbas e chafarizes, faziam parte do cotidiano dessa comunidade operária. Como todos eram moradores da mesma cidade, muitos deles trabalhavam juntos, os espaços e suas vivências aproximam-nos e são constituidores da formação de classe, de uma identidade, uma vez que aparecem enquanto lugar, prioritariamente, de convívio e de classe, já que eram utilizados diariamente por centenas de famílias operárias.

Nas ruas de Moreno, era frequente a figura de homens que trabalhavam com o carregamento de latas d’água e carroças puxadas por bois ou por cavalos¹¹¹. Os carregadores cobravam alto preço para esse transporte, o que era questionado ao poder público, exigindo-se construções de mais chafarizes que atendessem a uma rua ou bairro.

Em 1947 quando fui vereador neste município muito batalhei, cheguei até a apresentar dois requerimentos, para que construíssem o chafariz da rua Quitino Bocaiuva que muito vinha beneficiar o povo também residente na rua Conde da Boa vista, 10 de novembro e Benjamim Constant. Ainda participei de um congresso dos municípios que realizou-se na capital do Estado, neste congresso apresentei um projeto pedindo um crédito do Estado para o serviço de canalização de água em Moreno, o projeto foi aprovado pela maioria dos congressistas que era composto de vereadores de todos os municípios. (...) mas tudo ficou engavetado. Esperamos que esse chafariz seja construído na sua gestão porque não deve esquecer a situação que hora estão atravessando com a falta de água, nesta rua ainda posso explicar o valor de uma lata de água, custando um cruzeiro, nada menos que uma casa possa gastar por um dia é 5 latas.¹¹²

Essa necessidade de comprar, quando não podia buscar a água, levava os operários a pagarem um preço fora de seu padrão de vida. Já para a classe mais abastada os carregadores eram fundamentais e indispensáveis. Com o tempo, foram construídos

¹¹⁰ Entrevista concedida por Maria José Gomes. Grifos nosso.

¹¹¹ Ver anexo 3.

¹¹² Correio de Morenos, 23 de Maio de 1954. P. 03. APEJE.

em toda cidade chafarizes¹¹³ para a demanda de água da população, a disseminação das fontes recebeu atenção especial no governo de Ney de Albuquerque Maranhão, no entanto, a água encanada só chegou à cidade em meados da década de 1960¹¹⁴. Enquanto não chegou a água encanada o cotidiano das cacimbas e dos vendedores de água e carvão predominaram na cidade.

Buscar água nas cacimbas, lavar roupa no rio e trazer água do rio para os afazeres de casa, fazia com que a cidade tivesse uma intensa interação com essas fontes e com o rio, além de proporcionar aos moradores um espaço de lazer. Os banhos de rio eram comuns e apreciados pelos operários, principalmente, os mais jovens. Esse modo de vida essencialmente rural, na vida além-fábrica, distingue a cidade e os operários de Moreno de outros centros operários do Brasil. No entanto, reafirma a dinâmica que prevalecia nas fábricas têxteis localizadas no interior de Pernambuco, e de uma forma mais abrangente, nas fábricas em áreas rurais do Brasil: o modo de vida essencialmente rural é colocado ao lado das praças, dos clubes, dos cinemas, que caracterizam aparatos da vida nas cidades.

A Praça da Bandeira era outro importante espaço público de sociabilidade que reunia centenas de pessoas nas horas de lazer com conversas, festividades, um ponto de encontro dos jovens operários:

Era a Praça da Bandeira. Se reuniam ali, na Praça da Bandeira, os jovens se reuniam ali, conversavam, namorava... Ali na Praça da Bandeira, não é. Não sei se você sabe o que é, mas deve saber, tinha retreta. Sabe o que é retreta? Retreta era assim; porque Moreno tinha uma banda musical. Meu pai era até músico numa banda musical. E então tinha semanas que se fazia retreta. Era isso, os músicos ficavam ali no coreto, em cima, tocando... Entende? Músicas da época, e os jovens passeando em volta da praça, namorando, entende? Quando não tinha baile no Societé. Tal, sábado, domingo, vai ter retreta. Aí ficavam passeando ali, em volta da praça, e a banda lá, tocando. Era um dos divertimentos também da época.¹¹⁵

Aquele coreto ali, tinha a banda da fábrica todo domingo ia pra ali à noite, chama-se a retreta, já ouviu falar desse nome? Retreta? Ia pra ali, a banda, tocar aquelas músicas e a gente tudo passeando ao redor do coreto, olha. Na novela sempre aparece, que a novela antiga aparece. Nas pracinhas, né? A pracinha do coreto aí fazia... Tinha a banda tocando no coreto e a gente passeando por aí, se quisesse namorar, aqueles bancos, aquelas coisas, ficava ali. Era. Ali, época de festa arrumava bota por ali, carrossel, na área ali, né? Tudinho, né? E o Societé tinha serviço de som, Societé. Era. Serviço de som Societé. Cada música que botava, botava aquele oferecimento que a gente botava, Societé, pras namoradas, aquele negócio, né?¹¹⁶

¹¹³ Correio de Moreno, 6 de Maio de 1962. P.02. APEJE.

¹¹⁴ Idem

¹¹⁵ Entrevista concedida por Zita Brito.

¹¹⁶ Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti de Santana

As retretas realizadas pela banda da fábrica¹¹⁷ atraíam centenas de operários que em suas horas de lazer buscavam divertimento ao som empolgante da banda operária. A praça das três bandeiras ficava - como ainda fica - em frente à fábrica e ao lado do Societé Esporte Clube, clube mantido pela SCBB. Aos seus embalos, os operários confraternizavam-se nos fins de semana, nas festividades carnavalescas e após as festas no clube Societé. Esse espaço encenava a confraternização entre empregadores e empregados numa relação vertical; e os relacionamentos horizontais entre operários que namoravam, brincavam, frequentavam os mesmos lugares nas festividades.

Era também na praça onde se realizavam os festejos e comícios políticos, as conversas, a distribuição dos boletins e jornais operários como os da ação grevista de 1952¹¹⁸. A Praça da Bandeira, palco onde muito dos operários foram tidos pela polícia política da DOPS como insubordinadores “comunistas que levam seus boletins subversivos”¹¹⁹ para a agitação do operariado. O espaço público da Praça das Três Bandeiras ensejou a articulação entre os empregadores e empregados, e também foi componente no *fazer-se* da classe com suas reivindicações e atuações políticas. Era um espaço de encontro para se articular as reivindicações nascidas no chão da fábrica, um ponto de sociabilidade, de divertimento, um lugar de trocas de ideias e de mobilização classe.

2.3. Cinemas, clubes e futebol

Em uma cidade eminentemente operária como Moreno, circundada pelo domínio da SCBB, eram evidentes as formas de lazer sendo ditadas e direcionadas pelo poder empresarial. Interessada nas ações além-fábrica dos operários, a SCBB dispõe de uma rede de oferecimento de lazer e divertimentos, que, marcada pela pobreza e condição de uma “cidade-empresa” no interior de Pernambuco, eram deveras limitados. Assim, observamos como os moradores de Moreno usufruíam desses espaços e como criaram espaços baseados na diferenciação social ensejando uma cultura operária.

¹¹⁷ Correio de Moreno, 8 de junho de 1947. P.01. APEJE.

¹¹⁸ Analisaremos esta greve com detalhe no 4º capítulo.

¹¹⁹ Relatório 31/05/52. Prontuário funcional município de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE. Correio de Moreno, 19 de fevereiro de 1956. P.02. APEJE.

Um dos divertimentos que estava no lazer do operariado de Moreno era o cinema. Sendo o futebol uma opção bem ligada ao cotidiano dos homens, o cinema aparece como uma opção de lazer mais amplo. “O cara com namorada, aí ia pra lá bater um papinho comer um leitão, um famoso leitão que tinha aqui em Moreno.” diz Osvaldo Reis sobre o cinema. O Cine Moderno atraía pelas películas hollywoodianas e seus capítulos envolventes, fazia com que o espectador voltasse para as partes seguintes dos seriados.

A gente tinha um negócio ali, tinha na sexta-feira que se chamava uma série, é feito uma novela. A gente toda sexta-feira, a gente ia arrumar dia no setor pra ir naquela série na sexta-feira, filme de cowboy, aquelas coisas. Aí a gente ia assistir aquilo ali, é feito uma novela. É mesma coisa de uma novela. A novela tu tá terminando, aí aparece aquelas negócio, aí fica lá num capítulo pra outra semana, né? Mesma coisa era ali, a série, né? De... era o Zorro, era negócio de bang bang, aquele negócio de...Faroeste, pronto. A gente assistia aquilo ali toda sexta feira.¹²⁰

Eu tava comentando com meu irmão, hoje em dia os jovens não tem mais pra onde ir, fica dentro de casa numa televisão, se quiser se divertir tem que se deslocar pra outro lugar pra se divertir e a gente tinha divertimento dentro de Moreno, a gente tinha o cinema durante a semana.¹²¹

Moreno contava com três cinemas, o Cine Moderno, o Cine Paroquial e, a partir da década de 1950, o cinema do SESI. Esses espaços eram muito visitados pelos operários de Moreno e, assim como os clubes e os jogos de futebol, eram pontos de encontro e lazer frequentados nos tempos livres além-fábrica. A estrutura de fábrica com vila operária anexa cria os postos de trabalho e as formas de lazer que preenchem o cotidiano dos trabalhadores, sempre de forma bastante presente estava a oferta de divertimento para os operários. São nesses espaços que se criam e recriam a cultura operária. Entrelaçados a uma política de dominação fabril, esses homens e mulheres viveram, amaram, brincaram, foram agentes de suas próprias histórias, se solidarizaram, inventaram e reinventaram práticas e costumes que permearam seus cotidianos e suas vidas privadas. As fábricas com vila operária tem a característica de envolver e ditar as formas de lazer além-fábrica, no entanto, esses espaços são resignificados e recriados de acordo com a experiência de classe.¹²²

¹²⁰ Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti.

¹²¹ Entrevista concedida por Maria José Silva

¹²² Conforme veremos, as criações dos novos clubes da cidade sem vinculação com a fábrica.

Vimos como a banda operária fazia a alegria dos jovens nos finais de semana na Praça das Três Bandeiras, o espaço público da praça passa a ser ensejado enquanto lugar de tempo livre dos operários, e por isso lugar onde a fábrica deveria estar marcando seu domínio. O lazer em Moreno esteve por muito tempo ligado aos clubes, lugares onde era festejado o carnaval, onde se desenvolvia atividades tidas como femininas - atividades de corte e costura, por exemplo - e onde se organizavam os jogos dos seus respectivos clubes.

O Societé Esporte Clube era o clube oficial da fábrica. Era nele que se desenvolvia a maioria das atividades de lazer e foi, durante muito tempo, o principal e mais importante espaço de lazer da cidade. O clube fazia parte do programa assistencial da fábrica, com qual o operário deveria estar envolvido com o objetivo de garantir sua lealdade e máximo compromisso com as atividades de produção da empresa. “O tricolor matuto” era o ponto de encontro dos industriais com os operários que iam se divertir, preencher seu tempo livre. A sede do clube nos dias de carnaval se enchia de ricas ornamentações e de “gente da melhor sociedade”:

Constituiu um verdadeiro sucesso o carnaval do Societé esporte clube, que com uma grande animação e entusiasmo inebriou a família morenense nos quatro dias de reinado do momo. O clube da fábrica apresentou-se com seus salões ricamente decorados e feericamente iluminados, ostentando uma formidável orquestra nas figuras da INDEPENDENTE JAZZ, revolucionando todos os foliões que se achavam na sede do tricolor matuto, sob chuvas de confetis e entrelaçamento de serpentinas, regados desde a cerveja ao whiskey e à sua champagne. Imponentes fantasias foram exibidas naquele clube popular por inúmeras senhoritas, senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade. No auge da alegria, os invejados tricolores improvisaram assaltos à Praça da Bandeira, ao som do magnífico conjunto de Neco Pedrosa, onde se fez apreciar gigantesco desfile dos foliões que faziam o acrobático passo pernambucano, sob o éter e o perfume, circundando aquela praça, entusiasticamente ovacionados e aplaudidos por grande número de pessoas que ali se achavam presentes.¹²³

O clube Societé agregava as pessoas da “melhor sociedade” com a família morenense. Numa localidade pobre e afastada dos centros urbanos, bailes e espetáculos como os do Societé tinha a função de atrair grande número de operários para a confraternização da grande família morenense¹²⁴. Era um poderoso instrumento para a propagação do domínio pela fábrica, baseado no discurso de uma só classe sem

¹²³ Correio de Moreno, 5 de março de 1950. P. 03. APEJE.

¹²⁴ No próximo capítulo, abordaremos o conceito de uma família operária sendo criada e incentivada pela SCBB.

diferenças, mas estabelecendo uma diferença simbólica nas formas de se referir às pessoas da “melhor sociedade”. Esse espaço caracterizava a divisão de classes nos gestos, vestimentas e ornamentações. Ao mesmo tempo em que era propagada no periódico local uma homogeneização de classe, se imputava nas entrelinhas uma diferenciação social relacionada às adjetivações de “melhor sociedade”, suas maneiras e pomposas de vestimentas, contrapondo à classe operária.

Em alguns moradores notamos que as referências de diversão e festas estão associadas aos clubes e a confraternização de todos da cidade.

O que eu tenho de contar de Moreno da na minha juventude são coisa maravilhosas de Moreno e com muita saudade eu recordo. Quem viu Moreno como eu vi as belezas, as maravilhas, carnaval pelo amor de deus!!! Carnaval era a coisa mais linda, tinha o bloco dos operários justamente era o bloco da fábrica, esse bloco ia pra rua patrocinado pela fábrica, essa fábrica era assim, era uma mãe dava tudo, tudo ao povo não negava nada, nada. Tinha vários clubes o societé, que ainda hoje existe cai mais não cai, o João Pessoa caiu de vez e o Palmeiras na Combonje.¹²⁵

Além do clube da fábrica, o Societé Esporte Clube, existia o clube João Pessoa e o Palmeiras. No carnaval, na folia em que reinava o momo, as agremiações preparavam as mais diversas ornamentações e orquestras embaladas ao som do Jazz , cada clube rivalizava a mais organizada e atraente festa. No Societé estava impregnada a mensagem de fazer a aproximação entre capital e trabalho, sendo esse meio usado como estratégia que a fábrica queria passar.

Quanto aos bailes, o Societé esporte clube superou os demais(...) nos referidos bailes tomaram parte também os operários de mãos calosas e todos no entanto dignos dos meio. Repercutiu bem a visita do Sr. Diretor e gerentes da empresa local, em companhia do sr. Governador da cidade as sedes dos blocos carnavalescos. É sempre bom e interessante vê essa aproximação entre capital e trabalho.¹²⁶

O *Correio de Moreno*, no ano da publicação desse artigo, aponta o Societé como aquele que superou os demais clubes¹²⁷. A visita e a presença dos gerentes da fábrica nessas festividades eram estratégicas para mostrar a integração entre a sociedade de

¹²⁵ Entrevista concedida por Maria José silva.

¹²⁶ Correio de Moreno, 22 de fevereiro de 1948. P.02. APEJE.

¹²⁷ O Correio de Morenos era um veículo jornalístico de propagação da ideologia da fábrica.

“mãos calosas” e os chefes políticos. Essas formas teatrais de aparição em público¹²⁸ motivando a integração entre as classes faz parte do sistema de dominação baseado numa só classe, em uma família unida que festejara alegremente o carnaval. Assim, esses acessórios eram necessários a um sistema de disciplina social, dependente da formulação teatral inculcada nas festividades.

As festas nos bailes eram animadas pelas jazz-bands, pelos blocos de rua, pelo bloco operário e das flores e pelo frevo. Isso marca uma diferença nos meios e nas intenções das festividades. Segundo Maria das Graças Ataíde,

Ao tentar reorganizar o carnaval do Recife, em 1938, reflete o desejo do Estado e da elite de encontrar uma saída para o carnaval provinciano, que deveria “civilizar-se”. Nesse contexto, o jazz foi eleito em detrimento do frevo, indicando como ritmo adequado aos clubes sofisticados da cidade. (...) a dicotomia entre os dois mundos do carnaval- o da rua e o dos clubes- expressa o preconceito latente entre “os homens de bem”. Carnaval de rua representava a “gentalha” endoidecida a brincar, tendo como contraponto uma elite que se trajava a rigor, com vestidos de baile de noite, que dançava ‘civilizadamente’, rodopiando ao som das orquestras de jazz.¹²⁹

Essa autora mostra a dicotomia entre o carnaval de rua e o carnaval dos clubes, enquanto projeto modernizador de sociedade do período estadonovista. Apontando como foi separado, segundo os interesses da elite, o que seria do pobre e o que seria da elite. Em Moreno vemos essa dicotomia entre as festas de clube e as de rua enquanto uma divisão de classes. As pessoas de “maior destaque” na sociedade frequentavam os clubes embalados a Jazz - e apenas esses - e a massa do operariado, os blocos de rua. Porém, os operários também frequentavam os clubes, também se viam empolgados, nas festas, pelo Jazz, juntamente à “melhor sociedade”. Essa dicotomia existia, mas a separação não é algo fixo, intransponível. No caso de Moreno, a articulação capital-trabalho era sempre ativada para basear as formas de contato e de dominação.

As sedes dos clubes morenenses eram organizadas pensando nos clubes de Recife¹³⁰, as referências que os clubes estariam organizados assim como os da capital nos mostra a intenção de organizar os bailes segundo os grandes clubes do Recife. O Jazz tinha uma grande importância nas agremiações de Moreno, para as suas festas eram

¹²⁸ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: companhia das letras, 1998. P. 48

¹²⁹ Almeida, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da autoridade autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. P. 149-150

¹³⁰ Correio de Moreno, 1º de Janeiro de 1948. P.04. APEJE.

contratadas bandas de Jazz de Recife, Jaboatão e do SESI Recife. Até que em 1948 foi fundada a primeira banda de Jazz da cidade, a Primavera Jazz¹³¹ e no ano de 1949¹³², a Independente Jazz¹³³. Com o patrocínio da fábrica, o Jazz das bandas morenenses embalam grandes festividades nos vários clubes locais, um motivo de orgulho para a cidade de grande progresso, que era Moreno¹³⁴.

Os blocos de rua, Operário e das Flores, formavam o carnaval de orquestra guiado ao som do frevo. Seu trajeto incluía as principais ruas da cidade, o que mobilizava a maioria dos operários. Nestes blocos não precisavam de roupas pomposas, era o salto no pé e frevo na cabeça. Dentro das festividades dos dias de “reinado do Momo”, era o que mais atraía e mobilizava o operariado, a sua identificação com o “mais querido”- Bloco Operário¹³⁵- faz dessa agremiação carnavalesca uma grande representante das festividades tipicamente operárias.

Aí a titia dizia assim "vamos, vamos jantar cedo pra ir pro Operário". Aí depois que corria a rua todinha, era umas 9 horas, 9h30 da noite, aí ia pra sede do Operário. A sede do Operário é ali... Aonde é o... Como é, Zezinho, aquele colégio que é na feira? Tinha as Flores era ali... É ali aonde é a praça... Não tem a Praça da Bandeira? Num tem a loja de seu Neco? Ali era que era a sede das Flores. Eu só ia, eu só gostava do Operário, porque a orquestra da Operário era uma beleza! Oxe! Se batesse numa lata o nego dançava que a perna voava! Porque era muito... Era uma orquestra completa. Meu vizinho aqui, olhe, era... tocava. Aqui, Deus já levou-o.¹³⁶

Outros blocos de rua apareceram nas décadas de 40 e 50, como o “Cozinheiros em Folia”, “Águias de Ouro”¹³⁷, mas os mais tradicionais e duradouros blocos de rua são o Bloco das Flores e o mais querido¹³⁸, Bloco Operário.

Seguindo na análise dos clubes de Moreno, temos o João Pessoa que segundo Osvaldo Reis da Silva:

O João Pessoa que era o de elite de Moreno, digo elite que eram as pessoas mais destacadas da sociedade era do João Pessoa. Era o povo mais que trabalhava no escritório da fábrica, que era comerciante, o povo que tinha um

¹³¹ Correio de Moreno, 4 de outubro de 1948. P.03. APEJE.

¹³² Correio de Moreno, 21 de Março de 1949. P. 02. APEJE.

¹³³ Ver anexo 9.

¹³⁴ Discurso propagado pela fábrica, veremos no próximo capítulo o reforço e os usos desse discurso.

¹³⁵ Ver anexo 5.

¹³⁶ Entrevista concedida por Maria José Gomes.

¹³⁷ Correio de Moreno, 16 e fevereiro de 1947, p. 03.

¹³⁸ O mais querido aparece nas matérias do jornal Correio de Moreno fazendo referência ao popular bloco operário.

emprego melhor. Inclusive o povo chamavam eles de rico, mas não eram ricos não, era que tinha um emprego melhor.¹³⁹

Segundo muitos dos nossos entrevistados, o João Pessoa era um clube elitizado, tinha na sua direção pessoas que faziam parte dos altos cargos da fábrica e comerciantes locais. Assim, as referências ao João Pessoa são feitas imputando àquele clube o seu caráter segregador, pertencente e frequentado, na sua maioria, por pessoas da elite local. Na comunidade operária de Moreno, existiam as identificações e afinidades por diferentes clubes da cidade. Alguns operários eram tricolores, os do Societé, outros diabos rubros, João Pessoa, e também tinham os Palmeirenses. Este último construído por iniciativa dos operários, feito pelas suas próprias mãos:

Porque já tinha... eu já jogava em João Pessoa, sabe? Aí surgiu o Palmeira, aí construíram a sede, o clubezinho, tal, mas sempre foi um clube pobrezinho como ainda é. E eu não gostava tanto desse... eu não... meu filho, é o seguinte, eu não gosto desses pessoal metido a rico não, eu gosto de popular como eu e os outros colegas (...) Mas nesses clubes assim, eles têm razão, o João Pessoa tem razão, sabe porque? Porque ia chegando gente mais melhor. Melhor não, porque ser humano é igual, aí sempre destacava o Palmeira, o João Pessoa e o Societé, era os melhores da cidade. E é de fato que iniciou com o Societé, depois veio o Palmeira, não, o João Pessoa, depois veio o Palmeira. Palmeira nós fizemos o Palmeira, tijolos, pedia a um, pedia a outro, era assim.¹⁴⁰

Foi a gente que fez, a gente que fez. Aí começou, a gente jogando pelada, tal, tal, Palmeiras, Palmeiras, Palmeiras, surgiu o clube do Palmeira. Fez o pavilhão verde e branco. A gente brincava que só a cebola, brincava, brincava na casa de Severino. Cada sábado tem uma reunião na casa das pessoa. Domingo é pra trabalho, pedir garrafa e no sábado é reunião na casa das pessoas, só sobre arrumação pra fazer a sede, como é que pedir pra campanha da gente, aí se reuniu. Tinha era aquela panela de coisa assim, tinha um conjuntinho que a gente tocava brincando ali. Ali discutia tudo que era do clube, pronto, a gente fazia isso. E surgiu chegar ao Palmeira, chegou até ser um clube oficial, né? Palmeiras, João Pessoa e Societé. Mas tudo era assim, chamava pelada, né? ((risos)).¹⁴¹

O Palmeiras foi um clube que surgiu da mobilização dos operários, sentindo a necessidade de criar um espaço que melhor os representassem, o clube tem sua fundação em 1943, mas só anos depois consegue terminar sua sede. Juntando dinheiro entre os amigos de trabalho, vendendo garrafas para serem revertidas na construção do clube, que tinha a característica de ser de “gente pobre”. A grande ênfase do

¹³⁹ Entrevista concedida por Osvaldo Reis da silva.

¹⁴⁰ Entrevista concedida por Francisco Gonçalves silva.

¹⁴¹ Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti.

entrevistado dizendo “foi a gente que fez” nos mostra a alocação social deste clube surgido de iniciativas proletárias para se contrapor aos espaços da elite, João Pessoa, e dos empregadores, o Societé.

O Palmeira chamava-se, aqui é mesmo que o clube do... é mesmo que o clube do Santa Cruz Recife, toda bagunça a gente brinca aqui, de pobre, e era mesmo. Só não tinha nome de Santa Cruz, mas era a mesma coisa, todo mundo brincava ali. Agora o Societé, o pessoal de segunda categoria lá, João Pessoa o povo que tem, o povo vinha de Recife, entrava preto ali não.¹⁴²

Aqui, Valdemar Cavalcanti faz um paralelo do Palmeiras com o Santa Cruz, time do Recife, e nos diz da sua popularidade em contraponto ao de “segunda categoria”, o Societé, que agregava pobres e a elite, e o João Pessoa que aparece, outra vez, como clube mais elitizado, que não deixava margem para o ingresso, segundo o operário, de pessoas pobres. O que fortalece a argumentação da intencionalidade da criação do clube Palmeiras enquanto reflexo de uma identidade de classe.

Em 18 de Maio de 1949 o *Correio de Moreno* recebe a seguinte carta pedindo publicação naquele periódico:

Ilmo. Sr. Antônio Lemos sobrinho Prefeito municipal de Moreno,
Nós, abaixo assinados, diretores do Palmeiras Esporte Clube, vimos pelo presente, agradecer penhoradamente, os relevantes favores com que V.S. tem prestado, ajudando a esse humilde clube, na construção do seu edifício sede. Reconhecendo a todos a sua capacidade administrativa e dando prova constante de ser um verdadeiro amigo de todas as sociedades aqui sediadas, nos leva ainda a confiar nas suas belas atitudes e ao mesmo tempo esperamos ainda V. S. muito faça pelo benefício da referida construção quando se trata de um clube pobre, formado exclusivamente de operários da empresa local e sem meios de subsistência, a não ser os poucos recursos das mensalidades dos próprios associados.¹⁴³

Assim era a condição do Palmeiras Esporte Clube, um espaço pensado e criado pelo operariado. Contando para sua construção com a mobilização de vários operários e com a ajuda de políticos locais. O Palmeiras, um “clube de pobre”, surge na subjetividade da experiência de classe com o objetivo de criar um ambiente onde os

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Correio de Moreno, 22 de maio de 1949. P.04. APEJE.

atores sejam exclusivamente operários, nos mostrando uma importante criação baseada na experiência de classe¹⁴⁴.

A identificação pelos clubes poderia surgir de diversas formas, Terezinha dos Santos não gostava do Palmeiras, mesmo o seu marido sendo jogador e membro do Palmeiras: “Eu não gostava do Palmeiras não. Eu brincava no Societé e João Pessoa. Eu não gostava não, quem gostava era ele (*se refere ao seu marido, Francisco Gonçalves da Silva*). Muita gente pobre.”. Os clubes em Moreno representavam uma das poucas formas de divertimentos e contavam com uma identificação que perpassava diversas variáveis; desde o lugar para estar mais perto dos amigos e de pessoas iguais socialmente, até o encontro e a oportunidade de estar mais próximo de outras camadas sociais; e este último se caracteriza como estratégico por parte da SCBB. Assim, os clubes representavam tanto um importante aparato da dominação além-fábrica, como também um espaço de sociabilidade horizontal.

Societé, Palmeiras e João Pessoa formavam os clubes maiores da cidade e os de maior prestígio. A partir da segunda metade da década de 1950, com o crescimento da cidade extrapolando os limites dos contornos urbanísticos da fábrica, e a consequente diminuição de investimentos nos clubes maiores, juntamente com a época de declínio da política paternalista da SCBB¹⁴⁵, foram criados na cidade os “Clubes dos Subúrbios”. Eram clubes dos bairros criados pela desapropriação de terras, dos novos bairros que nasciam. Assim, surgiram o ABC, Mangueirinha, Vila Nova, Olaria e São Cristóvão. Mais uma vez denunciando a criação de espaços ~~da~~ pela classe operária para a classe operária.

Essa relação entre os clubes da cidade e os dos bairros é vista, ainda hoje, pelos ex-operários, numa diferença: “Três clubes oficiais da federação, né isso? Antiguidade, três clubes de porte, né? Societé, Palmeiras e João Pessoa. Agora nos arredores de Moreno tinha muitos”¹⁴⁶.

O futebol estava estreitamente ligado ao cotidiano desses clubes, cada um contava com um time de futebol. Os finais de semana eram preenchidos por jogos na “concha da mangueira”, onde se reuniam centenas de operários para ver seus times

¹⁴⁴ Outras mobilizações que denunciam uma emergente consciência de classe serão abordadas no 4º capítulo quando discutiremos a criação da sociedade beneficente, cooperativa de consumo, a JOC e as reivindicações grevistas.

¹⁴⁵ Sobre a crise no modelo paternalista da fábrica ver o 4º capítulo.

¹⁴⁶ Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti.

jogar. “O pessoal mais novo e o pessoal que gostava mais de futebol, no campo da fábrica todo domingo tinha jogo”, nos diz Osvaldo Reis da Silva. A SCBB incentivava a disputa e os jogos de futebol (anexo 8). Esporte eminentemente masculino, mas que atraía os olhares e a presença de mulheres torcedoras. Fátima Antunes salienta a importância popular do futebol na fábrica de tecidos Votorantim em São Paulo:

O estádio e a praça de esportes situavam-se na principal via de acesso do bairro. Ao contrário do cinema e dos bailes, é provável que a piscina e as quadras de tênis não estivessem ao alcance de todos os associados. (...) No campo desportivo, a única atividade realmente popular, que mobilizava centenas e mesmo milhares de pessoas, era o futebol.¹⁴⁷

Assim como na Votorantim, o futebol era o esporte de maior destaque e o mais popular na Cidade de Moreno entre os meios populares. Os clubes investiam nas campanhas anuais e recebiam grandes investimentos da fábrica e dos políticos locais. Eram, também, meios de sociabilidade entre a classe operária e a classe dominante.

As excursões a outras cidades eram frequentes, jogar com times de fábricas e de cidades vizinhas, fazia parte desse esporte. Os Jogos do Societé e do João Pessoa, em Recife, Caruaru, Gravatá, Paulista, Camaragibe, Cabo, eram noticiados pelo *Correio de Moreno*. Os jogos também ensejavam as comemorações de 1º de Maio, 7 de Setembro, com festividades que passavam por corridas, brincadeiras, bailes dançantes, jantares.

Muitos jogos eram feitos em homenagem aos dirigentes da fábrica¹⁴⁸ contra clubes de outras cidades, em 11 de janeiro de 1948, por exemplo, confrontaram-se Comercial de Caruaru e Societé Futebol Clube, em homenagem aos diretores recém-chegados da Europa. Como os clubes tinham a estratégia de proporcionar um ambiente pautado no discurso de aproximação de classes, o futebol, esporte de grande difusão nos meios operários, era usado para o estabelecimento da estratégia de dominação além-fábrica. Uma maneira de investir no tempo livre da classe operária e sociabilizar.

Posso adiantar que a satisfação de Moreno foi tanta com a vitória do jogo de domingo passado, quanto seria com a derrota. A verdadeira satisfação do Societé, foi ver cada vez mais os laços de amizade que de há muito prendem Moreno a Caruaru. Moreno teve ainda um outro prazer. Prazer em registrar publicamente a aproximação aqui existente entre CAPITAL E TRABALHO. E por sinal vimos ser fotografados juntos aos teams local e visitantes, os Srs.

¹⁴⁷ ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica.” *Leitura. São Paulo*. 12 (141) fevereiro de 1994.

¹⁴⁸ *Correio de Moreno*, 11 de Janeiro de 1948. P.01. APEJE. Ver anexo 8.

Diretores recentemente chegados da Europa e os Srs gerentes da empresa local.¹⁴⁹

Neste jogo, foi recebida a delegação de Caruaru no clube local, logo pela manhã, pela banda operária que caminhou pelas principais ruas da cidade com os aplausos da ala feminina do Societé.¹⁵⁰ À tarde o espetáculo, o jogo, seguido de jantar e mais danças com a Banda Operária.

Os jogos em que as cidades iam à Moreno com suas delegações, se transformavam em verdadeiros espetáculos festivos para promover a aproximação e confraternização ~~das~~ entre as cidades e entre a classe operária e empresarial. Inúmeros jogos como esse se realizaram. Disputas com os times juvenis e profissionais da capital eram igualmente festejados com os juvenis e amadores do Sport clube do Recife, Clube Náutico do Capibaribe e Santa Cruz Futebol Clube, assim como jogos com as forças armadas. Faziam a alegria e preenchiam o final de semana de centenas de famílias que se reuniam para ir ao estádio ver os jogos.

Dia de domingo todos esses clubes o Societé, o Palmeiras, o João Pessoa tinha jogo. Era jogo forte jogo bom, vinha times jogar com os daqui de fora como a gente tava comentando, era a marinha que vinha jogar em moreno, com societé, com o João Pessoa, a aeronáutica. O campo era assim de gente, era aquela festa. Era o divertimento dos jovens de Moreno. A gente conhecia todo mundo, hoje a gente não conhece quase ninguém de Moreno.¹⁵¹

As celebrações formando comissões e embaixadas nas viagens dos clubes para outras cidades nos mostra, mais uma vez, como a fábrica cria aparatos para se aproximar, para estar presente no cotidiano além-fábrica. Criava-se uma embaixada representativa para o clube, geralmente algum gerente da SCBB como embaixador, e assim viajava para outras cidades encenando um encontro entre o time da cidade e a embaixada de Moreno, representada por seus clubes.

Esse meio de dominação¹⁵² teve, de certa forma, sua eficiência no processo disciplinador usado pela fábrica, mas também fez surgir espaços criados pelos

¹⁴⁹ Correio de Moreno, 18 de Janeiro de 1948. P.02. APEJE

¹⁵⁰ Idem, p. 04.

¹⁵¹ Entrevista concedida por Maria José Silva.

¹⁵² Essa logística aproximativa com a classe operária é usada pelo prefeito Ney Maranhão, quando de sua política de interlocução direta com a classe operária, principalmente na aproximação com o clube essencialmente operário: o Palmeiras. Tema que veremos adiante.

operários, uma cultura oriunda dos meios populares, a exemplo da criação do clube Palmeiras e dos clubes menores dos subúrbios que não participavam dessas celebrações promovidas pela fábrica. Os jogos promovidos pela fábrica em outras localidades estavam direcionados ao clube Societé e ao João Pessoa.

A “cidade-empresa” tem em suas relações, de empregados-empregadores, fortes laços na criação de identidade de classe nos ambientes além-fábrica. Faz parte da estratégia de dominação dos empregadores a aproximação e o discurso da inexistência de diferenças de classe usando elementos oriundos da cultura operária. Fez parte da cultura operária local a resignificação do futebol, dos espaços, dos meios de sociabilidade que tiveram exclusivamente relações horizontais dentro da classe operária.

Capítulo III: Serviço social e política paternalista: economia moral do espaço semi-rural.

Resta ao historiador a tarefa árdua e detalhista de desbravar o seu caminho em direção aos atos e às representações que expressam, ao mesmo tempo em que produzem, estas diversas lutas e contradições sociais.

(Sidney Chalhoub)

3.1. O progresso da Societé é o progresso da família morenense.

Ao analisarmos o cotidiano da cidade de Moreno através do periódico *Correio de Moreno*, percebemos sua ligação com a ideologia da fábrica, pois esse periódico encena os discursos da fábrica tornando-se um porta-voz de sua ideologia, estando sua direção ligada a setores de cargos de confiança da Societé. É a partir desse documento que analisamos como a SCBB construía discursos que eram usados para mecanismo de dominação, e da mesma forma, perceber como esses discursos foram postos na prática. Partindo dessas premissas, veremos a tentativa de caracterizar os operários de Moreno com uma grande família operária, os serviços sociais e o paternalismo industrial para ensejar a dominação do operariado.

Um dos mecanismos de dominação ideológica da SCBB era a relação que esta fazia do progresso da cidade com a vida dos operários. Essa relação se configura enquanto uma intrínseca associação entre o bem estar e progresso da família morenense, ao avanço e bom funcionamento das atividades fabris. Para isso, usou de um discurso baseado na família, como se todos os operários fizessem parte de um mesmo grupo familiar.

Quem conhece de perto a vida de Moreno, a cidade líder no interior de Pernambucano, como disse José de Assis, fica surpreendido com a mútua compreensão reinante entre os poderes públicos, gerentes da S.C.B.B. e os operários que trabalham nessa fábrica de tecidos, que é a alma e o corpo dessa cidade, pois, Moreno é uma casa e todo seu povo uma só família. Aqui não há classes sociais, todos são iguais e tem o mesmo direito de liberdade e justiça, graças aos diretores da Societé, que olham exclusivamente o progresso de sua fábrica e de sua terra, sem meter o bedelho no que se refere ao panorama político, social ou religioso dos seus empregados. (...) Torna-

sepois necessário, que o operário de Moreno compreenda que toda beleza dessa cidade e a vida feliz que desfruta deve exclusivamente a Cotoniére.¹⁵³

Desde a sua fundação, a expectativa e os sentimentos ancorados no ideal de progresso estiveram presentes com este empreendimento têxtil. A fábrica faz com que essa ideia seja propalada, que os ideais de progresso sejam direcionados ao empreendimento e seu funcionamento, assentado em operários que fazem parte de uma mesma família: a Societé. Onde todos têm “direitos iguais graças à eficiência e complacência empresarial”. Discursos que caracterizam trabalhadores como uma família foram usados por outras empresas¹⁵⁴ como meio de envolver seus trabalhadores. E a Societé investe pesado nesse discurso como estratégia de domínio.

A Societé, por ser uma empresa imigrante, não entra diretamente na política local. A ausência de um dono, tal qual o coronel Frederico, da Companhia de Tecidos Paulista¹⁵⁵, faz com que a fábrica mantenha seus domínios por ações indiretas de seus gerentes e corpo do departamento de pessoal, e claro, pelo corpo de vigias. Vimos no primeiro capítulo que a emancipação do município de Moreno esteve ligada aos interesses da classe latifundiária local, esses que exerceram cargos públicos em Moreno no decorrer de sua trajetória política. Esses políticos conservadores mantinham uma relação de apadrinhamento com a fábrica, participavam do jogo político se empenhando em angariar o apoio fabril. Se por um lado a fábrica era detentora de toda arquitetura e domínios da cidade, o poder público divide com o privado as responsabilidades, uma espécie de mutualismo social baseado na complacência entre a instituição prefeitura e a instituição fábrica.

Assim, a difusão pela fábrica, de propagadora do progresso da cidade e do bem-estar das vidas das pessoas era frequente. Aliado a esse discurso, a relação de capital e trabalho ensejava um bom relacionamento entre as partes. Nas falas dos operários encontramos a internalização dessa ideologia quando se referem à vida em família que tinham em Moreno:

¹⁵³ Correio de Moreno, 1º de Agosto de 1948, p. 04. APEJE

¹⁵⁴ Op. Cit. FONTES, Paulo. Trabalhadores e cidadãos: Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo: Annblume, 1997; p. 47.

¹⁵⁵ Op. Cit. Leite Lopes. LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.

Isso era uma mãe, Moreno era outro Moreno quando ela funcionava a societécotonière. A gestão dos ingleses foi a coisa mais linda que se podia ver em moreno os operários tudo satisfeito trabalhando, ganhava dinheiro né? A vida de moreno era outra coisa o povo era um povo feliz né? (...)essa fábrica era assim, era uma mãe dava tudo, tudo ao povo não negava nada.¹⁵⁶

é como se fosse uma família, todo dia a gente vê aquelas pessoas, todo dia as mesmas pessoas, é homem e mulher e tudo, a gente gosta das pessoas, dos amigos da gente.¹⁵⁷

Nesse discurso, a noção de que a fábrica age como uma mãe com seus filhos, nada deixando faltar e se preocupando com todos, o sentimento de família sentido no dia-a-dia do trabalho, faz com que os operários da SCBB sintam-se amparados e o sentimento de família apareça como uma internalização dos ideais patronais nas relações horizontais dos operários com seus pares e nas relações verticais com seus superiores.

Numa fábrica com vila operária localizada no interior, as relações e identidades da classe operária estão em constante contato com os empregadores. Vimos como a perpetuação da entrada dos filhos de funcionários funcionava como agregadora dessa mão-de-obra já disponível em seus domínios, e disso faz parte a estratégia de alocação da força de trabalho. A constante interlocução entre classes tinha a intenção de fazer com que os operários interiorizassem o modelo de dominação baseado na relação familiar e criassem suas concepções de família nas relações de trabalho dentro da fábrica e nas vizinhanças.

A relação direta entre capital e trabalho se relacionando respectivamente entre o bom andamento da fábrica ao trabalho oferecido aos operários, era explorada pelo periódico para incutir nos meios sociais a moral do trabalho. Bendita por ser uma cidade onde o trabalho mantém todos ocupados, a fábrica proporciona, em terras distantes das de sua origem, o “néctar dos deuses” ao trabalhador:

Moreno cidade colmeia:

Eu vos felicito, Moreno! Tende uma indústria e de vossos filhos irradiam: satisfação, felicidade, conforto, alegria de viver, ausentes nos meios onde impossível torna-se o trabalho. Operários de Moreno! Exemplo de disciplina, de trabalho, bendizei a Deus tamanho e meditai situação aflitiva das cidades menos favorecidas onde o pão de cada dia constitui ideal quase inatingível.

¹⁵⁶ Entrevista concedida por Maria José Silva.

¹⁵⁷ Entrevista concedida por Rosa Maria.

Lembrai-vos que vossos diretores possuídos do desprendimento de que são capazes somente os grandes empreendedores, deixaram a terra natal, os grandes meios, arriscando-se às conseqüências de climas diversos como pérolas esparsas e vieram se encravar na pequena cidade de Moreno, então uma promessa, transformando-a numa evidência: joia de alto valor, respeitada, admirada, invejada, porque se tornou sinônimo de produção e trabalho bem distribuído. Trabalhai sem desânimo, depositai á vossa colmeia vosso esforço, num desejo sadio de perfeição, de produção, de progresso, acrescido do ideal de cooperação para melhor rendimento e assim não desmereceis do conceito justo de que sois merecedores por parte dos diretores.¹⁵⁸

Percebemos como seu discurso se refere ao sentido paternal no oferecimento do trabalho enquanto outros tantos lugares não tem do que se alimentar, contrastando a cidade operária às cidades pobres dos entornos de Moreno. A estrutura fábrica-vila operária mantém a oferta de trabalho que enseja moralismo, casa que se refere a privilégio e um ambiente próspero. Ao trabalhador cabia a retribuição no empenho no trabalho, no “aumento da produção do seu trabalho.”¹⁵⁹

Percebemos um grande instrumento ideológico para exploração da mão-de-obra que se veste de paternalismo na oferta das demandas sociais dos trabalhadores. O pleno emprego, e sua abundância, proporcionou a criação de uma ideologia baseada no progresso pelo emprego e o bom comportamento enquanto requisito do operário componente da grande família morenense.

Naquele tempo era bom agora a fabrica fechou. Era bom porque era tudo na fábrica né? Agente tinha o dinheirinho da gente e pronto era pouquinho mas dava, naquele tempo era pouquinho, não é que nem agora né? Tinha trabalho o dinheiro que recebia dava pra comprar.¹⁶⁰

Era feliz porque tinha tudo favorável, trabalhava, todo mundo trabalha não tinha desemprego dentro de moreno, hoje em moreno as fábricas tudo fechada NE meu filho e o povo tudo desempregado quem quiser trabalhar tem que se deslocar pra outro lugar né? Moreno já foi moreno, hoje coitadinho.¹⁶¹

A lembrança dos tempos de grande oferta de trabalho é sentida com saudosismo como um tempo feliz, onde se ganhava pouco, mas, tinha emprego. Trabalho edificador da vida social, estruturador das famílias e da “grande família” de Moreno. A intencionalidade patronal posta nas páginas do *Correio de Moreno* e levada a cabo pelas

¹⁵⁸ Correio de Moreno, 1º de Maio de 1948. P.01 APEJE.

¹⁵⁹ Idem. P.02.

¹⁶⁰ Entrevista concedida por Maria do Carmo Silva.

¹⁶¹ Entrevista concedida por Maria José Silva.

ações empresariais de paternalismo e elevação da moral do trabalho, edificava, com sua ideologia, uma sociedade “feliz” por participar de uma grande indústria, do progresso industrial da sua cidade e, de uma forma mais abrangente, do estado de Pernambuco.

Vejamos como o poema abaixo¹⁶² traduz o discurso do trabalho e progresso ligado à SCBB:

Somente o trabalho edifica
O futuro honrado e venturoso
Com que o homem se dignifica
Imusiando-se de vício ocioso;
É a luta pela vida que enriquece;
Tantos ganhado, com que se enobrece;
Enaltece a vida e a glorifica

Chegando a tarde o sol a se esconder
O seu pouco fulgor deixa-nos ver;
Tremeluzir estrelas no infinito;
O homem finda a luta de mais um dia;
No lar procura a paz que extasia;
Nos carinhos dos filhos e das esposas
Imensa felicidade! Quem não ousa?
Experimentar o lar! O doce lar!!
Recuperar as energias perdidas,
E no dia seguinte trabalhar?!
Bendito Deus, que o trabalho,
Elegeu para o homem nesse mundo;
Legando-lhe o campo, a forja e o malho.
Gênio também doando-lhe; que a ciência
Escravizou-a, com saber profundo.

Beneficiou-a também com a salvação;
Representada por Jesus crucificado,
Esperança e vitória do cristão;
Se no seu sangue estiver purificado;
Imenso assim será o seu prazer
Lídimo, de cumprir o seu dever!
Irradiando o bem a todos ao seu redor,
Em casa na igreja ou na oficina.
N’um benefício lampejo de bondade
No seu trabalho tendo disciplina
E boa ordem e tenacidade

¹⁶² Correio de Moreno, 8 de Maio de 1949. p.01. APEJE.

A figura da grande empresa belga, desbravadora do interior de Pernambuco, criando uma civilização baseada no trabalho aparece nas páginas do periódico para legitimar a dominação baseada na grande acolhida aos funcionários nos quadros da empresa, nas moradias, nos aparatos festivos e simbólicos de vida além-fábrica proporcionado pela SCBB. Para isso, faz uso, em larga escala, do serviço social, meio pelo qual se regula as deficiências da sociedade.

3.2. Paternalismo industrial e a assistência social.

Em 1917 a fábrica monta um sistema administrativo baseado no serviço social para seus funcionários que passariam a contar com:

Assistência médica e odontológica, empréstimos sem juros, serviço funerário, auxílio remédio, fardamento e material escolar para estudantes, proporcionamento de atividade recreativas e artísticas. Nessa época foram iniciados os cursos de arte culinária, corte e costura, bordado, e de instrução em música; e estabelecida a Philarmônica da SCBB, as bandas musical e marcial, a sociedade operária se são José, o pastoril infantil, coral Cívico o grupo de Escotismo Bandeira verde, a equipe do tiro de guerra, os blocos operários e das Flores. A essas realizações da administração belgo-britânica, estavam associadas às festas e atividades recreativas, como as retretas na Praça das Bandeiras, os convescotes dos operários e estudantes para os engenhos circunvizinhos, os jogos de foot-ball, as salas de leitura e poesia na biblioteca da SCBB, as apresentações teatrais, sem contar os jogos de pólo ,tenniscourt e golf que reuniam os diretores e técnicos da fábrica têxtil SCBB.¹⁶³

Inicia-se, a partir desse ano, os serviços de assistência ao operário, os quais marcam a trajetória, as vidas e memórias de milhares de trabalhadores que se integram nesse complexo de trabalho e assistência social. Nesse período frequentemente percebido como sendo de abundância de investimentos sociais na cidade¹⁶⁴, se destaca a figura do gerente inglês John T. Walmsley, ou apenas “Mister Homi”. Na figura deste gerente a fábrica inaugura um sistema paternalista e assistencialista de grande

¹⁶³ JEAN, Suettinni. **Um lugar belga em Pernambuco**: o núcleo fabril da Societé Cotonnière Belge-Brésilienne S. A. e a consolidação em cidade de Moreno. Dissertação de mestrado CAC. Arquitetura. Recife, 2011. p. 43.

¹⁶⁴ Esse período é marca do pela gerência e administração inglesa. A partir de 1951 há a mudança administrativa com a nova gerência belga que diminui significativamente os benefícios e a política administrativa inglesa.

envergadura em Moreno, onde vários aspectos da vida do empregado eram envolvidos pela presença da empresa, pelos seus benefícios. A cidade-empresa usava do serviço social como meio de dominação do operariado, englobando vários aspectos da vida do trabalhador, a administração inglesa consolida a dominação e cria aparatos em que o operário muito se orgulha de ter participado e vivido. Para muitos, um tempo de fartura, de emprego e de assistência por parte do empregador, personalizado na figura do Mister Walmsley.

A feira era uma beleza era tudo povo de moreno que vinha vender né? O povo do sitio né? O povo do engenho agente chamava os matutos. Eles plantava eles colhia e vinha vender tudo aqui na feira de moreno. “Mister homi”, era uma pessoa divina e maravilhosa para os operários, meu pai trabalhou com ele, levava ele pra casa e buscava.¹⁶⁵

“Mister homi” eu fui no escritório dele. Ele era tão bonzinho visse, aquela criatura deve ser santo La no céu. Ele era tão bom, ele era um dos donos, sei la o que ele era. Sei que ele era inglês ele passava por la, o chapéu dele ele pegava o chapéu machucava o chapéu todinho(gesticula como ele fazia) e saia, o cabelinho já ficando branco, ai passava fala com todo mundo, falava com todo mundo, pegava no nariz de um, no cabelo de outro, no ouvido. Ele era assim. Se ele visse você dormindo ele não dizia uma nem duas ia La apertava seu nariz, “ta com sono menino, ta com sono, va trabalhar, va trabalhar que você esperta” (*fala reproduzindo o sotaque do homem*)¹⁶⁶

Ele dava as madeiras (*o gerente inglês*) e ainda dava as lonas pra os barraqueiros, chamava “mister Homi”. Era um homem maravilhoso. Ele mantinha o externato de tudo, eu estudei La, tinha um vigilante da fábrica que me levava la de bicicleta.¹⁶⁷

A referência ao Mister Walmsley, chamado de “Mister Homi”, nos mostra como os operários internalizaram e viam essa figura proporcionadora dos benefícios que dispunha a SCBB. A forma como a fábrica envolvia as vidas dos trabalhadores e com eles criaram uma cultura de disciplina, de concentração de autoridade econômica e moral, caracteriza uma relação paternalista, onde o poder e os aparatos de dominação da fábrica perpassam por todas as esferas das vidas dos seus operários¹⁶⁸. As ações da

¹⁶⁵ Entrevista concedida por Maria José Silva

¹⁶⁶ Entrevista concedida por Rosa Maria. Grifos nosso

¹⁶⁷ Entrevista concedida por Humberto Montenegro. Grifos nosso

¹⁶⁸ À essa visão tradicional das normas e obrigações sociais, das funções econômicas particular dessa comunidade apontamos para o que Thompson chama de economia moral. Op. Cit. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo : companhia das letras, 1998. P. 152. Essa prática estabelecida pelos dois lados configura uma relação paternalista que envolve várias concessões do empregador para o empregado, cria uma relação de poder baseada na proteção, assistência, direito e costume. Assim, sob essa ótica, esse capítulo deseja relacionar tanto a política paternalista da fábrica quanto a interferência dos Maranhão enquanto constituidoras de uma economia moral.

fábrica baseavam-se nas suas diretrizes políticas de amparar os operários, na oferta de uma rede assistencial que contava com vários aparatos: a segurança e comodidade da vila, assistência médica e odontológica, financiamento de festas e comemorações, os clubes e demais assistências sociais.

Este tipo de relação que denominamos de paternalista precisa de uma explicação. Em *Crise do Brasil arcaico*¹⁶⁹, Juarez Brandão Lopes dá ênfase a um modelo patrimonialista que fora criado numa relação de submissão e subserviência entre empregadores e empregados em fábricas no interior. Essa visão do paternalismo- que fora chamado por Lopes de relação patrimonialista- enseja uma visão dos trabalhadores como desprovidos de uma ação, de sujeitos passivos. Lopes monta seu discurso e vê nas relações paternalistas apenas uma teia de poder desigual, de submissão de trabalhadores desprovidos de uma consciência de classe. Essa visão perdurou por muito tempo na historiografia e outros trabalhos trazem a marca dessa perspectiva¹⁷⁰.

Nós, no entanto, tomamos outro rumo. Este trabalho tem a função de investigar as experiências e vivências da classe operária de Moreno, suas relações com outros setores da sociedade. Daí, ao analisar as relações entre trabalhadores e patrões, principalmente numa leitura a posteriori nas entrevistas concedidas, percebemos uma relação que definimos como paternalista. O uso desse conceito é deveras impreciso, elástico e de certa forma vazio, porém, entendemos seu uso como uma forma de relacionar uma relação negociada¹⁷¹. Entendemos o paternalismo não como algo imputado por um chefe e apenas consumido por sujeitos sem identidades ou vontade próprias. A relação ao conceito deve ser entendida como interesses negociados que se alinham, sejam para minorar as árduas horas trabalhadas com incentivos de plantação e criação de animais, ou na oferta de lazer dentro de uma perspectiva da cultura operária. O termo aqui assume a forma de negociação que houve entre nossos sujeitos, algo que a os operários da SCBB viveram, sentiram, consumiram, negociaram, renegociaram nas suas relações. E que também serviu de estratégia de dominação.

¹⁶⁹ LOPES, Juarez Brandão. **Crise do Brasil arcaico**. Difusão europeia do livro. São Paulo, 1967.

¹⁷⁰ Op. Cit. Weffort, Francisco Correia. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

¹⁷¹ Op. Cit. NEGRO. Antonio Luigi. Paternalismo, Populismo e história social. Cad. AEL, v11, n. 20/21, 2004.

Ao se referir ao conceito de paternalismo Fernando Teixeira e Hélio da Costa assim abordam:

Alguns princípios gerais da noção de hegemonia utilizada por Thompson permitem perceber como os trabalhadores retiravam da ideologia formal do “modelo paternalista” os recursos necessários às suas demandas e lutas, utilizando-o como algo que pertencia ao seu patrimônio adquirido.¹⁷²

Assim, entendemos que a relação paternalista vai muito mais além de uma teia de poder dominadora onde sujeitos passivos apenas consomem e são dominados. É isso também, mas há trocas sociais, culturais, os “de baixo” assinalam suas relações positivando e ressignificando a relação com demandas e pautas suas. Dentro da relação paternalista da fábrica de Moreno, veremos nos seus percursos mudanças e atualizações de pautas que colocam em cheque o poder do patrão, os meandros dessa relação nos colocarão em frente a ampliação dos significados desse debate.

Os planos de assistência social, e amparo ao trabalhador ganham a partir da década de 1940, cunho de cientificidade para normatização dos organismos sociais e se refletem nos discursos do periódico *Correio de Moreno*. O serviço assistencial passa a ser visto como essencial para harmonizar as relações entre trabalhadores e empregadores, para o bom andamento da sociedade. Que esse discurso fora usado desde início para manter uma boa relação entre capital e trabalho não resta dúvida, mas, a partir da década de 1940 percebemos um discurso de cunho científico na tentativa de embasar a necessidade do serviço social enquanto ciência:

Necessidade do Serviço Social

Precisamos evoluir da assistência de processos empíricos para uma assistência de baseada em conhecimentos científicos e realizadas sob uma técnica específica. Não basta proteger o homem, exclusivamente, em função do interesse público, ou seja, considera-lo apenas como um agente de produção. A nova política social caracteriza-se não somente por aquela preocupação de tutelar, mas, e principalmente, em fazer ressaltar os atributos da pessoa humana, isto é, em garantir todo zelo e respeito à personalidade do assistido. E este é, precisamente, o supremo objetivo do SERVIÇO SOCIAL: dar à personalidade os estímulos e as garantias de sua plena e natural expansão. Para o seu esforço consciente é o de minorar, corrigir e prevenir as deficiências dos indivíduos humanos e dos grupos sociais, buscando ainda,

¹⁷² SILVA, Fernando Teixeira; Costa Hélio. **Trabalhadores urbanos e populismo**: um balanço dos estudos recentes. In: **O populismo e sua história**. Debate e crítica / organização, Jorge Ferreira- 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

pela elevação das condições de vida, realizar uma tarefa altamente construtiva que se inicia pela remoção das “causas” dos desajustamentos.¹⁷³

Assim, na oferta da assistência social, a empresa se esforça para proporcionar ao trabalhador os meios sociais que possa garantir o ajustamento dos indivíduos e dos grupos sociais. O não amparo às demandas dos trabalhadores poderia causar uma “deficiência social”. Nessa matéria, o jornalista cita ainda como algumas empresas belgas, francesas e inglesas tem o serviço social como compreensão entre empregados e empregadores, entrando em cena um profissional imbuído dos conceitos referentes às técnicas usadas nesses meios: o assistente social.

Os meios de assistência social iniciados em 1917 ganham uma direção científica para garantir “os atributos da pessoa humana”. A estrutura de dominação fábrica-vida operária recebe o reforço científico para a garantia do bom funcionamento e a remoção dos desajustamentos.

É já vitoriosa a ideia de que os problemas sociais tais como se nos apresentam no momento anterior- não põem mai ser tratados com o emprego de medidas empíricas como as utilizadas pelos métodos tradicionais de assistência. A América do norte, a Europa, e mais recentemente a América do Sul encontram o caminho que levará a uma solução senão completa e geral- o que é de todo impossível relativamente as questões humanas e sociais-pelo menos a um estável estado de equilíbrio e normalidade dos quadros da vida social e das relações humanas. Um maior conhecimento da psicologia (...) um conhecimento mais profundo das ciências sociais, sobretudo no tocante à questões jurídicas e econômicas; a conquistas de certas técnicas, tudo isso permitiu serem encontrados novos meios de combate e novas formas de correção dos desajustamentos individuais e coletivos.¹⁷⁴

Dentro dessa lógica organizativa, o assistente social é o profissional que utiliza de técnicas científicas em contraposição às empíricas, para manter a compreensão e proporcionar a correção aos desajustamentos sociais¹⁷⁵. É ele quem dá o suporte técnico científico necessário para que os meios sociais se compreendam e se mantenham em ordem. Tendo como base técnicas avançadas da psicologia, das ciências sociais para o melhor entendimento e atuação nos setores sociais.

¹⁷³ Correio de Moreno, 8 de agosto de 1948. P. 02 APEJE.

¹⁷⁴ Correio de Moreno, 15 de agosto de 1948. P.01. APEJE.

¹⁷⁵ Correio de Moreno, 15 de agosto de 1948. P. 01. APEJE

A fábrica investe nesses meios para incentivar o civismo e a boa conduta, status que garantem o “bom ajustamento” da sociedade fazendo uso de palestras- entre outros mecanismos- como a que foi realizada no dia 27 de abril de 1947 :

Palestra lítero-cívica-humorística

A gerência da Societé Cotonnière Belge Bresilienne tem a satisfação de convidar aos seus operários e famílias para assistirem a uma palestra de civismo e bom humor que, sob seu patrocínio realizará o prof. Ubirajara Moreira, da rádio MAYRINCK VEIGA, do Rio de Janeiro. A palestra realizar-se-á hoje às 13 horas no grupo escolar SOFRÔNIO PORTELA, nesta cidade. A entrada é franca.¹⁷⁶

O reforço e o apelo ao civismo, à moral cidadã e religiosa, são usados e justificados para manter um bom ordenamento na sociedade. A SCBB fazendo uso do *Correio de Moreno* enfatiza que o civismo era um remédio aos desajustamentos, e o serviço social vinha no reforço ao civismo e a moral. No combate aos lares ilícitos, o *Correio de Moreno* noticiava que a solução encontrava-se na educação moral e religiosa, no civismo¹⁷⁷ que fazia com que o “bom” cidadão não se torne desviante na conduta social estabelecida.

Para se combater as ideias contrárias aos meios de trabalho e garantir o bem-estar entre capital e trabalho, nas dificuldades econômicas que poderiam levar a um desajustamento, o investimento no serviço social era a principal medida, pois, sua carência, a pobreza, a miséria, poderia levar os operários a ideologias “exóticas”. A lógica funcionava na seguinte ordem: um operariado bem amparado socialmente não aderiria a ideias subversivas; já o que não estivesse amparado, facilmente poderia se enveredar para ideias subversivas. Nessa lógica, não havia sujeitos que pensassem fora da ideologia dominante, o que havia era apenas fome e miséria¹⁷⁸ de homens não amparados que aderiam às ideias subversivas. Uma linha de raciocínio ligada ao momento político pós-45 onde se queria manter a ordem e afastar ideologias ditas subversivas.

Para o “bom funcionamento” da sociedade, então, a SCBB investia pesado na oferta de assistência social para coibir adesão às ideologias que viessem a se contrapor a

¹⁷⁶ Correio de Moreno, 21 de abril de 1947. P.01. APEJE.

¹⁷⁷ Correio de Moreno, 22 de Setembro de 1946. P.03. APEJE.

¹⁷⁸ Correio de Moreno, 16 de janeiro de 1949. P.01. APEJE.

ordem social vigente e aos seus ideais de dominação. A oposição e o combate ao Partido Comunista guiavam as intenções do ajustamento social. Com inúmeros adeptos na cidade de Moreno, as ideias comunistas se tornam alvos perenes da SCBB e da DOPS¹⁷⁹.

As ofertas assistenciais governamentais, alinhadas a essa perspectiva, são colocadas claramente no decreto-lei nº 9.403 de 25 de junho de 1946, que atribui à confederação nacional da indústria o encargo de criar, organizar e dirigir o Serviço social da indústria: a Lei de criação do SESI. Esta lei tem como objetivo sanar as dificuldades “que os encargos de pós-guerra têm criado na vida social e econômica do país, com intensas repercussões nas condições de vida coletiva, em geral das classes menos favorecidas”¹⁸⁰. O bem estar social dos trabalhadores ganha status de lei, sendo o Estado e as indústrias, os responsáveis para manter os meios viáveis. O SESI surge como meio de aumentar e estender a todo o território nacional o serviço social. E essa política governamental chega a Moreno.

Em setembro de 1951 têm início as obras do SESI em Moreno, contando com

Biblioteca para adultos e crianças, salão e projeção de cinema com assentos para o público, gabinete médico e dentário, palco para teatro, bar, departamento de secretaria, campo de basquete e de voleibol, esperando-se para adiante campo de futebol também¹⁸¹..

O SESI em Moreno, para viabilizar sua função de “manter a paz social”¹⁸², traz consigo aparatos de assistência ao trabalhador, reforçando o papel desempenhado diretamente pela a indústria local.

Assim, somado ao SESI vemos as concessões de moradias, a assistência direta pela fábrica, a oferta do lazer proporcionada pelos clubes com investimentos da fábrica como estabelecimento de uma economia moral¹⁸³ baseada no paternalismo, estabelecendo diversas concessões econômica e social. Seja na forma de atendimento direto pela figura do gerente, seja no estabelecimento de regras para assistência social,

¹⁷⁹ Sobre a DOPS, o PCB e suas relações com a SCBB veremos no 4º capítulo.

¹⁸⁰ Decreto-lei nº 9.403 de 25 de Julho de 1946. Disponível In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De19403.htm acesso em 10 de Abril de 2013.

¹⁸¹ Correio de Moreno, 30 de Setembro de 1951. P. 01. APEJE.

¹⁸² Idem

¹⁸³ Op. Cit. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo : companhia das letras, 1998. P. 150.

concessões de plantios nos subúrbios rurais ou nos espaços das casas da vila¹⁸⁴, monta-se em Moreno um aparato de dominação econômico-cultural que estabelece uma relação paternalista entre os empregadores e os empregados da SCBB. A elite local no domínio político se soma à gerência da Societé para o estabelecimento paternalístico dessa relação que se cultua nos meios econômico e cultural.

Esses elementos de concessões são articulados com a lógica do trabalho e da servidão econômica construída nesta "cidade-empresa", onde o estabelecimento de medidas econômicas-sociais-culturais se entrelaçam na perspectiva de uma economia moral ensejando a dominação. Por longos anos, o sucesso dessa gestão administrativa- a gestão inglesa- mantém essa política paternalista junto aos operários, fazendo com que se crie vínculos baseados no direito e no costume entre ambas as partes - operários e patrões.

No entanto, a partir do ano de 1951, há uma quebra com a estrutura paternalista da fábrica no momento que é trocada a gerência inglesa pela belga. A imagem do "mister homi" e a conseqüente relação aos benefícios assistenciais sofre uma brusca mudança quando os belgas assumem a gerência. Há um rompimento com a economia moral criada pela empresa, e um conseqüente desarranjo nas relações de classe refletida nas greves de 1951 e 1952. Sendo que paralelamente a essa mudança, surge um novo modelo de interlocução junto a classe operária: a política do prefeito Ney Maranhão. Os anos 50 marcam essas mudanças na cidade de Moreno- conforme veremos adiante- e estabelecem novos mecanismos e atores sociais.

Podemos dizer, então, que existiu por parte da SCBB um forte investimento nos serviços assistenciais como componente norteador de sua estratégia de dominação. Esses meios tornaram-se eficientes para milhares de operários, pois, a internalização pelos operários se fez pelo consumo de benefícios que estavam presentes em seus cotidianos. Foi criada, dessa forma, uma economia moral, uma estratégia de dominação dentro do modelo fábrica-vila operária que ganha a ideologia científica característica do pós-45 no Brasil para manutenção da ordem social.

¹⁸⁴ Conforme vimos no 2º capítulo.

3.3. Uma interlocução direta com a classe operária: a política dos Maranhão.¹⁸⁵

Eleito prefeito em 1950, Ney de Albuquerque Maranhão, surge em Moreno como força política petebista (PTB) e desenvolve um plano de governo voltado para a classe operária local. Filho de um latifundiário e deputado Estadual- Constâncio Maranhão-, pertence a uma das famílias mais tradicionais da elite açucareira pernambucana¹⁸⁶. Este prefeito inicia uma política baseada na interlocução direta com a classe operária local, inaugurando a política maranhense.

A abertura política de 1946 proporcionou a volta das disputas partidárias. Em Moreno, como vimos, o executivo municipal estava em constante simbiose com a administração da fábrica têxtil. Como sempre fora, a legitimação do cargo de prefeito passava por um aval da elite rural e da fábrica, e os ocupantes do executivo local dividiam os afazeres e as responsabilidades públicas da cidade com a gerência da fábrica. Uma característica do formato da cidade de Moreno, onde fora criada segundo o modelo anteriormente montado de fábrica com vila operária no interior, estando os poderes públicos e privados em constante contato numa relação de apoio mútuo. A fábrica gerenciava os bens públicos, construía prédios, mantinha limpeza urbana, enfim, parte da responsabilidade pública da cidade era da fábrica¹⁸⁷, parte era do poder público municipal e os dois sempre estiveram lado-a-lado exercendo e mantendo o poder local¹⁸⁸.

Numa cidade majoritariamente operária, pobre, e relativamente afastada da capital, a política local manteve ares paternalistas. De um lado a política assistencialista da fábrica e de outro o seu prolongamento por parte do poder público fizeram da cidade

¹⁸⁵ Maranhense se refere à política desenvolvida por Ney Maranhão e Constâncio Maranhão em Moreno, conforme veremos suas características. Respectivamente Prefeito da cidade de Moreno sendo posteriormente deputado federal e deputado estadual por Pernambuco o último.

¹⁸⁶ Correio de Moreno, 18 de Novembro de 1951. P. 02. APEJE.

¹⁸⁷ Segundo Suetini Jean, a prefeitura só assumiu definitivamente a gerência de conversação urbana e das intervenções urbanísticas da cidade em 1962. In: JEAN, Suetinni. **Um lugar belga em Pernambuco: o núcleo fabril da Societé Cotonnière Belge-Brésilienne S. A. e a consolidação em cidade de Moreno.** Dissertação de mestrado CAC. Arquitetura. Recife, 2011. P. 109.

¹⁸⁸ Na análise de José Sergio Leite Lopes na cidade de Paulista, a figura do coronel empresário e seus instrumentos de poder exercem o poder local de fato IN: LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés.** São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.

Em Moreno existiu também um sistema de dominação com baseado do poder local da fábrica, no entanto, vemos em Moreno um deslocamento desse poder também nas mãos da elite rural local que sempre ocupou cargos públicos e fez juntamente com a fábrica o poder local e a ausência do chefe-coronel deslocou distribuiu o poder da fábrica para os gerentes que colocavam em prática os sistemas de dominação fabril.

de Moreno um espaço de grande exercício de uma política paternalista característica de um espaço semi-rural.

A ascensão de Ney Maranhão marca a separação, a desvinculação da simbiose poder-público poder - privado. O prefeito eleito de Moreno, apesar de seguir os parâmetros dos antecedentes e fazer parte da elite rural local, traça uma estratégia política não mais centrada na base de apoio da fábrica, mas traçando uma interlocução direta com a classe operária, sem necessariamente passar pela elite da cidade. Um latifundiário que faz um intermédio direto com a classe operária de Moreno, levando consigo os paradigmas assistencialistas característicos do meio rural e uma política utilizada em centros urbanos.

Dessa forma, inicia-se uma nova política em Moreno, uma política de aproximação com operariado, aproveitando a força e pauta política de novos agentes na política: a classe trabalhadora. Desenha-se um discurso onde as diferenças entre a elite e o povo são diminuídas, criando a figura de um político aberto aos anseios do povo pobre e oprimido, acessível e generoso com os mais pobres. Ao mesmo tempo em que se alinha à fábrica quando busca angariar recursos, quando intervém nas questões grevistas procurando uma negociação direta entre operários e gerência, mas de maneira independente à fábrica.

Ney Maranhão e seu grupo político assumem o periódico *Correio de Moreno*, o qual era usado pela fábrica para difundir seus ideais. A partir da sua ascensão na prefeitura, o *Correio* passa a servir como propagador do novo projeto e ideal político: a política maranhense. Logo, as páginas do periódico local estampam a participação do prefeito na modernização da cidade, suas lutas para desapropriação de terras e na salvaguarda daqueles que estavam morrendo de fome¹⁸⁹. Assim, o prefeito sempre se coloca a favor da classe menos favorecida, representante do povo pobre da cidade e defensor de seus interesses. E procedendo:

A sua maneira agradável de atender quantos vão ao seu gabinete de trabalho e as suas atitudes filantrópicas, são fatores que muito contribuíram para a crescente popularidade do seu nome entre nós. É talvez, um dos prefeitos no Brasil, que não colhe o resultado do seu trabalho, reservando os seus vencimentos, para beneficiar a população pobre do município. Que o senhor Ney Maranhão continue trilhando o caminho que traçou ao assumir o cargo de prefeito do Moreno, porque si o lado administrativo é digno de um registro

¹⁸⁹ Correio de Moreno, 17 de Maio de 1953. P.03. APEJE.

especial, o lado social é bem merecedor dos louvores e aplausos de quantos vivem na terra dos eucaliptos frondosos e verdejantes.¹⁹⁰

A política de Ney Maranhão está associada à aproximação com os pobres e com desenvolvimento de meios assistenciais para o operário, no mesmo sentido da assistência social da fábrica. E assim como a SCBB monta um aparato assistencial para proteção do operário na tentativa de se criar laços, uma economia moral proporcionada pelo poder público. Para isso, investe na propaganda de que seu governo estaria libertando Moreno do poderio da fábrica, das amarras dominadora da fábrica em relação à cidade. Esse discurso repete-se amiúde no periódico *Correio de moreno*. Com a desapropriação de 60 hectares de terra da fábrica pela prefeitura local, Ney Maranhão aparece como o “emancipador de Moreno” tal qual D. Pedro I em 7 de Setembro de 1822”¹⁹¹.

A celebração da desapropriação conta com um ato político festivo numa cerimônia de representação na qual Ney Maranhão é colocado pelo jornal como emancipador de Moreno juntamente com seu pai, Constâncio Maranhão, então deputado estadual. Um ato simbólico de uma entrega de caneta pelo operário José Pereira Cunha ao deputado Constâncio Maranhão enseja que aquele dia entrará para a história como o momento de libertação da cidade.

A desapropriação das terras da fábrica reflete diretamente no imaginário dos operários como luta do prefeito para causas suas.

(...) gostava dele, de Ney. É que nem eu gosto de Lula. Quem fale de Lula fale quem quiser, mas eu num falo. Eu tenho a paixão por Lula.

Entrevistador: E o Ney Maranhão, por que a senhora gosta dele?

Porque foi bom prefeito e desapropriou esse pedaço de terra tão grande pra gente. Pra gente morar. Se não fosse ele, eu não tava aqui. Tava morando lá naquele pedregulho, meu filho, pra descer, as pernas finas não descia mais, que não podia. E a cabeça bêbada do jeito que vivo, trabalhada demais, como é que eu ia sair de lá daquele mundo pra ir pra um médico, pra ir pra um dentista, qualquer negócio. Não podia sair mais. E aqui não. Olha, carro chega na porta. O ponto do ônibus ali...¹⁹²

¹⁹⁰ Correio de Moreno, 7 de Setembro de 1953. P.01. APEJE.

¹⁹¹ Correio de Moreno, 22 de Novembro de 1953 p. 01. APEJE.

¹⁹² Entrevista concedida por Maria José Gomes. Grifos nosso.

Grande prefeito de Moreno. Gostava, ajudou muito. Esse Alto Santo Antônio aí, ele desapropriou esse Alto Santo Antônio. Ele foi muito bom, Ney Maranhão. Ele era um pai. Ele foi um pai pra o povo Moreno.¹⁹³

Ney Maranhão inaugura em Moreno uma política de fortes laços populistas onde envolve a vida de centenas de trabalhadores e compõe junto com eles um sistema assistencial para auxílio direto, marca presença de forma direta nas vidas dos operários. Ao se referir ao prefeito com um “pai”, a entrevistada, Terezinha dos Santos Silva, nos mostra como a política do prefeito surte efeito na percepção dos operários no tocante ao grau de aproximação que foi estabelecido entre sua política e os operários de Moreno.

Ao analisar o modelo político estabelecido na comunidade operária de São Miguel paulista, bairro operário de São Paulo, por políticos tradicionais que tem uma aproximação direta com a classe operária, Paulo Fontes nos mostra como Ademar de Barros e Jânio Quadros se aproximam e mantêm um contato direto com a classe operária.

Figura carregada de ambiguidades, Ademar de Barros foi um dos políticos tradicionais que mais claramente percebeu a novidade que representava para o cenário político, a presença de milhares de novos eleitores oriundos dos bairros e cidades operárias que rapidamente cresciam em São Paulo. (...) Ademar não apenas comparecia aos bairros, como também passou a frequentar as casas de apoiadores e leitores em geral.¹⁹⁴

Jânio Quadros foi construindo uma imagem de um político diferente, um homem simples e acessível, verdadeiramente próximo e interessado na vida e nos problemas dos moradores pobres da periferia.¹⁹⁵

Ademar de Barros e Jânio Quadros são vistos como políticos que percebendo a força do eleitorado operário têm com esses uma interlocução direta. Para isso usam de estratégias que visam uma grande aproximação com o eleitorado, num corpo-a-corpo que atraiu grande número de votantes e adeptos. Comparativamente a esse tipo de política em São Miguel Paulista, Ney Maranhão e seu pai, Constâncio Maranhão, notam a força do operariado e tem com eles uma interlocução direta. Se em São Miguel paulista Jânio Quadros e Ademar de Barros desenvolvem sua política junto a uma classe operária na periferia da cidade de São Paulo, em Moreno os latifundiários de uma das famílias mais tradicionais de Pernambuco tendo a classe operária o seu reduto político

¹⁹³ Entrevista concedida por Terezinha dos Santos Silva.

¹⁹⁴ FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. P. 241.

¹⁹⁵ Idem, p. 248.

carregam uma visão política aproximada aos paulistas em questão, mas também trazem consigo um coronelismo arraigado típico das relações dos senhores de engenho. Assim caracterizamos essa política como sendo populista/coronelista.

Assim como paternalismo, o conceito de populismo gera certa imprecisão. Por ser um termo que pode suscitar diversas interpretações- tanto no meio acadêmico, como no senso comum - a sua utilização carece ser mais bem caracterizada. Angela de Castro Gomes e Jorge Ferreira nos colocam a pensar a trajetória do uso acadêmico do populismo¹⁹⁶ nas ciências sociais de forma bastante articulada e sistematizada, nos fornecendo um bom debate e reflexão acerca do conceito. Nos mostram que nos anos 1950 o conceito de populismo surge como uma maneira de “formular uma interpretação para a crise nacional em curso, interpretação que pretendia esclarecer e mobilizar as forças progressistas do país, tendo em vista o desencadeamento de um movimento amplo em prol de reformas de base”¹⁹⁷. Dentro da agenda desses acadêmicos estava a questão do populismo preocupado em esclarecer questões sobre o Ademarismo e Janismo na política brasileira. Porém, para essa geração as massas se apresentam como inconscientes do seu papel de classe, ficando presas a espoliações da política populista.

Nos anos 1960 surgem novas interpretações, e um autor se destaca na análise do populismo: o professor de sociologia de Universidade de São Paulo Francisco Weffort. Esse autor é representativo de uma geração que tinha em sua agenda responder as causas do golpe militar. Para Weffort e sua geração- Juarez Brandão, Leôncio Martins Rodrigues, para citar apenas os maiores expoentes dessa época- o populismo e as relações do líder com as massas assumem um caráter de manipulação, cooptação, cupulismo. A categoria manipulação assume o papel principal nessa visão.

Assim, as análises das relações mantidas entre Estado e classe trabalhadora são conduzidas sob certa tensão, sob certa ambiguidade: ora interlocução, ora manipulação. No entanto, esta última maneira, de cima para baixo, foi a que se firmou nos estudos posteriores, ressaltando-se as passagens em que Weffort analisa de maneira mais caricatural as relações entre as “massas” e os “líderes” populistas: manipulação, emocionalidade, relações individuais, traição etc. Seja como for, com a teoria da modernização, as ideias do grupo de Itatiaia, a interpretação sociológica do movimento operário e os trabalhos

¹⁹⁶ **O populismo e sua história.** Debate e crítica / organização, Jorge Ferreira- 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

¹⁹⁷ GOMES, Angela de Castro. **O populismo e as ciências sociais no Brasil:** Notas sobre a Trajetória de um conceito. In: **O populismo e sua história.** Debate e crítica / organização, Jorge Ferreira- 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013. P. 23.

de Weffort, o populismo, na segunda metade dos anos 60, começou a firmar-se nas ciências sociais humanas no Brasil.¹⁹⁸

A década de 1980 e as novas abordagens na história social trazem a ampliação e fragmentação do tema, seus usos eram pautados agora em dadas realidades empíricas, numa fragmentação da teoria sociológica que adota mais cautela e novos horizontes metodológicos acerca de como as massas e a classe era vista. *A invenção do trabalhismo*¹⁹⁹ surge nessa época tentando dialogar com as análises sociológicas e políticas dentro de uma perspectiva da classe enquanto sujeito, estabelecendo o papel ativo dos trabalhadores, saia da ideia de ausência de lideranças “verdadeiras”, e da “falsa consciência”. A obra é pioneira no deslocamento da abordagem do conceito, e traz um amplo debate acoplado que serviu de base para outras discussões acerca da temática. A autora rejeita o uso do termo populismo por opção, mas descortina novas abordagens acerca das relações entre classes. Estabelecem-se novas abordagens, novos paradigmas são impetrados para se pensar a história da classe trabalhadora brasileira, a história do trabalho que teve como experiência a prática “dita populista”. Os resultados dos novos estudos veem o populismo como uma prática política que envolveu de forma significativa a classe trabalhadora brasileira, esteve presente em sua experiência de classe. Sai da percepção de inconsciência de classe, manipulação e assume uma postura de troca entre classes, assim, coloca o classe trabalhadora como sujeito ativo dentro de uma perspectiva populista.

A definição do conceito ainda é imprecisa, o que temos é um amplo campo de debate a ser realizado. Dialogando com a recente atualização do conceito, Antonio Luigi Negro assim coloca a questão:

As considerações de Bordieu sobre o dom nos apontam elementos importantes. Ressaltando a ambiguidade de sua experiência, é primeiro observado que- sem descartar a consciência da lógica da troca- o doador atua representando a rejeição do interesse e do cálculo egoísta e exaltando a generosidade, a troca permite a *comunicação que converte as relações de força bruta [...] em relações duráveis de poder simbólico; ela transfigura o capital econômico em capital simbólico, a dominação econômica em dependência pessoal*. Por isso, Bordieu assegura que tentativas de transformar a troca simbólica *pela consciência e pela vontade* colidem com *resistências ocultas dos afetos e com as injunções tenazes da culpabilidade*.

¹⁹⁸ FERREIRA, Jorge. **O nome e a coisa**: o populismo na política brasileira. In: **O populismo e sua história**. Debate e crítica / organização, Jorge Ferreira- 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013. P. 79.

¹⁹⁹ GOMES, A. de C. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice, 1988.

Note-se ainda o fato de Bordieu sublinhar que a troca não é possível sem o *conhecimento e reconhecimento*. Isto é, não é possível sem que os *dominados compartilhem com os dominantes esquemas comuns de percepção e apreciação* através dos quais os dominados percebem o modo como são percebidos pelos dominantes. Tudo isso nos afasta da tese do populismo como política de demagogia ou obscurecimento da consciência dos trabalhadores. E nos aproxima da hegemonia, um campo de relações em que classes sociais distintas constroem, compartilham e disputam ideologias, valores, crenças, práticas e espaços, comuns ou contíguos.²⁰⁰

Entendemos então esse campo de forças- os Maranhão e a classe operária morenense- é esse elemento político negociado, advindo de uma ação bilateral. Assim, destacamos o “sistema de alianças”²⁰¹ entre classes para a investigação bilateral da análise sócio- histórica do estudo da política populista abordando as experiências dos trabalhadores com outras classes sociais. Acentuamos que as recentes visões sobre a história do trabalho trazem esse ponto de vista e oferecem “uma visão alternativa sobre a classe operária nos anos do populismo.”²⁰²

Em Moreno se fez uma política de grande aproximação com a classe operária por parte dos Maranhão:

O que aconteceu o seguinte, eu e meu pai, a gente dava todo o apoio ao operário, mas por outro lado também dava um apoio às fábricas, como? Com prestígio que a gente tinha, junto ao Governo do Estado e eu junto ao governo Federal, bancos oficiais, nós conseguíamos empréstimos e dinheiro barato pra fábrica, pra eles poderem movimentar e com isso, ajudar mais os operários. Não era só exigir das fábricas, os operários, mas sem eles terem cobertura financeira pra isso. Então era, por isso que a fábrica ia pra frente. (...) quando eu cheguei em Moreno, quando eu fiz minha campanha em Moreno, a minha campanha foi uma campanha de casa em casa. Eu nunca acreditei em comício em praça pública, essa conversa eu não acreditei, minha conversa era conversar como povo nas casas. E sempre tive o cuidado de conversar sozinho. Eu não ia com ninguém porque senão o povo dizia que aquilo que tava acontecendo com medo dos cabras que tavam atrás de mim, que podia bater, mas em mim confiava.²⁰³

Nessa fala, o ex-prefeito, deixa claro sua forma de atuação política, dar apoio ao operário e angariar junto aos poderes públicos meios para o fortalecimento da máquina fabril. A ida direto à casa dos trabalhadores, as conversas a sós com os operários

²⁰⁰ NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. Cad. AEL, v.11, n. 20/21, 2004. P. 23

²⁰¹ SILVA, Fernando Teixeira da. COSTA, Helio da. **Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes**. In: **O populismo e sua história**. Debate e crítica / organização, Jorge Ferreira- 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

²⁰² Idem. P. 268.

²⁰³ Entrevista concedida pelo ex-prefeito da cidade de Moreno, Ney de Albuquerque Maranhão.

marcam a aproximação nunca antes vista pelos operários de um grande latifundiário às casas da população. Ney Maranhão e seu pai conseguem enxergar o alto potencial eleitoral da classe operária e tem com ela uma relação direta.

Naquela época, rapaz, ele vivia aqui com a gente, Ney Maranhão, sentava ali na porta da fábrica ali no chão ali pra conversar com a gente até a gente entrar, até a hora de trabalhar. Ney Maranhão, rapaz, fez essa maternidade. Ney Maranhão fez aquela pracinha ali de frente ali a calçada que passa os carros ali, quebra aquilo, aquele palanque de frente a prefeitura. Foi ele que fez. Aquele abrigo lá em cima, de boi e de galinha, foi ele que fez, tá vendo? A maternidade eu falei. Moreno, aqui onde é o banco que era o Banco Real, ali é pronto socorro que Ney Maranhão fez. Ney Maranhão fez a maternidade. Essas praças de Moreno, naquela época que televisão a gente não tinha, era bicho brabo, cada barzinho ele colocou uma televisão pra gente. Quando ele tava pra assumir isso aqui, o que foi que aconteceu? Em cinquenta e dois, virou um ônibus lá embaixo, na virada. Ele assumiu tudo antes de ser prefeito. Assumiu tudo aquilo ali ó. Morreu dezesseis pessoas.²⁰⁴

A forte ligação de Ney Maranhão com o operariado foi registrada na memória dos trabalhadores como o político que se distinguia dos demais por estar perto do povo, por frequentar locais de trânsito de operários. Um sentimento que mistura a admiração de ter um político nos meios operários e por esse político fazer parte de uma classe abastada que estava empenhada em benefícios diretos aos operários.

Na leitura de vários de nossos entrevistados, Ney Maranhão aparece como o político que trabalhou para eles, que desapropriou, que enfrentou a fábrica em favor da classe operária. O sistema de benefício social da fábrica, em deficiência no momento por questões gerenciais²⁰⁵, é recriado pelo prefeito Ney Maranhão no momento que sua posição é na representação do operariado.

Liberdade ainda que tardia

O que fazemos nessa edição, aliás possuídos dos mais justos regozijo, regozijo que se tornou extensivo à população de local, porque o velho Correio de Moreno, de tantas tradições no seio da imprensa matuta, circula, agora, com completa liberdade de ação, com completa independência. Ao deputado Constâncio Maranhão e ao prefeito Ney Maranhão, dois vultos de real expressão na política do Estado, aliás pioneiros das grandes reformas por que Moreno tem passado nesses últimos tempos, devemos mais essa grande vitória. Depois da desapropriação de grande quantidade de terras (que para muitos não passava de um sonho), e que tanto beneficiou nosso povo, além de tornar o município independente, acabam de dar à Moreno uma imprensa livre, completando destarte a sua autonomia. (...) Teremos daqui por diante

²⁰⁴ Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti.

²⁰⁵ O momento de ascensão da política maranhense coincide com a crise administrativa da SCBB. Sai :Mister Walmsley e toda gerência inglesa, entram os belgas com outra perspectiva gerencial. Uma delas é a redução drástica dos aparatos assistenciais.

de estar em contato mais direto com o povo desta terra. Teremos de ouvir com solicitude e maior interesse as suas reclamações. Teremos que zelar e defende-los em quaisquer emergência. Somos, enfim, a porta que o povo sempre vai bater, quando oprimidos ou preteridos nos seus direitos, clama por justiça e batalha pela vitória das suas reivindicações.²⁰⁶

A desapropriação elevou o sentido de protetor e defensor do povo morenense, o jornal que já vinha sendo usado como difusor de seus ideais passa agora a pertencer aos Maranhão e estabelece uma missão: defesa do povo pobre e oprimido do Moreno. A política assistencial de Ney Maranhão substitui em parte à outrora bem articulada política fabril, pois, essa passa por reformas administrativas²⁰⁷ onde há sua diminuição e falta de assistência aos operários, que encontram na política do executivo local o amparo assistencial. A pauta operária tem um novo direcionamento: as ações de Ney Maranhão e, paralelamente, as mobilizações operárias grevistas.

Desapropriei 150 hectares de terra. Vendi mil e duzentos lotes, mil e duzentos. Você vê que Moreno hoje, agora que começou a ter casa de Cohab, casa de Pombo, chama aquilo de casa de Pombo, que a mulher briga com o marido de um lado e outro tão ouvindo tudinho do outro lado. Eu então briguei naquele tempo. Foi a maior desapropriação de zona urbana do estado de Pernambuco daquela época, foi a minha. Então loteei, lote de 10 metros de frente por 20 de fundo. Quando *foi feito* ai podia fazer a sua casinha, podia ter sua hortazinha, ter suas fruteira, ali ter sua privacidade.²⁰⁸

A desapropriação de terras da fábrica marca o mandato do prefeito marca a memória dos operários, e é mais um ingrediente da sua política de aproximação junto à classe operária. Obras como construção de pontes e praças, distribuição de televisores em pontos públicos da cidade, fez com que os operários até hoje se lembrem do prefeito, o político provedor das demandas do povo e intermediário das necessidades operárias:

Nós éramos uma espécie de intermediário (*ele, o prefeito Ney Maranhão e o seu pai, o deputado estadual Constâncio Maranhão.*) (...) fazia ponte, mas chegou uma vez um tal de Doutor o inglês, e meteu-se a cavalo do cão, não sabia as coisas direitinho, e papai chegou... papai era muito cabra, mas ninguém mexesse nos calcanhar dele. Aí chegou um dia lá, aí no portão da fábrica, aí o não sabia quem era o veio, o deputado Maranhão, aí não quis deixar entrar, o veio meteu o pára-choque do carro, o carro era um (inaudível) daquele meteu o pára-choque que o portão da fábrica se abriu, deu um

²⁰⁶ Correio de Moreno, 24 de Janeiro de 1954. P.01. APEJE.

²⁰⁷ Discutiremos essas reformas pela qual passou a fábrica e sua posterior relação com o operariado no 4º capítulo dessa dissertação.

²⁰⁸ Entrevista concedida pelo ex-prefeito, Ney de Albuquerque Maranhão. Grifos nosso.

esporro nesse e se espalhou tudo lá dentro da fábrica. Por causa um problema trabalhista que eles não tinham razão.²⁰⁹

Além de estar na assistência ao operário, de manter uma política aproximativa na cidade, quando a classe operária fazia reivindicações e mobilizações trabalhistas estavam a postos para a interlocução na resolução das demandas. Os Maranhão, com sua política direta junto à classe operária, mantém o contato e se mobilizam nas demandas da classe operária durante os anos 50 e 60.²¹⁰

Durante o movimento pela conquista do salário mínimo na década de 50, quando os operários de Moreno estão se mobilizando para que seja garantido o recebimento do mínimo, o prefeito e o deputado Constâncio se pronunciam em folheto distribuído na cidade onde mostra a intenção de representar e estar junto aos operários dessa cidade:

(...) Meus caros operários, a decisão está em vossas mãos. Sem a união da classe, vocês não receberão o salário mínimo de Cr\$ 7.200,00. A greve é a solução. As garantias o deputado Constâncio Maranhão e o prefeito do município e a câmara dos vereadores vo-las darão e apoiarão incondicionalmente, o que ficar determinado na assembleia do dia primeiro, no sindicato. Estarei juntamente com o deputado Constâncio Maranhão e a câmara de vereadores, dia e noite, de vigília, até que a causa dos operários seja vitoriosa. (...) ²¹¹

Os Maranhão tiveram, então, um forte laço político-social com os operários de Moreno, suas atuações políticas perpassam diversos setores das vidas dos operários. Em Moreno e em diversos setores operários no estado de Pernambuco, o prefeito de Moreno esteve em constante ligação, principalmente junto às fábricas têxteis. Em tempos de greve e reivindicações lá estava o prefeito frente aos operários:

Ía pra dentro do sindicato, ía pra dentro do sindicato dar todo o apoio a eles, acompanhar. E tinha um cuidado, o seguinte, como papai tinha uma ligação muito forte também com o governo, pra evitar também é... a polícia, evitar é... a polícia se meter pra meter o pau, pra prender o pessoal. (...) tava fazendo um grande comício. Que eu apoiava toda essa área das fábrica de tecido, eu liderava essas coisas. E eu estava fazendo comício, e eles mandaram os cabras das usinas pra acabar o comício.(...) E aí isso me contradizou com esses Bezerra de Melo, ficaram brabo comigo por muito tempo, na fábrica da macaxeira, num piquete lá. E eu ficava no meio dessas coisas aí pra evitar que a polícia metesse o pau nos operários. Eu era uma espécie de pára-choque, eu e papai, em Moreno, eu e papai. Polícia lá não ía

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Sobre essas mobilizações ver o próximo capítulo dessa dissertação.

²¹¹ Arquivo funcional da fábrica de Moreno. Fundo SSP nº 179. Acervo DOPS- PE. APEJE.

se meter com eles, falavam o quiserem, dizia o que quer, não ia se meter... não fazia, vamos dizer, arbitrariedade, mas o que eles quisessem dizer, eles dizia e tava tudo livre, e a polícia não se metia, a gente tinha força pra isso.²¹²

Misturando-se nos meio dos operários para evitar que a polícia cometesse violência contra os operários, apoiando o sindicato, declarando-se publicamente contra as fábricas e a favor do operário, os Maranhão promovem uma intermediação com vários setores operários do Estado. Essas intermediações abrangiam a luta política, a promoção de festividades ou a assistência social.

Os jogos de futebol entre cidades foi outro ponto encontrado pelo prefeito para estar perto do povo. Tido para ensejar o clima de aproximação entre capital, representado pela fábrica, e trabalho, representado pelos trabalhadores, o futebol, cultura operária e instrumento da prática paternalista, passa da mesma forma a vislumbrar na política maranhense uma forma de aproximação. Ney fazia viagens às cidades montando embaixadas de honra²¹³ para visitar cidades operárias como Cabo de Santo Agostinho. A agremiação que levava o prefeito em sua embaixada era o Palmeiras, por ser um clube majoritariamente de operários, contou com o auxílio do prefeito e ensejou junto com ele momentos de expansão da interlocução de sua política.

Esses jogos eram um dos momentos de aproximação entre o prefeito popular e a classe operária, e também uma estratégia de expansão popular de sua política para outras cidades operárias, já na sua campanha para deputado federal. O projeto para a câmara federal contava com assistência aos subúrbios de Recife, de Jaboatão e as outras cidades operários como Paulista, Camaragibe, Cabo. Nesses lugares Ney Maranhão estendeu o que desenvolvia em Moreno: amparo ao povo pobre.

Espetáculos dos mais encantadores e que veio demonstrar o grande prestígio que o jovem prefeito Ney Maranhão e o deputado Alcides Teixeira são possuidores entre a classe pobre de Pernambuco, assistimos estupefactos no alto da Boa Vista, no Cavaleiro, distrito do próspero distrito de Jaboatão. Chegamos ao local por volta das 19 horas do domingo passado onde já encontravam concentradas cerca de 4.000 pessoas mais ou menos. As solenidades só tiveram início às 20:30 estando presentes- podemos afirmar sem receio de contestação- mais de 5 mil pessoas. A comitiva Ney Maranhão-Alcides Teixeira de entrada foi aclamada entusiasticamente pela massa popular que ali se encontrava. A finalidade daquela comitiva era inaugurar o Núcleo de Assistência Social Ney Maranhão, o qual já começou a prestar relevantes serviços de caridade cristã ao povo pobre daquele bairro

²¹² Entrevista concedida pelo ex-prefeito de Moreno Ney de Albuquerque Maranhão.

²¹³ Correio de Moreno, 7 de Fevereiro de 1954. P.03. APEJE.

que até pouco tempo estava entregue a própria sorte, mas que agora tem dois grandes líderes na defesa dos seus interesses e prontos para socorrerem as suas necessidades.²¹⁴

Atos políticos se transformavam em verdadeiras festividades apoteóticas para celebração do modelo político de aproximação e sedução junto a camada mais pobre da população. Sua influência, seus aparatos assistenciais, eram usados para impressionar e ter com o povo a relação do bom político que provê as necessidades dos menos favorecidos. Na passeata operária do dia 7 de Agosto de 1954, pela vitória do movimento paredista²¹⁵ nas principais ruas na cidade, puxada por uma banda musical e com grande número de operários, o prefeito e seus correligionários, Manoel Correia de Paula e Adolfo Gomes, tomam parte daquele movimento parabenizando os operários e aproveitando o momento festivo, montam um comício na Praça Deodoro da Fonseca-praça da Bandeira- com a participação do deputado João Cleofas e do ex-ministro do trabalho João Goulart. Partem de uma mobilização festiva dos trabalhadores, se apropriam, e a interlocução é feita com ilustres convidados e conhecidos dos operários, como o ex-ministro do trabalho.

Atentemos para o vereador Adolfo Gomes, componente do grupo político dos Maranhão. Eleito pela UDN sempre esteve ligado aos momentos políticos em que Ney desenvolve. Porém, é este vereador alvo de vários relatórios e chamado de comunista pelos investigadores da DOPS. Adolfo Gomes desenvolve, assim como Ney Maranhão, uma política de aproximação e defesa dos interesses da classe operária. Vemos nesse Vereador uma tramitação em que ora está próximo ao prefeito, ora faz parte da UDN e tem uma aproximação política com alguns deputados considerados comunistas²¹⁶.

A política de Ney Maranhão, explícita no periódico *Correio de Moreno*, deixa claro seu afastamento com as ideias comunistas e o não alinhamento com adeptos dessa ideologia. No entanto, o vereador Adolfo, que compunha a sua base política, é prontuariado na DOPS como comunista. Sendo assim, e levaremos essa discussão para o próximo capítulo, pensamos nos diferentes papéis que tem os sujeitos dentro do nosso contexto, e a força do discurso da DOPS na imputação do que era o comunistas e suas

²¹⁴ Correio de Moreno, 16 de Maio de 1954. P.01. APEJE.

²¹⁵ Correio de Moreno, 22 de Agosto de 1954. P.06. APEJE.

²¹⁶ Relatório 28/05/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p.01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

atividades subversivas²¹⁷. O que fica claro nesse momento é o quão complexo são os papéis dos diversos sujeitos e os diversos setores da sociedade no nosso período de estudo. Adolfo Gomes assumindo vários papéis sociais, importantes personagens da elite açucareira como Ney Maranhão e Constâncio Maranhão, assumindo papéis dentro dos meios operários. Essas mobilizações políticas são uma das características do período 1945-1964, pois, vemos nesse intervalo democrático a construção de diversos grupos e ideologias políticas, lutas classistas, enfim, uma imensa mobilização de diversos setores da sociedade.

Voltemos a nossa análise da política maranhense. As práticas de aproximação com a classe operária de Moreno, e demais regiões do entorno do grande Recife, faz com que Ney Maranhão aumente sua popularidade e se projete em direção à câmara federal na eleição de 1954.

Eu fiz. Cumpri minha obrigação. Então com esse trabalho houve uma repercussão muito grande em Pernambuco, que fazer desapropriação hoje é uma beleza, mas naquela época, isso não se falava, então com isso eu tive uma repercussão muito grande. E meu pai disse “Ney, Seu Ney”... me chamava de Seu Ney, “você vai ser candidato a deputado federal”. Eu saí de uma prefeiturazinha e me candidatei a deputado federal, fui o mais votado em Moreno, o mais votado em Jaboatão, o mais votado em São Lourenço, o mais votado em Paulista e tive, naquela época, mais de 10 mil votos em Recife nas áreas metropolitanas, repercussão desse meu trabalho.

Assim, seu raio de atuação política era estendido às demais cidades, sempre com o recurso da assistência ao pobre. Construindo estradas em Tegipió²¹⁸, presença marcante em Cavaleiro, nas cidades de concentração dos cotonifícios como Cabo, Paulista, Camaragibe, Ney Maranhão é eleito deputado federal por Pernambuco em 1954 com uma grande diferença de votos na cidade de Moreno em relação aos outros candidatos. O mesmo se verificando com o seu pai, Constâncio Maranhão, que da mesma forma do filho mantém sua atuação política.

Resultado do pleito de três de outubro para Moreno

PARA DEPUTADOS FEDERAIS
Ney Maranhão- 3327
Barros Carvalho-196
Amaury Pedrosa-143
E outros menos votados

²¹⁷ Essa relação da DOPS com os sujeitos taxados de subversivos vai ser ampliada e discutida no 4º capítulo dessa dissertação.

²¹⁸ Correio de Moreno, 22 de Agosto de 1954. P.02. APEJE.

PARA DEPUTADOS ESTADUAIS
Cosntâncio Maranhão-2583
Genaro Barreto-284
Edgar Bezerra Leite-149
Clelio Lemos-128
Antônio Mendonça-100²¹⁹

A grande soma de votos confirma a aprovação da política maranhense na cidade e nos outros setores de votação que alcançaram para o pleito de 1954. Na câmara federal, o deputado Ney Maranhão diz levar as causas dos trabalhadores do Nordeste para o Brasil, denunciando os abusos contra a classe operária em Paulista, desapropriando terreno no Ibura- bairro do Recife- para os menos favorecidos, chamando a atenção do Brasil para a questão da seca, da miséria do Nordeste brasileiro²²⁰.

Como cumprimento de promessa de campanha em Moreno, entrega as 23 máquinas de costuras às pessoas que tinham o cartão de promessa²²¹. A doação de máquinas de costura se torna uma marca na sua trajetória, distribui essas máquinas para os clubes, em festividades, nas escolas, e nos cartões de promessa que são dados durante a campanha²²². Ao assumir sua cadeira no legislativo federal, Uma vez por mês ia à Moreno, geralmente na última sexta-feira do mês, para distribuir donativos às famílias pobres e “resolver os problemas dos que o procuram”²²³. Um trabalho de assistência permanente junto aos operários:

(...) Eu dei como deputado federal não só em Moreno, mas no estado, eu dei aí acho que umas duas mil máquinas de costura. Máquina de costura... eu também não dava essa máquina de costura porque era uma eleitora, eu dava a máquina de costura a uma família que a máquina de costura era uma máquina pra sustentar uma família, era uma empresa, uma mini empresa. Então aquela maquinazinha servia para costurar pra família e pra fazer outras coisas pra se manter, então eu dava aquilo. Outra coisa, todo fim de ano nós dava... a prefeitura dava festa de natal e a gente dava aí em Moreno uma média de 2, 3, 4, 5 mil prêmio de natal as crianças, de Moreno, interior tudo, eu fazia isso pessoalmente. Eu não mandava, eu fazia pra não roubarem, não ser desviado, (papel, essas coisas) a gente fazia isso permanentemente, não era só época de ...tudo permanentemente. E as máquinas de costura, eu sempre tive esse projeto de dar. Mandava fazer o levantamento das famílias que mais necessitadas e tal, e chamava e dava as máquinas, não tinha problema nenhum nesse tempo aí.²²⁴

²¹⁹ Correio de Moreno, 17 de Outubro de 1954. P.01. APEJE.

²²⁰ Correio de Moreno, 8 de julho de 1954. P.02. APEJE.

²²¹ Correio de Moreno, 24 de Março de 1957. P.03. APEJE.

²²² Ver anexo 14 0 ato de entrega das máquinas de costuras.

²²³ Correio de Moreno, 13 de Abril de 1958. P.02. APEJE.

²²⁴ Entrevista concedida pelo ex-prefeito Ney de Albuquerque Maranhão.

Monta em 1958 o Núcleo Ney Maranhão nos arrabaldes do bairro do Matadouro com escolas noturnas para adultos e crianças. Em 1960 monta o Centro de Assistência Social Constâncio Maranhão, um complexo centro que assistia o povo de médicos, serviços odontológicos, ambulâncias²²⁵. Suas críticas à fábrica, direcionadas à gerência belga, que se inicia em 1951, tem o tom de relembrar os serviços de assistência social desenvolvido pelos ingleses, onde declara através do *Correio de Moreno*:

Está definitivamente comprovado que a entrega da direção da S.C.B.B. a esses elementos de origem belgas, foi uma desdida para Moreno. A presença de Charles De Vocht, esse embusteiro, impostor e nauseabundo atrevido, roubou, miseravelmente, a vida tranquila do nosso povo, mormente do operários de sua fábrica. Antes da chegada desses belgas, a fábrica Societé Cottonnière parecia uma casa grande abrigando uma só família, onde cada operário comungava do mesmo ideal, trabalhando tranquilamente pelo engrandecimento da nossa terra e do bem estar dos seus familiares. Recordome da assistência social, médica e hospitalar que a fábrica oferecia a seus familiares, de modo eficiente e satisfatório.²²⁶

Assim, assume um discurso e uma prática de substituição de assistência e amparo que outrora era a gerência inglesa que mantinha. As críticas e os atritos entre a administração belga e o prefeito eram constantes, e seu empenho em 1954, na demissão do Belga De Wave fazendo declarações de que este belga mantinha uma relação de maus tratos com os operários se torna uma bandeira de sua política de interlocução com a classe operária.

Em 1959 Ney Maranhão ganha as eleições para o executivo municipal novamente, e outra vez com larga vantagem. Nesse pleito vemos a participação de homens que eram fichados pela DOPS como José Sales, fervoroso opositor de Ney Maranhão. Candidato pelo PST concorre à vice prefeitura. Porém não consegue ganhar a eleição, mas se apresentam com mais força no cenário político e nesse mesmo ano José Sales ganha as eleições do sindicato local²²⁷. Os confrontos nas eleições do sindicato entre correligionários de Ney Maranhão e comunistas, marcam uma disputa política fervorosa onde esses dois grupos políticos distintos traçam estratégias de aproximação e representação com a classe operária.

²²⁵ Correio de moreno, 19 de Junho de 1960. P.01. APEJE.

²²⁶ Correio de Moreno, 5 de Novembro de 1961. P.01. APEJE.

²²⁷ Sobre a participação dos comunistas na política de Moreno veremos no 4º capítulo.

As ações de Ney Maranhão e Constâncio Maranhão na política de Moreno chamam a atenção dos investigadores da DOPS, que veem nesses políticos um grande poder de mobilização de massas e passam a seguir as suas ações. Vários são os relatórios funcionais sobre a fábrica de Moreno onde o prefeito e o deputado são citados, recortes de jornais se referindo às suas atuações políticas são anexados aos relatórios e seus nomes e atuações grafados de vermelho. Isto tudo corporifica uma vigilância²²⁸ à política desempenhada pelos Maranhão. Seus atos e festejos públicos, suas ações de assistência social, fazem com que a Secretaria de Segurança desempenhe uma atenção voltada a essa intensa aproximação com a classe operária.

O desenvolvimento dessa política passa por uma noção populista dentro da cidade de Moreno. Os votos de gratidão²²⁹, pelos quais se esforçavam em conquistar, como pronunciava o *Correio de Moreno*, eram a base política de uma estratégia guiada pelo assistencialismo numa cidade operária que saíra de uma gerência onde era priorizado um sistema administrativo baseado na assistência ao empregado. Sabendo aproveitar esse lócus assistencial deixado pela mudança da gerência inglesa pela belga, criou-se em Moreno uma maneira de fazer política baseada nas práticas já conhecidas nos engenhos açucareiros: a gratidão, a aproximação do chefe político para com o povo numa relação de proteção, econômica, de preenchimento das necessidades e agenda operária.

Então como caracterizaremos a classe operária e a política Maranhense? Poderíamos inferir que os Maranhão comandaram, guiaram a multidão de operários “acelomados” sedentos por assistências. Se supuséssemos isso, estaríamos corroborando com uma historiografia que via a classe, seus padrões culturais e costumeiros como força inerte e sem identidade. A nossa argumentação vincula-se à ideia de que o Prefeito, Ney Maranhão, e seu pai, o deputado Constâncio Maranhão, buscaram assumir a pauta social-econômica da classe operária que estava envolvida por uma intensa rede assistencialista e paternalista por parte da fábrica e tinham esse padrão como um costume concernente a sua visão de mundo. O que denominamos de economia moral são os padrões estabelecidos entre a classe operária e os industriais, esses que são assumidas em forma de uma arrogada política populista pelos Maranhão.

²²⁸ Veremos no 4º capítulo sobre os sentidos e como se processavam essa vigilância

²²⁹ Correio de Moreno, 24 de Abril de 1955. P.01. APEJE.

A especificidade da “cidade-empresa” cria vínculos costumeiros que envolvem a classe operária e a elite empregadora local, como o estabelecimento de políticas assistencialistas que amenizavam o dia-a-dia de enorme labuta dos operários. Nesse capítulo apontamos de que forma a fábrica estabeleceu seu poder baseado no assistencialismo e como o enfraquecimento dessa política dá espaço para a política populista dos Maranhão. Então, podemos dizer que existia uma pauta definida que guiava a classe operária de Moreno, e foi visando-a e se apropriando dela que os Maranhão tiveram tanto sucesso. Assim como outros políticos populista de mesmo período.²³⁰

²³⁰ Ademar de Barros e Jânio Quadros, por exemplo, conforme citamos a obra do historiador Paulo Fontes mais acima neste capítulo. Op. Cit. FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. P. 241.

Capítulo IV: Tecendo os fios dos conflitos sociais

A consciência de classe é a forma como as experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe.

(E. P. Thompson)

Os anos 50 marcaram novas perspectivas entre os operários de Moreno. As ações e mobilizações da década de 50 surgiram concomitantemente a um período de enorme lutas de classe no país e no estado de Pernambuco. Em Moreno, a estrutura de dominação fábrica-vila operária transbordou os aspectos inerentes ao modelo, e o que vemos é uma crescente mobilização baseada nos costumes e direitos reivindicados pelos trabalhadores.

Com a diminuição dos serviços sociais e modelos gerenciais baseados nos costumes²³¹, a SCBB deixou de exercer, de forma incisiva, o seu modelo de controle. Formas de relacionamento entre empregados e empregadores sofreram enormes modificações, fazendo surgir reivindicações por parte dos operários baseadas em direitos perdidos. A perda da referência da “teatralização da dominação”²³² personificada na figura do “mister Homi”, e de todo o aparato assistencial e administrativo que esse gerente representava, levou à reinterpretação das funções e dos papéis sociais dos sujeitos no cenário político social da cidade, e à reorganização das funções dos sujeitos e do corpo social.

Paralelamente a essa mudança significativa dos costumes, vemos fortes índices de consciência de classe, constituídos nas experiências compartilhadas dessa geração de operários oriundos de um intervalo democrático que proporcionou grandes demonstrações e atuações.

²³¹Com a troca da gerência inglesa pela belga são instituídas novas formas de controle e gerenciamento da máquina administrativa da fábrica, o que vai ocasionar certo desmantelamento da estrutura de dominação da SCBB.

²³² Termo usado por José Sergio Leite Lopes para se referir a mudança na administração da CTP com a morte do coronel Frederico. Op. Cit. P. 357

Vimos em outros momentos desta dissertação como os operários recriaram os espaços, segundo uma diferenciação baseada na classe; e como, em meio ao turbilhão de novidades-advindas da mudança administrativa, assumiram uma pauta política que deu brecha para o desenvolvimento de uma política independente da fábrica com características populistas²³³. Neste capítulo abordaremos o surgimento de meios representativos da classe em diferentes setores - sindicais, católicos, sociedades beneficentes, novos meios de controle social, baseados nos discursos comunistas -; sua consequente atuação nos meios operários de Moreno; e o enfrentamento direto ao patronato pelos operários, fazendo uso de políticas populistas e dos meios democráticos vigentes disponíveis para esse fim. Além de uma intensa organização de classe que passa entre as comissões de fábrica e do sindicato. O presente capítulo tem a intenção de discutir os diferentes meios e espaços pelos quais a classe operária se organizou, lutou e resistiu. Para isso, traçaremos nossas argumentações baseadas em meios operários de intensa atuação política.

4.1. As organizações de classe: JOC, cooperativa de consumo e a sociedade beneficente

A Juventude Operária Católica foi fundada por Leon Joseph Cardin, na Bélgica, em 1923, e foi um movimento de âmbito mundial “após a constatação de que a Igreja Católica se afastara das classes populares, perdendo o seu espaço”.²³⁴ Para o seu criador a Igreja estava perdendo espaço entre a nova força urbana insurgente: os operários. Para isso pensou em um movimento, com o qual a igreja pudesse chegar até esses homens e mulheres da nova sociedade do século XX.

Durante o período de férias escolares, chamou-lhe a atenção um fato: a maioria de seus antigos colegas, ao trocarem o estudo pelo trabalho, acabavam se afastando da igreja e das práticas religiosas. Muitos deles perdiam a fé e até tornavam-se adversários do catolicismo. Contando então quinze anos, Cardin constatou que a igreja tinha pouca ou mesmo nenhuma

²³³ A política dos Maranhão.

²³⁴ MENDES, Lilian Marta Grisolio. “A igreja Católica e os trabalhadores: a experiência da Juventude Operária Católica no mundo do trabalho durante a ditadura militar no Brasil”. **GT 1- Trabalhadores e movimentos sociais**. <http://www.simposioproducaosocial.org.br/Trabalhos/102.pdf>.

influência junto aos jovens operários que enxergavam o clero como “aliado das classes dominantes”.²³⁵

A ideia de uma ramificação da igreja, para adentrar nas vidas dos operários, surge enquanto necessidade de ampliação da doutrina católica que estava perdendo espaço para outras ideologias, entre elas o socialismo-marxismo. O cerne da JOC era atingir as questões referentes à religiosidade dos trabalhadores, mas também ganha uma veia social assumindo questões sociais nos meios operários. Sendo assim, desde sua fundação, a JOC tem duas diretrizes definidas: levar a palavra da salvação através da Igreja e contribuir nas questões de melhorias para a vida dos operários.

A oficialização da JOC no Brasil se dá em 1948, sendo que, desde os anos 1930, existia a presença do movimento em alguns estados do país.²³⁶ No mesmo ano de oficialização no Brasil um núcleo municipal é inaugurado em Moreno²³⁷. No evento de abertura da sede da JOC, estavam presentes gerentes da SCBB, prefeito e subprefeito, padres e já militantes do grupo católico. O núcleo da JOC de Moreno estava ligado ao de Recife, que concentrava as cidades da região próximas à capital.

Para o conhecimento de função assumida pela JOC em Moreno, analisaremos documentos dispostos na Cúria metropolitana do Recife; e recorreremos à história oral, como também ao periódico *Correio de Moreno*. Pois bem, começemos, então, com os objetivos e as funções que tinham os militantes jocistas dispostos no Encontro de Dirigentes no ano de 1960:

Objetivo-sentido da militância

- o operário é um bicho?
- o valor pessoal do operário
- condições de trabalho
- salário;
- habitação;
- profissão;
- consciência profissional;
- solidariedade;
- namôro;
- Quais os problemas da J. T. da sua cidade;

²³⁵ Mattos, R. C. O. “A juventude operária católica- visão de uma utopia.” **Saber digital: Revista eletrônica do CESVA**, Valença, v. 1, nº1, p. 103-118, mar/ago. 2008.

²³⁶ Op. Cit. MENDES, Lilian Marta Grisolio. “A igreja Católica e os trabalhadores: a experiência da Juventude Operária Católica no mundo do trabalho durante a ditadura militar no Brasil.” **GT 1- Trabalhadores e movimentos sociais**. <http://www.simposioproducaosocial.org.br/Trabalhos/102.pdf>.

²³⁷ Correio de Moreno, 4 de julho de 1948.

O militante deveria estar atento às condições dos seus companheiros de trabalho e amigos de bairros para poder agir, no sentido de proporcionar ao trabalhador uma condição digna de um cristão; e no sentido internacional que pleiteava dar à juventude trabalhadora: boas casas, salários e boas condições de trabalho. A ordem passada aos militantes era "Ver, Julgar e Agir"²³⁹.

Agora aumentou nossa responsabilidade, porque nós vimos, julgamos e agora temos que agir, levar a cada j. t. (*Juventude Trabalhadora*) estas coisas que vimos nessa reunião, este valor que eles tem, a responsabilidade com o j. t., o valor como bom profissional, a dignidade da pessoa humana do j. t.. Fazer eles tomarem consciência de suas vocações, fazer ele descobrir tudo de bom que ele possui para promoção de sua classe. Diante disso se nós não do tomarmos estas iniciativas estaremos traindo a nossa própria família e a nossa própria classe, porque somos irmãos e irmãs também são jovens trabalhadores. Isso tudo dependerá de nosso testemunho pessoal e de uma boa militância na massa. Sempre usando o nosso método: VER, JULGAR E AGIR. Sempre fazer para a educação do j. t.. Sempre topando a parada com o Cristo e com todo o problema da j.t.²⁴⁰

O militante tinha a tripla função de analisar a vida da juventude trabalhadora com fé e preocupação; de agir com engajamento político social; e conscientizar o jovem trabalhador sobre o problema que encontrasse. Assim, a JOC se tornou um importante meio de representação e mobilização da classe operária em todo o país. Em Moreno a sede e os militantes da JOC assumiram o valor perpassado nos meios de conscientização e intervenção junto às demandas da classe trabalhadora.

Severina Maria dos Santos: Porque ele era muito assim, (*o padre*) um pouco, eu não sei... Ele não era conservador, nera Zezinho? Mas ele já não gostava, porque ele dizia que era uma turma muito doidinha, uma turma muito avançada. A gente não era doidinho não, meu filho. A gente era uma turma muito alegre, sabe. Onde a gente chegava, a gente contagiava a turma. A gente... E ele dizia que o lema da JOC era muito parecido com o lema dos comunistas.

Entrevistador: Qual o lema da JOC?

Severina Maria dos Santos: Era "ver, julgar e agir". Era o nosso lema. Aí a gente via uma coisa, se reunia, julgava, e daí caía em campo. Fosse em que sentido fosse. Ninguém se esquivava.

²³⁸ Dia do estudos de dirigentes, Rio de Janeiro, agosto de 1960. Arquivo da Cúria Metropolitana do Recife.

²³⁹ Idem

²⁴⁰ Ibidem. Este estudo de dirigentes reuniu todos os dirigentes de todos os Estados brasileiros e afirma as diretrizes da JOC para o desenrolar dos militantes das várias sedes espalhadas por diversas cidades do país. Grifos nossos.

Entrevistador: Um exemplo?

Severina Maria dos Santos: Se fosse a vida de uma jovem, que estivesse em perigo, a gente ia tirar ela daquele perigo. Se fosse no meio do trabalho, a gente ia agir, ia aquele... se reunia, vamos ver como é que a gente faz, tá acontecendo isso na fábrica, isso não pode existir, a gente ia discutir aquele assunto da fábrica pra resolver. Fosse que assunto fosse, a gente estava ali no meio. (...) A gente debatia com o comunismo, tinha comunista que ia lá pra sede da gente, se fazendo de santinho, dava presente a gente, aí o padre entrou no meio, o padre ((Nemi)) Fonseca, que era dirigente daqui... Não era, Zezinho? Da gente aqui na cidade. Aí chegou lá disse ((um bocado de coisa feia)). Eles não perdiam um jornal da gente.²⁴¹

O relato desta ex-operária sobre este grupo jovem que compunha a JOC em Moreno, nos anos 1960, nos mostra como desenvolviam as atividades do grupo religioso, seus ânimos de jovens atuantes na cidade operária, procurando interferir na vida dos operários se encontrassem problemas. Seu modo militante e de ligação ativa com o operariado deixou o padre da paróquia com a impressão de haver semelhanças com o comunismo, pois o "ver, julgar e agir" se assemelhava com as diretrizes comunistas frente às condições dos operários. A JOC, juntamente com a ideologia comunista, representou modos de alocação de representações de classe. Se o comunismo pregava a reestruturação do sistema político passando a outro modelo de sociedade - completamente laico -, a JOC pregava uma intervenção na sociedade com os ideais cristãos, para a afirmação de melhores condições da classe operária, de dignidade e respeito.

Ao mesmo tempo em que se aproximavam dos comunistas nos ideais de melhoria da qualidade de vida do operariado, se afastavam ideologicamente, e eram adversários no campo político da cidade de Moreno.

Severina Maria dos Santos: (...) O padre Luiz Rufino. E foi um, um, me botou pra falar, representando a classe trabalhadora, que um comunista não podia ser líder da classe trabalhadora. Aí a gente falou, eu, dona Bina, Fafá. Teve outro que falou e a gente... Cada, cada classe trabalhadora, professores, escriturários, cada classe teve um representante pra falar contra isso, principalmente porque ele veio pra o sindicato, o sindicato daqui não era, não sei se você já viu agora, não era aquela coisa feiosa, não. Tinha reunião, assim, todo mês. A gente não participava das reuniões não por causa dos patrões. Né? Porque tinha olheiros assim, ((risos)) e a gente procurava saber por fora, com as pessoas que tinham influência lá, que era pra contar a gente o que estava acontecendo, tudinho. Aí a gente pagava até o sindicato, por fora.

Entrevistador: Aí tinha gente que ia...

²⁴¹ Entrevista concedida por Severina Maria dos Santos. Grifos nosso.

Severina Maria dos Santos: Que ia, passava tudo pra gente.

Entrevistador: Pra gente que a senhora fala, da JOC?

Severina Maria dos Santos: O operariado em geral.

Este trecho mostra a repulsa da igreja e da JOC ao comunismo. Para a Igreja, os comunistas não poderiam estar presentes nos sindicatos, nos meios operários, então a JOC deveria combatê-los por meio da militância de representação do operariado e por meio de ataques diretos. Os discursos pronunciados, citados acima pela ex-operária, foram em protesto a visita de Miguel Arraes à Moreno. Para a Igreja, Miguel Arraes representava o ideal comunista a ser combatido e o engajamento político da JOC era ainda mais necessário. As reuniões nos sindicatos não eram frequentadas por conta dos "olheiros". Deduzimos que esses olheiros eram como investigadores da DOPS, pois, se assim fosse inferida a participação nos movimentos sindicais e grevistas, estes seriam representados como subversivos e, portanto, comunistas.²⁴² O trabalho da JOC era associado à Igreja, assim, mesmo com objetivo voltado para a classe operária - os mesmos fins que os comunistas -, cuidados eram sempre tomados para fazer sentir as diferenças entre os militantes. Quando perguntado se a JOC participava das greves a ex-militante responde:

Severina Maria dos Santos: Ela ficava por trás.

Entrevistador: Por trás como?

Severina Maria dos Santos: Incentivando aquelas pessoas mais influentes, né, porque a Igreja não queria dar a cara de vez. Aí ficava incentivando, ficava apoiando, a gente está com vocês, é assim, é assim, é assim... E daí a gente sempre estava ali presente, né, a gente não queria, padre Luiz dizia que não era bom a gente se...(*expor*)²⁴³

Vemos então que o surgimento de reivindicações por meio de comissões de fábrica tinha participação da JOC e dos comunistas. A JOC age no cenário operário e é mais um ingrediente no processo das conquistas e lutas políticas dos anos 1950-1960.²⁴⁴ Evidenciando para nós a complexidade do cenário político local e as colocações dos diferentes sujeitos envolvidos com os ideais de classe. A JOC, mais conservadora;

²⁴² Sobre essa vigilância nos meios sociais, assim como o condicionamento dos investigadores para imputar ao operário o título de comunista veremos mais adiante neste capítulo.

²⁴³ Entrevista concedida por Severina Maria dos Santos. Grifos nosso.

²⁴⁴ sobre as conquistas e lutas políticas dos operários de Moreno veremos mais adiante relacionadas com a mobilização e consciência de classe.

os comunistas²⁴⁵ mais extremistas; ambos são vistos por nós enquanto ideologias que se fizeram representar no *fazer-se* da classe operária local, dois modos de atuações diferenciados, mas, no final, convergentes em muitos sentidos, como veremos adiante.

A JOC Moreno compunha a federação do Recife juntamente com outras cidades operárias do Estado como Escada, Camaragibe e Paulista. Não podemos afirmar quanto a JOC foi decisiva para a mobilização dos movimentos grevistas dos anos 50 e 60, ou mesmo o número de membros da sede Moreno, porém podemos afirmar que foi um importante centro irradiador dos ideais de classe nessa cidade, seus discursos e suas diretrizes nos possibilitam fazer essa afirmativa. Integrantes remanescentes nos possibilitam perceber o caráter militante e agregador dos ideais operários.

A JOC tinha também a função de preparar as mulheres para exercer o seu papel de donas de casa, afirmando as relações de gênero que deveriam ser perpetuadas na família, assim como fortalecer as redes de sociedade de ajuda mútua:

Na JOC, a gente aprendia tomar conta de casa, tomar conta de marido, tomar conta do fogão, lavar o prato, quando o marido chegasse encontrar tudo limpinho, faça seu trabalho da Igreja. Mas não relaxe o seu trabalho de casa. Era o que elas diziam. Não deixe o seu marido não gostar da Igreja! Não dê motivo pra quando ele sair do trabalho, chegar do trabalho, dizer "você só quer viver na Igreja, e não liga pra casa". Não dê esse direito pra ele. Quando ele chegar, esteja o chinelinho dele no canto, a roupinha que ele vai tomar banho e trocar, a toalha dele, o sabonete... Isso tudo eu fazia, quando casei logo, à risca! Era ele e meu sobrinho que morava comigo. Eu fazia à risca. Deixe tudo no seu cantinho, a comidinha na mesa, não bote comida fria, tenha todo cuidado, seja uma dona de casa. (...) A gente estava lá. Estava lá com a feirinha, (*quando tinha operário com dificuldades*) estava lá com assistência religiosa, e... procurando levantar aquela pessoa, a JOC não dormia em ponto não, meu filho. Era. Era uma coisa muito linda. A gente procurava saber onde uma pessoa tava precisando de emprego, falava com as pessoas, encaminhava aquela pessoa.²⁴⁶

As mulheres tinham de ser "boas" esposas, tinham que cumprir um papel que era tido como do gênero feminino, mas a atividade de militância não afastou o cumprimento de esposa dedicada ao seu marido e às atividades domésticas. As instruções que atravessavam a conscientização religiosa e política passavam também pelo desempenho da "função" que a esposa tinha em sua casa, perfazendo os papéis sociais hierárquicos da família católica.

²⁴⁵ Sobre a atuação comunista veremos mais adiante.

²⁴⁶ Entrevista concedida por Severina Maria dos Santos. Grifos nosso.

O auxílio mútuo também era uma das funções sociais e religiosas da JOC, que, sempre presente na vida da classe operária, buscava auxiliar aqueles que estivessem passando por momentos de dificuldades financeiras, exercendo, assim, a função de assistência ao operariado. Foi a JOC, em Moreno, um espaço com missão de levar à classe operária o ideal religioso cristão; fortalecer vínculos entre os operários - relativos a seus interesses - e a fábrica; normatizar as relações de gênero e de assistência social. Constituiu, portanto, uma importante base para a propagação dos ideais da igreja na luta contra o comunismo e uma base de sustentação dos interesses operários.

Além desse trabalho assistencial da JOC outros meios foram criados pela classe operária em Moreno, são eles: a Cooperativa de Consumo e a Sociedade Beneficente Amor e Trabalho. Em 2 de agosto de 1954 nasce a Cooperativa de Consumo dos Empregados e Operários da Fábrica do Moreno LTDA, com o propósito de minorar o alto preço dos alimentícios e fazer com que os operários pudessem comprar com mais facilidades gêneros de primeira necessidade. A cooperativa surgiu com 50 associados, passando já no ano seguinte a contar com 250 sócios consumidores.²⁴⁷ Era objetivo dos fundadores, segundo o *Correio de Moreno*, fortalecer a ideia do cooperativismo e agregar cada vez mais operários.

Em maio de 1957, nasceu a Sociedade Beneficente Amor e Trabalho que tinha "encontrado esforços titânicos a fim de encontrarem uma maneira de minorar o sofrimento e resolver a situação dos menos favorecidos da sorte, na hora mais necessária, a qual é de assistência médica e funerária".²⁴⁸ Essa sociedade tinha como presidente o prontuariado na DOPS²⁴⁹, Enaick dos Santos Vilaça, e, assim como a cooperativa de consumo, fez parte da organização de classe para o desempenho de funções que eram, anteriormente a mudança da gerência inglesa pela belga, mantidas pela SCBB. Nessas instituições podemos perceber o caráter popular que os anos 1950 trouxeram para o cenário e cotidiano operário, formas de organização que faziam com que se protegessem mutuamente frente às dificuldades enfrentadas com a precarização dos seus rendimentos. Fomos aqui tolhidos pela documentação que não nos deixou ir

²⁴⁷ Correio de Moreno, 23 de janeiro de 1955.

²⁴⁸ Correio de moreno, 19 de Maio de 1957.

²⁴⁹ Mais a frente veremos como se processava a investigação de se desdobrava no prontuário individual do indivíduo que logo passava a ser considerado comunista subversivo.

mais adiante na observação das organizações operárias. No entanto, sua existência já nos deixa a certeza de organizações de classe com objetivos bem definidos.

A classe operária passou para os anos 1950 com mais autonomia. Se a aproximação com a política populista dos Maranhão explicitou o entendimento de uma pauta política dos operários por esses políticos, que bem souberam aproveitar; a JOC – e sua política de assistência social -, a Cooperativa de Consumo e a Sociedade Beneficente são criações da própria classe, com o objetivo de tornar melhor as condições de vidas dos envolvidos frente ao cenário dos anos 1950-60. Outros exemplos de aglutinações de ideais que evidenciaram a consciência de classe e instrumentalização de suas reivindicações serão postas neste capítulo. No entanto, os meios que a classe estava criando, pautados em suas necessidades, fortalecem o nosso argumento de que a política dos Maranhão estaria voltada a uma pauta da própria classe operária que criara, dentro dos seus próprios componentes, instituições e ações representadas por uma agenda política social clara. Vejamos outros meios de representações de classe, bem como outras formas de controle social baseados em discursos conservadores.

4.2. Comunismo e anticomunismo: discursos, práticas e seus usos

Era maio de 1947 quando, por força do decreto federal nº 23.046, o delegado de polícia local, Cornélio Vieira da Silva, juntamente com o escrivão e sargentos foram à residência particular não denominada, fecharam o que seria a sede da célula comunista local e apreenderam:

14 folhas de reclame do quarto congresso do PCB; 6 exemplares de divulgação marxistas; 5 exemplares do fortalecimento sindical; 3 fotografias com lustro do senador Luiz Carlos Prestes; 23 ditas sem lustro; 23 estatutos das ligas camponesas; 20 exemplares história de um trabalhador comunista; 48 exemplares “A terra deve ser tua”- poema de camponês; 26 exemplares de a vida de Luiz Carlos Prestes; 15 exemplares os comunistas e a religião; 3 exemplares o monopólio da terra; 3 exemplares o manifesto comunista; 4 circulares de organização nº 3; 1 de instrução dos fiscais do PCB para primeiro de janeiro; 5 selos de círculo de amigos pró-campanha eleitoral do partido no valor de Cr\$ 5,00 cada um; 19 para o mesmo fim no valor de Cr\$2,00 cada um; 173 fichas de recrutamento para o PCB; 7 fichas modelos nº 1 do comitê estadual de Pernambuco; 9 fichas de instruções para curso de fiscais; 9 para postos eleitorais do partido do comitê municipal de Moreno; 7 impressos de credenciais de fiscal eleitoral; 7 documentos especiais de propaganda de partido; 7 impressos sobre cartilha de finanças; 1 caderno de propaganda nº 1 para eleições de 19 de Janeiro; 5 fórmulas de requerimento

sendo uma escrita à lápis; 6 mapas de apuração eleitoral; 108 prospecto de propaganda, manifesto contra o fechamento, ou seja, a cassação do PCB.²⁵⁰

Juntamente com objetos, publicações e arquivos dessa célula, são pegos, no ato da incursão policial, os representantes do PCB postos a assinar o auto de interdição da célula e do partido. Diante desse auto de interdição, remetido à DOPS, podemos observar a organização daqueles que mantinham a ideologia do PCB, sendo vários os meios de propagar, difundir e atrair, para o partido, militantes dispostos a engajarem-se nesse meio de disputa político-partidária. O decreto de 1947 põe fim a um curto período de legalidade do PCB, fazendo com que esse partido seja posto à ilegalidade frente à nova carta constitucional de 1946, carta esta de grande abrangência democrática depois de um longo regime de exceção. Para efetivação das demandas da segurança nacional - elaboradas na década de 1930- a DOPS passa por uma reelaboração que inclui coibir atitudes e ideologias contrárias aos interesses da nação.

Para entendemos o processo de como serão vistas as ações consideradas comunistas, atentemos para a perspectiva da DOPS, enquanto principal instrumento de controle social dos meios sociais no período. Vejamos o que a historiadora Marcília Gama nos diz sobre a DOPS e seus diferentes momentos:

É possível observar três momentos significativos na trajetória do DOPS. O primeiro tem início no período 1931/1934, anterior à sua criação, onde se percebe a existência de uma polícia política se estruturando, imperando a intenção de institucionalizar uma polícia especializada numa atividade política que passa a ser criminalizada, constituindo uma crescente ameaça, caracterizada pela polícia como *crime político*. Esse organismo é oficialmente criado em suas linhas gerais em 23 de dezembro de 1935, após o levante Comunista de novembro do mesmo ano, ocorrido em Natal (RN), Pernambuco e no Rio de Janeiro.

O segundo momento significativo destaca-se como uma preparação, já no período da II Guerra, de uma forma de atuação que será reeditada e ampliada no decorrer do regime civil-militar instaurado em 31 de março de 1964, quando a polícia política passará a agir articulada, integrando os órgãos e instâncias militares e policiais no controle da “desordem” do país. Essa atuação será posta em prática já a partir de 1938, quando ao Estado são impostas novas necessidades de defesa nacional, sobretudo após os ataques aos navios brasileiros praticados pelos alemães. Nesse contexto, o DOPS vai voltar-se para o combate das ideias totalitárias, não só de esquerda “(como comunismo, marxismo, trotskismo, e leninismo), mas também de direita (como integralismo, fascismo, nazismo e falangismo). Nesse momento se opera uma importante alteração em sua linha de ação, quando o DOPS-PE, passa a integrar a rede de espionagem internacional, atuando ao lado da Cristian Childre’s Fund. Inc. de Richomont, embrião da futura CIA, o Bureau

²⁵⁰ Prontuário funcional município de Moreno, 17/05/47, p. 01-02. Fundo SSP nº 26717. Acervo DOPS-PE. APEJE.

Central Nacional - INTERPOL, Polícia Marítima e Polícia Federal no período da Segunda Guerra Mundial, no intuito de coibir o avanço da Gestapo no Brasil – polícia secreta de Hitler, cuja atuação estava em franco crescimento no país. A polícia passa a agregar elementos de uma vigilância preventiva, que atua monitorando *ideias e comportamentos* sociais considerados perigosos, os quais os alemães radicados em Pernambuco, passam a representar em primeira mão o alvo principal da repressão. Para a polícia não importa se as ideias são de direita ou de esquerda, mas o grau de ‘nocividade’ e a ‘perturbação’ que podem provocar no social, ameaçando as bases de organização do Estado. No interior da estrutura administrativa da Delegacia de Ordem Política e Social, a partir de 1939 até 1946, podemos observar que além de suas atribuições originais o organismo vai agregar outras funções, que passam pelo combate às ideias totalitárias de esquerda, mas também de direita, de maneira que a sociedade passa a ser monitorada, sobretudo os segmentos que maior tensão provocam, seja nas manifestações, seja no teor dos discursos que condenam, entre outras coisas, a interferência dos Estados Unidos no país. O organograma do DOPS de 1939 a 1963 vai demonstrar com muita clareza as funções da polícia política, caracterizada em duas frentes: a abrangência do órgão em face das demandas de controle social e a forma como o organismo policial pensa a sociedade e elabora as práticas de intervenção. Ele mostra quão grande e fracionada internamente é a estrutura e como está configurada para atender às necessidades de investigação, censura e repressão, pensadas pela polícia no período.²⁵¹

Para a historiadora, que pesquisa como são instaladas as redes de informações que vão resultar na criação do estado de exceção militar, a DOPS do período 1939-1963, tem a funcionalidade da intervenção, buscando o inimigo da ordem vigente, o subversivo, àquele que deveria ser desarticulado e reprimido.

Para Claudia Monteiro e Edgar Gandra:

As Delegacias ou Departamentos de Ordem Política e Social (DOPS) tinham por objetivo não apenas punir, mas também prevenir, investigar, circundar e ameaçar; elas foram fundamentais para a manutenção da ordem imposta pelo governo, pois havia a necessidade de se implantar um aparato de caráter administrativo-legal com o objetivo de conter as amplas manifestações de descontentamento político.²⁵²

Ambos destacam o caráter vigilante, de mantenedor do status governamental que se queria atribuir ao período pós-46. Nesse período a DOPS se especializa em manter a ordem e reprimir, de acordo com as suas redes de informações, as manifestações que considerassem subversivas. Para isso, usa amplos meios de informação e um serviço secreto que lhe concederá as informações para tomadas de medidas. Um emaranhado de redes de informações é articulado para a efetivação da manutenção da ordem do país.

²⁵¹ SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória**: a construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985). Tese de doutorado- UFPE, Recife, 2007. P. 114-115.

²⁵² MONTEIRO, Claudia / GRANDA, Edgar Ávila. “Arquivos DOPS-PR: fontes para história social no Paraná”. **ANALECTA. Guarapuava**, Paraná. V8, nº1. P. 57-66, jan./jun.2007. p. 58-59.

Diversos trabalhos versam sobre a propaganda anticomunista usando, entre outras fontes documentais, os aparatos policiais da DOPS-PE. Um deles é *Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964)*²⁵³ construído e pensado para explicar como a camada conservadora da sociedade pernambucana propagou e expandiu, de forma articulada e competente, a ideia anticomunista e o medo de uma revolução em Pernambuco. Para isso, o autor destaca os motivos que levaram a esse pensamento: a reforma agrária no engenho Galiléia e as mobilizações camponesas. *História, memória e metodologia*²⁵⁴ nos mostra a criação discursiva por parte da mídia sobre o perigo que representava o comunismo, sendo propagado pela imprensa e incursionado pela DOPS nos seus autos anticomunistas. Vemos nesses trabalhos discussões sobre como se criaram e se propagaram em Pernambuco os discursos anticomunistas através da imprensa, da DOPS e de setores mais conservadores da sociedade. O medo e o ar subversivo - e conseqüentemente de caráter ilegal - que serviram, entre outras coisas, para a instalação da ditadura militar. Apontamos essas discussões no momento democrático de 1946-1964 e concordamos com suas argumentações.

Porém, mais do que uma rede de informação e criação discursiva de um medo que deveria pairar na sociedade servindo de alerta para o não enveredamento das pessoas às ideias “exóticas”, a DOPS, seus arquivos e a propagação anticomunista nos possibilita ver e perceber a criação de um discurso para controle das massas, ~~na~~ com a justificativa anticomunista e antissindical num período de fortes movimentações nos meios populares por demandas específicas.

Tomando como base esse argumento, percebemos que os arquivos da DOPS nos possibilitam enxergar diversos sujeitos sociais, homens e mulheres que, de alguma forma, foram de encontro à ordem social vigente, e estiveram sob a vigilância do Estado fazendo surgir receios em relação ao alinhamento com as ideias “exóticas”, sejam elas correspondentes à ideologia comunista, ou não. Da mesma forma que a imprensa local, o *Correio de Moreno*, incorpora o discurso anticomunista e faz propaganda em seus artigos semanais.

²⁵³ PORFÍRIO, Pablo F. de A.. **Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964)**. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009.

²⁵⁴ MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, memória e metodologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

Se, discursivamente, a DOPS e o *Correio de Moreno* fomentaram o anticomunismo em Moreno, foram esses também que se agruparam no cenário político local e nas lutas de classe dessa fábrica-cidade. Queremos demonstrar nesse tópico como o discurso anticomunista se enveredou na repressão à classe operária local; e mostrar os diversos sujeitos envolvidos nas disputas de classe, na criação de um discurso anticomunista, suas ações e as diversas formas de controle guiadas por esse discurso.

Sendo Moreno uma cidade onde o trabalho operário prevalecia entre todas as ocupações, o seu cotidiano está estreitamente ligado ao trabalho e aos trabalhadores da fábrica local. A “cidade-empresa” toma todas as formas de ocupação do operariado, o poder dos industriais e o aparato policial da DOPS na vigilância e controle dos operários. Para isso mantinham, permanentemente, investigadores infiltrados nas dependências da fábrica tomando como orientação a busca pelo subversivo, sempre em contato direto com a gerência, ouvindo-a e mantendo com ela sua a rede de contatos daqueles que consideravam subversivos.

Encontramos nos arquivos da DOPS, alusivos aos anos 1930 e 1940, apurações e investigações em Moreno referentes às atuações integralista e nazista - ideologias consideradas contrárias ao interesse do país -, esta última imputação sendo comprovada com objetos contendo símbolos da cruz gamada²⁵⁵. Estas são evidências de que esse aparato policial estava em consonância com a lei de segurança nacional, procurando aquelas ideologias contrárias à ordem estabelecida. No entanto, a partir de 1947, com a interdição do partido comunista a documentação da DOPS apresenta, apenas, a procura por elementos da suposta ideologia “Stalinenesca”, “trotikista”, ou seja, a busca frenética por comunistas nos meios operários.

Os investigadores infiltrados contavam com a ajuda da gerência para descobrir os subversivos, como consta em relatório de 13 de abril de 1948:

Fui informado pelo gerente da citada fábrica Mr. Vernon Walmsley, que em dias de semana fora procurado pelo advogado daquela empresa, Dr. Vilas Boas, o qual levara ao seu conhecimento, que tinha sido informado pelo contratante de venda de lenha para a fábrica, de que um oficial do 14º R. I. lhe havia comunicado, de que por ocasião de uma busca dada em uma célula comunista de socorro, havia encontrado um documento, no qual constava em

²⁵⁵ Relatório 08/09/42. Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 26717. Acervo DOPS- PE. APEJE.

1º lugar para sabotagens a Societé Cottonniere Belge Bresilienne. Como medidas preventivas combinei com o senhor Vernon a colocação de um vigia posterior durante a noite, e bancos de areia a margem dos depósitos de óleo.²⁵⁶

Neste trecho do relatório é demonstrada a intensa articulação entre o investigador da DOPS, que assina “investigador nº 9”, e a gerência da fábrica. O interesse em manter a ordem, entre os trabalhadores e nos meios sociais do estado de Pernambuco, fez com que essas duas instituições mantivessem, perenemente, redes de informações e vigilância naquela fábrica. Ainda nesse relatório constam nomes de operários envolvidos nas atividades do partido comunista, -que estavam quando do auto de interdição e que, de forma continuada, aparecem nos relatórios como os agitadores e subversivos de massas.

São eles: Luiz Gonzaga Alves (vereador), Severino Antônio da Silva (vulgo Zé Biu) (vereador), Hermelinda do Rêgo Barreto (candidata a vereadora), Severino Amorim Costa, Moisés Cavalcanti, Enayck dos Santos Vilaça, Enock Santos Vilaça, João Pessoa de Brito, Otacílio Pereira Marinho, José Sales de Lima, Manoel Gonçalves Guerra, Sidrack Gonçalves Guerra, Lindolfo Gonçalves Guerra, Natanael Leite da Silva, Severino Cosmo, Luiz Bernardo da Silva, Julio Ferreira da Silva, José Tomas da Silva, Antonio Carneiro, Olga Carneiro, Manoel Felix, Antonio do Monte, Francisco Caitano, Manoel Bernardo, Flaviano de tal, José Ferreira da Silva (candidato a prefeito), e o soldado do 14 R. I. aquartelado em socorro Jasson de tal. Aguardo oportunidade de identificar mais alguns elementos e completar os nomes desses três últimos.²⁵⁷

A minúcia na descrição dos nomes completos reforça a argumentação da ligação direta dos investigadores com a gerência da fábrica. Os nomes citados neste relatório se repetem diversas vezes entre os documentos analisados por nós, para identificar os responsáveis por determinado levante ou insubordinação. O que nos dá base para argumentar que os investigadores eram “adeptos” da teoria do cupulismo e cooptação. Ou não. Eles, cumprindo seu trabalho de achar subversivos nos meios das agitações sociais, imputavam a responsabilidade de insubordinação a esse grupo. Que havia um núcleo comunista em Moreno, isto é óbvio, mas achar que todos os operários que tinham caráter “subversivo” e que todo tipo de conflito dentro da fábrica era comunista é um exagero, e não devemos comungar desta ideia. A riqueza da documentação da

²⁵⁶ Relatório 13/04/48. Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 26717. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁵⁷ Idem. P. 02-03.

DOPS nos põe essa difícil e prazerosa tarefa: a distinção da imputação do investigador aos comunistas e os não comunistas que apenas queriam melhores condições de trabalho, ou tinham qualquer tipo de conflitos no trabalho, fruto de reivindicação e mobilização da classe. Mas não é objetivo nosso nos deter nessa diferenciação, por isso, continuemos.

Em 3 de junho de 1948 foi remetido à Secretaria de Segurança Pública um relatório imenso “em torno dos elementos comunistas que trabalham na fábrica de tecidos da cidade de Moreno adeptos da ideologia ‘Stalinenesca’, obedecendo o levantamento de identidade civil de cada um”²⁵⁸ e anexando informações referentes às suas residências e atividades diretas e indiretas junto àquele ex-partido. Este relatório ratifica as investigações feitas pela DOPS e deu informações detalhadas para que pudessem ser feitas novas diligências sobre os sujeitos envolvidos. Em quase todos os nomes fez a menção de que ainda realizava atividades políticas ligadas à ideologia comunista, denunciando a intencionalidade da informação: perceber os comunistas ainda atuantes.

Dentro desse cenário de estrita vigilância às atividades comunistas e a sua censura, sabotagens, ou qualquer movimentos qualificados como de insubordinação era tratado como de origem comunista.

Analisando a situação que atravessamos, política e social, em referência às sabotagens que vêm sendo registradas, fiz valer aos senhores gerentes a necessidade que se faz no momento, na vigilância dos depósitos de inflamáveis ali existentes, afim de evitar possíveis atentados sobre os mesmos, demonstrando a necessidade de serem os mesmos vigiados discretamente durante o dia e principalmente à noite, por pessoas de inteira confiança.²⁵⁹

Assim, baseado no discurso anticomunista, se afinou mais e mais o olhar de vigilância sobre o operário nas operações da DOPS, em conformidade e apoio da fábrica. Esses discursos são repetidos amiúde para justificar a vigilância, o controle social sobre o operariado e investigações que ultrapassavam os crimes considerados políticos²⁶⁰, indo ao cotidiano e às diligências particulares entre empregadores e

²⁵⁸ Relatório 30/03/48. Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 03. Fundo SSP nº 26717. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁵⁹Idem.

²⁶⁰ Exercício ou pregação do comunismo.

empregados. Os investigadores escreviam em seus relatórios fatos referentes às brigas entre trabalhadores, entre estes e seus superiores; insubordinações de trabalhadores; e melhores posições e adequações da fábrica para que ficassem em segurança. A relação com a SCBB era realmente muito estreita, em nome da “paz política social” esses investigadores entravam, vigiavam vidas de centenas de trabalhadores considerados subversivos, e aqueles que tivessem aproximação com os já prontos seriam assim tratados, assim como os que tivessem ligação com a *Folha do Povo*²⁶¹.

Essa era uma cadeia de construção do subversivo, ou vigilância para com o operariado numa intencionalidade da dominação de classes. Uma vez prontos como comunista, o operário era alvo de desconfiança pelo empregador e de investigações pela DOPS. Alguns operários que mantinham contato com a *Folha do Povo* foram assim tratados, pois, esse periódico tinha envolvimento direto com o partido comunista e seus ideais.

O envolvimento de operários com redatores da *Folha do Povo* era motivo para se declarar nas páginas dos relatórios, como também o envolvimento destes com os comunistas locais²⁶², ou sua participação na venda ou entrega do periódico.

Francisco Gonçalves Silva: Minha sogra mesmo, a mãe dela comprou um caixa deste tamanho, um caixão grande que ela guardava revista de comunista. Meu sogro tinha uma raiva, um medo. O meu sogro era uma pessoa como eu e você, simples. Porque naquele tempo o povo de Luís Carlos Preste era comunista.

Terezinha dos Santos: Era perseguido. Tinha muita gente que eles matava.

Entrevistador: Até antes do regime militar?

Terezinha dos Santos: É isso aí. Era perseguido. Tomava até a sigla comunista, minha mãe era. Mas eu não sei que ela nunca foi perseguida, está entendendo? Porque eu não sei se ela era fichada, não sei. (...)

Francisco Gonçalves Silva: Era tinha muita revista, o jornal.

Terezinha dos Santos: Ela tinha muito livro, sabe? Tinha muito livro, tinha muita revista, tinha muito jornal. Tinha um homem que morava lá... parece que aquele João Pessoa, ia levar... chamava João Pessoa, ia levar o jornal dia de domingo pra ela.

Entrevistador: Folha do Povo?

Terezinha dos Santos: Sim! Folha do Povo.

Francisco Gonçalves Silva: É! ((risos))

²⁶¹ Periódico de circulação na região metropolitana do Estado de Pernambuco que se caracterizava por se de orientação comunista e por outro lado propagava um discurso de mobilização da classe trabalhadora enquanto seres ativos e de direitos frente às arbitrariedades patronais.

²⁶² Relatório 24/10/53. Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-C. Acervo DOPS- PE. APEJE. Dispõe sobre a chegada do redator do periódico *Folha do Povo* em Moreno e seu envolvimento com operários já prontos e outras reuniões com indivíduos do extinto partido comunista que participaram da campanha pró Osório Borba, apoiada pelos comunistas, segundo o relatório.

Terezinha dos Santos: Era Folha do Povo. Aí ela escondia naquele tempo, sabão da gente lavar roupa, vinha num caixão de madeira, aí botava... não tinha guarda-roupa, não tinha nada, ela botava tudinho ali dentro, aqueles jornal, aqueles livros e botava a mala em cima. Aí botava a mala em cima. Só entregava àquele povo que era comunista, está entendendo como é? Se eu fosse, você, Chico, aí dia de domingo ele vinha com um monte assim.²⁶³

Os entrevistados nos relatam a dinâmica da circulação da *Folha do Povo* e a relação desta com o meio comunista. A sogra e mãe, respectivamente, dos entrevistados, participava da entrega e leitura do periódico, mas, como nunca foi “fichada”, segundo a operária, nunca foi perseguida.²⁶⁴ Talvez, se trate aqui de uma operária que admirava as ideias comunistas e que nunca ingressou no partido; ou uma operária consciente da exploração do operariado que reconhecia no periódico uma defesa e manifestação de classe, que era alvo da militância comunista. Não podemos afirmar ao certo a sua participação e sua condição. O fato é que a DOPS nunca chegou nela, assim, nunca foi oficialmente uma comunista. Outro ex-operário nos fala sobre a *Folha do Povo* e a repressão sobre seus leitores:

Valdemar Cavalcanti: Não sei se era de Recife se era do Rio de Janeiro, da central de comunista. Chama-se *Folha do Povo*, se policial visse a gente pegar num negócio daquele a gente ia sofrer, jornal comunista que ele é escondido.

Entrevistador: Mas lia?

Valdemar Cavalcanti: Era, tinha. Então ele ia pra casa dele, sabe? Se reunia em casa em casa e dentro da fábrica era um ninho de cobra. Começava tudo ali. Tudo era família, tudo era uma coisa só.

Entrevistador: O senhor conheceu um comunista?

Valdemar Cavalcanti: Oxe, meu Deus, como conheci o que morreu e o que tá vivo ainda.²⁶⁵

Mais uma vez é demonstrada a associação do periódico com os ideais comunistas e a repressão policial para os que tivessem contato com o jornal. O entrevistado se refere à leitura do jornal de portas fechadas, pois, a vigilância policial os rodeava e se pegos com “materiais subversivos” “ia sofrer”. Assim a distribuição pelos militantes tinha que resguardar a identidade do leitor. A *Folha do Povo* apareceu dentro do cenário político de Moreno como o propagador das ideias comunistas, mas também como um espaço em que os operários tinham para reclamar, contestar, se fazer

²⁶³Entrevista concedida por Francisco Gonçalves Silva / Terezinha dos Santos.

²⁶⁴Fichada aqui é a pessoa que tinha um prontuário individual feito por investigadores, geralmente o prontuário era feito àqueles que a SSP considerasse com poder mobilizador voltado para a subversão.

²⁶⁵Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti.

representados nas suas queixas e condições. Vejamos o desabafo de um operário direcionado para publicação na *Folha do Povo*:

8 de Novembro de 1956

Sr. Redator da *Folha do Povo* eu um operário da Societé pesso que este jornal denuncie a miséria que vem passando os operários de moreno. Um tecelão que trabalho com 3tiars não atingi o salário mínimo os tecelão estão tirando por semana o miserável salário de 70 cruzeiros 150 e 240 cruzeiro trabalhando 48 horas por semana enquanto os belga ganham somas de dinheiro somente num país onde o capital americano domina que se ver uma mizera dessa que um pai de família com 7 filho e que pode viver com este salário as material da fábrica são os piores que inzisti as máquinas são velhas os fios são dos piores e ainda os belga dis que paga o salário mínimo que os matirial é bom procurando fazer jogo entre tecelão e contramestre dizendo que o operário não ganha dinheiro porque são malandro fazendo esperança eles mesmo com as máquinas mais nem mesmo a esperiência dele deu certo ficando ele desmascarado uma mulher que trabalhou a semana toda com 3 máquina não ganhou nem um tostão de produção porque não tirou neuna peça de pano Enquanto isso continua as demisoes em massa e as suspensão, mais os operários li dar a resposta certa quando se organizar em seu sindicato para fazer valer os seu direito,

Um tecelão²⁶⁶

Esse desabafo, escrito em um pedaço de papel qualquer, foi apreendido pelo investigador dentro do ônibus a caminho de Recife e mostra o ressentimento do operário que remete seu lamento à *Folha do Povo*, como se assim fosse possível aliviar sua condição, como se remetesse argumentações ao advogado para acrescentar aos autos de um processo de defesa. A fala do tecelão, que não consta sua identidade no prontuário, está inserida nas mobilizações da década de 1950 pelo ajustamento das horas trabalhadas e estabelecimento do salário mínimo²⁶⁷, e nos mostra a consciência de sua condição frente à dominação e arbitrariedade da fábrica.

Esse documento nos dá o poder de imputar que não só os comunistas viam e sentiam a *Folha do Povo* como representante e propagadora dos interesses operários, como também os operários, que eram reprimidos e explorados, que estavam enfrentando péssimas condições de trabalho frente a não regularização das legislações trabalhistas. De um lado a DOPS e a fábrica; de outro, os comunistas, *Folha do Povo* e centenas de operários conscientizados de sua exploração fomentaram, nos anos 50 e 60, várias mobilizações e lutas de classes na cidade de Moreno. As repressões e os discursos

²⁶⁶Prontuário funcional da fábrica de Moreno. Fundo SSP nº 26717. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁶⁷Tema que trabalharemos ainda nesse capítulo.

anticomunistas foram postos intencionalmente para reprimir uma maior mobilização de classes nesse Estado, pois, nos anos 50 estavam se avolumando questões que levavam ao enveredamento das políticas de esquerda²⁶⁸. Esse e discurso anticomunista servia para refrear as ações dos sujeitos envolvidos, espantar outras participações e legitimar a ilegalidade do pensamento de mudança para um governo que lhes desse maior participação e melhorias na qualidade de vida. Dentro desse complexo contexto característico do pensamento pós-45 da guerra fria, se avolumaram as lutas de classes nessa cidade.

O argumento de que a diminuição da miséria e da pobreza arrefeceria as ditas ideologias “exóticas” foi propagada pelo periódico local *Correio de Moreno* e nos mostra seu posicionamento frente ao cenário local. “Na indústria e no comércio ainda vamos encontrar uma média 10% de patrões que reconhecem de que o trabalhador bem alimentado e com saúde produz mais e melhor e que da miséria, da fome, do mocambo, somente tem saído ideais exóticas.”²⁶⁹ Assim, as ideologias “exóticas” seriam combatidas com boas moradias, trabalhadores bem alimentados, no estabelecimento dessa economia moral que fez durante longos anos a SCBB, baseada na pauta dos operários. Propagandas e artigos vinculados ao anticomunismo são frequentes no *Correio de Moreno*, que, usado enquanto meio de propagação dos ideais da fábrica, dispõe em suas publicações o sentido que se dava comunismo.

Há os idealistas, os necessitados e os interesseiros. Quero me referir a esse comunismo pregado e explorado no Brasil, alimentado pela sombra nefasta do analfabetismo, que imbeciliza a classe proletária, prenhe de necessidades e farta de miséria, ludibriada na sua ignorância e levada cordeiramente a se taxar de comunista, como uma tábua de salvação oferecida ao náufrago, perdido em vasto oceano proceloso. Não há comunismo entre nós. Há e com excesso, é fome, necessidade e ignorância, do que se valem alguns pouquíssimos idealistas, cientes dessa situação, que a exploram, transformando essa incauta massa em joguete, em mola, nas suas mãos, para satisfação dos seus interesses pessoais.²⁷⁰

²⁶⁸ Op. Cit. PAGE, Joseph A. **A revolução que nunca houve**: o nordeste do Brasil 1955-1964. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1972. Neste livro o autor argumenta como as ações do Estado brasileiro e Americano viam a miséria e pobreza do Nordeste e achavam que essa região estava propensa para uma revolução aos moldes cubanos, ainda mais quando explodiram as ligas camponesas e as eleições de esquerdistas com Cid Sampaio e Miguel Arraes. Partindo assim para uma campanha na busca por não permitir que o Brasil, e principalmente o Nordeste, se alinhasse a perspectiva e ao regime comunista.

²⁶⁹ *Correio de Moreno*, 20 de junho de 1948.

²⁷⁰ *Correio de Moreno*, 16 de janeiro de 1949.

Para o jornal, não havia comunismo, e sim muita necessidade do povo que, dessa forma, se deixava levar por um grupo de desordeiros que se referiam apenas a interesses pessoais. O jornal assume o discurso de que se deve melhor alimentar o povo para que ele não se deixe levar às ideologias “exóticas”, como se houvesse pessoas que, passando por más condições, iriam aderir ideias contrárias ao regime político por sua condição de miséria. Parece-nos que esse argumento é usado não só para se referir ao comunismo propriamente dito, mas também àqueles que de alguma forma questionassem a sua condição ao poder instituído.

Vimos no capítulo anterior a atuação da política maranhense em Moreno, eis o que o ex-prefeito Ney Maranhão pensa sobre o comunismo nesse período:

O grande líder chinês disse o seguinte “povo de barriga cheia não pensa em revolução, então o povo de barriga cheia não pensa em comunismo, não existe comunismo”. (...) É o seguinte, como eu disse no início, que esse problema de comunismo no Brasil é utopia. Apenas aquilo que eu repito: “povo de barriga cheia não pensa em revolução”. E aconteceu exatamente isso em Moreno, por exemplo, quando eu cheguei em Moreno, quando eu fiz minha campanha em Moreno, a minha campanha foi uma campanha de casa em casa. (...) A minha ideologia política é muito simples, se eu tenho três pães, eu como dois e dou um, porque se eu comer os três, os cabras me toma os três e eu fico com fome. Acabou. Não precisa dizer mais nada.²⁷¹

A fala do ex-prefeito dialoga com o argumento usado pelo jornal, dialoga com a ideia que se tinha sobre o que levaria o povo ao comunismo. Como político que conseguiu adentrar nas demandas operárias utilizando argumentos acerca das necessidades e convicções dos trabalhadores para dirimir estratégias políticas e afirmar que, alcançando essas questões políticas, o povo não se direcionaria ao comunismo. A classe operária nos anos 1950 começou a ganhar corpo e diretrizes mais definidas baseadas em pautas do corpo social, então, a argumentação do Ney Maranhão se aproximava da visão de mundo, das reivindicações e das necessidades dos operários, por isso sua ênfase na “utopia” do comunismo, outro ponto de apoio às demandas operárias. Não era interessante para Ney Maranhão que os operários aderissem em massa ao comunismo, então, em seus discursos e práticas políticas, buscava meios para chegar à vida do operariado, com argumentação baseada na melhoria da qualidade de vida, por meios do assistencialismo e interlocução direta.

²⁷¹ Entrevista concedida por Ney de Albuquerque Maranhão.

A questão que levantamos nesse momento é: estavam - o Estado, a imprensa e os empregadores - preocupados apenas com o comunismo ou com as movimentações de massa provocadas pela insatisfação e demanda operária? Parece-nos, cada vez mais, que o discurso anticomunista se estabeleceu como meio para arrefecer reivindicações diretas dos meios operários. Assim, era frequente o uso do comunismo como estratégia de validar o uso da máquina burocrática e jurídica do Estado para reprimir essas mobilizações. A base de nossa argumentação parte de um olhar fundamentado nas demandas dos meios sociais, seus comportamentos, visões de mundo e estabelecimento político, pois entendemos que assim podemos estabelecer argumentações baseadas no corpo social da classe operária. Acreditamos que houve uma criação discursiva do medo do comunismo²⁷², porém acrescentamos que a intencionalidade, explícita nos relatórios dos investigadores da DOPS, era conter a movimentação e mobilização operária.

Desprezar esse argumento é crer numa teoria cupulista para as reivindicações de classe, é desacreditar em uma política dos trabalhadores e enxergar o contexto pós-45 como apenas ventre de um discurso do medo, impresso pelas elites à classe trabalhadora. O discurso propagador do medo referente ao comunismo existiu para fomentar um estado de exceção e uma perpetuação de dominação, de preservação do *status quo* da uma classe dominante. Porém, o objetivo aqui é entender como esse discurso, e seus consequentes efeitos, propiciaram a repressão de uma classe operária em ascensão, com alicerces muito bem definidos e que não passavam obrigatoriamente pela perspectiva comunista. E mesmo se tratando de trabalhadores explicitamente não comunistas, era-lhes atribuída a ideologia considerada subversiva.

A nosso ver, existia nos meios operários uma crescente mobilização e conscientização de classe que estava deixando preocupadas as elites políticas, um dos meios utilizados para enfraquecer esse movimento, que tinha como uma saída a ideologia comunista, era a repressão. Outra saída - e a que foi pouco utilizada em Pernambuco, mas muito em Moreno - foi a entrada pelo viés da política populista, realizada por Ney Maranhão e Constâncio Maranhão, os quais assumiram a causa dos operários e com eles estabeleceram uma política assistencialista, assumindo o lócus paternalista fabril.

²⁷² Op. cit. PORFÌRIO, Pablo F. de A.. **Medo, comunismo e revolução**: Pernambuco (1959-1964). Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009, MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, memória e metodologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

Dessa forma, vemos os discursos anticomunistas e as práticas de controle social como meio encontrado pela classe dominante para reprimir e exercer o domínio sobre a classe trabalhadora. Podemos notar, ainda, os anos 1950-1960 como um período crescente de consciência de classe. Veremos o desenrolar desse cenário político e de lutas de classe nas mobilizações dos operários e nas tentativas de reprimir as atuações por reivindicações trabalhistas.

4.3. O enfrentamento direto: crise administrativa e a greve de 52

Em 1951 a gerência da Societé Cotonnière Belge Brésilienne tem uma reformulação e mudanças administrativas, e passa a ser exercida por belgas em substituição à gerência inglesa instalada desde 1917. Sua administração passa por modificações, visando maior eficácia da produção, e quebra com o paradigma paternalista estabelecido, o que vai ocasionar uma redução significativa nos salários do operariado e uma mudança nas relações patrão-empregado.

(...) Em continuação a mencionada reforma, foi notado o afastamento do gerente técnico o inglês John T. Walmsley, que ali vinha mantendo aquele cargo a mais de 30 anos, com a alegação do mesmo se encontrar com a saúde abalada, criando o cargo de chefe de serviço do pessoal, aproveitando no mesmo o escriturário Sr. Valdemar de Holanda Vasconcelos, onde passou logo a ser adotado o início da mecanização da escrita, com a instalação e funcionamento dos relógios da I. B. M. , com a obrigação de todos os operários e funcionários sem nenhuma exceção (...) por intermédio da “Folha do povo” , nos dias do mês de abril próximo passado e em 22, 23 desse com alegações que na seção e preparação os operários trabalhavam de 70 a 80 horas por semana, passaram a trabalhar 60 horas, com esta redução, deixou de pagar as gratificações de 20, 30 e 50%, que vinham recebendo depois de ultrapassarem as 48 horas, provocando a falta de material para as outras seções²⁷³.

As mudanças significaram para o operariado uma queda brusca nos salários o que causou uma série de mobilizações e reivindicações. Esse corte abrupto nos salários foi o principal motivo das ações de resistência, mas outro fator também é determinante para o processo que levou a primeira grande crise entre empregados e empregadores da

²⁷³ Relatório 24/05/52. Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 03. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

SCBB: a quebra de um modelo paternalista baseado no direito e no costume²⁷⁴. As duas argumentações se alinham e se justificam: de um lado a diminuição nos salários, e conseqüentemente a dificuldade perante o mercado de alimentícios e o custo de vida, de uma forma geral; de outro lado, a quebra do que era visto como um direito para o operariado de Moreno: as longas jornadas de trabalho para conseguir horas extras legitimadas pelo empregador, conseqüentemente a montagem de um salário sem horas definidas.

A gerência inglesa mantinha desde o princípio²⁷⁵ um modelo de paternalismo industrial no qual a figura do gerente, o Mister Walmsley, era o provedor da entrada na fábrica, dos auxílios diretos aos empregados, um paternalismo característico de um lugar onde permeava o mundo urbano e o rural, seja na política local, seja na perspectiva do industrial. Para muitos operários o “Misti Homi” era o seu chefe, bom patrão, que mantinha uma relação que ultrapassava os muros do trabalho, indo ao íntimo das relações paternalista da cidade-fábrica

(...) isso era uma mãe, moreno era outro moreno quando ela funcionava o societé cotonniere. A gestão dos ingleses foi a coisa mais linda que se podia ver em moreno os operários tudo satisfeito trabalhando, ganhava dinheiro né? A vida de Moreno era outra coisa o povo era um povo feliz né? ²⁷⁶

A quebra com esse modelo levou a um nível crescente de agitações e reivindicações, tendo como base um direito assentado no costume. Não foi apenas a redução de salário que fez movimentar as reivindicações operárias, mas o rompimento com um modelo aprioristicamente estabelecido fez do ano de 1952 o ponto de partida para as reivindicações classistas. Com os ingleses existiram opressão, mobilizações e resistências perante a exploração capitalista, mas, antes da crise de 1952, estiveram no plano individual, não atingiam uma parcela dos operários para formação de comissões, de greves, protestos, mobilizações como justificativa de direito de trabalhar. A crise, e a conseqüente mobilização de 1952, tem a característica de evidenciar um operariado organizado na busca de seus propósitos.

²⁷⁴Sobre direitos e costumes ver: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: companhia das letras, 1998.

²⁷⁵ Conforme vimos no primeiro e segundo capítulo.

²⁷⁶ Maria José, ex- enfermeira, entrevista concedida em 15 de Junho de 2010.

Ações de comunistas, o apoio de políticos conservadores numa constante tentativa de aproximação com a classe operária, e tendências de política com características populistas, também foram uma das características do período desse movimento grevista. Esse era o cenário e os ingredientes que fomentaram e instrumentalizaram as ações dos operários, dando a caracterização do período pós-45 e estão deveras explícitos nas reivindicações de 1952. Vamos para os pormenores do movimento paredista.

Em 1951 foi assinado um acordo com os operários, na tentativa de minimizar os efeitos das mudanças estabelecidas, através do qual se pretendia as 48 horas trabalhadas ao invés das 60 horas - ratificando as reformas administrativas dos belgas - e, para isso, trabalhariam aos sábados até às 22 horas. No entanto, a proposta não foi aceita pelos operários, que continuaram os protestos, alguns operários rasgaram os avisos espalhados pela fábrica, como forma de mostrar a não aceitação do acordo estabelecido.²⁷⁷ Em janeiro de 1952, os operários em comissão montaram duas propostas para a fábrica: a primeira seria a de trabalhar 48 horas com um aumento de 100%; a segunda, a de trabalhar as horas necessárias, contanto que as 48 horas e mais as horas excedentes tivessem um aumento de 30%²⁷⁸. No entanto, um acordo assinado pelo sindicato, na delegacia regional do trabalho, em 1951, dizia que os operários não podiam pedir aumento ou revisão do acordo dentro de dois anos. A proposta dos operários logo recebeu uma contra proposta de 20% para 48 horas de serviço, ou 5% sobre todas as horas trabalhadas²⁷⁹. O que também não foi aceito pela comissão, mas abriu uma negociação.

O que estamos vendo são os operários da preparação - setor importante no sistema de produção, pois, sem os seus trabalhos, outras partes da fábrica ficam impossibilitadas de funcionar - reunidos em comissão, exigindo um ajuste salarial dentro da proposta de redução de horas trabalhadas. Organização no chão da fábrica levada à gerência para negociação direta, tendo como interlocução a figura do prefeito Ney Maranhão que tem a aproximação com os operários na oferta de ajuda jurídica, disponibilizando um advogado e apresentando à comissão.

²⁷⁷ Relatório 13/02/51 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁷⁸ Relatório 28/01/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-C. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁷⁹ idem

Voltemo-nos para dois pontos citados acima: a comissão do setor de preparação negociando diretamente com os dirigentes questionando uma decisão sindical; e a interferência do prefeito Ney Maranhão nos meios operários.

Sobre o primeiro ponto podemos dizer, a partir do exposto, que as reivindicações da classe não passavam, necessariamente, pelo meio sindical, esse movimento reivindicatório, de 1952, tem a característica de fazer surgir em meio social e político, em Moreno, demandas que estão diretamente relacionadas com o cotidiano dos operários e nos mostra a organização por parte direta desses homens. O sindicato poderia representá-los, não estamos negando essa possibilidade, porém vemos um paralelismo organizacional com as comissões de fábricas tentando acertar diretamente com a parte. E é do chão da fábrica que surgem as primeiras agendas específicas de reivindicações.

Segundo ponto: casos de intermediários são recorrentes nesse momento, ora pelos políticos locais, o prefeito Ney Maranhão, seu pai e deputado estadual, Constâncio e o vereador Adolfo Gomes; ora pelos deputados representantes dos comunistas como Roberto Morena. O cenário de luta classista dentro da fábrica também é de embates políticos: comunistas e suas lideranças políticas; imprensa como o jornal *Folha do Povo* - periódico ligado também ao partido comunista-; e políticos locais de caráter mais conservador, como o prefeito Ney Maranhão. A politização e organização dos operários, que geraram as reivindicações, faz com que essas duas correntes políticas tentem se aproximar, se pondo como representantes legítimos das causas dos operários. Em alguns momentos, isso vai ser um recurso dos operários frente às intermediações tanto com a gerência quanto com a justiça do trabalho.

Voltemos as démarches. Enquanto os operários puxaram a greve pela reivindicação dos ajustes de horas trabalhadas se recusando a seguir o horário estabelecido, a partir do dia 19 de maio, a SCBB tratava o caso argumentando que os operários agiam “com evidente má vontade e indisciplina.”²⁸⁰. Diziam que os operários não atenderam aos apelos da fábrica, reduzindo o ritmo de produção, praticando a greve branca, o que causou a falta de fios para a seção de fiação. A SCBB faz um apelo para que os operários cumprissem as novas regras, mas os operários estão determinados a

²⁸⁰ Relatório 15 /05/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

não aderir às novas diligências da fábrica, o que provocaria uma diminuição significativa nos seus salários.

Foi marcada uma reunião com a seção de preparação contando com a presença do diretor presidente da fábrica, Henri Van De Bosch, o gerente interino Felix De Vocht, o subgerente Vernon Walmsley, o advogado da fábrica, o chefe do serviço pessoal, Guilherme Cunha, e diversos técnicos de fabricação belgas, junto com o delegado do trabalho Ernesto Pinto, o presidente do sindicato Hirton Barros de Vasconcelos, o presidente da câmara municipal local Oseas Mendonça e o advogado do sindicato Dr. Felix de Lira²⁸¹. E mais uma vez não foi resolvida a questão dos operários, ficando acertado pelo delegado do trabalho que os operários, com o seu sindicato, redigiriam um memorial para a delegacia regional do trabalho, caso não solucionasse, iria mandar a causa para a justiça do trabalho. Na saída da reunião, na praça da cidade, vaias e uivos foram proferidos num protesto contra os belgas.

Pela primeira vez as reivindicações dos operários da preparação ganharam a esfera da justiça, saindo da tentativa de conciliação direta com os gerentes e passando a ter com a delegacia regional do trabalho a tentativa de ajustes entre as partes. Sem resolução frente à gerência, foi montado um dissídio junto à justiça do trabalho. O acesso aos aparelhos democráticos, para resolver diligências pendentes, se tornou cada vez mais frequente nas reivindicações e é esta uma das marcas do período 1946-64. Esse intervalo democrático proporcionou a instrumentalização de aparatos democráticos aos cidadãos, uma experiência inovadora do período e deveras usada nas greves posteriores.

O clima em Moreno ficou tenso, as agitações operárias e as consequentes mobilizações das forças policiais do Estado se dividiram em uma clara luta de classes sem precedentes nesta cidade. Chegaram a Moreno diversos carros da rádio patrulha²⁸², na tentativa de coibir e apurar a situação. Rádio patrulha, agentes infiltrados da DOPS e forças tarefas com a polícia local são usadas, em parceria com as forças da SCBB para tratar do caso. Pois a greve foi tratada, também, como caso de polícia a ser investigado e combatido. As forças policiais procuravam os que mantinham a orientação comunista,

²⁸¹ Relatório 25/05/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁸² Relatório 27/05/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

sendo que os operários, quando indagados sobre as acusações de um levante encabeçado por comunistas, negavam dizendo que a causa das agitações é a maneira com que os belgas estavam tratando a questão das horas e, conseqüentemente, dos seus salários.²⁸³ Esclarecendo, assim, que suas reivindicações eram formuladas a partir do descontentamento com a redução dos salários, e levada à efeito de greve pelos operários que acharam feridos seus interesses, não contando com nenhuma cooptação por parte do partido comunista.

Nesse clima de agitação, aparecem o deputado Constâncio Maranhão e seu filho, Ney Maranhão. Em 27 de maio vão à administração da fábrica, se declarando a mando do governador Agamenon Magalhães para resolver o caso²⁸⁴. Reuniram-se com a direção e articularam-se com o sindicato para mostrar aos operários seus esforços na resolução das demandas trabalhistas. Em reunião marcada pelo órgão de classe, declararam o resultado da conferência com os belgas: que voltassem a trabalhar como antes, pois conseguiram a anulação das reformas administrativas que reduziram o salário. Logo que apresentada a proposta foi rejeitada, sendo alegado, pelos operários, que queriam aumento de salário, de acordo com o memorial que foi encaminhado ao delegado do trabalho, e a conseqüente redução da jornada de trabalho. Constâncio Maranhão afirmou que isto não foi dito a ele, e que os operários deveriam ir à justiça do trabalho. As novas formulações reivindicatórias eram por uma jornada de trabalho de 48 horas mais 60% de aumento, já reclamadas à justiça do trabalho. A experiência da mobilização logo se avolumou em novas demandas, ficando a intervenção dos Maranhão obsoleta às reivindicações dos operários que queriam redução da jornada sem diminuição dos salários, indo o dissídio caminhar na justiça do trabalho, à espera do retorno do memorial que estava nas mãos do delegado do trabalho.

A intervenção do deputado não surtiu o efeito esperado por ele, pois em sua negociação com os gerentes confirmou a volta dos antigos salários, no entanto, as pretensões dos operários já ultrapassavam esse patamar. As ações dos políticos e a forma com que a gerência tratava o movimento paredista nos evidenciam quanto de paternalismo estava presente no trato com os operários. Tanto por parte da gerência que, truculenta e inflexível, tratava como questão de indisciplina as reivindicações; quanto

²⁸³ Idem

²⁸⁴ Relatório 27/05/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01-02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

pelos políticos Maranhão, que a todo o momento iam procurar intermediações para resolução consensual entre as partes.

Fica evidente que os operários, nas comissões, se puseram firmes nos seus propósitos; e o sindicato, sob intervenção, serviu como ponto de reuniões e apoio, partindo as decisões do chão da fábrica. Em nova reunião no sindicato para tratar do memorial enviado ao delegado do trabalho, o presidente queria que os operários voltassem a trabalhar as horas extraordinárias, até o máximo de 73 horas, o que não foi aceito. Eles queriam, nesse momento, trabalhar 48 horas e receber aumento de 60%²⁸⁵ e se puseram firmes nesse propósito. Nesse dia, por falta de matéria prima, a SCBB parou e assim permaneceu, em algumas seções, por quinze dias.

Durante o tempo em que a fábrica permaneceu parada, por falta de trabalho da seção de preparação, foi relatado pelos investigadores da DOPS, o estrago de duzentos metros de pano e a distribuição de vários panfletos, de caráter “subversivo”, incitando os operários a continuar na luta. Os operários estavam muito organizados, mantinham o movimento paredista de braços soltos, pouco trabalhando e causando paralisação de outros setores. Consequentemente, aumentava a pressão em cima deles com operações conjuntas dos belgas e da polícia. Na sessão da câmara, no dia 5 de junho, o vereador Adolfo Gomes proferiu um discurso dizendo que os políticos de Moreno e a câmara deveriam mandar telegrama para o Presidente da República e para o ministro do trabalho a fim de denunciar a exploração feita pelos belgas em Moreno²⁸⁶. Este movimento grevista denunciou a exploração e o autoritarismo fabril, que passava, então, pela sua primeira crise. A *Folha do Povo*, denunciando também a exploração dos têxteis, publicou:

Na cidade de Moreno prossegue a luta dos trabalhadores têxteis, que enfrentam a exploração dos belgas e as ameaças de terrorismo da polícia de Agamenon Magalhães. Em consequência das manobras dos patrões, foram os salários dos trabalhadores reduzidos de maneira verdadeiramente absurda. Na última semana, houve operários que receberam apenas 190 cruzeiros e que antes recebiam, semanalmente 410 cruzeiros. Diante dessa situação, os operários exigem 60 por cento de aumento com 48 horas trabalhadas²⁸⁷.

²⁸⁵ Relatório 31/05/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁸⁶ Relatório 06/06/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁸⁷ Folha do Povo. 7/06/1952. P. 03. APEJE

Em novo relatório de 18 de junho, o investigador tentou achar uma razão para a greve e disse ser motivada “em primeiro lugar da pressão da gerência sobre o operariado e pelo aumento de 60% dos salários e 48 horas de serviço. Depois a paralisação acarretada pela falta de matéria prima²⁸⁸”. Mesmo apresentando uma justificativa dentro das demandas reclamadas pelos funcionários, afirmou que todo esse movimento estava sendo orientado pelos comunistas que lotaram a cidade com boletins incitando a greve, atribuindo os boletins às ações comunistas. Vejamos um dos boletins:

Companheiros, operários e operárias da fábrica de Moreno:

A miséria nessa empresa está aumentando dia a dia para vocês. Os belgas enriquecendo cada vez mais à custa da exploração desumana que vem empregando com o apoio do governo das classes dominantes. (...) o caminho que vocês tem para sair desta situação de miséria é a luta. (...) As condições estão para nós, precisamos está convencidos disto, que somos 10 vezes mais fortes que os belgas e podemos derrota-los imediatamente.

Tudo pela vitória, tudo pela paz, tudo pela união da classe operária!

Tudo por aumento de 60% no salário!

Tudo por salário mínimo de Cr\$ 1.500,00!

Tudo por eleições livres no sindicato!²⁸⁹

Em ofício dirigido à Delegacia Regional do Trabalho, a SCBB pediu intervenção da polícia para acabar com a greve, uma vez que eram os boletins subversivos dos comunistas que orientavam a greve e a *Folha do Povo* incentivava. Segundo a fábrica, os operários iam ao trabalho e permaneciam de braços cruzados agindo de forma intransigente²⁹⁰. Veem-se claramente como os investigadores e a própria fábrica usam do discurso anticomunista para forçar maior repressão frente às reivindicações operárias. Recorrendo à participação comunista na greve para justificar uma intervenção das forças policiais que deveriam acabar com a “baderna”.

Em setembro, sai o resultado do Tribunal Regional do Trabalho sobre o dissídio dos têxteis do Recife dando ganho de causa aos operários, tendo os empregadores que pagar 30% de aumento a contar daquele dia, juntamente com as horas trabalhadas

²⁸⁸ Relatório 18/06/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁸⁹ Relatório 6/06/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁹⁰ Relatório 20/06/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

reivindicadas²⁹¹. O que demonstra que as mobilizações trabalhistas no setor têxtil estavam sendo impetradas em outras localidades. Isso gerou grande expectativa nos têxteis de Moreno, uma vez que seu dissídio estava na justiça do trabalho e suas reivindicações se assemelhavam às de Recife.

Tendo como base o dissídio dos operários de Recife, uma reunião no sindicato, no dia 4 de junho, decidiu que os operários da preparação voltariam ao trabalho com o ajuste de 73 horas trabalhadas durante a semana, sem nenhum reajuste nos salários até que a justiça do trabalho decidisse sobre a reclamação²⁹². Esse acordo foi definido após vitória dos têxteis na justiça local. Sobre a resolução indaga o investigador da DOPS: “Espera-se na próxima segunda-feira a normalização dos trabalhos, passando, desta maneira, a primeira crise sentida nas reformas ultimamente adotadas pela nova orientação dos belgas²⁹³”.

Após grandes mobilizações e intensos conflitos se encerrou um ciclo de lutas com o desfecho favorável para os têxteis de Moreno, os quais, em meio às intransigências patronais, não deixaram as suas reivindicações serem abaladas por intimidações feitas pela polícia política e pelos empregadores. Moveram uma luta intensa contra os empregadores buscando um direito perdido com as reformas administrativas e articulando, no decorrer do movimento, novas possibilidades de aumento de salários. Das articulações politizadas das comissões, aos usos de mecanismos democráticos, os trabalhadores de Moreno se mantiveram coesos na busca pelos direitos estabelecidos pelo sistema democrático vigente; e na busca por novos meios criados pelas comissões de fábrica frente à justiça do trabalho conquistando uma hora de trabalho de 73h semanais, o que se aproximava das reivindicações e não sentiam tanta diferença nos salários. O que para o momento foi uma conquista.

²⁹¹ Correio de Moreno. 28/09/1952. p. 04. APEJE.

²⁹² Relatório 25/06/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁹³ Relatório 28/07/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 02. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

4.4. Juntando-se à greve dos 32 mil

No dia 13 de outubro houve nova paralisação em solidariedade, e para integrar o movimento grevista do Recife, à greve dos 32 mil. Os operários param novamente o trabalho, uma vez que seu dissídio sobre as 48 horas trabalhadas e 60 % de aumento não havia saído, integrando uma grande greve que estava ocorrendo com os têxteis de Recife e Paulista.

São 18 mil operários do Recife, aos quais já se juntaram 10 mil de Paulista e 3 mil de Moreno perfazendo um total de 32 mil trabalhadores. E porque lutam esses 32 mil operários pernambucanos? Lutam por tudo aquilo que lutamos todos nós: por melhores salários²⁹⁴.

Reunindo-se no sindicato, comunicaram sobre a greve na capital, organizaram os piquetes, as comissões de finança e de vigilância e arrecadaram donativos. O prefeito Ney Maranhão, disponibilizou, como uma forma de aproximação com o movimento dos trabalhadores, oito bois e um carro a disposição da comissão para percorrer cidades adjacentes²⁹⁵.

Os operários de Moreno, nesse instante, entraram numa reivindicação maior, sendo representados e ouvidos pelos têxteis de todo Pernambuco numa importante mobilização da classe.

A greve dos têxteis de Pernambuco de 1952 é um marco importante para o estudo dos momentos concretos em que se manifestam grupos da classe trabalhadora em movimentos reivindicatórios coletivos, reinterpretando e criando formas de organização expondo publicamente sinais e indicações de consciência de classe. Do período anterior a 1964 foi mais estudada a greve dos “300 mil” de 1953, dos operários de São Paulo, envolvendo várias categorias profissionais, onde é destacada a importância da formação de comissões de empresa associadas ao trabalho sindical²⁹⁶.

Essa greve marcou, no setor têxtil pernambucano, como nos diz Leite Lopes ao analisar o mesmo contexto na fábrica Paulista, uma demonstração de consciência de classe crescente no Estado. Foi alinhavada em Moreno tomando como base as greves que se arrastavam durante praticamente todo o ano contra o rebaixamento dos salários,

²⁹⁴ Folha do povo 14/10/52. p. 01. APEJE

²⁹⁵ Relatório 16/10/52 Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 01, 02, 03. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE

²⁹⁶ LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.p. 408.

provocado pela reforma administrativa. A importância dessa greve unificada é mostrar a força do operariado, mostrar aos patrões que os trabalhadores estariam a postos frente à luta por direitos.

Essa experiência foi fundamental para as greves pró-salário mínimo em Moreno. Movimento que arregimentou intensas mobilizações para enfrentamento ao empregador em diversos níveis da justiça do trabalho. Contando com o apoio de diversos seguimentos políticos, ora tentando aproximação com a classe, ora se solidarizando com os operários de Moreno e Pernambuco, ganham projeção nacional na greve dos 32 mil.

Exmo Sr Ministro do Trabalho

Ministério do Trabalho Rio DF

Câmara municipal de Moreno VG sessão realizada dezoito corrente VG aprovou unanimemente protestos apresentados vereadores Genaro França Barreto VG Argemiro Nepomucena e Adolfo Gomes Santos VG contra abusos atual direção SCBB contra seus incautos operários VG responsabilizando mesma por qualquer acontecido ora endeantePt outrossim resolver hipotecar irrestrita solidariedade a greve de 1 de outubro p vindouro VG têxteis Pernambuco PT diante tamanhas ocorrências VG confiamos irrestrito apoio vossencia tão nobre causa PT Ozeas Gomes de Mendonça presidente.²⁹⁷

Depois de dias de greves, protestos e passeatas contra o autoritarismo belga, e a demora do resultado do dissídio, os operários voltaram ao trabalho com as garantias do aumento de 30% e o de recebimento das horas paradas²⁹⁸ conforme pleiteavam.

Por outro lado, sofreram com as demissões de muitos dos envolvidos nos movimentos grevistas alguns, com ações das comissões e do sindicato, voltaram, outros não²⁹⁹. As intransigências patronais se tornaram ainda mais fortes no propósito de coibir novas ações dos operários, e dois recursos foram utilizados: a demissão de funcionários acusados de participarem da greve, mesmo com estabilidade garantida por lei; a demissão com a acusação de expandir ideologias subversivas que propiciavam as

²⁹⁷ Carta enviando telegrama do presidente da câmara municipal de Moreno. CPDOC-FGV. Arquivo Getúlio Vargas, classificação GV c1952.10.06/01. 06/10/1952.

²⁹⁸ Relatório 25/10/52Prontuário funcional da fábrica de Moreno. p. 02, 03. Fundo SSP nº 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE.

²⁹⁹ Folha do Povo 1/11/1952. APEJE

greves. Mas não foi o suficiente para deter as greves pelo salário mínimo, nem uma maior articulação operária na tomada do sindicato.

Capítulo V: Sindicato, mobilizações pelo salário mínimo e o fim da linha “na estação 1964”.

Valendo-se de seus próprios recursos e experiência, ao entrarem em disputas e confrontos, os trabalhadores mostraram que podiam se apossar dos sindicatos e revertê-los em seu favor, esboçando uma luta por direitos abrangente e diversificada- e isto não só nas conurbações fabris e urbanas.

(Antonio L. Negro)

Os anos 1950 surgiram como um tempo de desarranjo na, até então relativamente pacífica, relação entre trabalho e capital. Os conflitos de classe avolumaram-se e ganharam força dentro de uma perspectiva que ensejou mais direitos para os operários. O espaço das boas recordações de uma época de fartura, nas memórias dos ex-operários, foi interrompido pelos tumultuados anos 1950. As referências desse período são construídas com base na atuação comunista sendo preferível o tempo associado ao “Mister homi”, da abundância de emprego.

O cenário em Moreno pós-50 apresentou atores do tecido social que estiveram, destacadamente, inseridos na disputa das demandas da cidade operária. Ganharam espaços as reivindicações de classe; alargaram-se as intervenções objetivando a interlocução junto ao operariado por setores políticos diversos; e ampliou-se, de forma significativa, a atuação operária nas organizações de greves e o refinamento de agendas políticas reivindicatórias.

Neste capítulo, discutiremos o posicionamento do sindicato no tecido social, o papel que ele teve nas demandas trabalhistas, suas intervenções, a apropriação e o uso pelos operários desse instrumento que lhes servia como representação. Nosso objetivo é perceber as mudanças dos usos e sentidos que o sindicato têxtil adquiriu e as formas pelas quais manteve as relações no tecido social. Aqui entramos novamente com o olhar de quem pretende perceber as interlocuções viáveis e os caminhos delineados, agora pelo órgão de classe, seja na representação de uma demanda oriunda do chão da fábrica; seja na representação de correligionário dos Maranhão; ou, ainda, os tomados por

“subversivos” alinhados com o ideal comunista. O olhar para o sindicato é sintomático das relações advindas dos meios sociais da cidade, mas também, nos coloca em discussões maiores, pois, alinha as questões da pequena cidade operária de Moreno com o contexto pelo qual passava a política e as causas trabalhistas brasileiras.

Neste capítulo iremos discutir as greves dos anos de 1959-1960, que ganharam notoriedade, nos jornais de maior circulação, por fazer de Moreno um grande campo de lutas em favor do salário mínimo; e perceber os modos de atuação dos operários, as ligações políticas, a interferência da justiça do trabalho e sua mudança de postura. Além de analisar o corpo social na sua complexidade e diversidade, suas relações, e o contexto pré-golpe militar que se torna, então, argumento central deste capítulo.

5.1. Sindicato, tecido social e as condições da indústria têxtil

Em 1946, através da abertura política, vários setores da sociedade brasileira viveram a oportunidade de vislumbrar novas demandas nos meios sociais. O regime democrático, que se iniciou naquela data, trouxe consigo boas perspectivas de inserção de maiores representações da sociedade. Uma nova constituição foi redigida para o país e os estados promulgaram as suas respectivas cartas constitucionais. Era novamente o regime democrático que soprava seus ares.

Dentro desse contexto, de maior liberdade de expressão proporcionada pela abertura do regime, tentamos entender a posição do sindicato têxtil de Moreno. Mesmo vislumbrando um período democrático, o sindicato permaneceu sob intervenção política. Foi apenas em 1950 que houve a abertura das eleições livres. E logo, começaram os alinhamentos e os jogos de interesses delineados pela disputa do órgão de classe.

Em novembro de 1950, a junta governativa que estava no sindicato anunciou que iria abrir para eleições diretas³⁰⁰, fazendo anúncios no jornal local, dizia que essa era a hora dos operários “votar livremente em seus representantes”. A notícia de que, depois de longos anos, estaria o sindicato aberto para o livre acesso de representação dos

³⁰⁰ Correio de Moreno. 04/11/1950. p. 04. APEJE.

operários, fortaleceu a ideia de representação de grupos políticos, mobilizações que fizeram com que os operários se articularassem para concorrer às eleições.

Assim, figuraram quatro chapas para concorrer às eleições, porém, só houve a homologação de duas delas, compostas por José Veridiano na presidência da primeira e Euclides Bezerra de Carvalho na segunda³⁰¹. Duas das chapas que concorriam ao pleito foram embargadas por conter “elementos” “subversivos”.

Em 17 de dezembro, quando foi realizada a eleição, apenas 34% dos eleitores votaram, o que não foi o suficiente para atingir o quorum necessário³⁰². É possível que as chapas que puderam disputar as eleições não representassem as aspirações dos operários, e que essa tenha sido a causa da alta taxa de abstenção, tornando inviável o pleito. Segundo o relatório do agente da DOPS, as chapas indeferidas eram compostas por comunistas, subversivos, por isso foram anuladas e postas para fora da disputa³⁰³. Ainda segundo o investigador, os comunistas estariam fazendo reuniões, propagando boletins e incitando os operários a não votarem e assim inviabilizar o pleito eleitoral.

Ao falar da chapa comunista, e cita apenas uma chapa com esse teor, o agente se referiu aos componentes e fez ligações com outros filiados do partido comunista, alguns prontos para, outros não. As relações indiretas indicadas pelo agente foram suficientes para indeferir a chapa tida como subversiva³⁰⁴.

Algumas explicações e apontamentos são necessários neste momento. O primeiro ponto é perceber como a força do discurso comunista servia de aparato legal para reprimir mobilizações que pudessem conter teor “subversivo”. A fábrica e o aparato policial do Estado mantinham seu olhar atualizado sobre as movimentações e ações operárias. Se reprimir a atuação comunista aparecia como uma postura constante do Estado, reprimir movimentações que representavam grande parte do operariado também fazia parte da agenda do controle social. Alinhados a uma ideia cupulista de cooptação dos comunistas frente à classe operária, o discurso anticomunista servia para reprimir uma campanha validada pelas forças sociais, que comprovaram a sua maioria na anulação do pleito.

³⁰¹ Correio de Moreno. 10/12/1950. p. 06. APEJE.

³⁰² Correio de Moreno. 19/12/1950. p. 03. APEJE.

³⁰³ Relatório 27/12/50 Prontuário funcional do sindicato de Moreno. p. 02, 03. Fundo SSP nº 26717. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³⁰⁴ Idem.

O segundo ponto a ser destacado é a campanha para não se referendar as chapas selecionadas para concorrer à disputa sindical. Presumindo que houvesse comunistas encabeçando a chapa sindical, isso poderia ser um grande indicativo de poder e mobilização política por sua parte. O que, decerto, foi pensado pelo Estado e por outros setores mais tradicionais que lutavam para extirpar o “mal” subversivo. Por outro lado, e saindo da ideia cupulista dos agentes da DOPS, depois de tanto tempo sem o direito de se fazer representar no órgão de classe, era objetivo da maioria dos operários participar de forma efetiva daquela instituição e com o direcionamento que lhes conviessem. Conforme sua abstenção destaca.

Sendo inviabilizadas as eleições sindicais por falta de quorum, o presidente Hirton Vasconcelos de Barros, então interventor, fez chamada de novas eleições. Marcada as eleições, mais uma vez, o quorum foi insuficiente, resolvendo a DRT deixar o Sr. Hirton de Barros na presidência.³⁰⁵ E o sindicato permanecia fora da representatividade direta dos operários, que, mesmo vivendo num período democrático, tinham suas escolhas cerceadas com a justificativa de que elas representariam forças subversivas.

Esse fato apresenta, no palco político, o poder de escolha e não alinhamento da representação de classe com os ideais do Estado e da fábrica. A greve de 1952 nos mostrou formas de organização classista partindo de comissões de fábricas, estando o sindicato alinhado aos ideais da fábrica, os operários estabeleceram como ponto de partida as comissões e o diálogo direto no estabelecimento de demandas. A recusa e a consequente anulação do pleito sindical de 1950 lançou as bases para novas disputas políticas e para fortalecimento de uma pauta estabelecida que explodiu em 1952, no primeiro enfrentamento direto aos patrões por ações de comissões. Mas que já se renunciavam nas alianças e organização sindical que estavam se estabelecendo.

O direito de eleger representantes seguiu suspenso até 1955, quando foram abertas as eleições, nas quais se organizaram e participaram diversos grupos políticos. Nessa época a nova força política de Ney Maranhão se achava presente no cenário político, de modo que o grupo do prefeito participaria das disputas sindicais, assim como os comunistas. Ambos os setores mantinham interlocução junto aos operários,

³⁰⁵ Correio de Moreno. 01/01/1951. p. 04. APEJE.

com papéis e atuações diferenciadas, e esses dois grupos políticos se sustentavam na rivalidade, refletida na disputa do sindicato.

Ambos os grupos eram vigiados de perto pelos agentes da DOPS, sendo os comunistas mais hostilizados, muitos tendo sido presos, chamados a depor sobre sua atuação. Ney Maranhão não era tido como subversivo, e tampouco era chamado para esclarecimentos, mas sua atuação frente aos operários chamou a atenção do Estado e da Secretaria de Segurança Pública, que seguia de perto seus passos e atuações. Não encontramos referência de maiores hostilidades ao prefeito, porém seu jeito de fazer política muito incomodou a DOPS.

A eleição sindical de 1955 deu vitória a José Pereira da Cunha, que não chegou a assumir por causa de uma intervenção que o depôs³⁰⁶. Mas após “esclarecimentos”, a DRT permitiu a posse dos eleitos. Rapidamente, Ney Maranhão, através do seu periódico local, tratou de se apresentar como o responsável por garantir a posse de Cunha³⁰⁷. Por seu lado, a *Folha do Povo* anunciou o fato como uma conquista da classe operária, do povo de Moreno:

Mais uma grande Vitória foi conquistada pelos operários têxteis de Moreno. Foi empossada no domingo último a diretoria do órgão de classe eleita pela maioria esmagadora dos associados. Por mais que o ministro do trabalho através do seu interventor naquele combativo sindicato tentasse ludibriar os tecelões, com promessas vãs e irrealizáveis, de que construiria creches, etc, no objetivo de baixar a tensão da luta e quebrar a unidade em torno da diretoria eleita, os operários da Societé, reafirmando sua combatividade, repeliram todas as manobras e exigiram a entrega do sindicato ao seu legítimo dono. Com essa prova de união o espírito de luta dos operários de Moreno assinalaram mais uma vitória nas páginas da história das lutas classe operária, por melhores condições de vida e pelo respeito às liberdades sindicais.³⁰⁸

Houve, visivelmente, uma disputa na conquista pela posse da diretoria eleita. Nos anos subsequentes a 1952 se tornaram frequentes as interpelações dos têxteis na Diretoria Regional do Trabalho e as colocações para representar os operários. O jornal *Folha da Manhã* assim noticiou a posse dos eleitos:

Terminou a intervenção no sindicato dos trabalhadores nas indústrias de tecelagem e fiação do Moreno. Depois daquele muito empecilho criado pelo

³⁰⁶Correio de Moreno. 02/05/1955. p. 05. APEJE

³⁰⁷Idem

³⁰⁸Folha do povo 31/05/1955 in: Relatório 27/12/50 Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 179. Acervo DOPS- PE. APEJE.

ministério do Trabalho, em ato anti-democrático, tomou posse, no dia de ontem a nova diretoria do Sindicato, eleita no dia 30 de março do corrente ano, em pleito lícito e democrático. Para que a nova diretoria tomasse posse e fizesse valer seu justo direito, teve de ir ao Rio de Janeiro o Sr. Ney Maranhão, prefeito desse município, que juntamente com seu pai desde o momento em que se deu o impasse no referido órgão de classe que trabalha intensamente para defender os direitos dos eleitos. No Rio o prefeito entrou em contato com o ministro do Trabalho e com muitos esforços conseguiu derribar o ato que criou a interventoria no citado órgão.³⁰⁹

Na disputa política sobre a posse da chapa eleita, Ney Maranhão saiu na frente dessa vez, sendo convidado para a posse com mais de 1.500 operários³¹⁰. Ele, então, apareceu como o provedor da primeira diretoria eleita. A diretoria poderia até não ter sido apoiada por ele, mas o ato de recomposição fez com que o operário se sentisse representado e apoiado pelo prefeito. E isso foi muito usado pelo operariado como manobra político-jurídico.

Muitas das obras, na história social do trabalho, tendem a levantar como vertentes das lutas dos trabalhadores apenas os setores da esquerda, e não são comuns trabalhos que mostrem a interlocução de setores da direita e da elite frente às demandas dos trabalhadores, para além de ideias como “cooptação da classe trabalhadora”. A nossa historiografia e nossos exemplos de lutas levam a generalizar essa afirmativa. Porém, essa interlocução nas décadas de 50 e 60 existiu de forma significativa, desde o exemplo citado por Paulo Fontes³¹¹, quando uma agenda foi aberta para situar casos como o de Jânio Quadros e Ademar de Barros. A presença do Ney Maranhão nos conflitos de classe em Moreno se tornou um ponto de apoio e de discussão que precisou de uma flexibilização do nosso olhar, e trouxe um importante caso para nossa pesquisa, fazendo repensar o populismo dessa época e as relações com a classe operária.

Não estamos vendo esse caso de forma vertical em que o operariado se tornou submisso às ações do latifundiário prefeito; a análise caminha na perspectiva de uma atuação política que visava atingir os anseios da classe. As manobras políticas são condicionadas ao encontro com a relação definida pelos operários, que buscavam aproveitar a oportunidade de se fazer ouvir. Nesse contexto, tanto a política comunista,

³⁰⁹ Folha da Manhã 3/06/1955. In. Relatório 27/12/50 Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 179. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³¹⁰ Correio de Moreno. 02/05/1955. p. 05. APEJE

³¹¹ FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

como a Maranhão ganharam espaços significativos, e, ambas, estabeleceram pontos de contato com a pauta política dos operários. Suas causas, anseios, desejos de classe foram representadas, ainda que de modos distintos, pelos dois grupos, e essa luta por espaço é refletida no órgão de classe.

A atuação e a tomada do sindicato pelos trabalhadores fez o órgão de classe entrar na luta pelos direitos trabalhistas. Percebemos nesse período uma atuação constante do sindicato frente ao Ministério do Trabalho, tendo na Delegacia Regional do Trabalho o espaço para discussão das causas e suas resoluções³¹². Nela, corria todo o trâmite burocrático, que impetrado pelas partes, iria servir de base para a conciliação dos conflitos. Sendo que, nessa fase da Justiça do Trabalho, era comum a interferência de políticos. Nossos documentos apontam para tentativas de resolução através da interferência dos setores políticos e empresariais. Seja na tentativa de resolução amigável³¹³, seja em condições nas quais o posicionamento era direcionado a uma das partes. Vejamos indícios em que se faz perceber o uso de intermediações na Justiça do Trabalho:

A diretoria do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de fiação e tecelagem de Moreno, representando a classe operária desse município, de acordo com o disposto no artigo 514, letra “a” da CLT e em combinação com o guia sindical se dirige ao público à Vs. Excia. para significar a sua repulsa em face da intromissão indébita das classes patronais nas atribuições exclusivas dos poderes executivo e legislativo do Estado, revelando, desse modo o desejo insaciável de escravizar de uma vez por todas não somente os humildes trabalhadores tão extorquidos pela mesma, mas subjugar os poderes que representam o bravo povo de Pernambuco.³¹⁴

Presumivelmente, o sindicato se refere a fatos de que a SCBB não aceitava decisões ou acordos da Justiça do Trabalho; e às arbitrariedades promovidas por ela frente às decisões trabalhistas. O referido artigo 514 letra “a” dispõe da representação única do sindicato frente às demandas. O que nos faz inferir que havia interferência de

³¹² SILVA, Diego Carvalho da. “A justiça entra em Campo: atuação da justiça do Trabalho em Jaboatão no processo de decadência da usina Muribeca”. **Revista do Memorial de Justiça do Trabalho 6ª região**, 2009.

³¹³ Não é nossa intenção fazer um levantamento, ou tampouco, uma análise sobre a atuação e desenvolvimento da Justiça do Trabalho nesse período. Nossas afirmações são baseadas em impressões documentais produzidas pelo sindicato, pelos jornais e pelos agentes da DOPS. Situar as condições e a sistemática organizacional da Justiça do Trabalho se tornam, dessa forma, necessária.

³¹⁴ Folheto do sindicato, na pessoa de seu presidente José Pereira Cunha ao Governador do estado de Pernambuco General Cordeiro de Farias. In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 179. Acervo DOPS- PE. APEJE.

outros setores no trâmite do processo e isso era questionado pela diretoria sindical. O fato é que, em um cenário de declínio das assistências ao operariado, de arrocho salarial, e maior exploração, a Justiça era cada vez mais acionada pelos operários de Moreno, que tinham, agora, um órgão de classe como representante. A desestruturação das relações paternalistas fabris se transformara num cenário explícito de lutas de classe pelo viés legal na esfera da DRT. Buscava-se um acordo entre as partes para que, em meio à crise têxtil do período, não deixasse de pagar aos funcionários nem paralisasse a produção. Como não era pago o salário mínimo aos operários, os poucos dias trabalhados diminuía significativamente seus salários, e era nesse ponto que o sindicato lutava na DRT para um acordo³¹⁵.

A situação dos operários de Moreno da fábrica velha da cidade de Moreno, Societé, está sendo aumentada cada vez para pior. Há operários que retiram semanalmente a importância de 150,00 para alimentar a família. São cerca de 2500 trabalhadores às portas da fome. Isto por que a fábrica vem trabalhando apenas quatro dias na semana, parando na quinta-feira e só voltando na segunda. (...) reunido a frente de seu sindicato, trabalhadores vem se reunido, duas a três vezes por semana a fim de debaterem seus problemas, que se agravaram enormemente esses últimos dias. Várias famílias operárias encontram-se na mais completa miséria. O comércio também está ressentido com o fato, como assim a prefeitura local, que viu sua arrecadação diminuída enormemente. Os empresários da fábrica prometem solucionar o problema até Janeiro próximo, quando talvez tenham conseguido maquinário novo. Para isso fala-se que já conseguiram um vultoso empréstimo.³¹⁶

A situação da fábrica se agravava à medida que a ação sindical ganhava mais força. A justificativa para os péssimos salários pagos, e a redução da carga de trabalho³¹⁷, era a crise que se estabelecia no setor nordestino da indústria têxtil. Antagonicamente aos anos pré-1952, os operários passavam por grandes dificuldades, já que outrora os baixos salários eram recompensados pelo plano assistencial da fábrica. Retirada essa política, somada à diminuição brusca nos salários, tínhamos um operariado com certa experiência sindical, mas sem muito poder de barganha frente à situação de declínio que se estabelecia. Os anos 50 e a desestruturação do trabalho têxtil tinham chegado, e consigo a piora nas condições de vida dos operários têxteis. A luta por seus direitos era válida, mas também, por sua mínima sobrevivência.

³¹⁵ A ascensão ao sindicato têxtil dos trabalhadores coincide com esse período de agitações e desestruturação na cidade. AS demandas explícitas em 1952 são ressignificadas e relaboradas frente à lei do salário mínimo e frente as condições de vidas dos trabalhadores de Moreno.

³¹⁶ Folha do Povo 13/10/1957 In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 179. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³¹⁷ A redução de quatro dias de trabalho semanal foi um acordo firmado na DRT entre as partes.

Este Estado que, desde os fins do século XIX, destacava-se na produção têxtil e que fez dos arredores do Recife e de localidades rurais centros de produção têxtil, passava agora por uma crise. Fazendo o uso da tribuna na câmara federal o deputado federal Ney Maranhão aponta questões sobre o assunto, que, aliás, muito lhe interessava, pois era em meio ao setor operário têxtil que estabeleceu sua plataforma política.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, ocupo e tribuna desta casa do Parlamento no intuito de chamar a atenção dos poderes competentes para a calamitosa situação que ora atravessa a indústria têxtil do país, notadamente na região nordeste. Os antecedentes do atual estado de coisas são conhecidos de todos, não podendo de maneira alguma o governo federal alegar o seu desconhecimento, porquanto, o clamor público vem de há muito reclamando infrutiferamente providências, sem que nada de positivo tenha feito até agora. Particularizando o caso de Pernambuco com o qual estou familiarizado, desejo frizar que a indústria têxtil de minha terra vinha sobrevivendo por verdadeiro milagre, milagre esse que não poderia se eternizar, daí o fato de várias fábricas terem sido obrigadas a cerrar as portas. No mercado Pernambucano, em janeiro de 1956, o algodão tipo 4, era cotado a razão de Cr\$ 450,00 por arroba, tendo aumentado para Cr\$ 585,00, o que representa um acréscimo de 30%. No interior do estado, onde ainda não chegou a energia de Paulo Afonso, os industriais tem a obrigação de servir-se de máquinas geradoras, utilizando lenha e óleo em caldeiras e turbinas a motores <Diesel>, sendo que os aumentos do preço do óleo provocaram a elevação do preço do Kilowatt hora. Some-se ainda a tudo isso, a retração de crédito e a redução do poder aquisitivo do povo por força da <espiral inflacionária> que motivaram uma drástica redução de mais de 10% no total de vendas. O mais importante ressaltar é a imperiosa necessidade de renovação e atualização da maquinaria, de molde a que se possa acompanhar o processo evolutivo da indústria, bem como enfrentar a concorrência de preços no mercado internacional.³¹⁸

Ao discorrer sobre a situação da indústria têxtil no Nordeste, toca em pontos importantes como a diminuição da produção do algodão e seu conseqüente aumento, a falta de estrutura das indústrias, no que se refere à matriz energética e ao mercado de consumo local desacelerado. Esse discurso se alinha as reportagens feitas pelos jornais pernambucanos de grande circulação como o *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*³¹⁹. O deputado federal e prefeito-por Moreno fez uso da tribuna para chamar a atenção dos poderes públicos para esse caso, cobrando mais investimentos e financiamentos no setor. Ainda no referido discurso, comparou as fábricas têxteis de

³¹⁸ Correio de Moreno. 27/10/1957. p. 02. APEJE

³¹⁹ Reportagens de 24 de Setembro de 1957 do *Diário de Pernambuco*, de 25 de Setembro de 1957 do *Jornal do Commercio*. In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 5825-B. Acervo DOPS- PE. APEJE. Ambos tratam da crise têxtil da SCBB e apontam para a crise no Estado.

Pernambuco com os velhos engenhos banguês, fazendo analogia ao caráter deficitário e ultrapassado da indústria têxtil. Cita o caso do fechamento da indústria de Goiana e do acordo que a SCBB fez para a redução dos dias parados, assim como as consequências para o operariado.

Mais do que nunca, a indústria pernambucana dava sinais de desgastes, seu modelo ultrapassado, para os novos padrões sulistas e internacionais, se tornaram o maior entrave para o seu pleno funcionamento. E isso fez com que a classe operária ficasse em situação desconfortável, pois milhares de mãos de obra necessitavam da arcaica indústria têxtil. Esse contexto abarca as maiores indústrias do Estado³²⁰, a SCBB refletiu a situação do setor e as lutas empregadas pela classe operária, na tentativa de saída da situação e pela busca de seus direitos. Nesse cenário é que as mobilizações operárias ganharam mais força, ideologias como a comunista ganharam mais espaço e os ânimos se acirraram na SCBB.

Em 1959, em nova eleição sindical, vence o conhecido “comunista” José Sales, adversário ferrenho de Ney Maranhão, prontuariado desde o início dos anos 50 pela DOPS, preso algumas vezes para prestar depoimentos sobre o seu posicionamento político. José Sales deu fôlego e acirrou os ânimos nas disputas de classe, na concorrência política local, nas disputas pelo salário mínimo e fez aumentar o temor de uma proliferação comunista.

5.2. Movimentos grevistas pelo salário mínimo.

O ano de 1959 iniciou-se com dois fatos que levaram as tensões sociais a um nível de disputas e representações jurídicas nunca vistas na cidade: de um lado a ascensão do representante do partido comunista no sindicato; do outro, a luta incessante pelo salário mínimo. Esses dois fatos se alinharam e convergiram para serem postos e analisados nas teias do tecido social da cidade operária.

³²⁰ Referência à crise têxtil e as lutas sociais travadas na Companhia de Tecidos Paulista é analisado por José Sérgio Leite Lopes op. Cit. LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.

Antes de entrar no cerne das questões apresentadas, vale apresentar a figura de José Sales, o presidente comunista do sindicato.

Operário desde os 13 anos de idade, nascido em Moreno no ano de 1921³²¹, José Sales, desde a colocação do Partido Comunista na ilegalidade em 1947, foi alvo de investigações da DOPS. Ele e alguns outros operários tiveram registros de prontuários individuais na DOPS para acompanhamento mais direcionado de suas ações, sempre tratados nos relatórios funcionais, tanto da fábrica como do sindicato, como ativistas comunistas. Esses dados fornecidos pela DOPS nos dão um indício bastante sólido para apontar esse operário como participante da célula comunista. Vimos como o discurso anticomunista se alinhava aos interesses da elite para propagar o medo e a perseguição aos supostos subversivos, o receio de uma alavancada comunista foi perene a partir do ano de 1959, e isso fez com que parte da sociedade passasse a ver pejorativamente homens como José Sales. No entanto, notamos que, justamente nesse ano, ele ganhou as eleições e se projetou como um grande articulador e representante direto do operariado.

Numa leitura posterior sobre o contexto, os ex-operários nos ajudam a entender qual a posição do José Sales ao se referir a ele:

Lembro. Lembro, lembro. De algumas greves, lembro. Eu não sei você já, nessas entrevistas, já ouviu falar assim, tinha um operário aqui, José Sales. Ele entendia muito de política, hoje é que eu sei, que ele entendia muito de política. Ele era... foi taxado de comunista, ele teve que fugir de Moreno. Até hoje eu não sei nem onde é que ele anda, entende. (...) Mas olha, houve muito movimento assim. (...) Eles faziam greve reivindicando melhores condições de vida, não é? Agora é claro que o José Sales e outros que eram mais esclarecidos, não é, eles se aproveitavam pra... pra também... esclarecer o povo, não é, eu acho hoje, eu já acho isso. Entende? Então como eles eram... o comunismo era proibido, que a única coisa proibida no Brasil era o comunismo³²²

Ao se referir às greves, sua memória se direciona as ações de José Sales e outros que eram considerados comunistas. A alusão de que os comunistas eram esclarecidos faz supor que eles agiam como conscientizadores, aqueles que sabem percorrer os caminhos, digamos, burocráticos para as reivindicações. Ao se referir à atuação do Partido Comunista e às lutas no campo durante os anos 1950 e 1960, Leonilde Medeiros nos fala:

³²¹ Prontuário individual do José Sales de Lira ou José Sales Miranda (Jordão) Fundo SSP 12675. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³²² Entrevista concedida por Zita Brito.

Concomitantemente e dando-lhe conteúdo social e político, esses anos presenciaram a emergência de significativas erupções de conflitos no campo, bem como a progressiva constituição de uma “linguagem de classe”, identificando os trabalhadores rurais e suas demandas no cenário político, dando-lhes visibilidade social, trazendo a público um discurso sobre direitos e sobre a necessidade de reordenar seu lugar na sociedade. Esses processos são inteligíveis se não consideramos a atuação do Partido Comunista, organização que, no período aqui considerado, em função de suas linhas programáticas e da concepção que desenvolveu sobre a natureza da revolução brasileira, tornou-se uma das principais mediações dos conflitos que emergiram no campo. como tal, foi personagem central na produção de uma nova linguagem que reconfigurou um determinado campo de disputas, traduzindo carências e demandas dispersas nos termos de processos sociais mais amplos (“revolução”, “reforma agrária”, “direitos”), tirando, assim, as conflitos da esfera local e articulando-os ao debate sobre os destinos da nação.³²³

O grupo comunista exerce um papel muito importante por concentrar e ampliar objetivos e lutas da classe trabalhadora, operários que, alimentados pela ideologia partidária, tomam como bandeira a melhoria das vidas operárias, a busca por direitos. Vejamos outro exemplo de referência à atuação comunista:

Ela tinha muito livro, sabe? Tinha muito livro, tinha muita revista, tinha muito jornal. Tinha um homem que morava lá... parece que aquele João Pessoa, ia levar... chamava João Pessoa, ia levar o jornal dia de domingo pra ela. Era Folha do Povo. Aí ela escondia naquele tempo, sabão da gente lavar roupa, vinha num caixão de madeira, aí botava... não tinha guarda-roupa, não tinha nada, ela botava tudinho ali dentro, aqueles jornal, aqueles livros e botava a mala em cima. Aí botava a mala em cima.³²⁴

João Pessoa foi um dos integrantes proutuariados assim como José Sales. Contemporâneos, eles faziam parte do mesmo grupo na divulgação das leituras, da busca por novos integrantes e na difusão da ideologia, que, a partir do ano de 1959 se tornou cada vez mais representativa de uma linguagem de classe e de temor. Dessa forma, seu discurso de luta por melhorias na qualidade de vida e pelos direitos faziam sentido para muitos operários³²⁵.

Esse Zé Sales era o maior comunista, ele tinha uma sede tão grande de dar uma pisa numa negra safada ((risos)) que morava no Alto Santo Antônio! "Se eu ganhar pra prefeito um dia dentro de Moreno aquela negra safada leva uma pisa!" (*Repete a fala que dizia o José Sales*) Porque ela era toda

³²³ MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **Luta por terra e organização dos trabalhadores rurais**. A esquerda no Campo nos anos de 50/60. P. 229-30 In MORAES, João Quartim e ROIO, Marcos Del (ORG.) **História do marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

³²⁴ Entrevista concedida por Terezinha dos Santos.

³²⁵ Não confundir esse argumento com o da cooptação e cupulismo do movimento sindical e operário. Queremos mostrar como o PC ganha mais visibilidade no contexto, assim como faz as questões de classe ganhar mais visibilidades.

doidinha assim, era... Falava contra o comunismo, mandava a turma ter cuidado, advertia a turma pra não se reunir, tinha Noé Bruno Pito, néra? Noé Bruno Pito, aquele... Zé Sales, aquele do INSS, o Zé Luiz, o irmão dele, Bui, era uma turma medonha, se reunia assim na praça da Igreja, e ficava fazendo a cabeça da juventude. Os jovens que não tivesse cuidado caía na onda dele. Né? ³²⁶

A militante da Juventude Operária Católica assim descreve a atuação dos comunistas: “uma turma medonha”. Militante pró-operariado se distingue dos comunistas na sua fala, apesar dos pontos convergentes de suas atuações. Sua fala reflete o que setores mais conservadores da sociedade viam nos comunistas. Assim, a atuação comunista foi deveras representativa no contexto das greves e lutas travadas pelos operários de Moreno. Esses apontamentos são importantes para situarmos esse grupo político, que tanto contribuiu para construção de pautas reivindicatórias de classe e para maior visibilidade de suas ações.

Feitas as devidas considerações sobre José Sales e a atuação comunista, analisemos o movimento grevista. Existiam em Pernambuco as subzonas salariais que dividiam o Estado em primeira, segunda e terceira zona e o salário se distinguia nas três. A primeira zona era superior à segunda; e a segunda superior à terceira. Por intermédio do então deputado federal Ney Maranhão, Moreno foi elevado à primeira zona, porém as cidades de Escada e Paulista, cidades operárias assim como Moreno, ficaram na terceira zona. Este fato fez com que a SCBB tivesse argumentos para não pagar o mínimo estipulado, marcando a desigualdade e a não possibilidade do pagamento, apontando a diferença na concorrência que se tornaria desigual.

Armaram-se, diante do impasse, os esquemas de alianças. José Sales, então presidente do sindicato, pede intervenção de uma nova força política que surgia: o secretário da fazenda Miguel Arraes³²⁷ juntamente com o governador Cid Sampaio; Ney Maranhão, juntamente com seu pai, Constâncio Maranhão, pedem interferência de João Goulard³²⁸. As duas forças políticas encontraram-se novamente, com os comunistas no sindicato e, assim, com mais poder de representação legal frente à Justiça do Trabalho. A demanda era a mesma, porém, os meios nem sempre se encontravam.

³²⁶ Entrevista concedida por Severina Maria dos Santos. Grifos nosso.

³²⁷ Jornal do Commercio 27/02/1959 In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 5825-C. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³²⁸ Jornal do Commercio 25/10/1959 In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 5825-C. Acervo DOPS- PE. APEJE.

O governador Cid Sampaio foi procurado pelo sindicato para que interferisse no caso do salário mínimo:

A crise entre empregados e empregadores da cidade de Moreno caminha, agora, para uma solução provisória, em virtude da atuação do governador Cid Sampaio, junto com os diretores da Societé. Recebendo ontem uma comissão do sindicato operário, à frente o seu presidente, Sr. José Sales, o chefe do Executivo fez ver que os seus esforços vinham encontrando algum êxito, pois os empregadores, aquela altura, já admitiam a possibilidade de uma elevação salarial, embora não atingindo os 3.200 cruzeiros, nível mínimo daquele município. O governo se empenhará, contudo, pelo cumprimento integral, a partir desse mês, do decreto presidencial, ficando os atrasados de janeiro para posterior liquidação³²⁹.

O governador fez uma intermediação entre as partes para uma tentativa amistosa e chegou a um acordo de pagamento abaixo do mínimo da primeira zona. A participação do governador foi importante no cenário da época, a sua ida à Moreno reuniu a classe na tentativa de convencê-la a aceitar o salário fixado entre as partes³³⁰. Pela primeira vez se falou na venda de bens da fábrica para pagar aos operários e na venda da própria fábrica a grupos têxteis nacionais³³¹.

Mesmo mantendo uma posição conciliatória, o governo do Estado mandou reforçar o policiamento na cidade como medida de segurança, pois a fábrica pedia por escrito proteção aos seus bens, temendo a iminência de uma ação contra seus diretores. Sentindo o clima de intransigência, foram distribuídos nos meios operários folhetos alertando sobre a força dominante na repressão de suas lutas:

Aos têxteis de Moreno

Companheiros!

Operários e operárias!

A nossa segurança de trabalho está ameaçada com um processo farsa patronal e policial. Os patrões e o governo consideram crime lutar por aumento de salário, contra assiduidade e pela vitória do nosso programa de reivindicações aprovado por todos os têxteis do Estado. O objetivo desse processo é intimidar os trabalhadores para não lutarem contra a fome e a miséria a que estamos submetidos. Não devemos permitir que nenhum companheiro seja

³²⁹ Diário de Pernambuco 28/02/1959 In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 26717. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³³⁰ Jornal do Commercio 03/03/1959 In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 179. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³³¹ Idem.

golpeado pelos patrões e pela polícia, na luta em defesa das nossas reivindicações. O afastamento de qualquer companheiro deve ser de paralisação da fábrica. (...) se vamos a greve é porque não suportamos mais a fome e a miséria que estamos sofrendo pela exploração patronal.³³²

Mesmo com o acordo firmado, o sindicato de José Sales levou a uma greve considerada ilegal pela DRT, assim, o sindicato sofreu uma intervenção, que destituiu a diretoria considerada subversiva e propagadora da ilegalidade daquela greve. A crise têxtil estava gerando demissões com a justificativa de serem, os operários, subversivos e de que a fábrica estava passando por um rearranjo, na tentativa de uma organização industrial para sanar as dificuldades.

Instável socialmente estava a cidade de Moreno. Tendo fixas as reivindicações, os operários se fizeram representar com força na Justiça do Trabalho e não aceitaram o salário abaixo do estipulado por lei, se formou na cidade um clima de desconfiança e de rebelião geral.

A pacata cidade de Moreno poderá se transformar, de uma hora para outra, em praça de verdadeiros conflitos, pois o clima de miséria ali registrado, atualmente, nos lares dos operários da < Societé Cotoniere Belge Bresilienne > levará, por certo centenas de homens a fazerem justiça com suas próprias mãos.³³³

O salário mínimo não chegava, as condições de vida dos operários pioravam e uma onda crescente de indignação se alastrava, fazendo o *Diário de Pernambuco* noticiar a possível deflagração de “uma praça de conflitos” que poderia acontecer na cidade. Um discurso que se vinculava às forças policiais na postura de energizar todos os meios frente à “agitação” do operariado.

Na eleição de 1960, José Sales perdeu a diretoria do sindicato para Paulo Pereira Cavalcanti, que assumiu o órgão de classe no mais tenso período de sua história. No mesmo ano, depois de várias negociações e interpelações na justiça, foi pago o salário mínimo no dia 12 de fevereiro³³⁴. No entanto, as intransigências e manobras patronais seguiam com o aumento das taxas de habitação, que logo vieram com o pagamento do

³³² Boletim impresso distribuído aos operários apreendido pelos agentes do DOPS. In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 5825-C. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³³³ Diário de Pernambuco 24/10/1959 In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 5825-C. Acervo DOPS- PE. APEJE.

³³⁴ Diário de Pernambuco de 13/02/1960. In: Prontuário funcional do sindicato de Moreno Fundo SSP 26717. Acervo DOPS- PE. APEJE.

salário mínimo. As lutas operárias seguiram no acirramento das tensões que se avolumaram para o desfecho final em 1964, tendo em 1962, com a eleição de Miguel Arraes e a volta de José Sales ao Sindicato, o ápice das mobilizações e de uma perspectiva nunca vista antes com direito e atenção voltados para o trabalhador pobre de Moreno e de Pernambuco.

5.3. O arrefecer das mobilizações: A “convulsão social” e a intervenção ditatorial

Analisando o contexto dos anos 1959-1964 sob uma perspectiva de como as elites do estado de Pernambuco arregimentaram os meios para a propagação de um discurso do medo, de forma articulada e competente; e levando a cabo a ideia do anticomunismo e o medo de uma revolução, Pablo Porfírio observa:

A estratégia de apresentar os comunistas como construtores de uma grande bloco buscava intensificar e tornar cada vez mais necessário na sociedade a prática de sempre estar atento e vigilante, pois o comunismo estaria atingindo cada vez mais os setores da população. Esse bloco, segundo o discurso anticomunista, englobaria os vários grupos ditos de esquerda, como ligas camponesas, sindicatos e partidos, cuja atuação visava algum tipo de mudança social, como a reforma agrária. Entretanto, esse bloco comunista também incorporaria grupos tradicionalmente identificados como conservadores, mas que em algum momento se alinharam àqueles setores reformadores do Status quo, a fim de se manterem no governo, e por isso passavam a sofrer a desconfiança de estarem tornado-se comunistas³³⁵.

O olhar do autor está voltado para como as elites viam as camadas sociais, que passavam por um processo de reformulação de seu papel social e de busca de direitos, antes negados. Engloba os diversos setores da população. Seu trabalho se volta especificamente às ligas camponesas e as transformações no campo, setor que, como os meios industriais, estava na expectativa de uma reorganização social que viesse a dar conta dos seus anseios, das suas reivindicações. É importante notar, no entanto, que na fala do autor a perspectiva da classe dominante engloba diversos e variados setores, num bloco passível de investigação e desconfiança, pois, estaria impulsionando o projeto de uma revolução nos meios sociais.

³³⁵ PORFÍRIO, Pablo F. de A.. **Medo, comunismo e revolução**: Pernambuco (1959-1964). Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009. P. 105.

Ao falar do contexto político nesse período, Joseph A. Page destaca o sistema de alianças que deu a Pernambuco uma guinada para a esquerda no seu sistema partidário. Destaca, ainda, a campanha de Miguel Arraes e sua virada para os setores de base de esquerda, tendo como foco político as massas pobres.

Não que Miguel Arraes se proclamasse um revolucionário, no sentido usual da palavra. Ele acreditava firmemente em trabalhar dentro do sistema para efetuar mudanças radicais- e muitas pessoas achavam que ele podia conseguir isso dentro da estrutura da Constituição brasileira e sem violência. Sua frente popular estava em marcha. (...) em sua campanha de 1959, Arraes tinha invocado a necessidade de casas populares de baixo custo, expansão da rede de água, melhor transporte e mais escolas³³⁶.

As alianças políticas de Arraes carregavam consigo o ideal dos pobres, dos camponeses, da classe trabalhadora. Sua estratégia eleitoral foi atingir uma agenda popular que necessitava de maior apoio e de um representante, em maior nível, para lutar pelos direitos negados a milhares de pessoas. Essa visão fez com que a esquerda abraçasse a sua campanha e o seu governo, mas também, com que a classe dominante visse com temor as mudanças que poderiam acontecer.

Essa conjuntura política está totalmente ligada ao contexto político de 1962 na cidade de Moreno. Nesse ano a eleição do sindicato foi novamente vencida por José Sales. Juntando-se a esse fato, a perda da eleição do deputado estadual Constâncio Maranhão e os poucos votos que Ney Maranhão obteve. Definitivamente, o contexto influenciou na disputa eleitoral local, a cidade operária acompanhou o viés esquerdista.

Decepcionado por não ser retribuído pelos eleitores, Constâncio Maranhão lastimou a “falta de reconhecimento do povo morenense”, pois tanto sua votação quanto a de Ney Maranhão foram muito abaixo do esperado e assim, decepcionados, fecharam o Centro de Assistência Social Constâncio Maranhão e diminuíram significativamente a assistência social:

Onde está a sinceridade de muitos que se diziam amigos de Ney e Constâncio? (Refiro-me aos que residem em Moreno) . Ponderai, amigos ingratos, o que fizestes. Ney e Constâncio vos ofereceram meios assistenciais os maiores que já ofereceram a uma população em todo interior do Nordeste. Eles mereciam nas urnas a vossa consagração!³³⁷

³³⁶ PAGE, Joseph A..**A revolução que nunca houve**: o nordeste do Brasil 1955-1964. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1972. P. 136-137.

³³⁷ Correio de Moreno21/10/1962. APEJE.

Parece-nos que a política assistencial dos Maranhão foi colocada em xeque, frente ao contexto de maior interferência nos meios sociais com a participação, cada vez mais presente, da população, do cidadão, do trabalhador visto como sujeito de direito. Os meios sociais estavam embebidos desse ideal, acreditavam numa transformação de suas vidas - e não me refiro a uma revolução comunista, claro que os setores mais radicais cogitavam isso, mas, de uma transformação em que os meios sociais sociabilizassem direitos negados. Os indícios da eleição de 1962 nos permitem inferir essa visão.

No íterim de 1962-1964 nossas fontes da DOPS se calam bruscamente, apenas nos periódicos aparecem a agitação e a mobilização que tomou a cidade e o campo. O que nos leva a afirmar que a vigilância da Secretaria de Segurança Pública foi desmontada no início do governo Arraes, um dos motivos pelos quais levou a taxaço de conivente com as ações comunistas. Nenhum relatório, nenhum arquivamento de jornais foi encontrado na DOPS desse período. Calando-se nossas fontes vejamos a entrevista de um operário tentando definir esse tempo:

De 60 pra 64, o Brasil tava numa pavorosa braba, o presidente do sindicato deu a reunião pra gente e disse “você vão pra casa agora e amanhã você nem qual é o regime que vai amanhecer o dia, viu? Porque pode mudar de uma hora pra outra.” (...) Pensando em botar um comunismo aqui.³³⁸

O presidente do sindicato em questão era o comunista José Sales, esse discurso se alinhava aos mais agitados setores sociais, mas o fato que deve ser verificado é a possibilidade de se implementar um governo comunista, ou de se derrubar o modelo democrático, que era uma das questões viáveis àqueles operários mais extremos. Isso nos mostra - entre os silêncios da documentação - o nível das agitações e os possíveis enveredamentos pelos quais o país passava, e, dessa forma, a cidade operária de Moreno refletia os posicionamentos políticos, que se reconfiguravam e se adequavam na sua estrutura.

³³⁸ Entrevista anônima. O entrevistado pede não ser identificado.

No meio dos acirramentos sociais em Pernambuco, em 1963, o engenho da família Maranhão, o engenho Camarão, foi invadido pelas ligas camponesas³³⁹. Prontamente o Ex-deputado Constancio Maranhão contactou o deputado da oposição, Moury Fernandes, para que este o representasse diante do Secretário de Segurança Pública. Vejamos o que dizia a carta de Constâncio Maranhão ao deputado Mouy Fernandes, explicando o que aconteceu no engenho Camarão.

Na quinta-feira, à noite, 14 do mês corrente, fui procurado pelo administrador do engenho Camarão, de minha propriedade, situado no município de Moreno, comunicando-me que naquele dia fora procurado por alguns moradores do engenho Galiléia, situado no município de Vitória de Santo Antão, exigindo que os moradores de Camarão, que estavam todos em atividades normais, passassem a receber cerca de quinhentos cruzeiros por dia, sob pena de serem compelidos a abandonar os serviços que vinham fazendo. Como não tivesse o administrador concordado com essa exigência, os moradores de Galileia, que eram em pequeno número, deixaram o engenho para voltar algum tempo depois, com o número muito maior obrigando, então, os trabalhadores de Camarão, a abandonar seus serviços.³⁴⁰

O engenho do ex-deputado foi invadido e os trabalhos obrigados a pararem, com a justificativa de aumento salarial. Esse fato é deveras demonstrativo para fazer sentir o nível de movimentação e do ideal de reformulação social, pleiteado pelos trabalhadores, que, no caso, oriundos da zona rural romperam com um poder dominante, muito mais forte e presente; puseram em sua pauta uma mudança que ia além da legalidade constituída. O ex-deputado fez transparecer sua indignação. Ele que esteve presente junto aos setores populares urbanos da fábrica de Moreno, se tornou alvo das manifestações radicais oriundas do campo.

Constâncio Maranhão pediu ajuda ao amigo deputado, afirmando que a ação da Secretaria de Segurança Pública teria sido negligente, “só venho socorrer-me nessa assembleia, já não tenho onde apelar”³⁴¹. Os Maranhão eram opositores ferrenhos de Arraes, e usavam do discurso anticomunista para se contrapor a ele, afirmavam que Pernambuco:

³³⁹ O avô desse autor que aqui escreve, então barraqueiro do engenho Itamatimir, posse do senhor Constâncio Maranhão e onde ele morava, falava da forma rude e violenta que os trabalhadores tomaram o engenho e das ameaças que ele sofria no engenho Itamatimir. Homem de confiança de Constâncio Maranhão, ele, José Justino, - conhecido com Seu Zé da venda- via aquilo como algo apavorante, via uma baderna nos meios sociais.

³⁴⁰ Correio de Moreno 24/03/1963. APEJE

³⁴¹ Idem.

Desde que esse governo se instalou no dia 31 de Janeiro do Corrente ano, graças a votação mássica que recebeu dos comunistas nas eleições de 7 de Outubro do mês próximo findo, que um clima de agitação e intranquilidade tomou conta do estado, deixando as famílias Pernambucanas atemorizadas, pessimistas, diante das sucessivas ondas de agitações em todos os meios, como se um plano de subversão da ordem tenha sido antecipadamente preparado pelos adeptos vermelhos, com o beneplácito do governo que si está. Não queremos afirmar ou jurar que o governo seja realmente cúmplice por esse estado de coisas, entretanto, ele se vem omitindo, permitindo que os fatos tão graves dominem todos os setores de atividades do Estado, motivo porque dá margem a muitos acreditar que o chefe de governo estadual é conivente em tudo isso.³⁴²

O jornal fazia duras críticas ao estado social pelo qual passava Pernambuco e a cidade de Moreno, usando de um discurso de intranquilidade nos lares e nas vidas dos que queriam trabalhar e não podiam porque os comunistas impediam. As greves se tornaram constantes, os piquetes redobram as suas ações, a expectativa de mudança social com as próprias mãos era levada a se exercer na prática pelos próprios trabalhadores. Paralelamente, e concomitantemente, à busca de direitos pelas próprias mãos, a Justiça do Trabalho estende sua atuação à zona rural por meio das Juntas de Conciliação e Julgamento, levando até lá a legislação trabalhista varguista³⁴³ e ampliando o acesso aos trabalhadores urbanos das cidades mais afastadas da capital.³⁴⁴

O campo e a cidade se encontravam em um ponto comum: mobilizações extremadas por justiça social, assim via a classe trabalhadora; agitações, intranquilidade e baderna, assim via os mais conservadores.

No sindicato têxtil de Moreno os operários pararam os trabalhos pelo reajuste do salário da primeira zona e pela diminuição dos aluguéis das casas³⁴⁵. Com o apoio de um comitê do próprio governador do Estado na cidade, os operários fortaleceram bastante seu poder de mobilização numa estrutura política-social favorável às suas demandas³⁴⁶.

A fábrica, que passava por um período de crise, perdeu força no contexto para legitimar a sua dominação, os trabalhadores, por meio de suas ações, viveram, entre os anos 1959-1964, o período de maior organização e luta por direitos. O movimento

³⁴² Correio de Moreno 31/03/1963. APEJE.

³⁴³ Op. Cit. DABAT, Cristine Rufino. "Uma caminhada penosa: a extensão do direito trabalhista à zona da mata de Pernambuco." *Clio*, n° 26, 2008.

³⁴⁴ No caso de Moreno foi criada uma vara na cidade do trabalho em de Jaboatão.

³⁴⁵ Correio de Moreno 5/05/1963. APEJE

³⁴⁶ Correio de Moreno 15/07/1962. APEJE.

grevista de 1952 e as constantes reivindicações de 1959-1964 consolidaram um forte sentimento de identidade coletiva. Entre as atuações comunistas e a política dos Maranhão, a identidade coletiva dos operários de Moreno estabeleceram agendas bem definidas e lutas incessantes em busca de direitos.

A SCBB, vivendo em uma forte decadência, agravada no início dos anos 1960, ficou marcada na memória dos operários como um espaço de saudade, pois proporcionou farturas de trabalho; mas também, como um espaço agitado, palco de intensos conflitos. Espaço diversificado em sentidos e percepções.

Na perspectiva da classe operária, anos de intensos ganhos, dos meios camponeses, de reformulações dos papéis e funções sociais. Nosso olhar aqui se destina à abordagem social voltada para os impasses que se observam em nível de Brasil, e de maneira específica na classe operária morenense. Momentos de tensões e lutas classistas com o objetivo estrito da luta por direitos e por mudanças sociais.

Entretanto, em meio a esse período fecundo de mobilizações sociais, o golpe militar fez arrefecer as lutas reivindicatórias, com sua repressão forte e deveras violenta, calou, tingiu com suas cores o quadro social e pôs fim a esse período de intensas mobilizações de classe.

Aí resultado, quando houve aquele pega pega que prenderam comunista que só a peste por aí, atiraram em gente que só a não sei o quê, aí Zé Sales arribado, tinha deixado dinheiro com o véio no cofre do sindicato, saiu liso, aí foi se esconder lá em casa, aí chegou duas horas da madrugada, era chuva, relâmpago, trovão e ele chegou lá em casa pela porta da cozinha, a mulher dele chegou de duas horas da madrugada, atravessou um mato assim igual aquele ali ó, por uma mata tirica que só a gota, atravessou com uma criança de dois meses no braço. É por isso que eu perguntei a você, você trabalha na Rural e ouvi dizer que ele tem o filho dele que trabalha lá. (...) Aí ele bateu na porta da cozinha, ela, aí que digo “quem é que tá aí?”, “é Maria”, eu peguei uma foice, a mulher pegou um facão e “tem gente aí querendo arrombar a porta”, aí eu digo “quem tá aí?”, “sou eu, rapaz, é Maria de Zé Sales”, botou a boca pela brecha, “Maria de Zé Sales”, aí a gente abriu a porta, ela entrou toda ensopada, a criança com dois meses enrolada num cobertor da fábrica nova. Aí eu tirei o menino que tava no berço, mandei ela botar o dela, e ela ficou ajoelhada lá, pediu pra acender uma vela, ficou lá no quarto dele. E eu não dormi mais, fiquei pra de manhã ir trabalhar. Aí tinha uma cacimba na porta da cozinha, daqui pra esse balanço aqui, e era do povo todo mundo tirava água, entrava pela lateral da casa e ia buscar água. Aí a partir desse dia que eles chegaram lá, tinha uma janela olhando assim pra cacimba, aí essa janela ficou fechada durante quase dois meses, porque ele... a gente não queria que ninguém visse ele, né? Se visse denunciava porque é povo é meio covarde. Não denuncia um estuprador, um bandido, mas um cara desses, um pai de família. Aí eu só sei que teve um amigo de Zé Sales, que se dizia amigo, mas burro era ali mesmo. Aí chegou pela rua

conversando besteira e a turma perguntava, mas rapaz, Zé Sales quase que entrou de chão a dentro sumiu, né? Ninguém vê falar em Zé Sales. Aí disse “é besteira, rapaz, Zé Sales tá por aí, tá bem guardado, não sei o quê”. Aí o tal do Adelson Maciel, Adelson Maciel ouviu a conversa, chamou a polícia de Caruaru pra vim prender a gente aqui, eu e Zé (Lino) (...)Foi. Aí quem veio foi a polícia de Caruaru. Aí o cara veio me dizer que ele chamou a polícia de Caruaru porque ele se dava bem com meu pai, o Adelson. Aí não queria mostrar que foi ele que denunciou. Aí trouxe a polícia de Caruaru. Quando eu larguei na sexta feira pra almoçar da fábrica velha, trabalhava na vila, quando eu larguei, com uma fome, que eu passava fome nesse tempo que só a gota. Quando eu chego mesmo na frente da Igreja Católica ali, tem um jipe parado ali, aí atravessou dois armados, dois cabra forte chega na minha frente e pede a identidade “você é Narciso, né?”, não pude nem falar (...) (34:50) “você está preso, entre aí”. Rapaz, eu procurei terra nos pés, pra mim eu tava subindo, levitando. Aí eu digo “e agora? Sequestro.” Me sacudiram dentro do jipe, quando eu vou entrar dentro do jipe vi Zé Lino dentro do jipe, que já pegaram ele aqui na pedreira. Quando na minha casa a mulher... perguntaram a hora que eu largava, 11 horas, aí foram pegar no caminho. Aí me levaram, chutando. Pararam quatro vezes no caminho pra pisar no pé da gente e dizer coisa que a gente pra ficar com medo e entregar, né? “vocês não vai voltar (vivos não) vocês vão morrer”. O coronel quando chegaram

Eu não tinha partido não. Eu era um lascado da vida com sete filho pequeno, tudo pequeno, tudo doente, trabalhando nessa merda aí, ganhava pouco³⁴⁷.

O golpe chegou com sua força, desarticulou os supostos subversivos e, sob o discurso de reestabelecer a ordem, intervieram, fizeram esmorecer, de forma drástica e dolorosa os caminhos percorridos pelas movimentações operárias. Pondo fim a uma trajetória intensa, corajosa e vitoriosa, em que homens e mulheres, unidos por um sentimento de classe, desafiaram e estabeleceram novos paradigmas para a sociedade. O ano de 1964 marcou o fim de um ciclo de reajustes sociais no Brasil, em Pernambuco, em Moreno.

³⁴⁷ Entrevista anônima

Considerações finais

Procuramos ao longo desse trabalho analisar questões e experiências da classe trabalhadora da cidade de Moreno tendo como premissa a comunidade operária de uma pequena cidade-empresa em meio rural. Para isso procuramos identificar as características dos espaços operários, da constituição da fábrica, suas políticas de domínio e as relações com que a classe estabeleceu com outros setores sociais. As diversas perspectivas e visões que foram construídas e ressignificadas por essa classe operária peculiar

No primeiro capítulo vimos a constituição da “cidade-empresa” e os caminhos percorridos pelos trabalhadores oriundos, essencialmente, do meio rural para o trabalho têxtil. Buscamos identificar e apontar algumas trajetórias, contextualizar e dá sentido ao modelo estabelecido de fábrica com vila operária no interior.

No segundo capítulo deslocamos vossa visão para uma análise dos espaços onde os nossos sujeitos se estabeleceram, o meio que, numa constante ligação entre rural e urbano, viveram os operários de Moreno. Operários e sitiantes, criadores de animais, o cotidiano das cacimbas e busca de lenha; a caracterização do modelo da classe operária é vislumbrada nesse capítulo como forma de apontar o caráter peculiar desses trabalhadores. A “atipicidade” de uma classe operária diferente das estabelecidas nos grandes centros urbanos, nos modelos tradicionais de industrialização e urbanização. Nesse capítulo também vemos a constituição de uma cultura de classe em constante troca social e cultural, uma internalização e reelaboração das intenções patronais. Há muito, trabalhos se debruçam sobre a cultura de classe, sobre visões e ressignificações advinda da cultura operária³⁴⁸, o que procuramos trazer aqui já vem sendo usado por grandes e importantes historiadores do trabalho. Porém, nossa abordagem traça os caminhos de uma cultura operária que está estreitamente ligada a um modelo rural de vivência dos sujeitos. O que faz dos nossos estudos caminharem sobre uma linha tênue entre o urbano e rural na abordagem sobre trabalhadores industriais.

³⁴⁸ BATALHA, Cláudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado/** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

Buscamos com mais detalhes entender a política de domínio da SCBB nos seus discursos pautados em progresso e numa civilização de abundância de trabalho. Como detentora do poder na cidade, esse discurso ganha bastante força e impulsiona suas ações na cidade operária. A não presença do dono da fábrica na cidade cria um modelo de dominação ancorado nas benesses da gerência inglesa, personificada na figura do Mr. Walmsley, ou “Mister Homi”. Uma política paternalista foi desenvolvida tendo as ações dessa gerência influenciando deveras as percepções pré- anos 1950- anteriormente aos movimentos contestatórios. A ausência do dono nos meios operários faz criar uma teia de poder que passa na gerência e atinge a elite local num mutualismo sociopolítico visando o domínio na cidade. Essa característica dá uma peculiaridade a essa empresa em meio rural, ainda mais quando outros setores da elite- os Maranhão- assumem uma vertente de oposição aos industriais e traçam uma interlocução direta nos meios operários. Figura-se, assim, o que chamamos de política populista, ora sintonizada com atributos de grandes centros urbanos, ora com políticas oriundas de regiões rurais.

A caracterização do conceito “populismo” visa traçar uma abordagem de troca mútua, de sintonização entre o político e a agenda operária. Marcando uma importante experiência dessa classe. Nos dois últimos capítulos analisamos a formação de uma tradição de lutas, reivindicação, ativismo político e experiência sindical nos anos 1950 e 1960. Para isso foi necessário centrar nossas observações nas comissões estabelecidas nas fábricas, visões do sindicato, no PCB e a constituição de diferentes grupos.

Os anos 1950 são declaradamente um período de disputas políticas sociais. O tecido social se enche de várias demandas e aspirações que caminham rumo à constitucionalidade trabalhista e aos costumes dos trabalhadores. Assim vemos no tecido social disputas pautadas em diferentes interesses e participações políticas-partidárias. Marcando também os usos e intenções do aparelho repressor do Estado nos meios operários.

Trazemos os movimentos grevistas de 1952 e 1959 para contextualizar as ações dos trabalhadores mergulhados no desejo de elaboração- e reelaboração- dos seus costumes e direitos. Esses movimentos grevistas marcam o desmantelamento das ações assistenciais da fábrica, cujo modelo de dominação entra em colapso e os operários se veem postos a protegerem e conquistarem seus direitos. Para isso foi fundamental a percepção e ativismo da ideologia comunista do PCB, a atuação da política dos

Maranhão como ponto de apoio e sustentação as reivindicações que partiam do chão da fábrica.

Destacamos as ações dos trabalhadores nos locais de trabalho, destacamos as interlocuções que se tornaram viáveis aos operários de Moreno para busca e luta de suas reivindicações. Acreditamos que em todo momento havia uma disposição de lutar pelo que se considerava ser os direitos da classe, o que norteava os posicionamentos frente aos embates diretos contra o patrão, frente aos diferentes meios utilizados na justiça trabalhista. O tecido social ganha diversidade e complexidade nos arranjos e rearranjos sociopolíticos nos embates e percepções dos anos 1950 - 1960 até o arrefecimento das lutas operárias com o golpe de 1964.

Assim, nossa ideia foi trazer para análise essa classe operária que se define como peculiar por seus valores, percepções e espaços; que transita nos dois mundos: o rural e o urbano. Perceber suas peculiaridades dentro de aspectos comuns ao meio rural e urbano. E dentro desse quadro que traçamos e chamamos de semirrural perceber que as demandas, as mobilizações e atuações de classe se encontram e dialogam com o propósito da classe operária urbana de outros centros industriais do país. O período de 1946-1964 também vislumbra na pequena cidade operária de Moreno lutas e busca por direitos num exercício constante de representação de classe que foi abruptamente interrompido com o golpe de 1964.

Bibliografia

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da autoridade autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

Alvim, R. **Família e proletarização industrial**: A constituição de um “mercado de trabalho” específico a uma grande fábrica têxtil. UFRJ, 1978.

_____. **A sedução da cidade**: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren.-Rio de Janeiro: Graphia, 1997

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. **Diversão ou trabalho?** O futebol dentro da fábrica. Leitura. São Paulo. 12 (141) fevereiro de 1994.

ARCOVERDE, Márcio R. da Silva. **UM LUGAR PARA MIGRAR, MORAR E TRABALHAR**: fábrica com vila operária em Moreno (1910-1970). Monografia (Licenciatura em História) – DLCH/UFRPE, Recife, 2010.

BATALHA, Cláudio H. M.. **A historiografia da classe operária no Brasil**: Trajetória e Tendências. In: **Historiografia brasileira em perspectiva**/ Marcos Cezar de Freitas (org.) 7. Ed.- São Paulo: contexto, 2012.

_____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado/ Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

Blay, E. A., **Dormitórios e Vilas Operárias**: O Trabalhador no Espaço Urbano Brasileiro, In: Valladares, **Habitação e Questão**, Prado. L. (org), Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Situação e Composição Social do Proletariado Brasileiro**. Sociologie du Travail, n. 4, 1961.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: civilização brasileira. 4ª edição, 2010.

Cavalcanti, Erinaldo Vicente. **Construções do medo: A ameaça comunista em Garanhuns – PE (1958 – 1964).** Mestrado, UFPE-CFCH, Recife, 2009.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na belle époque.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CONNIFF, Michael L. **Voluntary Associations in Rio (1870-1945)**, Journal of Interamerican Studies and World Affairs, fev. 1975.

CORREIA, Telma de Barros. **DE VILA OPERÁRIA A CIDADE-COMPANHIA: as aglomerações criadas por empresas no vocábulo especializado e vernacular.** R.B. estudos urbanos e regionais nº 4, Maio 2001.

CUNHA, João Carneiro da. **Guia histórico, cultural e informativo do Moreno.** Moreno-PE: Gráfica quatro filhos. 1977.

_____. **Memórias de um arbitro, treinador e dirigente de clubes de futebol.** Moreno- PE: Gráfica quatro filhos. 1983.

DABAT, Cristine Rufino. “Uma caminhada penosa: a extensão do direito trabalhista à zona da mata de Pernambuco”. **Clio**, nº 26, 2008.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira, Livraria Martins Fontes, 1975.

FALCON, Francisco. “A identidade do historiador”. **Revista Estudos Históricos**, Vol. 9, Nº 17 (1996).

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920).** Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1977.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil, 1880-1920.** Petrópolis, Vozes, 1978.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)-** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

_____. **Trabalhadores e cidadãos:** Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo: Annblume, 1997.

FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito:** a classe trabalhadora portoalegrense e a era Vargas. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Rio do Janeiro: Garamond 2004.

_____[et al.]. **Cruzando fronteiras:** novos olhares sobre a história social do trabalho- São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2013.

GIROLETTI, Domingos. **Fábrica:** convento e disciplina. 2ªed. Revista. Brasília: Editora universitária de Brasília, 2002.

GOMES, A. de C. **A invenção do trabalhismo.** São Paulo: Vértice, 1988.

GOMES, Tiago de Melo. “Trabalho, disciplina e consciência de classe no vale do Aço (anos 1960 e 1970)”. **Revista SOPHIE-** Recife- Jan/mai. 2011.

GUTMAN, Herbert G. **Work, Culture & Society in Industrializing America.** New York: Vintage Books, 1977

HALL, Michael M. **The Origins of Mass immigration in Brazil, 1871-1914.** Tese Phd, Nova Iorque, columbia University, 1969. (Mimeo.)

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!.** Vida operária e anarquista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1983.

HOBSBAWM, Eric J..**Mundos do trabalho.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

HOGGART, Richard. **As Utilizações da Cultura:** aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Presença, 1973.

JEAN, Suettinni. **Um lugar belga em Pernambuco:** o núcleo fabril da Societé Cotoniére Belge-Brésilienne S. A. e a consolidação em cidade de Moreno. Dissertação de mestrado CAC. Arquitetura. Recife, 2011.

JONES, Gareth Stedman. **Languages of Class: studies in English working class history, 1832-1982.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983

KEREMITSIS, Eileen. **The Early Industrial Worker in Rio de Janeiro (1870-1930)**. Tese Phd, Nova Iorque, columbia University, 1982. (Mimeo.)

LEVINE, Robert. **A velha usina Pernambuco na federação brasileira 1889-1937**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

LINDEN, Marcel Van der. “História do trabalho para além das fronteiras”. **Cad. AEL**, v.17, n.29, 2010

LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília, Marco zero/ editora da UnB, 1988.

_____. **Formas Comparadas de Imobilização da Força de Trabalho: fábricas com vila operária tradicionais e grandes projetos**. Museu Nacional, Universidade federal do Rio de Janeiro, 1996.

_____. (coord) **Cultura e identidade operária: aspectos da cultura trabalhadora**. Editora Marco Zero. Rio de Janeiro, 1987.

LOPES, Juarez Brandão. **Crise do Brasil arcaico**. Difusão europeia do livro. São Paulo, 1967.

MARINS, P. C. G. **Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras**. In: SEVCENKO, N. (org.) **História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio** V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mattos, R. C. O. “A juventude operária católica- visão de uma utopia”. **Saber digital: Revista eletrônica do CESVA**, Valença, v. 1, nº1, p. 103-118, mar/ago. 2008.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **Luta por terra e organização dos trabalhadores rurais**. A esquerda no Campo nos anos de 50/60. In MORAES, João Quartim e ROIO, Marcos Del (Orgs.) **História do marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

MENDES, Lilian Marta Grisolio. “A igreja Católica e os trabalhadores: a experiência da Juventude Operária Católica no mundo do trabalho durante a ditadura militar no

Brasil”.GT 1- **Trabalhadores e movimentos sociais.**
<http://www.simposioproducaosocial.org.br/Trabalhos/102.pdf>.

MONTEIRO, Claudia / GANDRA, Edgar Ávila. “Arquivos DOPS-PR: fontes para história social no Paraná”. **ANALECTA**. Guarapuava, Paraná. V8, nº1. P. 57-66, jan./jun.2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, memória e metodologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

NEGRO, Antônio Luigi. **Linhas de montagem o industrialismo nacional desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores, 1945-1978**. – São Paulo: Boitempo, 2004.

NEGRO, Antônio Luigi..”“Não trabalhou porque não quis”: greve de trabalhadores têxteis na justiça do trabalho (Bahia, 1948)”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v 32, nº64, p101-128-2012.

PAGE, Joseph A..**A revolução que nunca houve: o nordeste do Brasil 1955-1964**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1972.

PAIXÃO, Neli Ramos. **Ao soar do apito da fábrica: as idas e vindas de operárias (os) têxteis em Valença- Bahia (1950-1980)**. Mestrado, UFBA, 2006.

PAOLI, Maria Celia. “A família operária: notas sobre sua formação histórica no Brasil.” **Tempo social; Rev. Social**, 1992.

_____. **Os trabalhadores urbanos na fala dos outros**. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. IN: LOPES, José Sergio Leite.. (coord) **Cultura e identidade operária: aspectos da cultura trabalhadora**. Editora Marco Zero. Rio de Janeiro, 1987.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. “Ainda o movimento operário como objeto historiográfico Anos 90”, **Porto alegre, n.8**, Dezembro de 1997

Piquet, Rosélia. **Cidade-empresa: presença na paisagem urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

PORFÍRIO, Pablo F. de A.. **Medo, comunismo e revolução**: Pernambuco (1959-1964). Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009.

REGO, José Lins do. **O moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1961.

SAVAGE, Mike. In: **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado/ BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (org). Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado/ Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

SILVA, Diego Carvalho da. “A justiça entra em Campo: atuação da Justiça do Trabalho em Jaboatão no processo de decadência da usina Muribeca”. **Revista do Memorial de Justiça do Trabalho 6ª região**, 2009.

SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória**: a construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985). Tese de doutorado-UFPE, Recife, 2007.

SILVA, Fernando Teixeira; Costa Hélio. **Trabalhadores urbanos e populismo**: um balanço dos estudos recentes. In: **O populismo e sua história**. Debate e crítica / organização, Jorge Ferreira- 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

SILVA, Vera Lopes Torres da. **Educação na cidade dos eucaliptos**. Recife: EDUPE, 2006.

STANCHI, Roberto Pontes. **Modernidade, mas nem tanto**: o caso da vila operária da fábrica confiança, rio de janeiro, séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1987.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo : companhia das letras, 1998

_____.**As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Org. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

VAREJÃO, Luciana Rodrigues Ferreira. **Nos fios da resistência feminina**: o labor e o enfrentamento ao patronato no setor têxtil recifense (1960-1964). Mestrado, UFPE-CFCH, Recife, 2011.

VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. Monografia final, 2004.

Documentação analisada

Fontes Impressos – Arquivo Público Jordão Emereciano – Apeje- arquivo DOPS

Fundo: Secretaria de Segurança Pública, Polícia, Relatórios funcionais da fábrica e do sindicato de têxtil de Moreno.

Periódicos (recortes): Diário de Pernambuco (1950-1960), jornal do Comércio (1957-1962), Folha do Povo (1952-1960) e Correio de Moreno (1946-1964).

Fontes Impressos – Arquivo Público Jordão Ermeneciano – APEJE

Fundo: Periódico Correio de Moreno (1946-1964); Correio de Jaboatão (anos 1920).

Fontes impressas- departamento de pessoal do Cotonifício Moreno S. A.

Fundo: Ficha cadastral dos funcionários, plantas da vila operária.

Biblioteca pública do Estado- BPE

VASCONCELLOS, João de. Historico da sociètècotonièrè apresentado aos acionistas de Pernambuco pelo fundador da mesma. Typographia do jornal do Recife.

Arquivo da Cúria Metropolitana Arquidiocese de Olinda e Recife

Fundo: X encontro Regional da JOC do Nordeste; II conselho mundial da JOC de 1 a 11 de Novembro de 1961.

CPDOC-FGV.

Fundo: Arquivo Getúlio Vargas, Ofício enviado pela câmara municipal ao Ministro do Trabalho.

Fundação Joaquim Nabuco- FUNDAJ

Fundo: Diário de Pernambuco (1910)

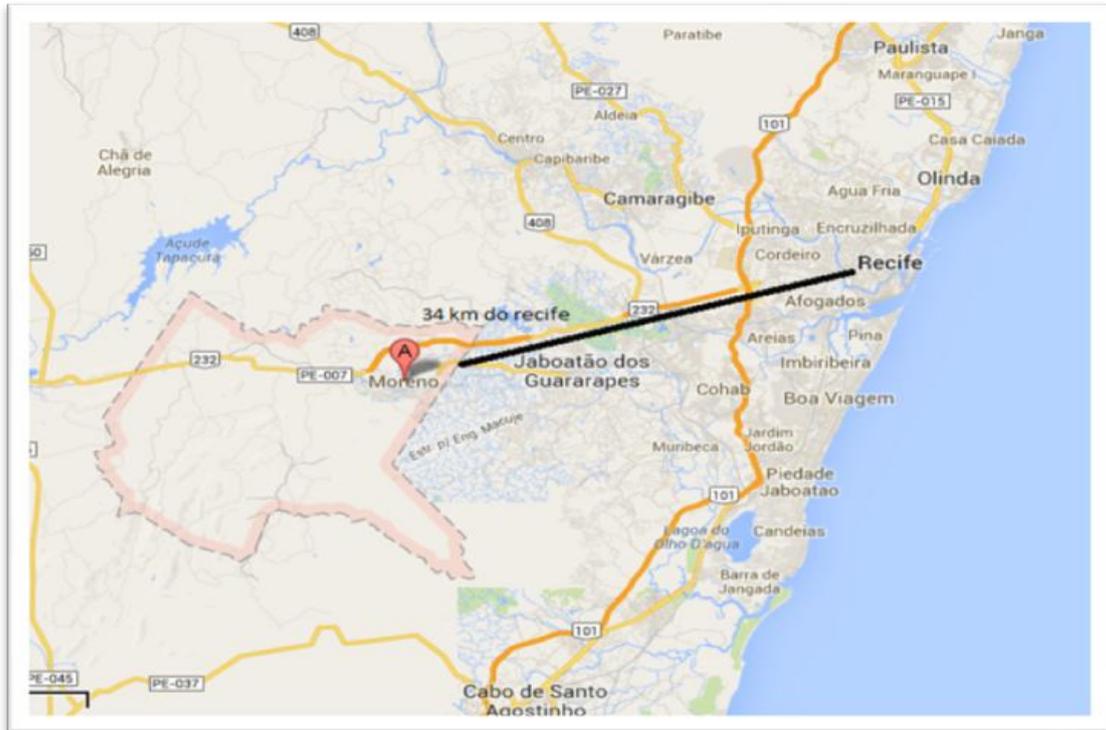
Fontes Orais

Depoimentos (entrevistas):

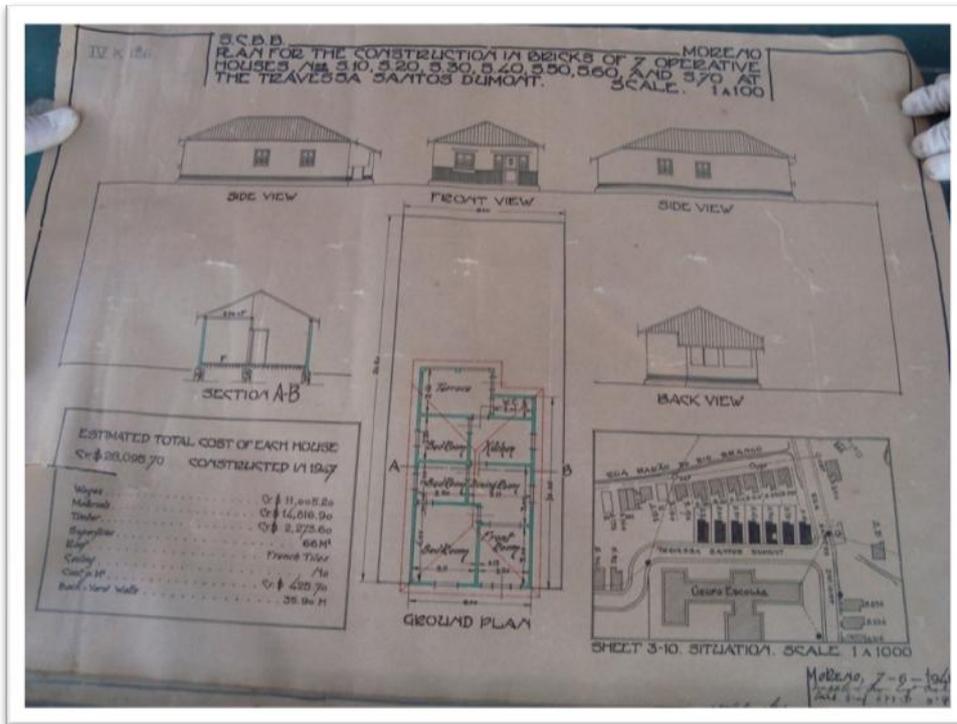
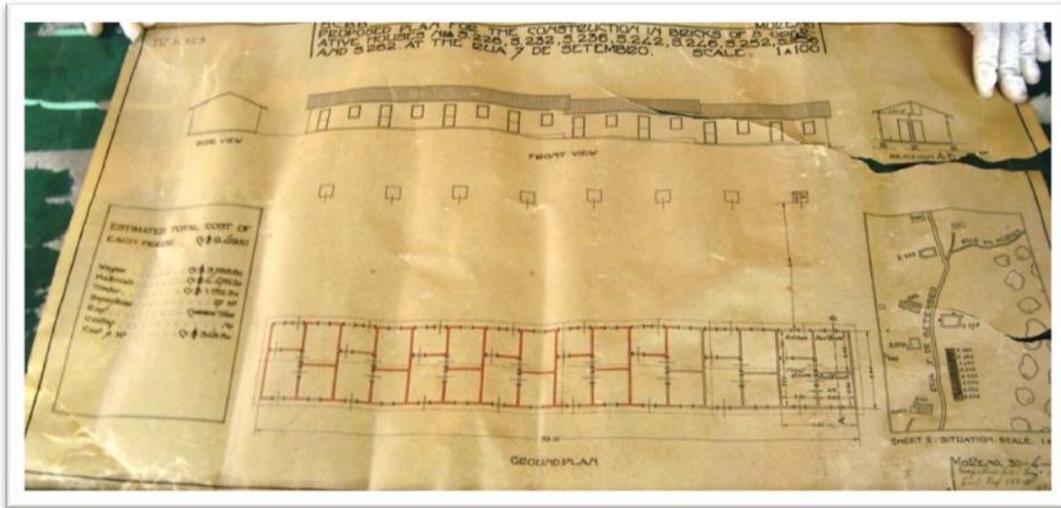
- Entrevista concedida por Rosa José da Silva, 3 de dezembro de 2010.
- Entrevista concedida por Humberto Montenegro, 8 de Junho de 2012.
- Entrevista concedida por Maria do Carmo Silva, 11 de Junho de 2012.
- Entrevista concedida por Maria José, 14 de Junho de 2012.
- Entrevista concedida por Paulo Miguel de Oliveira, 11 de Junho de 2012.
- Entrevista concedida à historiadora Vera Lopes por uma ex- operária em junho de 2003. A ex-operária tem sua data de nascimento em 20.06.1910.
- Entrevista concedida por Narciso da Silva Ratsi, 1 de agosto de 2012.
- Entrevista concedida por Valdemar Cavalcanti de Santana, 3 de Novembro de 2012.

- Entrevista concedida por Maria José Gomes do Nascimento, 1 de agosto de 2012.
- Entrevista concedida por Osvaldo Reis da Silva, 15 Junho de 2012.
- Entrevista concedida por Zita Brito, 1 de agosto de 2012.
- Entrevista concedida por Aybirê de Sá. Projeto Marcas da memória, UFPE.
- Entrevista concedida por Francisco Gonçalves silva, 3 de Novembro de 2012.
- Entrevista concedida por Maria do Carmo Silva, 4 de Novembro de 2012.
- Entrevista concedida pelo ex-prefeito, Ney de Albuquerque Maranhão, 2 de Agosto de 2012.

Anexos



Anexo 1- Mapa com a localização de Moreno / planta de terreno com casa de taipa arrendado pela SCBB a terceiros (datada de 1956).



Anexos 2- plantas de alargamento da vila operária no modelo de casa conjugada e solta, respectivamente.



Anexo 3: Vendedores de água, anos 50.

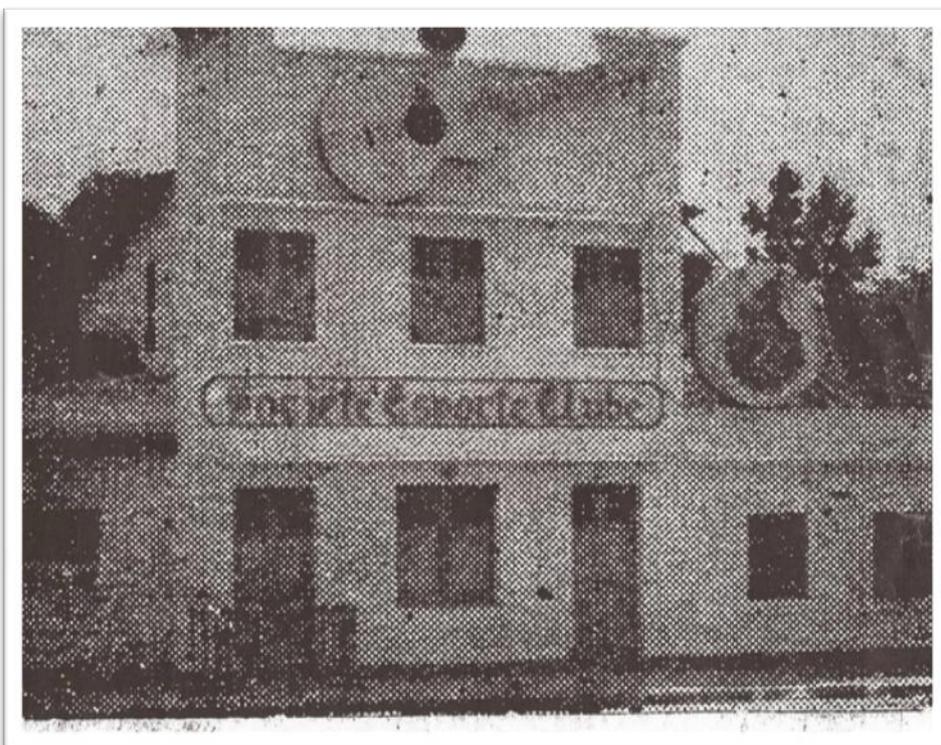




Anexo 4: Desfile de 7 de Setembro década de 1950.



Anexo 5: Bloco operário, anos 50.



Anexo 6: Sede do Societé Sport Clube



Anexo 7: Praça da Bandeira, anos 50.



Anexo 8: Jogo de futebol do Societé esporte Clube com time de Caruaru em homenagem à gerência da fábrica. Na foto o time Tricolor com os gerentes.



Anexo 9: Independente jazz, 1949.



Anexo 10: Assistência social em Moreno por Ney Maranhão, anos 50.



Anexo 11: Atuação política de Ney Maranhão em Paulista, anos 50.



Anexo 12: Inauguração do Centro de Assistência Social Constâncio Maranhão, anos 50.



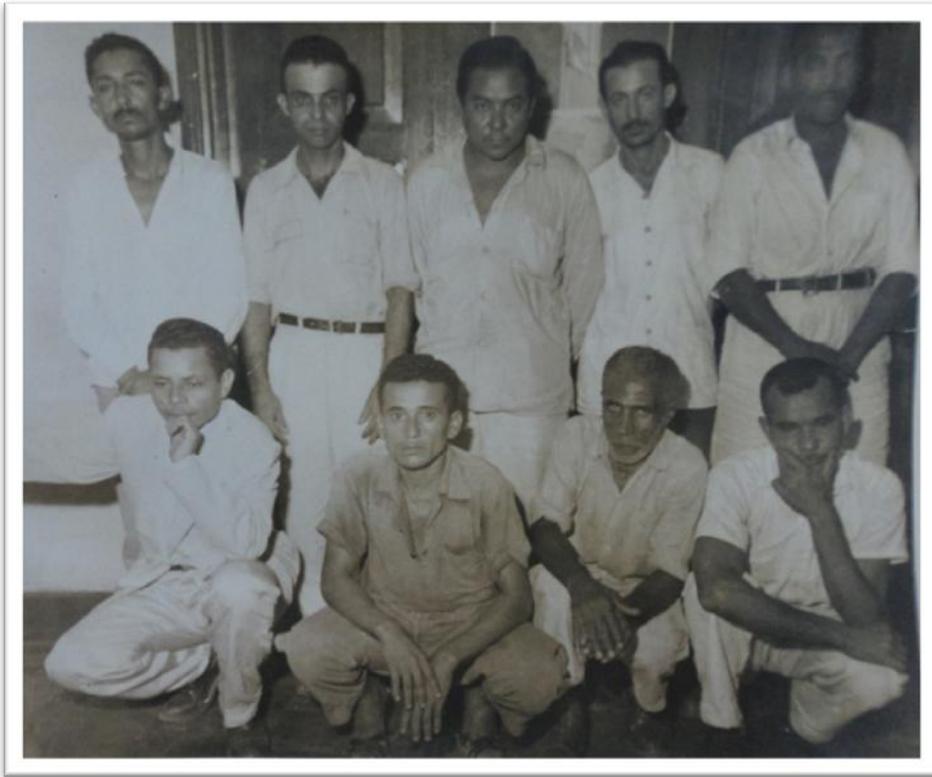
Anexo 13: Inauguração da ponte santa Maria em Moreno Por Ney Maranhão e Constância Maranhão, anos 50.



Anexo 14: Entrega das máquinas de costura por Ney Maranhão às que tinham cartões de promessa, anos 50.



Anexo 15: Atuação política de Ney Maranhão em Jaboatão, anos 50.



Anexo 16: Militantes da célula comunista da fábrica de Moreno



Anexo 17: Presidente do sindicato têxtil, José Sales, em negociação na greve de 1959.